



André Prado

Alcatéia

Primeira edição
São Paulo - 2005

writers
Editora. Comunicação



writers
Editora Comunicação

Writers Editora e Comunicação Ltda.
R. Dr. Miguel Bombarda, 38
São Paulo - SP - 03237-090
Tel./Fax: 55 (11) 6211-4825
Web site: www.writers.com.br
E-mail: rpaes@writers.com.br

© 2005 - André Prado

Produção: Writers Editora e Comunicação Ltda.
Ilustração de capa: Roberto C. O. Paes

Todos os direitos reservados; nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por meio eletrônico, mecânico, fotocópia, ou de outra forma sem a prévia autorização do autor ou da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Prado, André
Alcatéia / André Prado. -- São Paulo : Writers
Editora Comunicação, 2005.

ISBN 85-87833-04-9

1. Romance brasileiro I. Título.

05-1963

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 869.93

*Esta obra é dedicada a todos os meus
parentes e amigos. Especialmente para
minha companheira Maisa, meu filho
André, minha enteada Mel, minha mãe
Maria e minha irmã Angélica - pessoas
que me apóiam e contribuem para a
realização de minha missão
neste mundo.*



*Pela memória de:
Geraldo Prado (pai).
Dermeval Alves da Rocha (tio).
Ana Paula Alves da Rocha e sua filha Júlia.
(prima e filha).
Valéria Auxiliadora Franco Nascimento
(amiga).*





Prefácio

Palavras são certamente o ponto alto da comunicação, enfim, da vida. A partir daí, nascem livros gerados de grandes sonhos de grandes autores. Em nossas mãos, um pouco do sonho de André Prado, que mostra, a cada página, um compromisso com a vida, com os leitores de seus escritos. Esta obra do início ao fim tem o poder sábio de nos prender, de nos mostrar caminhos inteligentes, tem conosco um compromisso no mínimo de paixão. Alcatéia é a certeza de termos nas mãos uma obra excepcional, companheira e sobretudo instrutiva, pois tem caminhos para o nosso pensamento. André Prado é sem dúvida um talento nato, claramente se sente que a arte da escrita está em suas mãos e que a sabe usar com sabedoria e graça. Alcatéia nos faz transitar por inúmeros caminhos dentro da palavra escrita e isto dá, com certeza, o peso 10 à obra e faz com que o leitor se prenda a ela do início ao fim num só fôlego, num só prazer. Nós, os analistas desta obra, nos sentimos honrados por podermos desfrutar de um livro que foi cumpridor do seu propósito maior: entreter. Aqui, nesta rápida crítica, parabenizamos por ter escrito





Alcatéia, um livro que acreditamos será um feliz momento de prazer e lazer para muitos leitores.

Artur Rodrigues
Editor da Editora Litteris Ltda





Apresentação

Meu desejo de escrever *Alcatéia* surgiu anos atrás, quando perdi um tio muito querido, um homem excepcional. O fato marcou não só a minha vida, mas toda a família. Após um jantar, ele foi atingido por uma bala perdida, ao sair de um restaurante com minha tia e meu primo. Cerca de um ano e meio depois, perdi um grande amigo. Desta vez foi meu pai quem partiu. O atendimento no hospital foi tardio, ele não resistiu e faleceu de parada cardíaca. Mal havia me restabelecido da primeira perda, fui novamente abalado com uma segunda. Infelizmente, fatos reais como estes acontecem todos os dias em nosso país. Os acontecimentos todos me trouxeram profunda dor e aborrecimento, fiquei muito irritado e extremamente angustiado com a violência que aumenta a cada dia neste mundo. Terminei com a namorada e durante três meses não queria ver o mundo. Tranquei-me no silêncio de meu quarto. Pode parecer estranho, mas foi naquela época de minha vida que idealizei escrever um livro. Entretanto, na ocasião cheguei a escrever apenas alguns textos e algumas poesias, e parte daqueles escritos está neste livro. Sei que



não cabe a este simples mortal questionar a vontade de Deus quanto ao assunto vida ou morte. Entretanto, este livro é um desabafo engasgado em minha garganta, em protesto aos mais variados tipos de violências cometidas contra os seres humanos, propondo, de certa forma, um grito com a voz do povo contra o sistema caótico existente. Bem, apenas no ano de 1999 decidi que concluiria o livro. Atualmente o passado já não é mais algo tão forte para mim, não me afeta tanto. Mantenho em minha mente apenas boas recordações. Quanto aos momentos negativos vividos naquela situação de perda de meus entes queridos, serviram-me de forças para impulsionar minha vida presente, e, o futuro, eu creio, a Deus pertence.

Assim surgiu Alcatéia, um livro que mistura fantasias e realidade, através de um romance. O leitor poderá se identificar com várias situações de seu dia a dia, e em algumas ocasiões, o livro pode ser polêmico. Entretanto, cuidei para que algumas personagens demonstrassem pensamentos próprios, falando por si mesmas. Abordo questões sobre o existencialismo como fundo filosófico, com o objetivo de despertar as pessoas a indagarem sobre a verdadeira missão que cada um de nós tem no mundo. A minha idéia ao escrever este livro, foi tentar criar uma leitura atrativa com o intuito de despertar a curiosidade do leitor. Não tenho a pretensão de querer agradar a gregos e troianos, mas, como todo autor, eu faço votos que o maior número de pessoas venha a apreciar esta minha modesta primeira obra,, que, diga-se de passagem, precisava surgir e eternizar-se em forma de letras.

Com o carinho do autor
André Prado

Alcatéia

Capítulo I

Proêmio

Era belo o entardecer! Uma gostosa brisa acariciava meu rosto. Sentado em minha motocicleta Ducati, observava com uma visão privilegiada, o bairro onde cresci. Aos 35 anos de idade, começava a perceber claramente as várias facetas da vida. Estava ficando mais maduro. Suscetível à experiência e mais imune às tolices. Graças a Deus, até o momento havia levado uma vida tranqüila. Fui criado com muito amor pelos meus pais. Nossa família havia conseguido com muita luta, atingir uma posição privilegiada na sociedade.

Meu pai, Giuseppe Puccini, saiu ainda novo da Itália com meus avós. A família pretendia ganhar a vida no Brasil. A imigração foi em escala. Na época, o Brasil precisava muito de mão-de-obra especializada, devido ao início da industrialização. Meus avós haviam conseguido emprego em uma indústria têxtil na cidade de São Paulo. Com o passar dos anos, meu pai se tornou um empresário dedicado, talentoso e empreendedor. Luana, minha mãe, era amável e generosa. Criou-nos com muito amor. Éramos dois irmãos, Francesco e Bruno. Meu irmão Francesco

André Prado

estava com 39 anos. Era uma pessoa exemplar para mim. Quase sempre, eu brincava dizendo:

- Francesco... Você está ficando velho!

E ele sempre respondia:

- Meu caro Bruno... Já cansei de lhe dizer que pessoas são como certas bebidas... Quanto mais envelhecidas, melhores se tornam!

Todos o admiravam intensamente. Francesco era o braço direito de papai. Ajudava a supervisionar e gerenciar nossa empresa, que era parte integrante de uma Associação de Negócios. A Associação nada mais era do que uma administração que reunia várias outras empresas, concedendo assessoria quando necessário. Em troca deste e outros serviços, a mesma recebia um percentual dos lucros.

Papai já estava bem cansado. Os anos foram pesados para ele. O trabalho trouxe-lhe rugas e a sua saúde já não era a mesma. Nossa empresa estava estabelecida na cidade de São Paulo. Distribuíamos vinhos produzidos na sede de nossas fazendas. Além disto, realizávamos importação e exportação de outras qualidades. Eu estava começando a administrar os negócios. Obviamente, com orientações de papai e Francesco.

Bem... Estava escurecendo. Liguei a moto e fui para casa. Terminara mais um domingo.

Alcatéia

Capítulo II

Paola

A segunda-feira chegou. Hora de trabalhar. Peguei o carro e fui para a empresa. O Edifício das Nações ficava na Avenida Paulista. O trânsito estava um pouco conturbado, porém, consegui chegar às 8:00h em ponto.

Entrei no elevador e fui ao 2º andar. Abri a porta do escritório e recebi um já habitual cumprimento:

- Bom dia, Sr. Bruno!
- Bom dia, Srta. Marta!
- Francesco já chegou? - perguntei.
- Sim senhor. Está lendo os jornais.
- Obrigado!

Abri a porta da sala. Francesco ansioso, disse:

- Irmão... Hoje irei apresentar-lhe a administração central da Associação.

Sáimos e entramos no elevador.

- Por favor, sétimo andar. - Francesco.
- Pois não, senhor. - ascensorista.

Chegando lá, observei que a decoração utilizada era moderna. Francesco dirigiu-se à secretária e perguntou:

- Srta. Paola encontra-se?

André Prado

- Perfeitamente senhor!
- Diga a ela que gostaria de falar-lhe.
- Aguarde um momento... Verificarei se ela poderá atendê-lo.

Não demorou muito e a secretaria anunciou que ela nos atenderia. Mais alguns minutos se passaram e a secretária foi autorizada a acompanhar-nos até a sala. Quando a porta foi aberta, fiquei deveras impressionado. Uma mulher extremamente bonita nos dirigiu um simpático sorriso. Depois disse:

- Bom dia, Francesco! Como vai?
- Vou bem, obrigado! E você... Como tem passado?
- Muito bem, obrigada!
- Paola... Quero lhe apresentar meu irmão. Chama-se Bruno.

- Tudo bem, Bruno? - Paola estendeu a mão em minha direção.

- Tudo bem! - retribuí pegando suavemente sua mão.

Ela era muito bonita. Sua mão, além de possuir belos traços, era extremamente macia. Fiquei deveras encantado... pasmo com sua beleza. Como ela era linda! Francesco percebeu imediatamente a troca de olhares. Ficou enrubescido. Resolveu interromper:

- Bruno... Paola é a gerente executiva. Ela fornece um eficiente suporte para a administração geral. Também auxilia as empresas associadas, caso necessário. Está realizando uma adequada reengenharia em todos os setores administrativos da Associação.

- Deve ser uma tarefa bastante complexa! - falei.
- Realmente, Bruno! Além de complexa... Tudo é um pouco cansativo - respondeu ela.
- Bem... Agora que já foram apresentados, temos que ir.

Alcatéia

Bruno voltará em outra ocasião, assim que necessitar de informações. Principalmente para coletar novos procedimentos que deverão ser adotados pelas empresas associadas.

- Será um prazer... Basta agendar na ocasião desejada.- disse ela sorridente.

Despedimo-nos sem desviar os olhares. Ela sorriu e falou:

- Até mais...

- Até breve! - respondi precipitado.

Ao sair, Francesco argumentou:

- Você não tem jeito, Bruno! Lembre-se do ditado: "Onde se ganha o pão, não se come a carne".

- Perdoe-me, irmão! Não foi intencional. Foi algo totalmente instintivo. Além do mais, nunca me havia deparado com uma mulher tão bela!

Na seqüência, voltamos para nossa sala. Começamos a analisar alguns documentos da empresa.



André Prado



Alcatéia

Capítulo III

O Dossiê

Três meses se passaram e tudo estava indo bem. Mal desconfiava do que estava por vir. Cheguei em casa às 21:00h. Mamãe preocupada informou-me:

- Bruno... Giovanna ligou e disse que Francesco ainda não chegou em casa.

- Quando saí da empresa, ele disse que ficaria até mais tarde para lançar alguns dados no computador. Giovanna deve estar novamente de perseguição com Francesco.

Giovanna era a mulher de Francesco. Era geniosa e impulsiva. Possuía um ciúme excessivo, muitas vezes, incontrolável.

- Não se preocupe, mãe. Francesco deve estar a caminho de casa. O que temos para o jantar? Estou com muita fome.

- Temos “Spaghetti al Gamberi”.

- Que delícia! Vou me servir.

Duas horas se passaram e Giovanna ligou novamente. Informou que estava muito preocupada com Francesco. Até aquele momento ele não havia chegado. Comecei a ficar realmente preocupado. A cidade de São Paulo estava

André Prado

repleta de assaltos, como sempre, com um alto índice de criminalidade. Sempre achei a questão segurança absurda. Temos que proteger nossas casas, enchendo-as de trancas, grades e cadeados. Vivemos enjaulados como deveriam estar os detentos. Enquanto isto, esses criminosos que deveriam estar realmente atrás das grades, caminham livremente pelas ruas. O ruim é que depois de uma temporada na prisão, tornam-se piores ao regressar à sociedade. A prisão no Brasil não regenera seus detentos. Acreditar que nos dias atuais, a polícia possui plenas condições para proteger a sociedade, é completa utopia. Em outros países, os presidiários trabalham duramente. Produzem para pagar as despesas que dão ao Estado. Em alguns casos, chegam a produzir lucros ao seu país. Ocupam suas mentes e corpos com trabalho, aprendendo inclusive algumas profissões. Já no Brasil, os presos permanecem extremamente ociosos e improdutivos. Comem gratuitamente às custas do povo. Por que o povo deve pagar por atos de pessoas que decidiram seguir o caminho errado? Isto é uma verdadeira vergonha para as autoridades que ainda se dizem competentes.

Bem... Resolvi pegar o carro e fui até a empresa. Cheguei às 23:25h. Naquele horário não havia ascensorista em serviço. Entrei e apertei o botão que me levou ao andar desejado. Ao chegar no escritório, notei que tudo estava desorganizado. Pressenti algo ruim. A porta da sala de Francesco estava entreaberta. Respirei fundo e terminei de abri-la lentamente. De repente, tive a sensação de que o chão sumira de meus pés. Francesco estava morto. Reparei que havia uma perfuração na região do seu tórax, ocasionada com certeza por um projétil de revólver. Havia muito sangue esparramado. Uma sensação de grande pa-

Alcatéia

vor e desespero dominou minha pessoa. Entre lágrimas, liguei para a segurança do edifício que contatou a polícia imediatamente. As poucas pessoas que ainda se encontravam no edifício até aquele momento, nada viram, nada ouviram. A segurança contratada na Associação era somente para resguardo patrimonial. Dificilmente os seguranças saíam da portaria central. Papai, mamãe e Giovanna, foram notificados. Quando chegaram, a choradeira foi incontida. Mamãe passou pelos policiais e abraçou o corpo de Francesco. Começou a gritar:

- Francesco! Francesco! Deus! Por que aconteceu isso com o meu menino? Por quê? Por quê?

Papai foi levado ao hospital com taquicardia. Giovanna ficou em estado de choque. Eu não sabia o que fazer. Fiquei apático, sem qualquer reação. Aquele acontecimento trouxe-me à memória os escritos do jovem-poeta. Lembro-me que na ocasião, ele havia descarregado nas palavras toda sua dor ao perder assassinado um tio querido. O poema era um pouco triste, mas eu achava bonito como forma de protesto. Ele escreveu:

VIDA

As colinas ficaram brancas com a neve,
E na liberdade do azul infinito,
Um pássaro põe-se a voar.
Sua plumagem suave como a seda
Não se compara à pureza do algodão.
Sua vida que não cede às tristezas,
Às guerras diz não!

Em instantes... Suas asas explodem em cores,

André Prado

Confundem-se com o azul infinito
O que será?
Um falcão? Uma Águia?
Não importa... Tudo é vida!
Vida sem algemas... Vida em liberdade!
Impossível para mim...
Ser limitado e encarcerado.

De súbito,
Tal pássaro, jorrando liberdade,
Mergulha sem parar.
E quando penso que ele vai suicidar-se
Ele sobe...
Leve como uma flor,
Sempre a desabrochar.
E eu... Ser limitado e encarcerado
Fico somente a olhar
Tal pássaro a voar.

Vida cruel e insensata!
Por que não me fizeste pássaro?
Que com minhas asas a manobrar
O mundo inteiro iria conquistar!
Entretanto...
Quiseste-me fazer gente,
Para que talvez um dia...
Alguns planejem me matar.
Assim como o Filho de Deus,
Que se atreveram a crucificar.
Homens! Néscios e tolos é o que vós sois!
Andais por caminhos tortuosos e sombrios!
Vidas inúteis!

Alcatéia

Labirintos sem saídas!
Eu, porém...
Fico somente a olhar
Tal pássaro a voar.

Antes fosse tal pássaro...
Para o céu percorrer de norte a sul,
Quem sabe de leste a oeste.
Mas agora nada importa...
Sou criatura como as outras,
Tornei-me vida amargurada.

Oh vida!
Por que não me fizeste um pássaro?
Por que me fizeste rodeado de homens?
Podia estar eu a voar
Na liberdade imensurável do azul infinito.
E não mais...
Uma engrenagem aguardando a morte chegar.

Vida cruel e insensata!
Tudo o que sabes é machucar!
Com teus muitos homens a matar!
Homens estes...
Que destroem todos os sonhos
Homens estes...
Que destroem os próprios homens!

Vida tola e insignificante!
Fizeste-me pecador!
Fizeste-me um ser de dor!
E o pior de tudo...

André Prado

Fizeste-me mais um homem...
Que com suas ogivas a planar
Fizeram Hiroxima flutuar.
Que com suas armas a matar
Fizeram do amar o odiar!

A vida para mim...
Já não passa de dois extremos,
Onde o infinito inexistente.
Inexistente para os homens
Que não ultrapassam seus limites,
Exceto Deus...
Ninguém percorre o universo em um só instante,
Sendo que para o restante
O infinito tornou-se algo puramente imaginário,
Algo calculista e irreparável
E para muitos alienados...
Algo cruel ou indiferente.

Oh vida!
Por que me fizeste homem?
Por que não me fizeste pássaro?
Que na imensidão das nuvens a voar,
Em liberdade, as asas eu iria manobrar!
Mundo cruel e insensato!
E se deste enorme rochedo eu saltar?
Algo mais irá me ensinar?

E neste momento solene...
De todos me despeço em paz...
E num só sonho a mergulhar,
Torno-me qual pássaro a voar
E em enorme desespero,



Alcatéia

Uma águia põe-se a piar.
E de maneira majestosa
Põe-se a me acompanhar.
E quando um rochedo eu encontrar,
Minha vida irá parar.
E na graciosidade de minhas asas,
Quem sabe em um só instante,
O mundo inteiro consiga amar.

Toda vez que me recordava deste poema, ficava emocionado. A sensibilidade do poeta, naquele momento, estava evidente. Ele devia amar muito seu parente. Manifestou que desejava ser um pássaro. Ele sabia que ser um animal irracional é melhor do que ser alguns homens, principalmente, homens que matam por ganância. Despejou claramente toda sua raiva naqueles que são impiedosos. Pois sabia que estes matam sem motivo algum; sem a mínima preocupação com as pessoas que dependiam da vida que se foi.

Bem... Alguns meses se passaram e nada de avanço nas investigações. Eu não conseguia apagar a imagem de meu irmão de minha mente. Optamos pela cremação do corpo. As cinzas permaneceram guardadas em minha sala no escritório. Caso as guardássemos em casa, mamãe ficaria muito deprimida. Estava completamente arrasada. Papai por sua vez, por ordens médicas, teve que ser afastado por tempo indeterminado da empresa. Tive que assumir integralmente os negócios. Troquei todos os móveis do escritório. Modifiquei completamente a disposição dos mesmos. Tentava a qualquer custo esquecer da cena do assassinato. Porém, parecia inútil. A dor era imensa. Parecia dor física. É como se uma lança transpassasse a todo

André Prado

instante meu coração. A única coisa que a polícia alegava era que certamente o crime fora executado por um profissional. Disseram que a arma possivelmente tinha silenciador. Na verdade, eu desacreditava totalmente na atuação da polícia, não pelos policiais, e sim pelas condições de infra-estrutura, treinamento e equipamentos concedidos pelo governo. Uma prova disto, é que no dia do crime, entre as poucas pessoas que ainda se encontravam no edifício, algumas entraram na sala do acontecido. Somente depois da chegada da polícia técnica, é que a área foi adequadamente isolada. Imaginem quantas provas foram destruídas.

Mais algumas semanas se passaram. Como suspeitava, tive confirmado o que já imaginava. A polícia encerrou o caso por faltas de provas. Diariamente me perguntava: qual seria o interesse de alguém em matar o meu irmão? Francesco era um homem sem vícios. Não bebia, não consumia drogas. Era um verdadeiro pacifista. Será que o haviam matado por engano? Não sei... Interiormente, não acreditava nesta hipótese; ainda mais se fosse realmente procedente a suspeita do crime ter sido cometido por profissionais. Profissionais raramente se enganam. São tão certos como suas pontarias. Perguntei a todos no edifício, o que sabiam sobre meu irmão. Ninguém entendia o acontecido. Todos eram unânimes... Diziam que Francesco era uma pessoa extremamente bondosa. Mas com certeza... Alguém não pensava assim.

Bem... Estava na hora de trabalhar. Liguei o computador para visualizar o fluxo de caixa da empresa. Após o processo que torna o equipamento operacional, apareceu na tela a seguinte mensagem:

Alcatéia

DOSSIÊ PUCCINI

SENHA: FILÓSOFOS EXISTENCIALISTAS FAMOSOS.

Juntamente com esta mensagem, havia um endereço eletrônico.

Imediatamente acessei o endereço eletrônico. Apareceu no monitor a solicitação de senha indicando que deveria ser digitado apenas o sobrenome pelo qual o filósofo era mais conhecido. Imaginei que a primeira senha deveria ser “KIERKEGAARD”. Alguns afirmam ser ele um dos precursores da filosofia existencialista. Digitei e o computador começou a realizar uma rotina de verificação da senha. Enquanto isto, fiquei relembrando alguns pensamentos de Kierkegaard que aprendi na Faculdade. Ele mencionava que nossa existência poderia ser compreendida através de Deus. Também pregava que as pessoas sempre estão à procura de coisas novas. Ainda bem... Caso contrário, acredito que a vida seria muito monótona.

Finalmente o computador terminou a rotina de conferência da senha. Apareceu na tela do computador a seguinte mensagem:

“Bem vindo! Este programa contém informações altamente confidenciais. Para obtê-las, você terá que jogar até três partidas de xadrez por vez. Deverá vencer no mínimo duas. Caso você perca, os dados serão automaticamente destruídos, impossibilitando a continuidade para obtenção de informações altamente confidenciais. Caso ganhe as partidas, terá acesso a informações extremamente secretas. Receberá inclusive, o próximo endereço eletrônico para que prossiga em outras fases. Se porventura errar a senha, haverá apenas

André Prado

mais uma oportunidade para acertá-la. Não tente rastrear a procedência dos dados, pois certamente irá correr risco de vida”.

Fiquei perplexo. Entretanto, a única opção que tinha no momento era iniciar o jogo. Ganhei a primeira e a segunda partida. Não sabia se estava jogando com outra pessoa via Internet ou contra um computador conectado. De toda forma, aquilo tudo era apenas a ponta do novelo. No canto superior direito da tela, notei haver a seguinte mensagem enquanto jogava: “Nível Inicial - Fase I”. Certamente, foi por ser “nível inicial” que não tive grandes dificuldades em vencer duas partidas consecutivas. Na seqüência, veio-me a surpresa. Na tela do computador surgiram alguns dados. Era o balanço anual de uma empresa denominada Edo Factoring. Desconfiei já ter visto o nome daquela empresa em algum lugar. Porém, não tinha certeza. Anotei o novo endereço eletrônico fornecido após a partida, apresentando dia e hora para realizar outro acesso. Quem estava fazendo isto, provavelmente deveria estar com receio de ser rastreado. Provavelmente, sempre criaria um endereço eletrônico diferente. Por outro lado... Estas partidas poderiam ser uma maneira de ser atraído. Poderia me tornar uma verdadeira isca humana. De toda forma, somente saberia o que aconteceria prosseguindo. Quem criou esse sistema de proteção de informações era uma mente muito criativa e inteligente. Isto me deixou intrigado e, ao mesmo tempo, fascinado para obter respostas.

Alcatéia

Capítulo IV

O Jantar

No dia seguinte, resolvi procurar Paola. Entrei no elevador e fui ao andar desejado. Ao chegar na sala, solicitei atendimento. A secretária anunciou e retornou a resposta:

- Sr. Bruno... Srta. Paola logo irá atendê-lo.

- Obrigado!

Alguns minutos se passaram. Um senhor desconhecido saiu da sala. Entrei na seqüência.

- Bom dia, Bruno! - cumprimentou ela.

- Bom dia, Paola!

- Como tem passado?

- Não muito bem... Ainda estou tentando recuperar-me do impacto causado pela perda de Francesco.

- Todos sentiram a perda de seu irmão... - disse ela com aparência tristonha.

- Principalmente eu... Ele me faz muita falta!

Meus olhos se encheram d'água. Paola percebeu o fato e trocou rapidamente a trajetória da conversa:

- Que motivo o traz aqui?

- Bem... Gostaria de saber se a empresa Edo Factoring, faz parte das empresas vinculadas a Associação.

André Prado

- Sim... No entanto, esta é uma das empresas cujas instalações ficam no Rio de Janeiro. Como sabe, a Associação possui empresas espalhadas por todo o país. Apenas algumas permanecem no exterior. - respondeu ela.

Minhas desconfianças se confirmaram. Provavelmente, já havia visto o nome daquela empresa em algum catálogo de empresas vinculadas a Associação. Como não queria levantar suspeita, tratei logo de agradecer e ir saindo. Disse:

- Muito agradecido! Desculpe-me por ocupar seu precioso tempo!

Desconfiei que um questionamento seria inevitável. E foi mesmo, pois ela indagou:

- Mas é somente isto? Por que deseja saber? - perguntou ela curiosa.

Fiquei um pouco apreensivo. Tive que improvisar:

- É que por ser uma “factoring”, pensei em levantar um empréstimo para aumentar o capital de giro de minha empresa.

Entretanto, a mente espertíssima de Paola questionou prontamente:

- Pelos dados que tenho de sua empresa, sei que a mesma possui excelente liquidez. Não há necessidade de empréstimo.

Podia arriscar a desculpa de que eu estava pretendendo ampliar grandemente os negócios. Porém, além de alastrar o assunto, poderia acabar me complicando. Foi aí que pensei, em mudar totalmente o rumo do assunto. “Saí pela tangente” perguntando:

- Aceita jantar comigo hoje?

- Aceito... -respondeu um pouco desnorteada.

- Diga o local e o horário para buscá-la! - falei

Alcatéia

rapidamente, receoso de que inventasse alguma desculpa para desistir do compromisso.

- A qual restaurante iremos? - perguntou.

- Que tal o Dom Vigário? É um dos melhores restaurantes que conheço. Fica no bairro em que moro.

- Já ouvi comentários sobre esse local! Gastronomia à italiana?

- Exatamente!

- Está excelente para mim. Estarei lá às 21:00h.

- Não quer que eu vá buscá-la?

- Agradeço... Mas prefiro ir com meu carro. Fica mais fácil para mim. Além do mais, na hora de ir embora você já estará próximo de sua casa.

- Não há incômodo algum para mim. Apesar do pouco contato que tivemos, já acho sua companhia agradabilíssima. Indo buscá-la, poderei estar mais tempo com você. - salientei.

- Não se preocupe comigo. Estarei lá na hora marcada.

- Está bem... Estarei aguardando ansioso.

Isto é o que podia chamar de uma bem sucedida “saída pela esquerda”. Francamente... Achei que ela não iria aceitar o convite. Particularmente, gosto deste tipo de mulher decidida. Estranhei o fato de não querer que fosse buscá-la. Mas isto deveria ser coisa de mulher moderna e independente. Retornei à minha sala. Liguei imediatamente para o restaurante, solicitando a reserva. Organizei alguns papéis e fui para casa às 18:00h. Tomei um banho bem relaxante na hidromassagem. Fiz a barba e coloquei um terno novo. Fui pedir para papai ajudar-me com uma gravata de crochê. Não estava acostumado com aquele tipo de gravata. Papai perguntou:

- Aonde vai, filho?

André Prado

- Jantar com Paola. - respondi empolgado.

- O quê? Paola Gioggia? Você deve estar brincando...
Vai sair com a renomada executiva da Associação? - indagou espantado.

- Sim... Mas por que o espanto?

- Nada... Sempre achei que ela mal tem tempo para atender as empresas associadas, quanto mais ficar jantando com os respectivos empresários destas.

- Paola tem sido muito receptiva comigo, papai. Além do mais... E se o interesse dela for outro? - insinuei.

Papai sorriu e disse:

- Neste caso, terei que lhe dar os parabéns pessoalmente! - balançou a cabeça fazendo um gesto negativo. Pelo sorriso que deu, estava totalmente descrente daquela hipótese. Continuou: - Você saiu melhor que a encomenda, filho!

Às 20:40h, cheguei ao restaurante.

O Dom Vigário propiciava um ambiente muito requintado. Sem dúvida um excelente restaurante. Finalmente Paola chegou... Estava usando um vestido preto longo, todo estilizado. Usava meia calça fina e salto alto. Ambos acompanhavam a mesma cor do vestido. O vestido possuía além de um decote provocante no busto, uma abertura provocante ao lado da perna esquerda. Estava extremamente sensual. O seu perfume recendia às flores mais cheirosas. Levantei e fui em sua direção. Paola estendeu-me as mãos. Correspondi com o mesmo gesto. Acompanhei-a até a posição em que iria se sentar. O garçom afastou as cadeiras para que pudéssemos nos acomodar. Após sentarmos, ela disse:

- Quanto requinte neste lugar! Não precisava escolher um restaurante com tantos protocolos.

Alcatéia

- Para uma mulher bonita como você, protocolos são indispensáveis. O melhor de tudo isto, é que qualquer gentileza flui naturalmente.

- Fico lisonjeada... - disse timidamente.

- Disponha sempre! - ficamos nos observando por alguns instantes - O que você deseja beber? - continuei.

- Não sei... O que pretende?

- Quanto a quê? - fiz-me de desentendido, insinuando que as pretensões referiam-se a ela.

- Você sabe do que estou falando! - respondeu sorrindo.

- Ah! Quanto à bebida? Que tal vinho?

- Sou apaixonada por vinhos...

- Alguma preferência?

- Deixarei a escolha da bebida e do jantar a seu critério. Confiarei em seu bom gosto.

- Ao mesmo tempo em que você consegue ser tão sofisticada, possui uma simplicidade encantadora.

- Obrigada!

Chamei o Garçom e pedi um vinho Frascati. Enquanto ele abria a garrafa, solicitei o jantar: "tortelle de muzzarela de búfala ao sugo" e "paillard à milaneza".

- Parece que o jantar estará fabuloso. - Disse Paola.

- Espero que aprecie... Os cozinheiros são excelentes. - salientei.

As taças estavam completas. Fizemos um brinde em homenagem ao nosso primeiro encontro. Inclinei a taça para sentir o aroma do vinho. O aroma misturou-se à fragrância de Paola. Não me contive em dizer:

- Acabo de descobrir uma combinação explosiva... Aliás, altamente sedutora.

- Qual? - perguntou curiosa.

- A junção do aroma deste vinho com seu perfume...

André Prado

- Você é sempre assim? - perguntou com aparente ansiedade.

- Assim como? - indaguei.

- Envolvente!

- Na verdade não... Fico assim somente quando fico interessado por alguém.

- É um tanto ousado!

- Desculpe... Acho a que estou aborrecendo.

- De forma alguma... Na verdade gosto de homens decididos, que possuam ousadia, equilíbrio, sejam desinibidos, tenham humor e bom senso. Basta saber se isto tudo não é apenas uma brincadeira de sua parte.

- Não costumo brincar com estes assuntos. Pensei que ficaria irritada com minha franqueza.

- E se por acaso me irritasse? - perguntou novamente ansiosa em saber a resposta.

- Aí sim... Diria que tudo não passava de uma brincadeira.

- Saída estratégica Bruno!

Rimos por alguns segundos. Como eu também estava ficando curioso, perguntei:

- Você vive com alguém?

- Alguém como? Um namorado?

- Exatamente! - disse e gesticulei afirmativamente com a cabeça.

- Não... No momento estou livre e desimpedida. E você? Tem namorada?

- Caso tudo dê certo, pretendo ter uma a partir de hoje.

- Não sei porque... Mas você está quase me convencendo.

- disse ela sorrindo.

- Pensei que já havia convencido! - respondi brincando.

Ela continuou sorrindo. Continuei:

Alcatéia

- Como uma mulher tão bonita como você não possui um namorado?

- Trabalho demais... Sou devota a uma forma de escravidão!

- O que mais lhe atrai em um homem?

- Vários atributos... Aprecio sinceridade, objetividade, sensibilidade... - disse ela em tom suave.

- Você já observou se existem tais atributos em minha pessoa?

- Claro que sim! Minha intuição informa que você é possuidor de tais qualificações.

- Até que enfim acabo de conhecer alguém que acredita que homens de negócios também possam ser sinceros e sensíveis.

- Somente capitalistas selvagens não agem desta forma. Procedem assim porque acreditam que administrar não tem relação alguma com ciências humanas. Somente querem saber da exatidão dos números. Em outras palavras, estão interessados apenas na quantia que estão faturando. Para estes independe até mesmo quais serão os mecanismos utilizados para obtenção de lucros. Esquecem-se completamente da ética, boa moral e bons costumes. Preocupam-se compulsivamente em atingir suas metas, independente dos meios que utilizarão para isto. Concorda?

- Encantadora e inteligente! - Falei demonstrando estar de acordo.

- Elogios novamente? Você insiste em deixar-me tímida!

- Tímida ou não, continuará sempre muito atraente...

- Obrigada! - disse ela cordialmente.

- Disponha!

O garçom serviu o jantar. Realmente estava magnífico.

André Prado

O vinho estava divino. Ao terminarmos, Paola elogiou:

- O jantar estava exuberante! Interessante como você conhece os prazeres oferecidos pela boa culinária.

- Bem... Já que gostou, podemos repetir mais vezes?

- É só convidar... Você é muito agradável.

- Fico inteiramente grato! Sua companhia foi maravilhosa. Irei acompanhá-la até seu carro.

- Será um prazer! Obrigada!

Paguei a conta e seguimos em direção ao estacionamento. Ao chegar perto do veículo, não resisti:

- Paola? - falei para chamar a atenção dela.

- O quê? - respondeu virando o rosto em minha direção.

Aproveitei a posição estrategicamente apropriada, para tocar levemente meus lábios com os dela. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa sobre o beijo inesperado, falei:

- Até amanhã, princesa!

- Até amanhã, Bruno! - disse ela totalmente fora de sintonia.

Abri a porta de seu veículo. Ela entrou e partiu. Eu parecia flutuar nas nuvens. Virei momentaneamente, um misto de criança com adolescente. Foi amor à primeira vista. Coisas que arrebatam corações. Voltei para casa com uma felicidade incontida. Tudo estava acontecendo rápido demais. Cheguei a desconfiar se tudo aquilo estava realmente acontecendo.

Alcatéia

Capítulo V

A Viagem

No dia seguinte, tomei providências para que um buquê de rosas fosse enviado logo pela manhã, até a sala de Paola. Anexei um bilhete com a seguinte mensagem:

Paola,

“Retribuo com este buquê, sua maravilhosa companhia. Não repare se por eventualidade, as rosas permanecerem tímidas diante de você. Afinal, não é todos os dias que elas encontram beleza superior”.

Bruno.

Ao ligar o computador no escritório, eu notei que Paola havia enviado uma mensagem através do correio eletrônico:

Bruno,

“As rosas são lindas! Muita gentileza de sua parte. Você conhece os segredos que alegram a alma feminina! Grata”.

André Prado

Paola.

Ainda suspirando, tive que dar seqüência às investigações pessoais. Comecei a procurar o último balanço da empresa Edo Factoring. Geralmente, estes balanços, são publicados no mínimo em três jornais. Após muito procurar, acabei encontrando. Comparei ansiosamente o balanço encontrado, com o que fora emitido pelo computador após ter vencido a partida. Os valores apontados no jornal eram totalmente diferentes dos valores fornecidos pelo computador. O balanço emitido pelo computador continha números maiores comparados aos valores publicados no jornal. Algo de muito estranho estava acontecendo. Achei que deveria fazer uma visita a essa empresa, com o intuito de tentar descobrir algo mais relevante. Fui para casa. Peguei a moto e segui imediatamente rumo ao Rio de Janeiro. Como ainda era período matutino, calculei que chegaria à Cidade Maravilhosa, por volta das 13:00h. Ingressei na Rodovia Ayrton Senna. Prossegui pela Rodovia Carvalho Pinto, até chegar à Via Dutra. Resolvi acelerar um pouco mais. Sempre fui um amante compulsivo da velocidade. O ronco daquela máquina me excitava cada vez mais. Quanto mais acelerava, mais queria acelerar. Resolvi experimentar a performance da moto, acima dos 200 Km por hora. Era demais! O vento passava zunindo pelo meu capacete. A Via Dutra não estava muito movimentada naquele dia. Como a rodovia não apresenta muitas curvas, resolvi acelerar um pouco mais. Atingi 227 km por hora. O motor pedia mais. Aquela máquina parecia não ter limites. Eu também não. A adrenalina tomou conta do meu corpo inteiro. Mesmo com todo aquele barulho provocado pelo

Alcatéia

vento e o motor, tive a sensação de estar ouvindo meu coração bater. A paisagem passava feito um risco. Não precisava nem olhar os espelhos retrovisores. Com certeza, não existiria nenhum louco capaz de ultrapassar-me naquela velocidade. Olhava somente para frente. Mesmo estando dia, mantive faróis altos acesos. O intuito era chamar a atenção de um possível motorista desatento, que desejasse ingressar na faixa de velocidade, justamente onde eu estava. Após alguns minutos de emoção indescritível, diminuí a aceleração da moto. Toquei levemente os freios. Segui o resto da viagem em velocidade de cruzeiro. Fiz uma breve parada no caminho para abastecer. Devido à velocidade aplicada, cheguei ao Rio de Janeiro um pouco antes do horário estimado.

Fui para um hotel. Solicitei ao serviço de quarto que passassem algumas roupas que havia levado em uma mochila. Tomei um bom banho. Peguei o celular e liguei para Paola. Estava com saudades. Comuniquei que estava no Rio de Janeiro. Curiosa, quis saber o que estava fazendo. Inventei que teria que liberar algumas mercadorias na alfândega. Perguntei se ela gostaria de encontrar-me após o expediente. Havia um voo São Paulo - Rio de Janeiro, por volta das 18:30h. Incrível... Ela aceitou. Entretanto, salientou que teria que retornar a São Paulo no primeiro voo do outro dia. Combinei de buscá-la no desembarque do aeroporto.

Na seqüência, fui almoçar no Restaurante Corcovado. Assim que terminei de almoçar, parti rumo ao Leblon. Estacionei a moto próximo ao local onde se estabelecia a empresa Edo Factoring. O Edifício tinha aproximadamente 08 andares. Visualizei na fachada

André Prado

uma bela apresentação. Letras enormes indicavam a denominação do local: “Edifício Business Center”. Ao entrar, perguntei ao porteiro:

- Em que andar fica a empresa Edo Factoring?

- Depende senhor...

- Depende?

- É que esta empresa está distribuída em três andares deste edifício.

- Três andares? - deve ser imensa, imaginei.

- Três andares! - confirmou o porteiro.

- E o que a empresa possui nestes três andares? - comecei a especular.

- No primeiro andar, o setor de cobranças. No segundo andar, o setor de financiamentos. No sétimo andar, a Direção Geral.

Resolvi arriscar:

- Desejo ir até a Diretoria.

- Bem... Neste caso específico, preciso saber se o senhor está autorizado a frequentar o sétimo andar. Qual a sua graça?

- Rafael Delarissa. - improvisei.

- Irei checar a lista fornecida pela empresa.

Nem em sonho o nome que inventei constaria naquela lista. Como não poderia levantar suspeita, interrompi rapidamente:

- Perdão, Senhor... Mas a diretoria que desejo contatar é a Diretoria de Financiamentos. - disfarcei convicentemente.

- Desculpe... Pensei que o senhor desejava ir até a Diretoria Geral. O Setor de Financiamentos está disponível ao público. Basta adentrar o elevador e dirigir-se ao segundo andar.

Alcatéia

Entrei no elevador e solicitei ao ascensorista para levar-me ao segundo andar. Segui pelas escadas até o sétimo andar. Ao chegar, fiquei deveras desorientado. Havia portas de vidros escurecidos. Mesmo assim, dava para observar parte da movimentação interna. Notei a presença de diversos homens, todos vestidos com ternos pretos. Resolvi chegar mais perto. Um dos homens observou minha aproximação. Gesticulou e falou algo a alguém. Não parecia nada amistoso. Imediatamente uma porta foi aberta. Apareceu um sujeito com quase dois metros de altura. Também vestia terno preto, porém, com um singelo detalhe... Segurava uma metralhadora que não fez a menor questão de esconder. Falou em tom alto e imperativo:

- Identifique-se! - disse aguardando.

Um tanto perturbado, respondi:

- Perdão... Acho que estou no andar errado.

- Este andar não pode ser freqüentado por pessoas não autorizadas! Não foi orientado pelo porteiro? Retire-se imediatamente daqui! - disse arrogantemente.

Percebi que o homem não era de muito diálogo. Fui em direção do elevador e apertei o botão para chamá-lo. Aproveitei para tentar dar mais uma visualizada. O homem interrompeu abruptamente:

- Saia logo! Utilize as escadas! - disse apontando a direção da escadaria com a arma que segurava.

Como ele não tinha aparência nem um pouco agradável e também já havia colocado o dedo indicador no gatilho da metralhadora equipada com silenciador, percebi que era altamente prudente descer as escadas. Assim o fiz bem rápido. Ainda bem que para descer, todo santo ajuda. Em casos como estes é que se descobre como faz sentido o ditado: "Mais vale um covarde vivo, que um corajoso morto".

André Prado

Afinal não é todos os dias que somos tratados com livre e espontânea pressão. Percebi em último relance, que as portas daquele andar somente poderiam ser abertas através de cartão magnético. Fiquei imaginando que tipo de operação poderia estar ocorrendo naquele andar. Além do cadastro prévio na portaria do edifício, os indivíduos que freqüentavam aquele andar deveriam estar munidos de cartão magnético com senha eletrônica.

Chegando ao segundo andar, notei que a hospitalidade era bem melhor. Ao invés de portas, existiam várias divisórias de aproximadamente um metro e meio de altura. Logo mais atrás, havia uma divisória que atingia o teto. Era uma sala de aproximadamente dezesseis metros quadrados. Com certeza, lá ficava o Diretor responsável pelos financiamentos. Deu até para vê-lo através de uma janela. Aparentemente estava atendendo um cliente. Tudo me pareceu absolutamente normal. O mesmo sucedeu no primeiro andar. Era simplesmente um escritório de cobranças para pessoas físicas e jurídicas. Cheguei ao térreo. Cumprimentei o porteiro e fui saindo rapidamente, antes que me perguntasse algo. Nada, excluindo o sétimo andar, era suspeito. Peguei a moto e saí sem direção definida.

Após circular aleatoriamente pela cidade, resolvi ingressar na Ponte Rio - Niterói. Abri as viseiras do capacete para sentir melhor o vento. Não corri muito. Queria aproveitar para pensar nos fatos ocorridos. Várias coisas passavam desordenadamente pela minha mente. Cheguei em Niterói e retornei imediatamente ao Rio de Janeiro. Na volta, resolvi acelerar mais. O trânsito estava um pouco conturbado, por isso não ultrapassei a faixa dos 150 km por hora. Voltei ao quarto do hotel e abri as torneiras para

Alcatéia

encher a banheira. Peguei um whisky em cima de uma pequena geladeira. Coloquei duas pedras de gelo em um copo e completei com a bebida. Precisava tomar algo realmente forte. Entrei na banheira e apreciei a bebida. Comecei a relaxar.

Após algumas horas, fui ao aeroporto. Paola desembarcou e aproximou-se ansiosa em minha direção. Disse:

- Acho que falta juízo a nós dois! - sorriu.

- Com certeza! De toda forma, fico contente por ter vindo.

- Fiz isto porque estava com saudades.

- Então, aqui estou... Em carne e osso. Aproveite bastante!

- Aproveitarei. - disse com um olhar demonstrando certa malícia.

- Trouxe alguma bagagem?

- Somente algumas roupas... Conforme comentei anteriormente, amanhã terei que retornar bem cedo.

- Eu também... Mas vamos deixar o amanhã para depois. Neste momento, viveremos o presente. Siga-me! - disse puxando-a delicadamente por uma das mãos.

Chegando ao estacionamento do aeroporto, ela perguntou:

- Onde está o carro?

- Não estou de carro... Preferi viajar de moto. - falei apontando na direção onde a mesma estava estacionada.

- Você é maluco? Veio de São Paulo ao Rio de Janeiro de moto? - perguntou assustada.

- Sim... Por que o espanto? Não gosta de motos?

- Gosto... É que pela distância, achei que viria de carro ou avião. Não foi cansativa sua viagem?

- Estou acostumado a viajar de moto. Vamos!

André Prado

Deixaremos sua bagagem no hotel. Depois iremos dar um passeio e apreciar a noite carioca.

- Conseguiu liberar a mercadoria na alfândega?

- Sim... Inclusive já fretei uma carreta para transportá-la até São Paulo - faltei com a verdade.

Detestava mentir para alguém. Quando raramente fazia isto, parecia estar perdendo uma parte da alma. Infelizmente, não são muitas pessoas que se sentem da mesma forma ao faltar com a verdade. Mas neste caso especificamente, não havia outro jeito. Nenhuma pessoa poderia saber de minhas investigações. Qualquer deslize que cometesse, acabaria fazendo companhia a Francesco.

Chegamos ao hotel. Paola tomou um banho e vestiu uma roupa mais confortável. Eu aguardei no saguão. Ao descer, ela disse:

- Acho que você está pretendendo alguma coisa... - falou me olhando maliciosamente.

- Por que diz isto? - indaguei

- Digo porque reservou somente um quarto.

- Desculpe! Reservarei outro quarto para você. - falei desejando que isto não acontecesse.

- Estou brincando. Somos bem crescidos. Podemos dormir juntos! - respondeu ela sorrindo.

- Bem... Será um imenso prazer para mim! - não perdi a oportunidade.

- Idem!

- Vamos dar um passeio antes?

- Estou à sua inteira disposição.

Montamos na moto e seguimos na direção da Avenida Atlântica. Sempre fui apaixonado por Copacabana. Fomos ambos sem capacete, afinal somente havia levado um acessório deste. A sensação era indescritível. Paola

Alcatéia

mantinha-se agarrada à minha cintura. O clima daquela noite carioca era perfeito para um romance. Realizei o percurso utilizando velocidade abaixo dos limites. O trânsito estava livre. Seguimos rumo a Ipanema. Ao chegar resolvemos dar uma parada. Aproveitamos para observar o mar. O barulho das ondas era uma terapia para nós. O vento suavemente nos envolvia. Começamos a caminhar descalços pela areia. Observando o oceano, notamos que havia um traço luminoso nas águas ocasionado pelo reflexo da lua cheia. Isto me inspirou. Coloquei a mão direita sobre os ombros de Paola. Deslizei a outra mão, até sua cintura. Trouxe-a delicadamente em minha direção. Comecei a beijá-la. Sua boca era extremamente macia. Sua beleza, infinita. Paola tinha apenas 28 anos e era uma mulher completa de corpo e alma. Possuía aproximadamente 1,80m de altura e seus cabelos eram loiros. Os olhos pareciam acinzentados. O seu corpo se assemelhava a uma escultura bem definida. Toquei levemente seus seios... Estavam rígidos. Meu coração disparou. Estava parecendo um menino com a primeira namorada. Paola colocou uma das mãos no vão de minha camisa. Começou a acariciar meu peito. Por alguns instantes, tive a impressão de que faríamos amor ali mesmo. Estávamos excitadíssimos. Em frações de segundos, imaginei nossos corpos rolando naquela areia. Seria a realização de uma fantasia irresistível. Nem Paola, nem eu, possuíamos anticorpos para nos defender daquele amor. Uma vez li em um livro, a menção do amor como sendo uma doença. Bem... Fosse o que fosse, naquele momento isto não importava. Desejava que aquele sentimento nos preenchesse mais e mais. Retornamos rapidamente ao hotel. Fomos correndo até o quarto. Fechamos a porta. Comecei a despi-la lentamente. Ela por

André Prado

sua vez, também retirou minhas roupas. Ficamos completamente nus. A paixão havia nos incendiado. Paola deitou-se na cama. Se ela já era linda, agora estava mais ainda. Estava tão bela que não havia como descrever. Naquele momento, percebi que estava diante de minha musa inspiradora. A princesa que sempre sonhei ter em meu castelo. Suas pernas eram bem torneadas, seios rosados e levemente inclinados para cima. Comecei a beijá-las. Enquanto isso, ela deslizava suas unhas em minhas costas. Comecei tocá-la com minha língua, descendo até chegar aos delicados pés. Retornei novamente à sua genitália. Seu clitóris era sedoso, macio como um veludo. Perdi bons minutos apreciando aquela flor. Paola sussurrava pedindo para penetrá-la de uma vez por todas. Dizia que não agüentava mais e que iria explodir de tanto tesão. Eu também já não agüentava mais, era tudo o que queria ouvir. Iniciei a penetração. Meu membro enrijecido adentrou sua genitália lubrificada. Paola demonstrou apreciar cada centímetro da penetração. Era uma sensação maravilhosa. A genitália de Paola parecia uma rosa a desabrochar. Suas unhas que anteriormente deslizavam em minhas costas, agora me arranhavam mais fortemente. Entretanto, não chegavam a machucar. Nossos movimentos eram cada vez mais rápidos. Ficamos extremamente excitados. Eu queria devorá-la por completo. Paola gemia cada vez mais alto. O tesão foi tanto, que ela gozava repetidas vezes em intervalos cada vez menores. Cheguei a sentir sua genitália vibrando quando ela atingiu o orgasmo múltiplo. Não demorou muito para que chegássemos ao clímax. O tesão era imensurável. Ao gozar, meu membro parecia um vulcão entrando em erupção. Uma sensação me percorreu o corpo inteiro... Era o êxtase to-



Alcatéia

tal. O semblante de Paola transmitia a sensação de que ela estava flutuando. Foi um momento magnífico. Conversamos bastante. Depois acabamos por dormir.

No outro dia pela manhã, deixei Paola no aeroporto conforme combinado. Assim que ela embarcou, retornei a São Paulo.





André Prado



Alcatéia

Capítulo VI

O Governo

Cheguei em São Paulo por volta das 11:30h. Fui direto para o escritório retomar os negócios. Por volta das 15:00h, a secretária anunciou que Ernesto Fernandez havia procurado-me pela manhã e desejava falar comigo. Ernesto era um jovem empresário do ramo de informática. Descendente de espanhóis, sua empresa também era vinculada a Associação. Havia-o conhecido meses atrás e simpatizei desde a primeira conversa. Fiz a solicitação para Srta. Marta localizá-lo. Assim que chegasse, pedi para acompanhá-lo até minha sala. Minutos depois, a porta abriu-se. Ernesto parecia estar um pouco aborrecido. Saudei:

- Tudo bem, Ernesto?
- Mais ou menos... - falou cabisbaixo.
- Mais ou menos? Por que esta fisionomia tristonha?
- Estou precisando de alguns conselhos... - falou ele.
- Bem... Não sei se sou a pessoa mais indicada para lhe fornecer conselhos... De toda forma, tentarei ajudá-lo no que estiver a meu alcance.
- Como vão os negócios para você?

André Prado

- Vão bem, graças a Deus! Apesar de ter assumido a empresa da noite para o dia, papai e Francesco deixaram uma estrutura organizada.

- E as mudanças econômicas? Não atrapalham a administração de seus negócios?

- Em parte sim...A instabilidade econômica e financeira que assola nosso país é fator de constante preocupação. Quando o culpado não é o governo, são os malditos especuladores.

- Mas sua empresa parece promissora... - disse ele aguardando uma resposta.

- Realmente! Mas poderia estar melhor. Porém, este sucesso não se deve a qualquer forma de incentivo governamental. Devemos todos os nossos avanços ao público consumidor. Devido a um aumento de consumo, nosso país está se tornando um grande mercado consumidor de vinhos.

- Mesmo sendo um país tropical? - indagou com espanto.

- Justamente! Mérito atribuído exclusivamente ao consumidor. - confirmei.

- Bem... Não são todos os setores do mercado que se encontram em ascensão. No ramo em que atuo, por exemplo, qualquer camelô que monta uma barraca na zona central de São Paulo, vende produtos de informática contrabandeados. E o pior é que o governo raramente realiza uma fiscalização. O público consumidor que compra este tipo de mercadoria acaba sendo sempre o maior prejudicado.

- Não fomos educados para exigir qualidade. Em outras partes do mundo, ninguém compra uma mercadoria sem antes conhecer as especificações. Observam sempre se o

Alcatéia

produto possui a devida certificação de qualidade, que atenda rigorosamente às normas e padrões previamente estabelecidos. O governo não fica criando taxas e impostos ilimitadamente. Isto propicia que um número cada vez maior de pessoas venha a adquirir os bens necessários para uma vida mais digna e satisfatória.

- Por falar em governo, qual sua opinião sobre o governo de nosso país?

- Tem certeza que deseja ouvir?

- Claro!

- Bem... Na minha opinião, os Congressistas votam de acordo com o desejo de uma minoria já favorecida. Ou seja, votam em leis que satisfaçam o interesse dos poderosos, aqueles que detêm a maior parte do dinheiro em nosso país. Pobres e miseráveis, em números cada vez mais crescentes, ficam à espera das migalhas que caem das mesas dos favorecidos. Não adianta nada entrarem e saírem presidentes, que somente adotam infundáveis pacotes econômicos. Precisamos de soluções definitivas. Suponha que nosso país conseguisse atingir estabilidade econômica. Isto nada adiantará se os problemas sociais continuarem aumentando de forma exorbitante. Outro fator sempre colocado em segundo plano é a educação, fator primordial para quem deseja construir um país melhor. Ultimamente, dizem que todos devem estudar. Mas estudar em que condições? E a qualidade do ensino? Não estão preocupados! Tanto é que desejam abolir a repetência. O intuito de alguns políticos é demonstrar no futuro alguns gráficos estatísticos, informando que durante seus mandatos, inúmeras pessoas tiveram acesso ao ensino. De nada adianta ter indivíduos formados, se estes não possuírem condições para competir. E mais... De que

André Prado

adianta colocar no mercado uma enorme quantidade de profissionais, se não existir uma política adequada de geração de empregos? Observe o ensino superior... Quem está tendo acesso para ingressar nas universidades gratuitas no país? São justamente indivíduos que possuem maior poder aquisitivo. Estão em melhores condições, porque sempre estudaram em boas escolas. Além do mais, podem pagar professores particulares e excelentes cursos preparatórios. Já o pobre que deveria ter ensino gratuito, acaba pagando mensalidades em uma instituição de ensino particular. Obviamente, aqueles que possuem condições de ingressar em universidades públicas renomadas não são responsáveis pelo que ocorre de errado. Entretanto, algumas vagas deveriam ser reservadas para alunos carentes, mas que possuam boas notas em seus históricos escolares. A verdade é explícita diante de nós... Qual o interesse de nossos governantes, em ter o povo esclarecido? Imagine se a massa populacional tornar-se esclarecida e não mais alienada... Quem votará em um bando de salafários interessados em favorecer apenas a si mesmos? Quando muito, beneficiam uma minoria de ricos de nosso país. E digo mais... Não estou generalizando! Obviamente que toda regra possui exceção. No entanto, quando menciono algo a respeito de safadezas, estou referindo-me a uma boa parte dos representantes de nosso país. Basta assistir aos noticiários. Quando mostram o Congresso cheio de políticos, logo podemos observar a mácula de certos abutres. Existem políticos tão imundos neste país, que chego a ter ojeriza. Chegam a dar náuseas em porcos, pois mesmo com toda imundice em que o pobre animal é criado, nada representa diante do tipo de sujeira propiciada por determinados políticos. Tudo o que sabem

Alcatéia

é apresentar uma política fétida, minúscula, particularista e indecente. Veja a saúde como exemplo... Está completamente abandonada. Nos hospitais públicos, bons médicos raramente são encontrados. O que existe em muitos plantões médicos, são estagiários de medicina mal orientados. Muitas vezes, por falta de instrução adequada, alguns destes se assemelham a verdadeiros açougueiros. Hoje muitos médicos só atendem por dinheiro. Será que o juramento de formatura destes não cita algo como salvar vidas? Atualmente, são poucos que exercem a profissão por amor. São poucos os que dedicam uma pequena parte de seu tempo para a realização de atendimento gratuito à população carente. Os administradores de hospitais, por sua vez, tornaram-se verdadeiros recordistas de omissão de socorro. Tentam salvar aqueles que possuem mais dinheiro. Também não estou querendo dizer com isto, que desejo um governo paternalista. Entretanto, gostaria que nosso governo cuidasse um pouco mais de nosso povo. É necessário mais respeito, dignidade e bom senso. E o povo como um todo deve amar mais sua Pátria. Quem ama seu país, não permite que certas situações continuem acontecendo. Nossa nação é linda, cheia de grandes potenciais! Devemos sempre cumprir nossas obrigações e reivindicar nossos direitos. Devemos questionar sempre as medidas governamentais, cobrando soluções para que possamos atingir o ápice do desenvolvimento. Precisamos de mentes inteligentes, sadias e com uma consciência politizada. Não precisamos de uma escória politqueira. Temos que ter no poder lideranças honestas e intelectualizadas. Homens idealistas, trabalhadores e competentes. Não podemos continuar estáticos, apáticos a qualquer resolução governamental. Pois se assim

André Prado

permanecermos, seremos sempre subdesenvolvidos. De nada adianta rezar todos os dias, pedindo ao nosso Deus, para que um bife caia do céu. Temos que fazer por merecê-lo. Temos que travar verdadeiras batalhas... Errar com a certeza de um dia acertar. Temos que inovar!

- Nossa! Você é bem crítico! - ele interrompeu-me.

- Isto não é tudo, caro Ernesto... Observe outro exemplo de indiferença governamental. Aquilo que chamam de política agrária. A mesma é quase inexistente neste país. Aqui é um dos únicos lugares do mundo, onde as pessoas promovem passeatas para conseguir um pedaço de terra. Alguns agricultores se endividam tanto, que chegam até mesmo a perder sua safra para pagar os altos juros bancários. Isto é o que o governo alega ser incentivo rural? Precisamos que o homem do campo não abandone suas terras. O governo deve dar a terra e fiscalizar a produção. De nada adianta dar terra para aqueles que somente pretendem vendê-la. Outra coisa absurda que vemos é a indústria da seca! Milhares de nordestinos deixam a região em que nasceram e querem viver, para tentar dias melhores na região sudeste. Chegam sem dinheiro e moradia. Muitas vezes, chegam com suas crianças passando fome. Os pais para amenizar a dor da fome, dão-lhes água para preencher o estômago. Isto é deprimente! É o verdadeiro retrato da desgraça humana! Em contrapartida, em época de eleição, os políticos vão até o nordeste promover suas campanhas politiquieiras. Prometem uma diversidade de soluções enganosas para o povo. Figurativamente, candidatos chegam oferecendo um par de chinelos. A miséria é tanta, que qualquer migalha compra um voto. Deixam o chinelo direito, com a promessa de que se forem eleitos, entregarão o chinelo

Alcatéia

esquerdo. Quase todas as pessoas sabem que, em alguns lugares do mundo, o governo auxilia até indivíduos de outras nacionalidades, quanto mais seu próprio povo. O problema da seca nunca irá ser solucionado, enquanto persistirem interesses eletivos. Afinal, políticos precisam muito daqueles votos. Qualquer pessoa esclarecida sabe que o problema do nordeste tem solução. Metrôpoles já foram construídas sobre desertos em alguns países. E ainda mais... As terras antes áridas voltaram a ser produtivas. Agora... Dizer que somente o nordeste brasileiro não tem solução? Conversa para “boi dormir”. O que falta para este país são políticos com mais seriedade, competência e idealismo!

- Você é radical! - disse Ernesto assombrado.

- Jamais... Apenas desejo contribuir com minhas opiniões, para propiciar um futuro melhor para nosso povo. Um dia escreverei um livro que permitirá o surgimento de diversos visionários do amanhã. Estes serão verdadeiros líderes, ajudando o povo a reivindicar seus direitos. Somente desta forma, é que teremos uma nação melhor. Temos inúmeros problemas aguardando soluções. Entre eles, podemos citar a má distribuição de renda... Brevemente, chegaremos ao caos social. Chegará o dia em que o capitalismo atingirá um ponto de saturação e declínio. Isto ocorrerá, após os gananciosos poderosos deixarem multidões em condições extremamente precárias. Em consequência disto, os próprios poderosos não terão mais como obter progresso. Pois aqueles que antes eram mão-de-obra quase escrava, haverão perdido seus empregos para os robôs. Com isto, sabemos que aqueles que perdem seus empregos deixam de perceber uma remuneração. Conseqüentemente, não possuem dinheiro

André Prado

para comprar produtos. Se não existem pessoas com dinheiro para comprar produtos, logicamente não há necessidade de produzir. Se há nada a produzir, não há como poderosos adquirirem mais riquezas. Assim... Presumo que muitos retornarão ao campo. Modernos equipamentos que causaram o desemprego do homem do campo serão destruídos. Cada um plantará para si e sua família. Nada além do que necessitam para a própria subsistência. O que está acontecendo atualmente com o Movimento Sem Terra, aumentará em grandes proporções... Isto somente não ocorrerá, caso ocorra uma intervenção governamental propiciando melhores condições de vida ao povo.

- E qual é a solução na sua opinião? O comunismo ou uma guerra civil?

- Embora muitos revolucionários tenham dito que não existe ordem e progresso sem derramamento de sangue, acredito que não precise chegar a tanto. Breve, deverá surgir uma nova ordem sócio-econômica.

- E você acredita que esta nova ordem venha a ocorrer neste país? - disse Ernesto.

- Não somente neste país, mas no mundo inteiro. aguardo ansiosamente esta mudança. Mas como disse, não podemos ficar estáticos. Devemos mobilizar-nos para a obtenção de dias melhores.

- Você é maluco?

- Desde que nasci! Não existem mudanças sem sacrifício! Esforços não devem ser poupados de forma alguma! - falei exaltado.

- Não sabia que pensava desta forma. Acredito que não temos que ficar cobrando o governo. Não temos culpa se existem líderes que, ao atingir o poder, modificam

Alcatéia

completamente suas idéias. Problema deles se o poder os corrompe! Não temos que fazer o que é obrigação deles. O governo é que tem que fazer por nós, sem nenhuma cobrança. Pagamos nossos impostos para que políticos trabalhem por nós.

- Discordo, caro amigo! O problema deve ser resolvido entre sociedade e governo. Sei que alguns políticos fizeram da democracia uma verdadeira bagunça. Mas deve haver uma mobilização entre todas as partes. Precisamos de mais organização e disciplina...

- Disciplina? Quer a volta da censura e da repressão? - interrompeu-me novamente.

- Não precisamos retroagir no tempo. Sou a favor da liberdade de expressão. Entretanto, almejo uma democracia mais organizada. Quero que realmente exista ordem e progresso, ao invés de termos apenas esta frase ilustrada na Bandeira de nosso país.

- Isto é utopia!

- Não... Não é utopia. Tudo isto será fácil de conseguir, desde que haja maior empenho e conscientização de todos.

- Você deve estar sonhando acordado!

- Talvez... Mas antes sonhar e tentar colocar em prática tais sonhos, do que ficar estagnado observando nossa Nação declinar. Ainda tenho esperança de que um dia verei meus ideais realizados!

- Depois de tudo isto, tem mais alguma coisa que ainda acha muito errado neste país?

- Muitas outras coisas precisam melhorar!

- O quê? Você acredita que ainda é possível melhorar muitas coisas?

- Claro que sim... Afinal, esforço-me para ser um crítico em busca da perfeição. Acredito que sempre existe uma

André Prado

forma de melhorar tudo. Por exemplo, acredito que é extremamente antiética a influência maléfica de alguns veículos de comunicação para eleger presidentes. Imagem é tudo? Acho que esta tendência é similar a um câncer que corrói as estruturas de nosso povo. Alguns canais de televisão chegam a mostrar em novelas, cenas de políticos corruptos enfatizando um lado cômico. Tenho certeza de que muitas pessoas, sentadas nas poltronas de suas casas, soltam grandes gargalhadas. Ao invés disto, deveriam ficar entristecidas. Pois este é o verdadeiro retrato de nosso país. Não devemos rir de certas ficções, pois estas podem ser a realidade mais triste de uma nação. Observe as infundáveis CPI(s). Não faltam marionetes, palhaços, picadeiros e nem pizzas para o encerramento do espetáculo. Jogam a culpa em peixinhos, enquanto os verdadeiros tubarões continuam soltos. Neste ínterim, alguns noticiários articuladores fazem de tudo para omitir os verdadeiros responsáveis pelas arbitrariedades geradas neste país. Devemos lembrar que: “maior cego é aquele não quer ver”. Outro dia observei em um noticiário de uma emissora que pretendia aumentar audiência, uma reportagem na qual crianças realizavam trabalho escravo. No entanto, certas emissoras deixam de cumprir aquilo que denominamos como papel social. Não deveriam deixar de cobrar soluções junto às autoridades competentes, até conseguirem que os problemas sejam completamente resolvidos. A mídia deve dar sua parcela de contribuição para a nação. Neste caso que citei como exemplo, se houvesse uma efetiva cobrança por parte dos grandes veículos de comunicação, certamente haveria uma erradicação da escravidão infantil. Com certeza, estas crianças seriam amparadas de alguma forma. Entretanto,

Alcatéia

a mídia raramente persiste em cobrar soluções, até que o problema seja sanado definitivamente. Está interessada somente no sensacionalismo, na maldita audiência alcançada e nos exorbitantes lucros arrecadados nas propagandas comerciais. E as novelas então... Quanta fonte de alienação! Basta o país começar a ter problemas econômicos, aumentar o alto índice de desemprego e da criminalidade, que algumas emissoras começam a mascarar notícias, investir em novelas, televisionar partidas de futebol e divulgar como será o próximo carnaval. Será que recebem incentivos de alguém para fazer isto? Será que existe enlace entre governo e alguns meios de comunicação? Quanta tolice! Mais importante que novela, futebol e carnaval, é saber se nossas crianças estão sendo bem alimentadas e educadas... É saber se estão recebendo tratamento médico e odontológico adequados... É saber se não estão sendo ameaçadas pelas drogas nas portas dos colégios e praças públicas... É saber se não estão sendo espancadas e violentadas. Aliás, não existe maior violência que um governo desatento às suas crianças. Isto é o que considero um verdadeiro estupro. De nada adianta ficar criando estatutos da infância e juventude, se os mesmos não são cumpridos. Tem que haver acompanhamento, fazer com as leis sejam bem executadas. Mas até o momento, a única coisa que o governo tem cumprido com êxito, é a criação de dinastias e oligarquias.

- Estou deveras impressionado com você, Bruno...

- Não se assuste... É apenas minha opinião.

- De toda forma, é muito bom saber que tenho um amigo que defende tão bem suas idéias. Gostei da sinceridade. Muitos têm medo de dizer essas verdades... Preferem ficar escondidos... Deve ser mais cômodo.

André Prado

- Dizem que a sinceridade é uma virtude. Quem teme a verdade, é porque deve alguma coisa. Mas infelizmente, existem pessoas que não conseguem ser sinceras nem consigo mesmas.

- Bem... Vou indo! Voltarei outro dia para conversarmos mais. Já tomei muito do seu tempo.

- Volte sempre que desejar, Ernesto!

- Está bem... Até mais!

- Até mais!

Alcatéia

Capítulo VII

A Metafísica

Dia 11 de abril. Com certeza um dia diferente para mim. Era dia de acessar novamente o computador para tentar descobrir algo mais. Preocupado, tomei o café da manhã. Afinal, teria que vencer no mínimo duas partidas para conseguir os dados desejados.

Cheguei ao escritório às 8:10h. Às 8:45h, era o momento que foi informado na partida anterior, para que eu iniciasse o jogo. Assim sendo, acessei o novo endereço eletrônico no instante correto. Novamente o computador solicitou a senha. Minha intuição desconfiava que o nome do próximo filósofo seria “NIETZSCHE”. Digitei e o computador iniciou o teste de conferência para validação da senha. Nietzsche foi um intrigante personagem das aulas de Filosofia na Faculdade. Possuía um caráter e inteligência marcantes. Foi professor de Filosofia, entretanto, após prestar seus serviços de enfermagem durante a guerra, sua saúde enfraqueceu. Alguns anos depois parou de ministrar aulas. Morreu completamente louco. Particularmente, já havia lido várias obras suas. Na minha opinião, Nietzsche parecia acreditar na

André Prado

reencarnação. Ele acreditava que os homens retornavam em outras existências. Para ele, os fracos sempre serão submissos. No entanto, acreditava que os fortes eram super-homens. É engraçado como as filosofias divergem. Cristo falou que o reino de Deus pertence aos fracos, perseguidos e humildes de coração. Já na teoria de Nietzsche, os fortes, implacáveis e poderosos é que obterão êxito.

De toda forma, acredito que os homens sempre buscam uma maneira de explicar o princípio ou fim de todas as coisas. Questões metafísicas são as mais diversas e curiosas. Tudo o que nós vemos possui um princípio. Observe o exemplo de uma árvore... Plantamos uma semente que brota, cresce, floresce e depois morre. O mesmo acontece conosco e os animais. Agora... Como Alguém surgiu do transparente infinito? Como Alguém pôde criar a si próprio? Existe uma teoria absurda, de que uma grande explosão criou o universo. Porém... Como poderia surgir uma explosão do nada absoluto? Entre uma possível explosão e a existência de Deus, escolho a última opção como a mais viável. Além do mais, quem já viu uma explosão deixar as coisas em tão perfeita ordem? Com toda certeza, Deus é um grande construtor, o maior engenheiro do universo. Imagine só... Estamos suspensos sobre o nada! Existe um sol que nos aquece e uma lua influenciando habilmente nossas marés e plantações. Suponha que o sol estivesse mais próximo de nosso planeta... Provavelmente, morreríamos todos torrados. E se por ventura fosse ao contrário, caso o planeta estivesse mais distante, morreríamos todos congelados. Existe uma perfeição matemática em tudo isto. Darwin, por sua vez, tentou explicar nossa origem com a famosa teoria da evolução.

Alcatéia

Acreditava que, através de um processo evolutivo, os macacos tornaram-se homens. O mais engraçado desta teoria, é que se isto realmente fosse verdade, por que não há macaco sofrendo este processo de evolução até hoje? Por que Deus criaria primeiro o macaco para depois transforma-lo em homem? Não existe lógica nisto! Se Ele criou todos os outros animais, criou o homem também. E voltando ao assunto sobre as várias existências do homem, deparamos com aquilo que alguns denominam de reencarnação. Agora pergunto... De quê adianta reencarnar constantemente se não trazemos conosco as lembranças e as experiências de vidas passadas? Isto seria de vital importância, pois somente desta maneira, poderíamos corrigir os erros cometidos em vidas anteriores. Para algumas pessoas, é muito importante recorrer aos místicos para saber o que foram em vidas anteriores. Particularmente, dou pouca importância para este tipo de conversa. Já ouvi pessoas que recorreram aos místicos, informarem que em vidas anteriores haviam sido reis ou rainhas. Engraçado é que na maioria das vezes, sempre dirão que fomos grandes celebridades ou personagens do passado. Isto de maneira alguma deve aumentar ou diminuir a auto-estima de alguém. Tudo o que querem, é seu dinheiro. É como diz o ditado: "Águas passadas não movem o mesmo moinho". Não sei por que as pessoas possuem a infeliz idéia de ficar vivendo do passado. Mais importante que tudo isto, é o que verdadeiramente somos no presente. Saber se realmente temos sido pessoas boas para nossos semelhantes, se realmente temos ajudado os menos favorecidos, se não estamos prejudicando pessoas somente para obter privilégios particulares. Isto sim é importante! Traz real dignidade aos seres humanos. Não devemos viver

André Prado

de suposições e fatos passados. Devemos viver cada minuto do presente, como se fosse o último! Temos que fazer o melhor que podemos, mesmo com todas as imperfeições humanas agregadas. Afinal, também temos boas qualidades. Temos que lembrar sempre: “Aquele que não constrói uma boa vida no presente, não possui futuro próspero”. Em outras palavras, somente obterão êxito na vida, pessoas que souberem construir sua vida hoje. Para construir um bom presente, não podemos perder tempo com o passado.

Finalmente o computador validou a senha, confirmando-a como correta. Isto foi bom, porque pude presumir quais seriam as outras senhas. Provavelmente, as senhas continuariam sendo apresentadas seguindo uma ordem cronológica, ou seja, a data de nascimento dos filósofos. Mas para descobrir se isto iria continuar procedendo, teria que continuar ganhando as partidas. As senhas certamente persistiriam. Fosse quem fosse que estivesse fornecendo aquelas informações confidenciais, sabia como protegê-las habilmente.

Bem... Hora de jogar! No canto superior esquerdo do computador, apareceu a mensagem: “Nível Inicial-Intermediário - Fase II”. Certamente a partida seria um pouco mais difícil que a anterior, pois esta indicava um nível mais elevado. Acredito que o nível de dificuldade aumentava em função da importância das informações a serem reveladas. Comecei a jogar... Ganhei a primeira queda. Por uma bobeira, perdi a segunda partida. Precisava concentrar-me mais para que isto não ocorresse novamente. Certamente os níveis que surgiriam nas próximas partidas, seriam mais difíceis ainda. Não podia dar-me ao luxo de ficar perdendo a concentração. Tinha que jogar para vencer. Suei frio... Poderia perder a terceira

Alcatéia

queda do jogo. Joguei com atenção redobrada. Felizmente, venci a terceira partida. Fiquei deveras surpreso com as informações que começaram a ser reveladas. Iniciou-se a emissão de um longo relatório na impressora. Havia uma série de contas correntes com suas respectivas agências bancárias. Eram muitas! Pelo visto, existiam contas espalhadas pelo país inteiro. Algumas já vinham acompanhadas com as devidas operações financeiras. Outras possuíam somente o número da agência, conta corrente e o domicílio bancário. Não sabia bem ao certo onde estava me metendo, entretanto, não precisava ser muito esperto para desconfiar que se tratava de um esquema grandioso. Possivelmente, aquelas operações financeiras deveriam ser administradas por indivíduos de uma poderosa organização. O que dava certeza disto eram as cifras manipuladas. Após o término do relatório, o computador emitiu na tela uma mensagem de congratulação por eu ter vencido a partida. Na seqüência, forneceu o novo endereço eletrônico com horário e dia determinado para acesso.

Comecei a investigar os dados obtidos no mesmo dia. Liguei para um grande amigo que trabalhava como analista de sistemas de um conhecido banco. Informei que precisava de um favor de pai para filho. Comuniquei somente que o assunto era muito sigiloso, uma questão de vida ou morte. Solicitei que concedesse um acesso remoto por algumas horas, permitindo consultas em algumas contas correntes e agências daquele banco. A princípio ele hesitou. Disse que se alguém descobrisse, seria despedido e poderia até responder judicialmente pelo ato ilícito. Salientei que aquilo era um estado de necessidade extrema, muito importante para mim. Ressaltei novamente

André Prado

que era um assunto de vida ou morte e que o fato jamais seria revelado para outrem. Por instantes, ele ficou mudo. Provavelmente pensativo. Realmente era uma decisão difícil, mesmo sendo para ajudar um grande amigo. De repente, senti um alívio... Ele resolveu conceder permissão para as devidas consultas. Informou que criaria no sistema uma senha e usuário fantasmas. Teria apenas direito de acesso pelo prazo de três horas. Após este tempo, o sistema automaticamente desconectaria. Achei genial a idéia dele. Caso algum administrador de banco de dados da instituição bancária observasse a existência de um novo usuário, até que fosse checar não encontraria mais nada. Também acho que nem desconfiaria, pois era meu amigo quem estava administrando o banco de dados naquele momento. Agradei muitíssimo! Antes de começar o acesso, chamei a secretária:

- Srta. Marta, por favor, venha até minha sala!

- Envie uma caixa do melhor whisky importado para a casa deste amigo. Aqui está o nome e endereço para entrega. Ah! Envie também uma caixa de charutos cubanos.

- Pois não, Sr. Bruno! Mais alguma coisa?

- Sim... Não quero ser interrompido por ninguém durante as próximas três horas.

- Tudo bem... Pode ficar tranqüilo que não será importunado!

Acionei o sistema via "fax-modem" e entrei no universo cibernético da rede bancária. Desta forma, poderia ver todas as contas daquele banco. Principalmente aquelas das quais o computador não emitiu posição financeira. Comecei a vasculhar... Descobri que as cifras continuavam altíssimas. Fiquei perplexo quando visualizei no monitor do computador, mais nomes de empresas vinculadas a

Alcatéia

Associação. Enquanto realizava a consulta, fiz uma ligação telefônica para a Junta Comercial do Estado. Chequei os nomes de algumas empresas. Fui informado de que as empresas não existiam. Agradei gentilmente e desliguei.

Certamente eram empresas fantasmas. Certamente gerenciadas por políticos, empresários e servidores corruptos da administração pública. Infelizmente, isto é uma prática comum em nosso país. Vasculhei tanto, que acabei até descobrindo nomes de empresas governamentais envolvidas. Algumas possuíam parte das ações pertencentes ao governo e parte pertencentes a empresas de capital privado, geralmente conhecidas como empresas de economia mista. Provavelmente os depósitos de altas cifras, movimentadas nas contas fantasmas, eram provenientes de esquemas que envolviam super faturamentos, concorrências fraudulentas e licitações ilícitas. Licitações ilícitas? É... O pior é que isto existe! Aquelas cifras movimentadas, certamente, não atendiam a nenhum interesse público. Era dinheiro sujo, aliás, imundo!

Findaram-se as três horas. Como havia sido informado, o sistema automaticamente rompeu a conexão. O tempo de permanência nas consultas foi suficiente para que eu pudesse ter uma idéia do que acontecia nas agências de outros bancos. Começou a passar por minha mente, a idéia de que Francesco poderia ter descoberto algo a respeito deste esquema fraudulento e comentado inocentemente com alguém. E talvez sem ele saber, este alguém poderia estar envolvido no esquema. Assim... Teria sido assassinado como “queima de arquivo”. Mas quem o teria matado? Seria o assassino um funcionário ou um empresário da Associação? Também poderia ser um profissional contratado. Esta hipótese não poderia ser descartada. Fosse



André Prado

quem fosse, estava ansioso para descobrir quem era o inescrupuloso. Entretanto, teria que continuar ganhando no mínimo duas partidas de xadrez em cada fase. Tudo com um complicador preocupante... O nível de dificuldade das partidas estava aumentando em cada fase.



Alcatéia

Capítulo VIII

A Amante

Dia 1° de maio. Aproveitei o feriado para dar um passeio. Havia convidado Paola para ir ao sul do país. Como o feriado ocorreu na quinta-feira e ela possuía dias a haver na Associação, resolveu aceitar o convite. Na segunda-feira estaríamos de volta. Aproveitaríamos para visitar os vinhedos de minha família e realizar uma higiene mental. O irmão de papai cuidava das fazendas da família no Rio Grande do Sul. Eram três fazendas... Uma em Caxias do Sul, uma em Bento Gonçalves e outra em Garibaldi. Toda a produção dos vinhedos depois de processada e transformada em vinho, era vendida por nossa distribuidora em São Paulo.

Abri a garagem pela manhã. Não sei porque, mas estava com vontade de viajar com o carro que pertencia a Francesco. Era um automóvel modelo Marea muito equipado. Giovanna pediu para deixar o carro em casa, para evitar recordações diárias de Francesco. Ainda estava muito chocada, não queria de forma alguma ficar observando aquele carro. Papai, sempre cuidadoso, havia colocado uma capa para proteger o carro contra os agentes do tempo. Retirei cuidadosamente a capa do

André Prado

automóvel. Ao entrar no veículo, compreendi os motivos de Giovanna em não querer ficar tendo lembranças. Bem... Prossegui retirando o carro da garagem. Solicitei que Paola colocasse seu carro naquela vaga. Como já me havia despedido de todos, saí acelerando suavemente para evitar chamar a atenção de mamãe. Pressionei o controle remoto para fechar o portão. Ao sair, notei que havia um Tempra preto estacionado nas proximidades da casa. Observei pelo espelho retrovisor, que o mesmo começou a deslocar-se. O carro estava com os vidros escurecidos por uma película plástica, mas mesmo assim dava para perceber que havia dois homens. Fiquei desconfiado da situação. Entretanto, poderia ser má impressão de minha parte. Depois da morte do meu irmão, desconfiava até da própria sombra. Entrei na Marginal Tietê e segui em frente. Breve, ingressei na Rodovia Regis Bittencourt, também conhecida como “Rodovia da Morte” devido ao alto índice de acidentes. Peguei no console do carro, um C.D. com as músicas de “Vivaldi - Le Quattro Stagione”. Inseri no aparelho com um volume razoável, para não atrapalhar a conversa entre nós durante a viagem. Como estávamos muito quietos, resolvi iniciar um diálogo:

- Bonita como sempre!
- Você e seus elogios...
- Gosto de tecer comentários sobre verdades absolutas.
- Você acredita nisto?
- Claro!
- Então cite um exemplo!
- A fé é uma verdade absoluta.
- A fé?
- Lógico! Todos possuem fé... Já disse um sábio que até os céticos possuem fé.

Alcatéia

- Como assim?

- É simples. O fato de não crer em algo ou alguma coisa, motiva as pessoas a crerem em suas próprias teorias. Credo em algo, mesmo que seja apenas teoria própria, passam a ter fé nisso.

- Nunca havia observado este assunto por esta ótica. De toda forma, dizer que minha beleza é absoluta e incontestável, não procede. Como sabe, é impossível agradar a todos. Afinal, alguém pode não me achar bonita!

- Somente cegos diriam que você não é bonita... Isto na hipótese de não permitir que eles toquem seu rosto. Caso permita, certamente dirão que você é linda!

- Exagerado! - disse sorrindo.

- Muitas vezes não exagero... Aplico a dose certa!

- Você realmente é assim ou isto é apenas um disfarce?

- Assim como?

- Parece estar sempre empenhado em criar situações românticas...

- Sou assim mesmo... É um sentimento verdadeiro que cultivo constantemente. Só me preocupo em não cair no ridículo. Afinal, detesto pieguice. Acredito que o romantismo deve manter-se durante todo o relacionamento. Ao contrário da paixão, que é uma força incontrolável e temporária, o romantismo deve ser cultivado diariamente, pois este conduzirá ao amor duradouro.

- O que você sente por mim?

- Uma paixão imensurável acompanhada de um enorme bem-estar.

- E se por acaso me perder?

- Como assim?

- Suponha que eu venha a morrer.

- Que conversa fúnebre! Isto é um teste?

André Prado

- Teste?

- Evidente... Quer saber até onde meu sentimento pode chegar em relação a você. Atitude humana normalmente encontrada nas pessoas.

- Pode ser... Até onde seu sentimento pode chegar por mim?

- Até onde você desejar.

- Ah! Isto é resposta ensaiada!

- Mas sua pergunta era esperada! - falei sorrindo.

- Quais os seus limites? - disse ela demonstrando seriedade.

- Boa pergunta... Acho que devo ter alguns limites, apenas os desconheço.

- Tem medo da morte?

- Não... Não devemos temer a morte.

- Por quê? - perguntou espantada.

- Porque ela é nossa única certeza.

- Acredita em destino?

- Acredito no livre-arbítrio. Mas de certa forma, também acredito que determinadas circunstâncias somente nós podemos viver. São provações para o aprimoramento do espírito.

- E após a morte?

- Creio que os espíritos libertam-se das fraquezas humanas e prosseguem em outro plano.

- Acredita que exista um lugar chamado céu, freqüentemente mencionado pelas igrejas?

- Não... Não acredito nem no céu e nem no inferno após a existência terrena. Diariamente, a vida se incumbe de fazer-nos experimentar pequenas doses daquilo que consideram ser o céu e o inferno. Mas na verdade, o céu e o inferno encontram-se dentro das pessoas. É o bem e o

Alcatéia

mal travando sua infindável batalha. Temos opção a todo instante de escolher entre eles. Sempre podemos optar pelo caminho que desejamos seguir. O universo está em equilíbrio, devido à existência de coisas boas e ruins. Muitas vezes, temos que atravessar o inferno para chegarmos ao paraíso. Observe as antíteses... amor e ódio, alegria e tristeza, vida e morte... A intensidade de um sentimento pode ser medida em função de seu oposto. Damos valor ao amor e à alegria, porque detestamos o ódio e a tristeza. Entretanto, não temos como evitar nenhum destes sentimentos. Mas... No que se refere à vida, não devemos medir esforços para torná-la melhor. Pois o que existe após a morte, é desconhecido. Assim sendo, podemos utilizar a morte como um parâmetro para tornar a vida mais bela. Temos que viver da melhor forma possível, aproveitando cada momento. Afinal... No próximo instante, poderemos não estar mais neste mundo.

- Você é muito seguro de suas idéias!

- Tenho minhas opiniões... Mas não sou o dono da verdade.

- Como reage quando alguém questiona suas opiniões?

- Simplesmente as respeito.

- Interessante... Quero saber mais sobre você...

- Fique à vontade!

- Acredita que pessoas possam mudar de comportamento radicalmente?

- Ocorre em alguns casos... Mas a essência permanecerá inalterável. Todo ser humano possui uma essência interior. Acredito ser o sentimento mais nobre existente dentro das pessoas.

- Como assim?

- Acredito na possibilidade das pessoas alterarem seus

André Prado

costumes. Entretanto, existe algo que é inerente e impossível de ser desarraigado, que extrapola os limites da razão e compreensão. Caso alguém tente alterar bruscamente essa essência, travará uma guerra dentro de si. E se por eventualidade tentar destruí-la, poderá perder a determinação interior, ou seja, perder a vontade de viver.

- Exemplifique isto!

- Observe o mundo artístico. Muitos não se entregaram à morte?

- Realmente! Alguns através de drogas, alcoolismo e outras formas de destruição voluntária.

- Você tem uma opinião a respeito do que leva algumas pessoas a isto?

- Não faço a mínima idéia...

- Eu acredito que estas pessoas, não suportaram a própria genialidade. Todas possuíam extrema sensibilidade e não aceitavam determinadas regras. Suas vidas foram marcadas por uma série de questionamentos quanto às imposições pré-estabelecidas por uma sociedade mesquinha e decadente. Regras e padrões que os agrediram profundamente. Muitas vezes, chegaram a achar que o problema estava implícito em si. Iniciaram grandes batalhas em suas mentes, até que se entregaram às mais diversas formas de destruição.

- Bem... Isto é uma forma inconsciente de suicídio. Aprova isto?

- De forma alguma. A genialidade pode ser algo extremamente forte, mas jamais deve superar a razão.

- Você é muito centrado em suas colocações! Mas gostaria de colocar a seguinte questão... O que você acha da frase: "Existem razões que a própria razão descon-

Alcatéia

hece...”, ou aquela onde o sábio Jesus disse: “Não julgueis para não serdes julgados...”.

- Surpreendentemente inteligente minha bela! Como disse... Não sou o dono da verdade. Posso estar errado quanto a algumas colocações. Mas são as dúvidas que encontro pela vida que ainda me mantêm vivo. Sem elas, a vida não teria a menor graça. Entretanto, não podemos esquecer que existem diversas óticas para observarmos os mais variados fatos e assuntos.

Silenciamos durante alguns minutos. Como até o momento eu já havia respondido várias questões, achei interessante fazer algumas perguntas:

- Bem... Como você já sabe coisas sobre meu pensar... Agora é minha vez de perguntar. Porém, não farei perguntas como estas que acabou de fazer.

- Pois não... O que o senhor deseja saber? - perguntou ela com um sorriso irreverente.

- O que a excita? - perguntei.

- Situações inesperadas!

- Possui fantasias?

- Muitas...

- Mencione uma!

- Não... Você irá rir de mim. - respondeu timidamente.

- Pensei que executivas ou mulheres emancipadas não fossem tímidas.

- Por que não? A timidez pode ser uma excelente tática para atrair alguém.

- Mas você aparenta ser tímida, apenas em algumas ocasiões... Em outras, demonstra ser o tipo de mulher que gosta de ser envolvida e possuída.

- Exatamente... Mas apenas por homens charmosos e envolventes...

André Prado

- Qual o primeiro passo?

- O olhar é fundamental. Gosto que um homem me devore primeiramente com o olhar!

- Muito bom saber disto! Mas retornando ao assunto das fantasias...

- Você não esquece de nada, não é? - Ela indagou me interrompendo.

- Desculpe-me... É que estou curioso para saber sobre suas fantasias eróticas. Conte pelo menos uma!

- Está bem... Direi a mais amena. Gostaria de permanecer uma semana inteira hospedada no andar mais alto de um hotel em Nova Iorque. Do alto ficaria completamente nua observando o panorama noturno da maravilhosa "Big Apple". Aliás, não existe nada mais belo em termos de visual. Ficaria a contemplar todas aquelas luzes encantadoras com alguém ideal ao meu lado. Iria querer fazer amor até chegar à exaustão. Até o ponto em que meu corpo ficasse largado ao chão.

- Podemos fazer isto um dia!

- Seria um prazer enorme... Mas ocasiões de lazer são escassas para mim.

- Você não tem férias a gozar?

- Férias? Que palavra é esta? O Presidente da Associação riscou esta palavra do meu dicionário!

Rimos bastante. Estávamos nos envolvendo em uma paixão delirante. Não sabia a proporção dos sentimentos de Paola, mas eu estava ficando cada vez mais apaixonado. Comecei a observá-la como a mulher ideal. Prossegui:

- Você tem muitos amigos?

- Amigos realmente... Pouquíssimos! Seu irmão foi uma grande amizade que perdi.

- Verdade? Pensei que a relação entre vocês era

Alcatéia

puramente profissional. - falei espantado.

- Não... Éramos excelentes amigos. Não presenciou muito nossa amizade, porque logo que você começou assumir os negócios, ele foi brutalmente assassinado. Seu irmão era uma grande pessoa. Não foi confortante perdê-lo.

- Em sua opinião, o que aconteceu?

Paola hesitou. Ficou bastante apreensiva. Notei uma mudança em sua fisionomia. Disse:

- Não gosto muito de falar sobre isto.

- Por favor, é importante para mim! - falei pensativo.

- Não sei de nada que desabonasse seu irmão. Francesco era um bom homem, alegre e expansivo. Não sei qual o interesse de alguém em matá-lo!

- Ele possuía alguma desavença com alguém?

- Não quero prosseguir com este assunto.

- Por favor, Paola. Eu insisto! É importante para mim.

- Está bem... A única coisa que não se adequava ao proceder de seu irmão, era o fato de ter uma...

- Uma o quê? Continue, por favor!

- Tudo bem... Seu irmão possuía uma amante.

- Amante? Impossível! Isto não combina com o proceder de Francesco.

- Acredite... Estou falando a verdade. Somente algumas pessoas na Associação sabiam.

- Pessoas da Associação? Por quê? Ele foi visto com a amante lá?

- Sim... Ela convivia mais perto dele, do que você imagina.

- Não vá me dizer que... Não... Esta idéia é completamente absurda!

- Quem imagina ser a pessoa?

André Prado

- Por um momento, pensei na Srta. Marta.
 - Isto mesmo! Ela e seu irmão estavam tendo um caso.
 - Não acredito... Mas por que ele não me contou?
 - Não sei. Talvez por ele ser o irmão mais velho, achava que deveria dar algum exemplo moral. Ainda mais depois que você começou a assumir os negócios da família.
 - Você tem certeza do que disse, Paola?
 - Tenho... Certeza absoluta!
 - Ele falava tanto sob compreender esta atitude.
 - Todas as pessoas possuem fraquezas, Bruno. Sei que parece difícil de acreditar.
 - Outras pessoas sabiam?
 - Sim... Poucas pessoas sabiam...
 - Aproveitarei o fato de algumas pessoas saberem do assunto para perguntar pessoalmente a ela.
 - Faça isto... Mas por favor, não diga que fui eu quem lhe revelou este fato. Afinal, tenho contato constante com todas secretárias das empresas associadas.
 - Fique tranqüila. Não direi de forma alguma.
 - Obrigada! Desta forma evitaremos maiores confusões.
- Silenciamos novamente. Desta vez, por um maior intervalo de tempo. Outras alternativas sobre a morte de Francesco, começaram a passar pela minha mente. Embora pudesse parecer muito remota esta possibilidade, não deixava de ser mais uma alternativa. Poderia ser um crime passional. Giovanna possuía um gênio forte. Talvez em um momento de fúria incontida, tenha mandado alguém eliminar Francesco. Ou talvez a própria Srta. Marta, tendo em vista que o relacionamento tivesse tomado proporções exorbitantes, em um momento de angústia pelo fato de não poder ter Francesco inteiramente para si, possa ter

Alcatéia

cometido aquele ato criminoso. Realmente ela teria todas as facilidades de acesso, afinal trabalhava na sala ao lado. Pensando bem... Era comum ela trabalhar até mais tarde. Eu mesmo depois que assumi a empresa, reparei neste fato. Bem... Teria que investigar esta nova hipótese. De repente, o assassino poderia estar bem debaixo do meu nariz. Minha mente estava quase fundindo diante dos novos fatos.

Olhei para o retrovisor para realizar uma ultrapassagem. Neste momento levei um susto imenso. O Tempra preto estava bem atrás de mim. Meu coração parecia desejar saltar pela boca. Era o mesmo veículo que havia avistado na frente de minha casa. Seria muita coincidência não estarem me seguindo. Tinha que me livrar imediatamente daquele veículo. Aqueles homens poderiam estar armados. Será que alguém rastreou minhas atividades no computador? Parecia estranho, pois, quando realizei o acesso, não utilizei a rede de informática central da Associação. Acessei através de uma linha telefônica independente. As listagens emitidas no último acesso estavam seguras no cofre. De toda forma, precisava livrar-me deles. Resolvi observar pelo retrovisor para ver se não me havia enganado. Era o mesmo carro. Tinha que pensar rápido. A única forma de me livrar deles, era fazer uma ultrapassagem arriscada. Não queria que Paola percebesse que estávamos sendo seguidos. Não desejava que se sentisse insegura a meu lado. Caso viesse a saber que eu corria perigo de vida, o medo poderia afastá-la de mim. Bem... Para certificar-me de que realmente estavam me seguindo, resolvi acelerar. Disse para Paola que iria dar uma adiantada na viagem. Aumentei o som próximo do último volume. Estava um pouco nervoso. Provavelmente, ela confundiria este nervosismo momentâneo, com o fato de

André Prado

agora estar sabendo que Francesco teve um caso extracnjugal com a secretária. O carro que dirigia era potente. Entretanto, o carro deles também não ficava atrás. Devia ser o modelo de 16 válvulas. Vi três carretas de um mesmo frigorífico viajando em comboio à nossa frente. Era a oportunidade ideal. Notei que vinha uma outra carreta na direção oposta. Era meio arriscado, porém era a única forma de me livrar daqueles indivíduos. Coloquei a quarta marcha e acelerei tudo. Iniciei a ultrapassagem. Foi inacreditável... Os malucos saíram na minha seqüência. Tinha certeza que não daria tempo dos dois veículos ultrapassarem as três carretas. A carreta que vinha na mão oposta se aproximava rapidamente. O Tempra estava praticamente grudado no Marea. Concluí a ultrapassagem faltando centímetros para colidir com a carreta. Aqueles idiotas não tinham o menor medo a morte. Quando voltei a olhar no espelho retrovisor, não acreditei... Eles utilizaram o acostamento da contramão. Eram verdadeiros loucos. Retornaram à pista correta e novamente estavam atrás de mim. Nas proximidades da cidade de Registro, notei que havia um obstáculo com uma enorme fila de carros trafegando lentamente. Aproveitei a ocasião e iniciei outra ultrapassagem. Novamente vi veículos na mão oposta. Acelerei e apliquei a mesma técnica utilizada alguns minutos antes pelos perseguidores. Eles também investiram na ultrapassagem. Porém desta vez, demoraram um pouco para reagir. Isto me proporcionou certa vantagem. Retornei para a pista correta. Arrisquei mais duas ultrapassagens perigosas. Com os retardatários dificultando o caminho deles, pude me livrar daquela situação. Paola olhou assustada para mim. Dei um sorriso tentando disfarçar minha tensão. Acho que funcionou. Ela pareceu ter ficado mais tranqüila.

Alcatéia

Chegamos a Curitiba. Fomos almoçar em Santa Felicidade, um conhecido bairro repleto de restaurantes italianos. Dos inúmeros que lá se encontravam, escolhemos um dos mais famosos. Almoçamos “canelloni” e “ravióli” acompanhado com um magnífico molho branco. Na seqüência, seguimos para uma adega tradicional nas redondezas. Experimentamos diversos tipos de vinhos. Aproveitei a ocasião para convencer Paola a repousarmos aquela noite em Curitiba. Objetivava com isto, aliviar minha tensão e evitar outro encontro inesperado com os perseguidores. Devido à curta estadia, optamos por ficar em um motel. Ao chegarmos, o primeiro ato foi encher banheira para um relaxante banho. Diluímos produtos para obtenção de espuma. Brincamos e namoramos durante horas. Depois... Paola resolveu sair da banheira. Ao levantar, a espuma se dispersou de seu corpo. É como dizem: “Se Deus criou alguma coisa melhor que mulher, certamente guardou para Si”. Observei cada detalhe do seu corpo escultural. Como era de se esperar, fiquei extremamente excitado. Não me contive. Esvaziei a banheira. Pedi para que ela ficasse inclinada e segurasse firme na borda da mesma. Inseri meu membro suavemente em sua genitália. Nossos corpos iam de encontro um com o outro em movimentos cada vez mais fortes. Segurei firmemente aquelas belas nádegas. Meu órgão movimentava-se sentindo o calor intenso da vulva de Paola. Ela suplicava para eu não parar. Novamente, atingimos simultaneamente o clímax. Deliramos de tanto prazer.

Mais tarde pedimos o jantar. Saboreamos o jantar ouvindo música ambiente. Assistimos um pouco à televisão e depois dormimos envoltos por um cansaço com perfume de amor.



André Prado



Alcatéia

Capítulo IX

A Fazenda

Partimos pela manhã rumo a Caxias do Sul, local onde permanecia estabelecida a administração central das fazendas. Aproveitávamos o percurso distraíndo-nos com a belíssima paisagem. Fizemos uma parada para descansar um pouco e aproveitamos para comer dois lanches. Aproveitei para pegar o celular no porta-luvas e ligar para a Sede. Tio Nicolla atendeu, ficou todo eufórico. Começou a falar alto para Tia Bettina e o primo Giácomo, que iria fazer uma grande festa no sábado.

Tio Nicolla era mais novo que papai, porém já apresentava alguns traços resultantes da idade. Havia nascido no Brasil. Era um homem muito simples, mas isto nada o impedia de ser possuidor de grande sabedoria. Ele herdou de meus avós todos os aparatos da família italiana. Era muito alegre e expansivo. Falava sempre gesticulando muito. Além do filho Giácomo, havia Jarno. Giácomo graduou-se em uma faculdade de Administração Rural em Minas Gerais. Jarno estava estudando Direito em Porto Alegre. Tinha um excelente relacionamento com todos. Particularmente, possuía afinidades com Jarno. Giácomo

André Prado

era casado com Laura, mas segundo comentários familiares, possuía uma amante. Suas virtudes eram bondade e inteligência. Seus defeitos eram prepotência e excessivo machismo. Conhecia vários países, mas sua preferência era o Brasil. Seu maior prazer era obter aumento de produtividade, tanto no plantio como na criação de gado.

Enfim, chegamos. Fazia mais de um ano que não os via. Fomos recepcionados com grande alegria e entusiasmo. Tio Nicolla não se conteve:

- Olá sobrinho! Quem é esta guria que está ao seu lado?

- Minha namorada, tio.

- Que moça bela, sobrinho! Aposto que ela o conheceu há pouco tempo, hein?

- Como sabe? - perguntei curioso.

- É que ela não se parece nada com aquela que você trouxe aqui o mês passado.

- Tio! Deste jeito o senhor irá me complicar. - falei sorrindo

- Brincadeirinha! Além do mais, duvido que ela leve este velho a sério.

- Vou levar sim! - falou Paola entrando na brincadeira

- E tem mais... Quero saber mais detalhes sobre minha concorrente.

Tio Nicolla colocou os braços no ombro dela e disse virando-se para a escada frontal do casarão:

- Então vamos entrar minha filha... Contarei todos os detalhes do que sei a respeito deste rapaz e suas namoradas.

Subimos as escadas. Na sala fomos saudados por Tia Bettina, Giácomo e Laura. Perguntei:

- E Jarno? Não veio passar o feriado na fazenda?

Alcatéia

- Não, sobrinho... Jarno ligou e disse que iria aproveitar o feriado para estudar com alguns amigos - respondeu Tia Bettina.

- Bem... É uma boa causa... Certamente um bom motivo!

- Excelente motivo! - ela reforçou entusiasmada com a dedicação do filho.

- Sobrinho... Precisa ver o jantar que sua tia preparou para nós.

- É mesmo? Então iremos tomar um banho rapidamente para usufruir deste delicioso jantar.

- Esqueci de perguntar... Como estão seus pais? - perguntou Tio Nicolla

- Ainda estão abalados, mas com o tempo devem se recuperar.

- Quando soube da morte de Francesco, liguei imediatamente para prestar minhas condolências. Queria ir pessoalmente ao velório. Mas achei que não iria agüentar ver a dor do velho Giuseppe e Dona Luana.

- Fez bem, Tio... A cerimônia foi muito triste.

- Pedi para dois empregados levarem suas bagagens para o quarto - interrompeu Giacomo achando que a conversa estava fúnebre demais - O quarto fica no fim do corredor. É a última porta à direita. Este casarão tem tantos quartos que dava para abrigar umas vinte famílias.

- Daí pra mais, primo...

- Sobrinho... Se preferir, podemos preparar outro quarto para a moça. - Falou Tio Nicolla com olhar um tanto safado.

- Não será preciso, Tio. Dormiremos no mesmo quarto.

- Então tome cuidado!

- Cuidado? Por quê? - perguntei já prevendo outra brincadeira.

- É que vocês podem dormir em dois e acabar acordando

André Prado

em três ou mais. - falou novamente com uma feição maliciosa.

- Não tem problema, Tio... Paola está concedendo garantia de nove meses sem maiores complicações.

Enquanto todos riam, aproveitei o momento para puxar Paola levemente pelo braço. Seguimos em direção ao quarto informado. Ainda bem que todas as camas da fazenda eram de casal. Paola ficou impressionada com a beleza do casarão. Pessoalmente, eu também me sentia bastante atraído por aquele lugar. Não somente pelo fato de meus avós terem passado parte de suas vidas ali, mas também pelos requintes que aquele ambiente possuía. O chão do casarão era todo de madeira. Ao caminhar, ouvíamos nossos passos ecoarem pelo resto do casarão. Tinha uma altura considerável. O teto era de madeira. Todos os cômodos possuíam candelabros. As lâmpadas eram fracas, o que proporcionava um atraente tom amarelado. Os rodapés acompanhavam todas as paredes e possuíam uns vinte centímetros de altura. Eram todos envernizados e da mesma cor do forro. As portas eram bem altas e antigas. Abriam estilo porta-balcão, porém não retornavam automaticamente.

Tomamos um banho relaxante. Na seqüência, fomos até a cozinha. Lá estavam todos a esperar. A cozinha era muito acolhedora. Em um dos cantos existia um fogão a lenha. Os armários eram fortes e rústicos. Havia uma mesa enorme com uma travessa repleta de frutas, que, na ocasião, encontrava-se em uma das extremidades devido ao jantar do outro lado da mesa. Havia também uma comprida haste próxima ao fogão a lenha. Lá ficavam pendurados os salames, lingüiças, cabeças de alho e algumas variedades de queijo que não necessitam de resfriamento. A geladeira

Alcatéia

era uma verdadeira antigüidade, certamente, poderia ser exposta em um museu. Na pia, havia uma enorme bacia cheia de verduras frescas. A fragrância do jantar exalava por toda a cozinha. Sentamos e nos acomodamos. Tio Nicolla fez uma pequena oração de agradecimento pela refeição. O jantar estava bem variado. Na mesa havia frango recheado com queijo e presunto, lagarto com bacon e cenoura injetados, feijão branco com pedaços de calabresa frita, arroz à grega, lasanha à bolonhesa com molho branco e salada de grão-de-bico com milho e pimentões picados. Não pude deixar de fazer uma observação:

- Diante de tanta variedade, não sei nem por onde começar...

- Também não... - retrucou Paola.

- Comecem pelo início! - disse Tio Nicolla animado.

A comida estava tão gostosa que quase não conversei durante o jantar. Comi tanto que achei que minhas pernas não conseguiriam me carregar depois. Comentei:

- Tia Bettina... A senhora sempre se supera. Merece um beijo! - falei e executei o ato.

- Dois beijos! - disse Paola imitando o meu gesto.

- Vocês são muito amáveis... Agradeço a gentileza! - falou Tia Bettina com muita simplicidade.

Fomos todos para sala. Os móveis rústicos eram bem conservados. Sentamos todos no sofá, exceto Tio Nicolla. Ele sempre se sentava em sua tradicional cadeira de balanço. Assim o fez, acendendo seu velho cachimbo. Pediu para que Tia Bettina abrisse uma garrafa de vinho e servisse a todos. Não hesitou em começar a prosa:

- Fale mais de meu velho irmão, sobrinho.

- Papai está bastante cansado, Tio. Depois da morte de Francesco, ele desanimou de vez. Está com a saúde um

André Prado

pouco abalada. Quisera que ele tivesse a metade da sua disposição e vigor.

- É a vida do campo, Bruno. Acordo bem cedo para trabalhar. O serviço é árduo, porém muito recompensador. Respiramos ar puro o tempo todo, bem diferente daquele lugar onde vocês moram. Nossas águas provêm de nascentes e não são tratadas com produtos químicos. Nosso leite é tirado no momento que desejamos, além disso, é mais rico em proteínas do que os vendidos nas cidades e ainda aproveitamos sua nata para diversos fins. Temos uma vida completamente saudável.

- Deveras, Tio. Não há do que discordar.

- Pois é... Já falei para aquele velho turrão do seu pai vir morar conosco, mas ele é mais teimoso que mula empacada na ladeira.

Rimos. Paola parecia agradar-se com a conversa. Na seqüência, falei:

- O senhor sabe... Papai é cheio de manias. Alega que viveu muito tempo em São Paulo e possui muitos amigos lá.- Compreendo... Mas acho que ele deveria fazer como nossos pais. Eles trabalharam boa parte de suas vidas nas máquinas de fazer tecido naquela cidade. Com sacrifício, juntaram suas economias, até conseguirem comprar este pedaço de terra. Na época, pagaram um bom preço. Ainda jovem, preferi morar aqui. Lembro-me como se fosse hoje quando seu avô plantou a primeira videira nestas terras. Com a fertilidade do solo que Deus nos deu, as plantações cresceram até que atingiram a extensão atual. Começamos a produzir vinho usando um processo bem rudimentar. Com os vinhos vendidos, foi possível comprar alguns equipamentos para aumentar a fabricação. Com o pouco tempo de vida que ainda lhe restava, ensinou-me a cuidar

Alcatéia

de tudo isto. Tanto seu avô como sua avó trabalharam até o último dia de suas vidas na colheita. Quem os via trabalhando, nem imaginava que eram os donos da fazenda. Eram humildes, generosos com todos... Sempre dispostos a ajudar a todos os empregados.

- Preciso ir até os túmulos deles acender umas velas...
- comentei.

- Bem...Agora está mais fácil. No ano passado, fui até o cemitério da cidade e solicitei suas ossadas. Trouxe para o novo jazigo que construí. Suas lápides ficam debaixo da sombra de algumas araucárias aqui no campo.

Os olhos de Tio Nicolla encheram-se de lágrimas. Percebi que ele estava muito emocionado. Prosseguiu:

- Seu pai preferiu a vida da cidade. Estudou e trabalhou bastante. Quando soube que nosso Pai estava fabricando vinho, resolveu vendê-lo nos bares de São Paulo. Pegou sua indenização na firma que trabalhava e comprou uma Toyota antiga. Vinha uma vez por semana buscar caixas e barris. Chegava no sábado e já retornava no domingo. De segunda a sexta-feira, vendia e fazia entregas. Fez amizade com várias famílias do Bixiga. Os donos dos bares e restaurantes de lá compravam grande parte dos vinhos.

- Pois é...Alguns clientes antigos compram até hoje. Resolvemos inclusive dar um desconto especial para eles.

- Aposto que são muitos.

- Com certeza, Tio.

- Por estas amizades e o excelente tino empresarial de seu pai, foi possível obter êxito nos negócios. Com as vendas melhorando cada vez mais, fundou a distribuidora de bebidas. Na ocasião, ofereceu-me sociedade no negócio. Queria que fosse trabalhar com ele em São Paulo. Mas como sabe, sobrinho, minhas raízes pertencem ao campo. Além

André Prado

do mais, o preço que ele paga pela minha parte da colheita me fez um homem rico. Compramos mais duas fazendas em sociedade. Uma em Garibaldi, outra em Bento Gonçalves. Se parássemos de produzir hoje, teríamos dinheiro para viver o resto de nossas vidas comendo do bom e do melhor. Porém, este é um negócio que passa de geração para geração. Por isso, trabalharemos até o fim de nossas vidas.

- É “vero”, Tio... Afirmando que também gostaria que meus pais viessem morar aqui. Seria muito mais saudável para eles.

No meu íntimo, desejava isto pelo fato de estar com medo de vingança por parte de alguém envolvido no esquema de corrupção da Associação. Meus pais poderiam sofrer algum atentado como forma de represália. Tio Nicolla terminou de pitar seu cachimbo. Levantou-se e disse:

- Vocês me desculpem... Mas vou dormir. Amanhã acordarei cedo para cuidar dos preparativos do nosso churrasco. Convidei vários amigos... Irão gostar deles.

- Boa noite, Tio... Também iremos descansar.

- Durmam com os anjos...

- Vocês também. - respondi.

Seguimos em direção aos aposentos. Paola comentou que havia gostado muito de todos. Entramos no quarto e dormimos.

Acordamos às 9:00h. Tomamos banho em uma banheira comprida e antiga. A água era aquecida por uma serpentina que ficava dentro do fogão a lenha. Arrumamo-nos e fomos em direção à cozinha. Como era de se esperar, Tia Bettina estava-nos aguardando com a mesa pronta. Saudou-nos:

- Bom dia!

Alcatéia

- Bom dia! - respondi simultaneamente com Paola.
- Seu tio pediu desculpas por não poder tomar o café com vocês. Saiu logo cedo para comprar algumas coisas que estão faltando para a festa.
- Não precisava fazer festa, Tia.
- Lógico que precisava! Além do mais, você sabe como seu Tio Nicolla fica feliz quando chega um Puccini na fazenda.
- Tem razão! E Giácomo, onde está?
- Foi para o matadouro logo cedo. Foi mandar abater dois garrotes para o churrasco.
- Dois? Não é muita carne?
- Imagina! Você sabe como fica gostoso o churrasco ítalo-gaúcho.
- Tanto sei que da última vez que comi, devo ter engordado uns cinco quilos.
- Que exagero!
- E Laura, aonde foi?
- Está na adega do porão. Foi selecionar os melhores vinhos de nossa reserva pessoal.
- Tia... Desculpe a intromissão, mas mamãe comentou que Giácomo estava tendo um relacionamento com outra mulher. É realmente isto?
- Pois é, sobrinho... Ele está envolvido com uma guria das vizinhanças.
- E Laura, sabe?
- Não... Mas temo que venha a descobrir em breve. Ela tem feito comentários de que Giácomo está muito esquisito nos últimos tempos.
- E o Tio Nicolla, o que diz?
- Seu tio falou com ele, mas nada adiantou. Por que você não fala com ele?

André Prado

- Eu?

- Sim! Você é jovem como ele. Quem sabe ele o escuta. Além disto, seu primo sempre gostou muito de você.

- Vou tentar, Tia.

- Promete?

- Claro! Não custa nada para mim. Farei com que ele voluntariamente fale comigo sobre o assunto.

- Serei eternamente grata.

- Disponha sempre que precisar!

Tomamos um delicioso café. Paola ficou conversando com Tia Bettina. Aproveitei a ocasião para falar com Giácomo. Desci as escadas e fui em direção ao matadouro. Vi Giácomo à distância. Prossegui caminhando até me aproximar. Perguntei:

- Como está, primo?

- Como sempre! Devorando para não ser devorado. - disse ele com um sorriso malicioso.

- Soube que mandou abater dois garrotes. - fiz de conta que não entendi o sentido que ele tentou empregar na frase anterior.

- Dois dos melhores que temos! - disse ele com um ar de satisfação.

- Isto é bom... E o trabalho, como vai?

- Muito bem. Tenho aplicado novas técnicas e conseguido uma produtividade surpreendente.

- Fico satisfeito de saber. E como está a vida de casado?

- Vai indo...

- Vai indo? Sua resposta não demonstrou muita satisfação!

- Bem... - falou coçando a cabeça - Com você eu posso comentar. Sabe primo... Estou tendo um caso com uma guria.

Alcatéia

- Está tendo relação com uma amante? - fiz-me de surpreso - Laura não desconfia?

- Ela está um pouco desconfiada, mas tenho a situação controlada.

- E sobre sua aventura com a guria... Tem muito tempo?

- Mais ou menos...

- E pretende continuar mantendo este relacionamento duplo?

- Claro que sim! Que mal há nisto? A guria está na minha. Quando a conheci perguntei “Pode ser ou está difícil?” Obviamente que quando ela olhou para mim e respondeu: “Pode ser”. Então disse que ela “fez bem em não regular... Afinal, se eu não a comesse, um dia a terra haveria de comê-la”. Foi aí que decidimos fazer um churrasco. Ela entrou com a “carne” e eu com o “espeto”.

- E ela caiu nesta conversa ridícula? - nunca ouvira tamanha idiotice em minha vida. Aquilo deveria ser enquadrado como poluição auditiva

- Claro! Você acha que ela iria resistir a um sujeito gostoso como eu?

- Você não é o mesmo de antigamente, primo. Quanta asneira! Quanto mais o tempo passa, mais você piora!

- Imagine primo! Eu sou tão bom que se eu não fosse eu, certamente eu me mataria.

- Nunca ouvi tanta bobagem de uma só vez. Além do mais, acho que uma garota para cair nesta conversa, deve ter o cérebro do tamanho de um caroço de azeitona. Gostaria de saber em que lugar você vai parar com este seu narcisismo... - falei pensativo.

- Que é isto, primo! Vai querer impor moral agora? De mais a mais, não pedi sua opinião. Se conselho fosse bom não se dava, vendia! E vai dizer que se tivesse uma

André Prado

oportunidade como a minha, você não faria o mesmo?

- De forma alguma! Aquilo que não desejo para minha pessoa, não faço para os outros! Não iria querer destruir um bom casamento como este que possuí, por causa de uma simples aventura. Você não vive mais uma paixão ou simples aventura com sua esposa, ou seja, não são apenas namoradinhos sem compromissos. Quando você assumiu um relacionamento com ela, lembro-me que a amava muito.

- Primo... Se casamento fosse coisa boa, não precisaria de testemunha! Lembre-se sempre de que todo casamento tem seu lado bom e seu lado ruim. O lado bom é o que estou tentando descobrir até hoje. - falou com um sorriso extremamente cínico.

- Bem... Já que é assim, por que não pede o desquite de uma vez por todas?

- Por que gosto da vida que estou levando. Mas caso algum dia aconteça a separação, nunca mais irei casar. Afinal, “errar é humano, persistir é burrice”.

- Vamos supor que a situação fosse inversa. Suponha que Laura o estivesse traindo.

- Se ela fizesse isto, eu mataria a safada com minhas próprias mãos.

- E por que você pode trair e ela não?

- É simples... Sou homem...Traso por desejo e não por sentimento. Um dia você vai sentir isto na pele. Isto faz parte da nossa natureza.

- Nossa natureza? Isto somente faz parte da sua natureza e de mais alguns. Além do mais, homem que se preze possui dignidade e lealdade. No entanto, percebe-se claramente que estes “ingredientes” estão faltando em sua pessoa. Sua mulher sempre o amou. É uma jovem íntegra,

Alcatéia

bondosa e muito atraente. Por que faz isto com ela? Você não a ama mais?

- Claro que amo!

- E a amante? O que sente por ela?

- Com ela é só atração física. Nossa relação é sexo o tempo todo.

- Neste caso, acredito que você esteja com problemas de auto-estima.

- Como assim?

- Você deve ser do tipo de pessoa que sempre quer demonstrar sua capacidade de conquistador. Olha-se no espelho e acredita ser um gostosão irresistível. Porém, no seu íntimo, você tem medo de não ser o que imagina... Por isto, procura sempre investir em novas conquistas para se auto-afirmar. Faz isto até inconscientemente algumas vezes. Você não passa de um egocêntrico!

- Você pensa isto sobre minha pessoa?

- Penso! Além do mais, eu gostaria de saber aonde vai parar com esta egolatria... - falei imaginando saber.

- Está me ofendendo! - disse ele irritado.

- Posso estar, primo. Mas confesso-lhe que minha intenção não é ofendê-lo. Meu intuito é de ajudá-lo. Talvez até hoje ninguém tenha tido coragem de lhe dizer algumas verdades. No entanto, faço isto para o seu bem. Reflita sobre o assunto... Ser homem é possuir todo um contexto. O simples ato de enfiar o pênis em uma mulher, sem possuir nenhum sentimento por ela, coloca-nos até abaixo dos animais irracionais. Quando vejo alguém com este tipo de atitude, tenho dó. Trata-se de indivíduos que precisam de auxílio. Passam a vida toda tentando provar algo para si e para os outros, sem saber que não temos necessidade de provar nada a ninguém.

André Prado

Neste momento, aconteceu algo imprevisível. Giácomo começou a chorar. Abraçou-me afetivamente. Demonstrou-se muito carente. Era uma boa pessoa. Somente estava perdido com alguns sofismas pregados por uma sociedade tradicionalista e machista. Fiquei deveras comovido com o seu estado. Percebi que estava arrependido. Pessoalmente, achei que tinha sido duro demais com ele. Mas como eu conhecia sua empáfia, não havia outro modo. Comecei a animá-lo:

- Primo... Também não precisa ficar assim. Mude esse hábito e toque a vida para frente. Lembre-se que o relacionamento verdadeiro é aquele em que as pessoas se amam e preservam o respeito mútuo. Somente no dia em que isto acabar, é que podemos dizer que o compromisso se findou.

- Você tem toda razão, primo. Quase sempre ficamos fascinados por um corpinho lindo e nos esquecemos que beleza não é tudo. Achamos que é bom mostrar aos outros homens que somos verdadeiros garanhões do sexo. Nesta ocasião, acabamos por esquecer quem somos e o que realmente sentimos. Somos dominados por um instinto grotesco e animalesco. Esquecemos do verdadeiro “eu interior”. Tudo para mostrar aos outros nosso perfil de “abatedor de fêmeas”.. Muitas vezes transei com outra garota e assim que acabava de ejacular, ficava deprimido. Algo não estava bem comigo mesmo. Hoje ficou mais fácil de compreender o motivo. Havia me esquecido que possuía sentimentos. Estava perdido dentro de mim. Telefonarei hoje mesmo para romper com a guria. Meu compromisso é com Laura. É ela que amo e devo respeitar. Mulher é a que tenho em casa. Não aquelas que vivem arreganhando as pernas para o primeiro macho que aparece na esquina.

Alcatéia

Muitas delas não sentem nada por nós. Estão interessadas na maioria das vezes em nossos carros e dinheiro.

- Bem... Parece-me que aprendeu a lição.

- Certamente...Agradeço-lhe por tudo. Realmente estava precisando ouvir estas coisas. Além de romper com minha amante, iniciarei um processo para fortalecer os laços de meu matrimônio.

- Não precisa agradecer! Agora vamos... Seu pai acabou de chegar.

Começamos a caminhar em direção à caminhonete de Tio Nicolla. Giácomo, curioso, perguntou:

- E esta moça com quem você está? Parece que está gostando muito dela - falou ele referindo-se a Paola.

- Com certeza, primo.

- Ela é muito bonita e simpática.

- É mais do que isto, primo. Ela reúne várias qualidades em uma só pessoa. É uma moça meiga, inteligente, atenciosa, carinhosa. Certamente a mulher dos meus sonhos.

- Opa! Impressão minha ou você está apaixonado?

- Completamente, primo. Completamente apaixonado...

Chegamos próximo da caminhonete e ajudamos Tio Nicolla a descarregar. Logo mais, os convidados começaram a chegar. Iniciou-se o churrasco. Havia um grande galpão na fazenda. A churrasqueira era bem comprida. Breve, os primeiros pedaços de picanha ficaram prontos. Estava uma delícia. Tia Bettina, Laura, Paola e outras mulheres serviam vinho em jarros que estavam distribuídos por três grandes fileiras de mesas. Havia muita gente. Os que não eram ítalo-brasileiros, eram italianófilos. Estavam todos muito animados. Falavam alto, bebiam e comiam ao som de instrumentos musicais. Havia violinos, violas e até

André Prado

acordeão. Logo começou a apresentação de uma dança gaúcha. O pessoal levava jeito para a coisa. Giácomo e Laura não perderam tempo e entraram na folia. Chegou o momento em que muitos pararam de comer, mas continuaram a tomar vinho. Começaram a cantar várias músicas com um sincronismo impressionante. Eu já havia comido e bebido bastante. Estava alegre com a presença daquelas pessoas. Eram todos muito amáveis, brincalhões e comunicativos. Perguntei a Tio Nicolla como faria para chegar a uma pequena queda d'água que existia na fazenda. Explicou a direção, alertando para que tivesse cuidado em não me perder no meio do parreiral. Convidei Paola para caminhar um pouco. Adentramos o vinhedo. Paola também estava muito alegre. Queria fazer surpresa para ela quanto à queda d'água. Andamos até cansar. Paramos para descansar debaixo de uma parreira. Conversamos bastante. De repente nos calamos. Começamos silenciosamente a nos observar. Paola estava resplandecente. Ficamos com uma vontade imensa de fazer amor. Tiramos nossas roupas. Mordi carinhosamente seus seios rosados. Começamos a fazer amor. Aquele foi um momento mágico, único. Na seqüência, Paola sugeriu que corrêssemos pelados pelo vinhago. Assim o fizemos. Brincamos e gritamos correndo no meio da plantação. Parecíamos duas crianças. A sensação de liberdade era incrível. De tanto correr, acabamos encontrando a pequena queda d'água. Possuía aproximadamente uns três metros de altura, formando uma considerável lagoa abaixo. Não hesitamos em mergulhar. Paola abraçou-me e encaixou suas pernas ao redor de minha cintura. Beijamo-nos e namoramos durante horas. A paisagem era muito bonita e revigorava o espírito. Ao sair, subimos em uma grande rocha para secar nossos

Alcatéia

corpos. Deitados e completamente nus, ficamos à luz do sol ouvindo o entoar de uma diversidade de pássaros. Mais tarde fomos procurar nossas roupas. Após encontrá-las, nos vestimos para regressar à sede. Estávamos rindo à toa. Coloquei meu braço em seu ombro e ela em minha cintura. Assim prosseguimos para retornar ao casarão. O sol estava no poente. Aquele foi um dia totalmente diferente de nossas rotinas. Foi tão bom que seria impossível apagar de nossas memórias. Quanto mais convivíamos, mais ficávamos envolvidos. Perdemos-nos por alguns instantes, mas conseguimos chegar até a sede. Entramos na sede. Tio Nicolla ficou aliviado quando nos viu. Estava preocupado, achando que estávamos perdidos. Tranquilizei-o prontamente. Tia Bettina perguntou se iríamos jantar. Agradecemos gentilmente. Havíamos comido tanto naquele dia, que dificilmente caberia algo mais no estômago. De tanto insistir, aceitamos um chá. Logo após, fomos para a varanda da fazenda. Armamos duas redes e nos deitamos. Ainda conversamos muito, até que acabamos por pegar no sono. Pernoitamos ali mesmo.

Acordamos às 7:00h. Começamos a nos preparar para o regresso. Após o banho, tomamos um café reforçado. Tínhamos um bom caminho a percorrer. Tio Nicolla insistiu para que ficássemos mais. Dissemos que gostaríamos muito, mas infelizmente não poderíamos ficar. Segunda-feira pela manhã, tínhamos compromissos inadiáveis. Despedimo-nos de todos com a promessa de voltar em ocasião oportuna. Pegamos a estrada. Seguimos rumo a uma cidade vizinha para comprar uma caixa de vinho da Vinícola Pradense - vinho da melhor qualidade. Experimentava sempre a maior variedade possível de vinhos... Afinal, cada vinho possui uma identidade. A pequena cidade era muito acolhedora,



André Prado

assim como as outras da redondeza. A maioria de seus habitantes era descendente de italianos. Seguimos nossa viagem.

Paramos para almoçar em Camboriú. Aproveitamos para observar a orla marítima. Descansamos um pouco e prosseguimos. Fizemos uma viagem tranqüila até chegarmos em São Paulo. Paola se despediu com um beijo gostoso. Disse que tinha gostado muito do passeio e que deveríamos repetir mais vezes. Por minha vez, agradei a preciosa companhia. Disse que fiquei muito feliz por tê-la a meu lado durante aqueles dias. Beijamo-nos novamente. Ela pegou seu carro e saiu acenando para mim.

Alcatéia

Capítulo X

Romeo

Acordei no horário de costume. Ao abrir à janela, notei que os capangas estavam na frente da casa do vizinho. Meu coração saltitou. Resolvi ligar para a Delegacia de Polícia mais próxima. Fechei minha janela, deixando apenas uma fresta para que pudesse observar. Passaram-se alguns minutos e uma viatura encostou. Fizeram com que os dois homens levantassem as mãos apoiando-as na parede. Iniciaram o procedimento para revistá-los. Realmente os homens estavam armados. Foram recolhidos ao Distrito Policial para prestar satisfações ao Delegado. Apreensivo, fui para a empresa. Algumas horas se passaram e resolvi ligar para a Delegacia. A ligação foi transferida ao Delegado. Perguntei sobre os homens. Ele me informou que os homens já haviam sido liberados. Fiquei enraivecido. Ele alegou que os homens tinham a “ficha limpa”. Não tinham antecedentes criminais e ainda possuíam porte de arma obrigatório. Perguntei seus nomes. Informou que um chamava-se Carlo Vieri e o outro Fabrizio Calvi. Ambos eram estrangeiros e estavam com os passaportes regularizados. Tinham autorização para permanência no

André Prado

Brasil e haviam sido agentes de uma espécie de serviço de inteligência da Europa. O Delegado não soube informar precisamente qual era este serviço de inteligência. Disse que alertou os homens para não me incomodarem mais. Os capangas alegaram que não estavam incomodando ninguém. Estavam apenas realizando um serviço particular de investigação na localidade. Disseram que o fato de estarem armados, não significava que estavam dispostos a confusões. Pediram ao Delegado para tranquilizar quem fez a denúncia, pois eram homens de bem. Questionei o Delegado. Disse que estava agindo erroneamente no caso. Como é que podia um estrangeiro ficar me perseguindo em meu próprio país? O Delegado disse que cumpriu o seu dever. Não podia fazer mais nada. Bem... Na verdade eu já esperava por isto. Desliguei o telefone aborrecido. Teria que pensar em uma outra solução.

Chamei Srta. Marta. Estava na hora de saber a respeito de sua aventura amorosa com Francesco. Pedi para que entrasse em minha sala e se acomodasse. Iniciei:

- Srta. Marta...Tenho um assunto muito delicado a tratar com você.

- Pois não, senhor.

- Vou direto ao assunto... Ouvi rumores nos corredores da Associação de que você tinha um relacionamento íntimo com meu irmão.

Perguntei abruptamente para observar a reação dela. Mesmo que negasse o ato, teria uma idéia sobre a veracidade dos fatos. Percebi que ela estremeceu. Perguntou:

- Quem falou isto ao senhor?

- O que importa. Pode ser alguém do serviço de limpeza, os porteiros e até mesmo os empresários. Dizer quem comentou não modifica os acontecimentos. Vou repetir

Alcatéia

novamente. Você teve ou não um caso com meu irmão?

Neste momento ela começou a chorar. Soluçava compulsivamente. Era a confirmação de tudo. Até aquele momento, não acreditava que meu irmão pudesse ter cometido o ato da traição. Paola tinha razão pertinente ao assunto. Perguntei:

- Há quanto tempo mantiveram envolvimento?

- Por uns quatro anos... - falou enxugando as lágrimas.

- Quatro anos? - perguntei assustado.

- Sim... Nossa relação somente acabou porque...

- Porque Francesco morreu... - completei a frase interrompendo-a.

- Isto mesmo!

- E Giovanna, não desconfiava de nada?

- Acho que não...

- Não tem certeza?

- Não, Senhor. Bem... Agora que o senhor descobriu tudo, preciso revelar algo muito importante. Já não agüentava mais guardar este segredo...

- Prossiga.

- Muito pouca gente sabe disto. É que Francesco deixou um filho neste mundo.

- Como? - perguntei estarecido.

- Isto mesmo! Tivemos um filho no início de nosso relacionamento. Sinto muito estar dizendo estas coisas, mas tenho que desabafar com alguém. Desde que Francesco morreu, o menino mal se alimenta. Ficou completamente depressivo.

- Meu Deus! Quanto mais rezo, mais assombrações aparecem!

- Perdão... Não queria aborrecê-lo. Mas esta é a pura realidade.

André Prado

- E por que você não contou antes sobre esta criança?
- Tive medo de qual seria a reação de sua família.
- Isto é inacreditável! Tinha um irmão que possuía uma amante. Tenho um sobrinho que ainda não conheço. Quero conhecer esta criança agora!
- Agora?
- Isto... Neste exato momento! Quero saber se não está faltando nada para o menino. Afinal, esta criança não tem culpa dos atos inconseqüentes de vocês dois. Aliás, qual o nome dele?
- Chama-se Romeo.
- Bonito nome. Quem escolheu?
- Foi Francesco.
- Ele registrou a criança declarando-se como pai?
- Sim...
- Então temos mais um Puccini na família! - apesar de estar surpreso com toda aquela situação embaraçosa, não pude conter meu ar de satisfação em saber que tinha um sobrinho.
- Por favor, Sr. Bruno... Gostaria que ninguém soubesse deste fato.
- Negativo! Não vou permitir que crie esta criança escondida da sociedade e seus avós paternos. Irei pessoalmente apresentá-la aos meus pais.
- Por favor, não faça isto!
- Farei sim... O amor dos avós é essencial para a formação de uma criança. Além do mais, não quero que esta criança se sinta rejeitada. Ela já carrega consigo a dor de não ter pai. Não deixarei carregar a dor de não conhecer seus avós.
- Mas senhor, minha família já dá muito carinho para a criança.

Alcatéia

- Fico feliz em saber. Mas agora Romeo terá carinho dobrado. Aliás, quero saber em que posso ajudar.

- O senhor não irá contar o ocorrido para Giovanna?

- Não... Giovanna não saberá de nada. Não há necessidade.

- Obrigado, senhor!

- Que idade tem a criança?

- Breve, completará três anos.

- Três anos? Estou ficando curioso. Vamos, quero conhecer Romeo.

Sáimos e fomos para casa da Srta. Marta. Ela morava em uma casa simples em Moema. Ao abrir a porta, a criança correu em sua direção. Pulou e abraçou-a. Eram impressionantes as semelhanças da criança em relação a Francesco. Ela apresentou-me:

- Filho... Este é o Tio Bruno.

- Posso pegá-lo? - perguntei ansioso.

- Claro que sim! - falou colocando a criança em meus braços.

Romeo era muito dócil. Não me estranhou. Não pude me conter. Agachei-me e coloquei a criança sentada em uma de minhas pernas. Meus olhos se encheram de lágrimas. A criança era linda! Era realmente incrível a semelhança com meu irmão. Abracei-a ternamente. Comecei a chorar sem conseguir parar. A criança, curiosa, não entendeu nada. Certamente, estranhou a situação, porém continuou agitando um brinquedo que estava em suas mãos. Passei Romeo para as mãos da mãe, que também estava muito emocionada. Questionei:

- Não deveria ter privado minha família de conhecê-lo todo este tempo.

- Não tive escolha... Acredito que Francesco revelaria

André Prado

algum dia. Estava apenas criando coragem para falar sobre os fatos.

- Bem... Quero saber de tudo que este menino venha a precisar. Concederemos a ele todos os direitos que lhe são reservados. Estudará nas melhores escolas, terá tratamento médico e odontológico, vestirá as melhores roupas e terá a melhor alimentação que uma criança pode ter. Terá tudo do bom e do melhor. Gostaria também de pegá-lo todos os sábados para passar o dia comigo e meus pais. Pode ser?

- Pode... Mas quando o senhor contará a eles?

- Contarei nesta semana mesmo!

- Nesta semana? - perguntou ela espantada.

- Sim... Não tenho como esconder este fato por mais tempo.

Sáímos e aproveitamos para almoçar em um restaurante perto da empresa. Conversei bastante com a Srta. Marta. Notei que ela amou demais Francesco. Obviamente que quase se extinguiram minhas suspeitas sobre ela ser autora do crime. Além de Francesco ajudar a criar e sustentar a criança, era muito amoroso com toda a família deles. Ela ficou muito abalada com o assassinato dele. Chegou a pensar em demitir-se da empresa. Só não o fez, porque necessitava sustentar o filho. Percebi que a Srta. Marta era uma boa pessoa. Qualquer outra mulher sabendo de nossa posição social, teria contado imediatamente que possuía este filho para tirar algum proveito financeiro.

Quando saímos do restaurante, Paola estava chegando com sua secretária para almoçar. Cumprimentou-nos com um semblante que não me pareceu muito agradável. Fiquei pensando no que poderia ter acontecido. Descobriria depois. Estava na hora de encarar o segundo expediente.

Alcatéia

Por volta das 15:00h, Paola solicitou que fosse até sua sala. Assim o fiz. Cheguei e aguardei um pouco. Logo, ela veio em minha direção e pediu para que eu a acompanhasse. Ao fechar a porta da sala, reparei que sua feição demonstrava que estava bem aborrecida. Mal sentei e ela começou dizendo:

- Bruno... Tenho um assunto muito delicado a tratar.

- Pois não... Pode falar!

- Bem... Este assunto envolve nossas pessoas.

- Continue, está me deixando apreensivo!

- Como nosso envolvimento se intensificou, gostaria de mantê-lo fora das dependências da Associação. Não gostaria que as pessoas daqui soubessem sobre nosso relacionamento.

- E posso saber o motivo?

- O motivo é simples. Sou uma funcionária da Associação. Sou bem remunerada para atender a todas as empresas sem nenhuma diferenciação.

- Não acredito! Você sempre demonstrou excelente profissionalismo! Quem pensaria que você está sendo parcial?

- Bruno, você conhece as pessoas. Pelo simples fato de estarmos envolvidos, já é o suficiente para alguém começar a dizer que estou concedendo privilégios à sua empresa, insinuando que não estou me empenhando eticamente no trabalho.

- Definitivamente não entendo as mulheres. É muito estranha esta sua decisão.

- Não há nada de estranho. Além do mais, você sabe que este edifício é como uma cidade do interior. O que acontece aqui dentro, é sempre motivo de fuxico e especulação alheia.

André Prado

- E o que nós temos com isso? Alguém daqui paga nossas contas?

- Não, Bruno. Ninguém está pagando nossas contas. Mas para mim a questão é puro profissionalismo. Tente compreender!

- Estou me esforçando, mas não estou conseguindo. Somos jovens e desimpedidos. Ninguém tem que se intrometer em nosso relacionamento.

- Bem... Esta é minha posição. E quando quisermos sair, sutilmente agendaremos um encontro.

- Paola... Você está me escondendo alguma coisa?

- Não estou escondendo nada! - falou aumentando o tom de voz.

- Seja sincera... Você tem outra pessoa?

- Outra pessoa? Por que diz isto?

- Caso contrário, não estaria preocupada com pessoas nos observando!

- Não é nada disto!

- E o que é então?

- Já disse! Você é que parece não querer entender.

- Por que você não abre o jogo!

- Já disse que não tenho outra pessoa. De mais a mais, quem deveria estar preocupada com isto sou eu. Como foi o almoço com sua secretária? Vocês formam um belo par!

- Não tente mudar de assunto, Paola.

- Se sua secretária não teve pudor e manteve relações com seu irmão casado, quem dirá com você que é um solteiro desimpedido e muito mais bonito? - ela retrucou.

- Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa! - não sei por que às vezes vivia criando frases óbvias e idiotas como estas - Estávamos apenas conversando sobre o filho

Alcatéia

dela. Sabia que ela gerou um filho de Francesco?

- Isto piora mais ainda sua situação. Se ela chegou até este ponto, nada impede de querer ter um caso com você! Ainda mais ela que é uma jovem sensual e atraente.

- Paola...Acho que está cometendo um enorme engano. Isto é puro preconceito.

- Já está defendendo a mocinha? - disse ela cinicamente.

- Não se trata disto! Não tenho nenhum envolvimento afetivo com ela. É você que eu amo!

- Eu também o amo... Mas para nosso próprio bem, não é saudável ficarmos demonstrando nosso envolvimento nas dependências da Associação. Acredite! Se quiser continuar mantendo algum relacionamento comigo, será nestas condições.

- Condições? O amor não impõe condições! Vou pensar melhor sobre esse assunto. Detesto imposições... Nenhuma sociedade irá ditar regras para minha vida. - falei retirando-me do local.

- Bruno! Bruno! Não saia! Vamos discutir este assunto como dois adultos.

- Sinto muito, Paola. Mas acredito que já nos magoamos demais por hoje. Até o momento basta para mim!

Fechei a porta de sua sala. Cheguei a ouvi-la gritar meu nome duas vezes. A secretária olhou-me assustada. Saí bastante enraivecido da sala. Será que faltava mais alguma coisa para acontecer naquele dia? Bem, tanto fazia. Caso acontecesse algo mais, é como diz o ditado: "desgraça pouca é bobagem!". Fui até minha sala e liguei para um grande amigo. Marcamos de nos encontrar em um bar de costume às 19:00h. Como todo homem normal, iria afogar minhas mágoas em um copo de cerveja. Fui para casa tomar um banho. Ao sair reparei que os capangas estavam a me vigiar.

André Prado

Talvez estivessem esperando um local apropriado para me executar. Bem... Se fosse o meu dia de partir, nada poderia fazer. Mas não iria facilitar. No outro dia, iria me prevenir. Fui até o bar. Como era de se esperar, eles me seguiram até o local. Encostei o carro e fui na direção de meu amigo. Eduardo Marconi era um jovem muito extrovertido. Não se adaptou à vida de casado, por isso, separou-se. Seu compromisso era com a liberdade. Era um excelente piloto de helicóptero. Fazia vôos comerciais por toda a grande São Paulo. Geralmente transportava executivos de casa para o trabalho e vice-versa. Ao chegar, notei que já estava apreciando uma deliciosa cerveja. Aproximei e disse:

- Você é mesmo rápido no gatilho! Nem esperou que chegasse e já está saboreando uma cerveja?

- Caro, Bruno... Não existe coisa melhor no mundo do que uma cerveja gelada e uma mulher pelada. Afinal, tudo que levamos desta vida, são as bebidas ingeridas e as mulheres deglutidas.

- Vejo que você não muda.

- Está-me parecendo um pouco deprimido. O que aconteceu? - percebeu Eduardo.

- Não é um pouco não. Estou deprimido por completo!

- O que foi? Brigou com seus pais?

- Pior... Briguei com a namorada.

- Bruno, mulher existe em toda esquina. E tem mais... São igualmente gostosas. Eu por exemplo gosto tanto de mulher, que estes dias descobri até que meu lado feminino é lésbico...

- Lésbico?

- Isto mesmo! Meu lado feminino gosta de mulher. E sabe o que é melhor que uma mulher?

Alcatéia

- Não...
- Duas ou mais mulheres! – disse ele sorrindo.
- Mas eu não me apaixonei apenas por um corpo. Estou amando uma mulher com todos os seus sentimentos.
- Entendo... Mas não fique entristecido. Se ela lhe der um fora, com sua boa aparência arranjará outra rapidamente.
- Bem... Por enquanto isto ainda não aconteceu. Estamos momentaneamente brigados.
- Então porque está chateado?
- Estou chateado pelas condições impostas por ela para continuarmos a manter nosso relacionamento.
- Este é o mal das mulheres. Nem bem nos conhecem e já querem regrar nossas vidas.
- Pois é! Estou deveras aborrecido com isto!
- Bem...Veja meu exemplo de vida. De repente você irá tirar algum proveito disto. Quando me casei, ganhei a sogra de brinde...
- Você não gostava de sua sogra?
- Gostava igual à cerveja... Gelada e por cima da mesa! Ela foi um dos fatores principais que acabaram por consolidar minha separação. No início quando a velha foi morar conosco, parecia tudo bem. Com o passar de alguns anos, ela começou a se intrometer cada vez mais no meu relacionamento. Aleguei que ela já havia vivido sua vida. Se não havia dado certo, não deveria descarregar suas frustrações em minha relação com a filha dela. Ela disse que suas intenções eram as melhores possíveis. Contra-ataquei, dizendo que de boas intenções o inferno estava cheio. Toda a conversa foi inútil. Diariamente, ela colocava mais dúvidas na cabeça de minha mulher. A situação foi caminhando até que um dia estava insuportável viver

André Prado

dentro de minha própria casa. Acabei descobrindo que as mulheres, ao brigarem com seus maridos, acabam incentivando os mesmos ao abandono do lar. Após a separação, comecei a beber nos bares. Foi nesta mesma ocasião que comecei a perceber que havia um número elevado de garotas muito bonitas nestes locais. Eram verdadeiras ninfas, loucas para uma transa. Notei que as mesmas não descarregavam sobre minha pessoa um monte de problemas. Completamente diferente do que minha mulher fazia quando eu chegava em casa. Isto me motivou a trair. As ninfas não queriam nem saber se eu era casado ou solteiro. Aliás, depois acabei descobrindo que elas preferem os homens casados. Observe a situação... Atualmente minha ex-esposa é uma pessoa amargurada. É tão frustrada quanto à própria mãe. Meu amor por ela acabou. Ela vive me telefonando tentando a reconciliação. Disse a ela que é melhor me esquecer. Jamais voltarei. Mesmo que a mãe dela fosse embora. Nosso relacionamento desgastou-se por completo. O exemplo do que aconteceu comigo... é o exemplo do que acontece com muitas famílias. Em certas vezes, as brigas são ocasionadas por influências de outras pessoas. Em outras vezes, a mulher fica em casa procurando motivos para uma discussão. A relação vai declinando até que acaba por ocasionar a separação. As esposas esquecem-se de que as garotinhas de hoje estão dispostas a tudo. Cuidam de seu corpinho escultural nas academias e oferecem muitas coisas que um homem deseja. Dizer que as mulheres bonitas são burras... Isto é puro preconceito das feias. Na minha opinião, as mulheres casadas deveriam rever suas atitudes caso não desejem perder seus maridos. Brigar somente irá incentivar a discórdia dentro do lar. Neste

Alcatéia

caso, as garotinhas não querem saber se irão desfazer uma família. Estão interessadas em satisfazer seus desejos. Estão cada vez mais em busca de homens que possuam certa maturidade e estabilidade financeira. Até as mulheres sabem que no meio feminino é difícil existir verdadeira lealdade. No máximo, possuem algumas colegas. Isto pelo fato de sempre observarem as outras como rivais em potencial. Por esta ótica, os homens são um pouco diferentes. Possuem certa lealdade com seu semelhante. Quando dois amigos estão interessados na mesma mulher, na maioria das vezes, um deles acaba abdicando de seu interesse para preservar a amizade quando verdadeira. Certamente, um dos amigos partirá à procura de outra mulher que o complete. Um amigo verdadeiro sempre respeita o outro. São raras as exceções onde isto não acontece.

- Bem... Não estou momentaneamente em condições para discordar de você. Mas você separou-se logo depois da primeira traição?

- Assim que aconteceu o ato dirigi-me a Natália e terminei com todo o relacionamento. Ela relutou e não queria a separação de forma alguma. Mas era tarde demais. Já estava tudo destruído... Meu casamento havia tornado-se uma instituição falida.

- Neste caso você agiu corretamente ao terminar o relacionamento.

- Não queria magoá-la. Acredito que num relacionamento quando chega a este ponto, a separação é a melhor solução. Imagine se por ventura adquirisse uma doença... Poderia transmitir para ela e destruir sua vida. Não seria justo. Também poderia acontecer o contrário. Com o desgaste da relação, ela poderia procurar uma aven-

André Prado

tura e acabar por me complicar. Não acho correto manter um relacionamento deste jeito.

- Compreendo. De toda a forma, nos dias atuais você deve se prevenir. Atualmente só faço sexo seguro. Sei que a garantia pode não ser total, mas já é alguma coisa.

- Parabéns... Confesso que eu mesmo já cometi delírios quanto a essa questão da prevenção. Atualmente, estou revendo minha posição sobre o assunto. Esta garota com quem estou foi um caso a parte, pois mesmo ela fazendo parte da geração saúde, poderia me dar realmente mal.

- Obviamente que sim! Muitas vezes ficamos tão encantados que acabamos por cometer atos impensados.

- Tem razão. Muitas vezes temos exemplos bem perto de nós. Há pouco tempo, tive uma amiga que morreu de AIDS. Senti muito o seu falecimento. Quando estava na fase terminal, apesar de ficar deprimido em saber que iria perdê-la, constantemente fazia-lhe uma visita. Ao abraçá-la, cheguei a sentir seus ossos tocando meu peito. Foi uma das coisas mais tristes que presenciei. É duro saber que vamos perder alguém sem poder fazer nada.

- Certamente... Tudo isto é deveras muito triste. Mas você fez sua parte. Não se afastou dela. Concedeu atenção e carinho até o fim. Já ouvi comentários de casos em que os próprios parentes abandonam seus entes queridos por causa dessa doença. Muitos morrem sozinhos em unidades de tratamento intensivo. É deprimente saber até onde pode chegar a ignorância de certos indivíduos. Possuem um preconceito tão grande, que deixam as pessoas mais próximas morrerem desprovidas de qualquer apoio. Certamente para o doente, a dor causada pelo abandono é muito maior do que qualquer dor física.

- Com certeza, Eduardo.

Alcatéia

- Bem... Mas vamos mudar o rumo deste assunto. Ou logo ficarei com baixo astral. Fale mais sobre sua garota.

- Paola é a coisa mais linda e significativa que aconteceu em minha vida. É uma mulher inteligente, sensual, independente, bonita, atraente e carinhosa.

- Vejo que está completamente apaixonado. Gostaria de salientar que não é porque meu relacionamento não deu certo, que o seu não possa dar. Se realmente ama esta mulher, deve fazer de tudo para que o relacionamento obtenha êxito.

- Tenho feito o melhor que posso.

- Tudo bem... Mas se depois de todos os seus esforços nada der certo, não perca tempo em partir para outra.

- Pode até ser que venhamos a terminar nosso compromisso. Mas por enquanto, darei um tempo para organizar minhas idéias.

- Faça isto. Será bom para ambos. Poderão descobrir o que realmente sentem.

- Vamos embora?

- Vamos. Acabamos por beber demais. Quer que o acompanhe?

- Não precisa. Acho que consigo chegar em casa...

- Caso se perca, é só ligar que meu celular estará ligado.

- brincou.

- Agradeço sua companhia. Sei que não é fácil agüentar um homem deste tamanho choramingando por causa de mulher.

- Que nada! Já chorei muito por causa de mulher. Ultimamente, estou à procura da mulher ideal...

- É mesmo? Já inventaram as definições para a mulher ideal?

- Claro! Não sabia?

André Prado

- Eu não... Como é este tipo de mulher?

- É aquela que consegue ser ao mesmo tempo “uma prostituta na cama e uma dama na sociedade”.

- Você não muda mesmo!

O jeito foi dar risada de tudo aquilo. Na seqüência, cada um pegou seu rumo. Os capangas me perseguiram até a porta de casa. Cheguei um pouco embriagado em casa. Fui ao quintal olhar as estrelas. Abri o canil para soltar meu cachorro preferido. Gostava de todos, mas aquele tinha algo de especial. Sentei ao lado da piscina e fiquei a contemplar as estrelas. O cachorro deitou-se em meu colo. Era o cachorro mais velho. Ainda em seus primeiros dias de vida, coloquei-lhe o nome de Ticco. Depois de algum tempo, apelidei-o de Ticcone. Ficava solto durante o dia. À noite era recolhido ao canil para soltar os cães de guarda. Fiquei passando a mão em seu pelo macio. Sempre gostei muito de cachorros. Achava incrível sua fidelidade ao dono. Muitas vezes, os animais são muito mais leais do alguns seres humanos. Os animais não matam os da mesma espécie. Quando brigam na natureza, é somente para proteger sua cria e defender território. Até hoje nunca soube de uma zebra que matou outra zebra. Nem um leão matar outro de sua espécie. Um animal somente mata outro da mesma espécie, quando instigado pelo homem. É o que acontece nas rinhas de galos e cães. Fico abismado quando vejo pessoas que promovem este tipo de atrocidade. Se pudesse, denunciava todos. O mundo é mesmo uma grande escola. Os animais, chamados de irracionais, conseguem ser mais harmoniosos que muitos indivíduos. O homem, que se diz racional, mata o da mesma espécie pelas mais variadas situações. Mata por ciúmes, inveja, loucura e até pelo simples prazer de matar.



Alcatéia

Bem...Já estava ficando tarde. Coloquei Ticcone no canil e soltei os demais cães que havia recolhido anteriormente. Fui para meu quarto e abri uma parte da janela. O suficiente para ver se os capangas ainda estavam por lá. Notei que ficaram até a 23:50h. Quando notaram que apaguei as luzes, foram embora. Dormi de roupa e tudo.





André Prado



Alcatéia

Capítulo XI

O General

Acordei bem cedo. Tomei um bom banho para despertar. Depois de aprontar-me, aproveitei para dar mais uma olhada pela janela. Como esperava, os capangas já estavam estacionados próximo da casa. Tomei lentamente meu café. Achei que seria uma boa solução, eu ir trabalhar todos os dias de moto. Seria mais difícil para eles me seguirem. Não precisaria nem correr. Com os tradicionais engarrafamentos de São Paulo, certamente eles ficariam presos no trânsito. Enquanto isso, tranquilamente trafegaria entre os carros. Esta sempre foi uma das principais vantagens das motos. Peguei a moto e saí. Não deu outra. No primeiro semáforo com sinal vermelho, trafeguei até chegar próximo à faixa de pedestres. Quando o sinal abriu, como eu já esperava, não precisei nem correr. Eles ficaram bem para trás. Achei graça daquela situação. Queria saber o que eles iriam fazer agora para continuar me seguindo.

Cheguei na empresa às 8:10h. Fiquei pensando no que poderia fazer para me defender de uma possível emboscada armada pelos capangas. Pensei em uma solução

André Prado

que apesar de não gostar muito, poderia ser uma maneira para me sentir um pouco mais seguro. Na própria Associação, havia uma empresa associada de um velho general aposentado. Através de meios políticos, ele conseguiu autorização do exército para comercializar alguns explosivos e armamentos. Provavelmente, conseguiu a licença alegando que venderia dinamites somente para uso em pedreiras ou serviços similares. Mas todos sabiam que esta licença era somente para “inglês ver”. O General Amaral vendia de tudo, tanto artefatos bélicos autorizados pelo governo, bem como armamentos contrabandeados.

Estava saindo de minha sala quando notei que Srta. Marta atendeu um telefonema. Percebi que era Paola. Gesticulei antecipadamente para informar que não estava. Entrei no elevador e fui até o quarto andar. Solicitei atendimento. Logo a secretária anunciou que o General iria me atender. Entrei em sua sala e saudei:

- Bom dia, General!
- Bom dia, Bruno! O que traz você até minha pessoa?
- Preciso de um favor, General.
- Pois não! Em que posso ajudá-lo?
- Preciso comprar uma arma.
- Uma arma?
- Exatamente.
- Por que precisa de uma arma?
- O senhor sabe... Esta cidade está ficando perigosa demais. Preciso me defender.
- Bem... Você sabe que não costumo vender pequenas quantidades de armas. Mas como você é um empresário que faz parte de nossa Associação, vou ajudá-lo! - disse com um sorriso cínico, certamente ele venderia até a mãe para ganhar dinheiro.

Alcatéia

- Ficarei prontamente agradecido! Que arma o senhor recomenda?

- Acho que a pistola 765 é uma excelente arma.

- O senhor tem um modelo para que eu possa dar uma olhada?

- Perfeitamente! Tenho esta aqui que é de meu uso particular. - abriu uma gaveta e mostrou-me a arma.

- Parece-me muito comprida. - falei pegando a arma em minhas mãos.

- Cuidado! Ela está carregada. - retirou a arma de minhas mãos e prosseguiu - Ela não é comprida. É que esta arma está com um silenciador.

- Pensei que fosse difícil encontrar este tipo de equipamento! - manifestei apreensivo.

- No Brasil temos armas e equipamentos que você nem desconfia, meu caro. Basta uma ligação e em poucos minutos tenho tudo que precisar em minhas mãos.

- Quero uma desta com silenciador, dois pentes e trinta caixas de munição.

- Trinta caixas? Pretende matar um exército?

- Não senhor! De preferência pretendo nunca ter que usar esta coisa. É que na verdade usarei parte da munição para treinamento. O restante ficará de reserva. O senhor pode me recomendar uma escola de tiros.

- Pois não. Aqui está o cartão de um amigo meu... Ele possui uma das melhores escolas de treinamento da cidade. Sem dúvida você irá gostar. É a melhor!

- Quanto pagarei pela arma?

- Aqui está o valor. - disse após utilizar uma alculadora
- Deve ser pago em dinheiro, não aceito cheque neste tipo de transação. Dentro de duas horas, enviarei discretamente sua aquisição para sua sala.

André Prado

- Irei retirar o dinheiro no Caixa Eletrônico aqui mesmo na Associação.

- Traga pessoalmente o valor.

- Certamente, General. Obrigado! - estava levantando quando fui interrompido.

- Não vá ainda! Vamos conversar um pouco.

- O senhor é que manda. - sentei-me novamente.

- Muitas vezes fico muito sozinho neste escritório. A maior parte de meus produtos são vendidos e entregues pela minha equipe. Somente quando a compra é grande e muito confidencial, é que atendo o cliente diretamente em minha sala. Em períodos de guerras no exterior, o movimento é intenso.

- Vende muito para o exterior?

- Tenho uma venda razoável. Como mencionei, intensifica em períodos de conflitos.

- Para que países o senhor vende?

- Vendo para vários países. Entre outros, vendo para o Oriente Médio, União Soviética, América Central, Chile, Peru, Colômbia, Venezuela...

- Tudo para fins da guerra.

- Sim.

- Particularmente sou contra a guerra.

- A guerra é necessária.

- Necessária para o quê? Para massacrar o povo?

- O povo é apenas um detalhe. O importante para um país é demonstrar sua soberania.

- Soberania às custas de sangue inocente! A guerra é coisa de estúpidos! A maioria das guerras que existiram no mundo foi gerada por ambição ao poder... Rivalidades idiotas provenientes de governantes e líderes que dificilmente foram para as frentes de batalhas. Veja Hitler

Alcatéia

como exemplo... Matou milhares de judeus porque acreditava na existência de uma raça mais forte.

- Concordo... Mas lembre-se que esta guerra trouxe boas coisas para humanidade. O avanço da medicina foi imensurável.

- Imensurável foi o número de torturados pelos nazistas. Verdadeiras cobaias humanas que foram submetidas a uma série de atrocidades. Homens, mulheres e crianças eram cortadas vivas sem nenhum escrúpulo. Alguns foram submetidos a sessões de choque apenas para descobrir quanto tempo resistiriam até morrer.

- Bem... Mas mesmo assim existiram aspectos positivos.

- O senhor diz isto porque não era sua família que passou por aquela situação.

- Bem... De toda forma, não mudo o meu pensar. Continuo achando que a guerra é necessária. - disse ele convicto e com uma tranqüilidade impressionante.

- A guerra é necessária para tolos. Imagine o mundo e sua corrida armamentista. Muitos países constroem armas nucleares. Caso todas fossem disparadas simultaneamente, certamente teriam capacidade para destruir este planeta mais de dez vezes. Tudo seria transformado em poeira cósmica. Não haveria sobreviventes. E ainda dizem que a raça humana é inteligente.

- A ordem deve ser mantida através do medo. Observe os Estados Unidos da América... Demonstram sua soberania através da força. Principalmente quando outros países se rebelam.

- Descordo, senhor! Não é quando os outros países se rebelam... É quando os outros países não se submetem a fazer coisas que atendam seus interesses. Dizem que Presidentes americanos aumentam sua popularidade

André Prado

quando seu país participa de uma guerra. Tempos atrás, os norte-americanos estavam atravessando uma grande recessão em seu país. Para desviar a atenção de seu próprio povo e sair daquela situação indesejável, partiram para a guerra do Golfo. Não fizeram questão de insistir em acordos diplomáticos. Milhares de vidas que poderiam ter sido poupadas. Entre estas vidas que se foram, morreram vários jovens e crianças. Mais um grande genocídio para compor os livros de história de nosso mundo. Terminado este episódio, outro Presidente americano se envolveu em um escândalo pessoal. Para desviar as atenções e tentar reafirmar-se no poder, novamente ameaçou mostrar a força através das armas. Isto é realmente absurdo. Invadem diversos países, alegando que estão preocupados com a criação de armas químicas. Enquanto isto, ninguém questiona que a nação Norte-Americana continua construindo cada vez mais armas nucleares. Já notou algumas técnicas de guerras utilizadas? Uma delas é bem antiga... Caso não esteja enganado, foi mencionada por um famoso imperador romano. Ele dizia: "Dividir para reinar". Existem países que sabem muito bem como fazer isto. Criam conflitos entre determinados grupos, tirando-lhes a força. Não havendo união, ninguém consegue realizar nada. Apenas concordo com a intervenção dos norte-americanos para participação em forças de paz. Gostaria de mencionar que eles não são os únicos da história a usarem o poder de forma abusiva. Aliás, até possuo admiração pelos norte-americanos. Principalmente pelo fato de possuírem maior seriedade para tratar de assuntos econômico-sociais. Também transmitem algumas coisas boas através de sua arte cinematográfica para o mundo, dedicação profissional, patriotismo e outros.

Alcatéia

Alguns outros países criam guerras somente para impor a força, não tentando buscar diplomaticamente a paz e a reconciliação. Cabe mencionar que existem países que travam intermináveis guerras internas, apenas pela diferença de credo. Matam e depois alegam ter matado em nome de Deus. Assim tem sido a humanidade. O livro mais conhecido pelas pessoas no mundo insinua em alguns trechos que Deus é guerreiro. Afirmo com certeza, que Deus não é guerreiro... Era apenas um povo comandado por seus líderes que alegava que Deus estava a favor de seus ideais sangrentos. Estes líderes do ódio arrastaram uma legião de alienados. Até hoje existem escravos da discórdia e do mal que dizem: "Se Deus está a meu favor, quem estará contra?". Será que isto ainda não acontece nos dias hoje? Será que Deus realmente cultiva este tipo de agressividade? Será que Deus gosta, quando capelães abençoam soldados para matar em nome de um país? Será que é isto que Deus realmente quer? Será que Ele gosta de ver os seres que criou, digladiarem até à morte? Deus quer que as pessoas vivam em paz ao invés de se matarem. Cristo foi enviado como prova do amor de Deus, e quando começou a pregar a Paz e o Amor o que fizeram? Mataram-no! O mundo precisa conter este desejo de guerrear, caso contrário, a raça humana irá se extinguir muito em breve. Não é desejável que alguns governantes fiquem sentados em suas confortáveis poltronas e ainda continuem arquitetando guerras na época em que vivemos. Afinal, a raça humana evoluiu. Não somos mais primatas trogloditas. Somos mais esclarecidos e sabemos o que é bom para nós. Certamente, as guerras não fazem bem algum para a humanidade. Outra coisa que é de difícil compreensão, é esta situação de promover embargos. Alguns países são

André Prado

proibidos de manter relações comerciais com outros, simplesmente porque não se curvaram aos seus pés de países mais ricos e poderosos.

- Mas você é contra qualquer tipo de guerra?

- Qualquer tipo! - respondi.

- Mesmo aquelas ocasionadas para restabelecer a ordem e a paz? Quem defenderá o país quando seu próprio povo se revolta sem motivo algum?

- Não aprovo qualquer tipo de conflito. Não é necessário um povo ter que guerrear para conseguir seus direitos. Quando a maioria do povo deseja algo, o governo deve ceder sem criar atritos. Nunca vi nenhum povo lutar a não ser por um motivo justo. Devemos lembrar que o país pertence ao povo, não ao governo. É assim que se faz a verdadeira democracia.

- Pelo visto é muito difícil discutir com você.

- Tenho que ir, General. Desculpe-me se o incomodei com minhas opiniões pessoais. Respeito qualquer outro que pensar diferente. Apenas gosto de exercer o direito da liberdade de expressão.

- Não há de que se desculpar, meu rapaz! Gosto de conversar com jovens idealistas que acreditam que poderão mudar o mundo.

- Podemos até não conseguir mudar, General... Mas nunca devemos parar de tentar!

- Deus te ajude, filho!

- Com certeza Ele é o que mais me tem ajudado! Até mais!

- Até...

Reparei que o velho homem ficou impressionado. Desloquei-me rumo ao escritório. Às quatorze horas em ponto, chegou a encomenda. Estava dentro de uma bonita



Alcatéia

caixa de madeira. Fiquei deprimido de ter que usar arma. Porém, teria que estar vivo para descobrir sobre a sórdida trama. Trabalhei o resto da tarde. Ao sair da empresa, fui direto para casa.





André Prado



Alcatéia

Capítulo XII

O Padre

Dois dias se passaram.

Resolvi verificar a listagem obtida através do computador. Queria descobrir tudo sobre as empresas associadas envolvidas com a organização criminosa. Vi o nome de uma editora estabelecida no 15º andar do edifício. Isto me deixou muito curioso. Resolvi criar um pretexto e fazer uma visita àquela empresa. Entrei no elevador e desloquei-me até o local. Logo após, solicitei atendimento através da secretária, dizendo:

- Por favor, gostaria de falar com o responsável.

- Quem deseja falar?

- Bruno Puccini. Sou um empresário vinculado a Associação.

- Um momento... Irei verificar se o responsável poderá atendê-lo agora.

Depois de alguns minutos, ela voltou. Informou que o “Padre”, iria me atender dentro em breve. Fiquei curioso pelo fato dela ter anunciado o responsável com o cognome “Padre”. Por que será que ele tinha este apelido? Uns oito minutos se passaram e fui atendido. Entrei na sala que por

André Prado

sinal apresentava uma boa aparência. O tal “Padre” adiantou a conversa:

- Como posso ser útil?
- O senhor é responsável pela editora?
- Sou sócio proprietário.
- Então estou falando com a pessoa certa! Estou interessado em editar um livro.
- Sobre qual assunto?
- Vinhos... Tipos, qualidades, safras, preços e outras coisas mais.
- Interessante... Tem idéia da tiragem desejada inicialmente?
- Aproximadamente 30.000 exemplares.
- Trouxe uma cópia para que eu possa avaliar?
- Não senhor! Ainda estou digitando as últimas páginas.
- Bem... Assim que terminar, envie para mim. Mandarei meus funcionários analisarem a obra.
- Desculpe mudar o rumo da conversa, mas a curiosidade é maior... Por que o chamam de Padre?
- É porque esta era minha atividade antes de me tornar empresário.
- E por que abandonou a vida religiosa?
- Forniquei. Sei que muitos cometem o mesmo ato, porém, alguns conseguem esconder o fato da ordem superior. Entretanto, o amor que sentia era tão grande, que resolvi confessar o acontecido para poder viver com a pessoa que amo.
- Então abandonou o celibato para se casar?
- Casar? Não... Não posso me casar!
- Desculpe perguntar novamente... Mas por que não pode se casar?
- Porque meu envolvimento é com uma pessoa do

Alcatéia

mesmo sexo. E como sabe, a legislação de nosso país ainda não referendou este tipo de união.

- Envolveu-se com um homem? - fiquei impressionado ao observar a naturalidade com que ele narrava os acontecimentos.

- Sim! Ficou espantado? Sou homossexual assumido. Possui algum preconceito?

- Não... Desde que você respeite a opção sexual das demais pessoas e não fique aliciando menores, não tenho nada contra.

- Nunca gostei de mulheres. Na minha opinião, “mulher é algo mais feio do que bater na mãe por causa de comida”.

- falou com certo deboche.

- Felizmente não posso dizer o mesmo! Gosto muito de mulher!

- Bem... Embora tenha sido expulso da comunidade religiosa, não me arrependo de nada. O acontecido foi apenas mais um motivo para que eu questionasse os dogmas religiosos. Na verdade, comecei a perceber inúmeras falhas da religião.

- Cite exemplos?

- É simples. Já observou a igreja católica... Sabia que ela é proprietária de vários latifúndios? Pois é, é possuidora de muitas terras espalhadas pelo mundo. Enquanto isto, milhares de miseráveis não têm onde morar, onde plantar e nem o que comer. Além disto, também recebe muitas doações. Sua fortuna é inestimável. Consegue tudo isto, tirando proveito dos fideístas.

- O que é doado não é roubado! Conheço muitas religiões com líderes treinados a persuadir fiéis para obtenção de lucros e vantagens. Pregam que Deus é o caminho... Mas para chegar a Deus, os fiéis deverão pagar

André Prado

o pedágio primeiramente. Não é isto que acontece?

- Sim...

- Mas tudo isto foi previsto. Foi o que Cristo mencionou e foi registrado em Mateus 7:15.

- Sim... Bem lembrada esta menção a respeito dos falsos profetas. Vejo que possui boa formação religiosa! - falou ele atônito.

- Estudei em várias instituições católicas. As aulas de ensino religioso ficaram bem gravadas em minha mente.

- Bem... Mas o problema é que todas as religiões se utilizam deste argumento da existência de falsos profetas. Tudo para ganhar outros adeptos pertencentes à religião concorrente. Os padres alegam que os líderes das demais religiões, são os falsos profetas. Por conseguinte, os outros líderes religiosos também rebatem este argumento, dizendo que falsos profetas são os padres. Nesta bagunça, cada um tenta impor sua religião como a única verdadeira. Recolhem o dízimo dos miseráveis. Iludem todos com a promessa de salvação no céu, na terra ou em qualquer outro lugar. Estas pessoas fazem da religião um verdadeiro comércio. Será assim até que venha o fim do mundo descrito em Mateus 24:4 - 14.

- Não acredito no fim do mundo proveniente das mãos Divinas!

- Não acredita? Por quê?

- É simples... Suponha que você tenha um animal de estimação. Iria criá-lo com amor e depois matá-lo sem motivo algum?

- Lógico que não!

- Da mesma forma age Deus. O mundo e a raça humana fazem parte da criação Divina. Fomos criados à Sua imagem e semelhança - Gênesis 1:26.

Alcatéia

- Seria ilógico criar algo para depois ser destruído. -
concluiu.

- Tem um raciocínio inteligente, Bruno. Mas se não acredita no fim do mundo, está profanando as escrituras sagradas.

- Deus que me perdoe se eu estiver fazendo uma coisa destas! Eu somente acredito no fim do mundo, através das mãos humanas. Mesmo que nenhum louco seja capaz de apertar os botões para disparo de mísseis nucleares, se a raça humana continuar destruindo a natureza desta forma, vai ser difícil não haver catástrofes. Como sabe, a natureza se incumbe de dar o retorno ao homem face à sua destruição. Aqui neste mundo quase tudo está sendo destruído, desde árvores, até a camada de ozônio. Depois a humanidade fica impressionada quando a natureza revida. Voltando ao assunto anterior, não podemos deixar de lembrar que a Bíblia é um livro muito antigo. Ela foi escrita com o objetivo de manter a boa moral.

- Você está querendo insinuar que o fim do mundo foi somente descrito na Bíblia com o intuito de moralização? Moralizar como? Assustando as pessoas?

- Pode ser! Por que não? Muitas pessoas temem a morte. Portanto, algumas pessoas tentarão manter uma boa moral e bons costumes. Possivelmente acreditam que se porventura não fizerem isto, serão destruídas quando chegar o suposto fim do mundo proveniente das mãos Divinas.

- Descordo completamente! Posso ser contra a religião... Mas as escrituras devem ser interpretadas com todo rigor em seu teor. O que você pretende? Escandalizar, deturpar? Caso você continue pregando este parecer, queimará no fogo intenso do inferno.

André Prado

- Não acredito em inferno.

- O quê? Não acredita que exista um lugar para os pecadores pagarem por seus erros?

- O pagamento do pecado é a morte! Já que acredita que as Escrituras devem ser interpretadas com todas as letras, não é isto que está escrito em Romanos 6:23? Na minha opinião, “tudo o que aqui se faz, aqui se paga”. Não carregamos dívidas para o túmulo. Imagine pessoas que vivem neste mundo uma vida miserável. Muitas passam fome, outras vivem em países que promovem guerras, algumas permanecem doentes, outras são massacradas por seus próprios governantes impiedosos. Já pensou se depois de tudo isto, ainda fossem para um lugar pior?

- Bem... Continuo achando que o conteúdo descrito nas Escrituras não deve ser distorcido. A Bíblia é completamente inquestionável e incontestável!

- Então acaba de se contradizer, Padre.

- Por quê?

- Porque foi baseado em 1ª Coríntios 6:9-10 que a ordem religiosa o expulsou.

- E o que reza este trecho das Escrituras?

- Reza que “os efeminados, homens que se deitam com homens, não herdarão o reino de Deus”.

- Você decorou a Bíblia?

- Não. Mas li várias vezes!

- Bem... Então você deve saber que não é correto julgarme! Permita-me lembrar as famosas palavras em Mateus 7: 1-3: “Não julgueis, e não sereis julgados. Porque do mesmo modo que julgardes, sereis também vós julgados e, com a medida com que tiverdes medido, também vós serei medidos. Por que olhas a palha que está no olho do teu irmão e não vês a trave que está no teu?”.

Alcatéia

- Não fui eu quem o julgou, Padre! Foi sua própria ordem religiosa baseada nas Escrituras Sagradas. Agora veja uma incoerência... Não seria um julgamento dizer que os efeminados não herdarão o reino de Deus? Certamente que sim! Existe algo contraditório nisto! Na minha opinião, o julgamento realizado pelos homens é imperfeito! Somente Deus pode julgar-nos de forma justa e correta!

- De toda forma, continuo contra a religião e a favor das Escrituras. Cristo não disse que devemos estar entre quatro paredes para adorar o Criador. Ele mesmo adorava a Deus a céu aberto, era isto que estava fazendo quando foi provado pelo mal em Mateus 4:1 - 25?

- Sim... Notei que gosta do livro de Mateus, Padre! Mas ainda continuo achando que a religião é necessária para algumas pessoas.

- Por que diz isto?

- Porque há a necessidade humana de se crer em algo. Mas ao ingressar em qualquer congregação religiosa, não devemos fazer isto reparar como as pessoas de vestem ou são bonitinhas. Tampouco ver os defeitos humanos dos seus líderes religiosos. Quando entrarmos em uma congregação religiosa, devemos entrar puramente com o propósito de adorar a Deus. A religião deve ser o caminho de todos. É fundamental para a boa formação dos indivíduos. É a maior fonte de orientação de nosso mundo. Não importa a tradução ou interpretação das Escrituras Sagradas de cada religião, o que importa são as diretrizes comuns nela contida. Sempre existirão coisas na religião, como nas Escrituras, com que concordamos ou não! Temos que aproveitar e praticar a parte boa oferecida. Defeitos, todos têm. Não devemos estar a procurar defeitos no semelhante. Quem observa muito à vida de seu vizinho, esquece de

André Prado

olhar para si mesmo. Existem pessoas tão interessadas em especular a vida do semelhante, que não conseguem descobrir que estão podres interiormente. Vivem cochichando sobre a vida de fulano, cicrano ou beltrano. Não percebem que estão tentando refletir nos outros, a imagem de suas próprias frustrações e incompetências. As religiões são compostas por líderes religiosos. Estes líderes são humanos, passíveis de erros. “Quem nunca tiver pecado, que atire a primeira pedra”. Se o pecado for involuntário, seremos perdoados. E como você interpreta as Escrituras integralmente, sabe que Jesus Cristo veio para libertar a todos, conforme está descrito em 1ª Timóteo 1:15. As mesmas Escrituras, afirmam que somente as pessoas que cometem as maldades deliberadamente, cientes do ato errôneo que estão praticando, é que pagarão por isto - Salmos 37:10. Lembre-se de que aqueles indivíduos que ficam ricos ilicitamente, aproveitando-se da bondade e ingenuidade do semelhante, dificilmente obterão perdão. Para esses, nada adiantará chegar ao final de suas vidas freqüentando religiões e fazendo caridades para mostrarem arrependimento. Mas lembre-se, o julgamento de todas as pessoas deverá ser feito exclusivamente por Deus, através da observância dos atos durante a vida de cada um. Embora eu não aceite a idéia de existir inferno, acredito que as boas pessoas prosseguirão em um outro plano designado por Deus - Marcos 10:24-25.

- Parabéns pela convicção! - falou ele aplaudindo com um sorriso cínico. - De toda forma, mantenho meu ponto de vista.

- Não estou aqui para mudar suas opiniões. Estava apenas relatando minha convicção religiosa.

- Pode relatar à vontade. Mas devemos lembrar sempre

Alcatéia

do ditado: “religião, política e futebol, é algo que não se discute”.

- Não queria irritá-lo com minhas convicções... - levantei e estendi-lhe a mão cordialmente como forma de despedida.

- Gostaria de poder dizer o mesmo! - levantou-se fingindo não perceber minha mão estendida.

- Até logo! - voltei a insistir.

Ele nem respondeu. Era realmente um sujeito estranho. Sua aparência era assustadora. Seu semblante igualava-se ao de um verdadeiro bandido. Tinha a barba mal feita, hálito terrível e ainda possuía um olhar gélido. Faltava descobrir como aquele sinistro cidadão estava envolvido no esquema de corrupção. Pelo faturamento apontado no computador, teria que ser dono de pelo menos 40% das editoras do país. De toda forma, atingi meu objetivo. A sondagem me permitiu conhecer um dos safados envolvidos no esquema criminoso daquela organização.

Fui para minha sala. Peguei a chave da moto e despedi-me da secretária. A mesma anunciou que Paola estava querendo falar comigo, pedindo para que eu entrasse em contato. Disse para a secretária informar que não me havia encontrado. Fui para casa descansar.



André Prado



Alcatéia

Capítulo XIII

O Renascer

Enfim chegou o sábado. Combinei de almoçar com meus pais no restaurante “La Famiglia”. Iria fazer uma grande surpresa. Levei-os até o restaurante. Sugeri que fizessem o pedido, enquanto eu fosse buscar uma pessoa. Conforme já havia combinado com a Srta. Marta, eu pegaria Romeo para passar o dia comigo e meus pais. Pensei que iria estranhar, mas era uma criança muito dócil. Passear de carro para ele pareceu ser um grande atrativo. Voltei para o restaurante. Solicitei uma cadeira de criança. Coloquei-o delicadamente nesta. Papai olhou curioso. Mamãe mais curiosa ainda, antecipou:

- De quem é esta bela criança?

- Este é meu mais novo amiguinho, Romeo... Filho de nossa secretária.

- Está brincando? Nunca soube que ela tinha um filho!
- disse ela.

- Pois é! Também fiquei sabendo estes dias para minha surpresa. Gostaria que vocês olhassem para o este rostinho lindo e me digam com quem ele se parece?

Ambos olharam atenciosamente para a criança, antes

André Prado

que voltasse a falar qualquer palavra. Observei uma lágrima rolar no rosto de minha mãe. Certamente ela identificara os traços de Francesco. Papai ficou sem entender por alguns instantes, mas vendo a emoção de mamãe ao olhar para a criança, começou a ficar desconfiado. Mamãe se emocionou demais, disse quase sem voz:

- Não é possível! Como eu nunca soube disto?

- Ninguém sabia... Somente Francesco, Marta e a família dela!

- Meu Deus! Por que esconderam isto de nós?

- Por uma série de motivos que não cabe explicar agora.

Papai, já situado, estava estático! Parecia ter entrado em estado de choque. Seus olhos estavam cheios de lágrimas, quando repentinamente saiu-lhe um grito da boca:

- Mas isto merece uma comemoração! Eu sempre quis ter um neto! Vamos tomar um vinho! Agora eu entendo porque a Srta, Marta se afastou da empresa por alguns meses em certa ocasião. Certamente foi para esconder a gravidez. Meu Deus, eu nem sei o que dizer... - papai começou a chorar de tanta emoção.

- Papai... Fique calmo! Não se emocione demais... - falei olhando para Romeo, que estava olhando aquela cena toda e achando tudo muito estranho.

- Deus é realmente justo! Tirou um filho lindo e repôs com um neto que nem sabia existir - disse mamãe muito emocionada.

Mamãe pegou Romeo e colocou em seu colo. Papai alisou o rosto da criança com suas mãos suaves e enormes. Romeo pareceu gostar de tudo aquilo. No final de tudo, fui eu quem mais ficou emocionado com aquela cena. Observando papai, mamãe e Romeo, tive a impressão que

Alcatéia

eles pareciam se conhecer há um bom tempo. Romeo sorria com as brincadeiras que ambos faziam. Comecei a chorar de alegria e a agradecer a Deus. Com toda a certeza do mundo, sabia que aquela criança daria nova vida aos meus pais. Seria o renascer para todos. Terminamos de almoçar e fomos todos para casa. Fiquei observando com enorme felicidade, meus pais projetarem o futuro de Romeo. Por volta das 20:00h, com sacrifício consegui tirar a criança deles. Novamente, a emoção foi forte demais. Romeo parecia não querer ir embora, mas tinha que levá-lo à sua mãe. Papai fez mil recomendações, solicitando que eu conversasse a com Srta. Marta para que Romeo passasse mais tempo com os avós paternos. Falei que ele que poderia ficar tranquilo, pois já estava resolvendo tudo isto com a Srta. Marta. Assim sendo, levei Romeo para a casa de sua mãe. Quando cheguei, ele já estava dormindo no banco de trás. Peguei-o cuidadosamente, junto com um brinquedo de mão que ele passara o dia segurando. A Srta. Marta estava ansiosa para saber dos fatos. Informei a ela, todos os detalhes. Demonstrou grande alegria ao saber da aceitação de meus pais. Ao despedir-me disse que no dia seguinte lhe faria uma boa proposta. Dei um beijo no rosto dela e fui para casa.

No outro dia, tomei um banho e fui para a Associação. Ao chegar, solicitei que Srta. Marta fosse até minha sala. Ao entrar, dirigi-me a ela educadamente:

- Srta. Marta... Venha até aqui e sente-se, por favor! - falei apontando uma cadeira.

- Pois não! - respondeu ela prontamente.

- Desculpe-me o protocolo, mas as mudanças são tão recentes que nem sei como chamá-la. Acostumei-me a tratá-la formalmente, utilizando a denominação "senhorita".

André Prado

Depois dos fatos, gostaria de chamá-la simplesmente de “Marta”. Afinal, agora você é uma pessoa da família.

- Pode me chamar de Marta, Sr. Bruno! - Respondeu ela.

- Bruno... Chame-me simplesmente de Bruno, esqueça a palavra “senhor”. Na verdade, nunca gostei muito desta forma de tratamento utilizada em nossa empresa, pois acho que de certa forma, distancia as pessoas. Mas como isto foi instituído por papai durante anos, não havia como mudar.

- Tudo bem... Vou tentar me acostumar com as mudanças, Sr. Bruno. - disse ela sorrindo, percebendo que não seria fácil abandonar o tratamento.

- Vou direto ao assunto... Você acha que está ganhando bem?

- Claro que sim! Tenho um bom salário.

- Pois é... Estou pensando em triplicá-lo.

- Triplicar? - disse ela olhando-me com espanto.

- Sim... Tenho uma nova proposta para você.

- Que proposta? - perguntou ela ansiosa pela resposta.

- Bem... Eu gostaria que você fosse gerenciar a produção de vinhos nas fazendas do sul do país.

- Mas há necessidade?

- Sem dúvida que há! Meu Tio Nicolla já está com certa idade e tenho certeza que sua presença será muito útil. Na verdade, Tio Nicolla entende muito da produção de vinho. Com sua presença no local, poderemos organizar melhor e ter um controle muito mais eficiente daquilo que é produzido.

- Mas fazemos este controle aqui, registrando todas as entradas dos vinhos que chegam.

- Obviamente que sim, entretanto, estou planejando expandir os negócios e dobrar nossa capacidade produtiva.

Alcatéia

Com alguém fornecendo os dados necessários de forma mais organizada, poderei otimizar este processo.

- Mas... E meu filho?

- Pode ficar tranqüila... Ele irá com você. Existem excelentes escolas no sul, sendo que a sede da fazenda fica muito próxima da cidade. Providenciarei para que Romeo e você tenham tudo do bom e do melhor. Quando precisar de alguma coisa, basta me comunicar.

- Bem... Quanto tempo eu tenho para pensar na proposta?

- Gostaria que fosse o mais breve possível.

- E como ficarão as coisas aqui na empresa? Como controlará o escritório e mais os funcionários que trabalham na distribuidora?

- Pode ficar tranqüila que pensarei em uma forma viável.

- Tudo bem! Vou pensar com carinho e dou-lhe a resposta amanhã.

- Obrigado!

Minha idéia era convencê-la a qualquer custo. Levando-a para a sede da fazenda, certamente meus pais iriam acompanhá-la por causa de Romeo. Fazendo isto, estaria afastando todos do perigo. Na verdade não sabia quem matou Francesco e o que mais de ruim poderia fazer à minha família. Estando todos na fazenda, eu ficaria mais tranqüilo. Além do mais, a qualidade de vida deles aumentaria consideravelmente. Bem... Estava ansioso para que tudo desse certo. Peguei o telefone e liguei para Tio Nicolla. Conteí a ele a respeito de todas as novidades, principalmente sobre Romeo. Tio Nicolla ficou muito alegre e começou a falar alto para todos que estavam ao lado dele. Sorridente, eu imaginava aquela cena

André Prado

espalhafatosa. Perguntei sobre o que achava de meus pais passarem uns tempos na fazenda, juntamente com Marta e Romeo. Ele ficou ainda mais feliz, disse que já havia cansado de convidar papai e mamãe para morarem lá. Ao desligar, fiquei muito satisfeito, pois até o momento, tudo estava sendo encaminhado da forma desejada por mim. Durante o restante do dia, fiquei analisando documentos de nossa empresa. Tudo estava fluindo naturalmente. No final do expediente, fui para casa ansioso para saber a resposta que Marta daria. Conversei com meus pais sobre meus planos de enviá-los à fazenda. Disse que Tio Nicolla ficaria realmente muito contente em ter todos lá. Para minha total satisfação, eles concordaram. Fui para meu quarto dormir, mas infelizmente, não obtive muito êxito em ter um bom sono, pois não conseguia tirar Paola de minha mente.

Alcatéia

Capítulo XIV

Giovanna

Despertei antes do horário habitual. Fui para a empresa e fiquei lendo o jornal. Aguardei ansiosamente a resposta que esperava de Marta. Ao chegar, para minha alegria, recebi uma resposta positiva. Isto me deixou em estado de êxtase total. Solicitei que ela entrasse em contato com a administração central da Associação para realizar um levantamento no banco de currículos de uma pessoa com as qualificações necessárias para assumir rapidamente a vaga de secretária. Orientei-a minuciosamente sobre as atividades que seriam desempenhadas nas fazendas. Pedi para que cuidasse de tudo, a fim de que todos estivessem instalados dentro de cinco dias na fazenda. Imediatamente, solicitei que contratasse uma empresa de mudanças para levar os pertences de Marta para a sede das fazendas. Solicitei as reservas das passagens de avião para o dia seguinte. Tio Nicolla daria um jeito de buscá-los no aeroporto mais próximo.

Dois dias se passaram e recebi algumas candidatas à vaga de secretária para realizar entrevistas. Após ler diversos currículos e conversar individualmente com as

André Prado

candidatas, selecionei a que parecia ser a mais indicada para receber as atribuições de Marta. Chamava-se Melissa, sendo que além de boa aparência, demonstrava grande competência. Solicitei, dentro dos poucos dias que restavam antes de Marta viajar, que a mesma informasse as principais atividades da empresa à nova funcionária. Marta aproveitou para comunicar que Paola ligava insistentemente, e não sabia mais que desculpas dar. Aproveitou também para informar que dentro de duas semanas, haveria a cerimônia anual da Associação. Tratava-se de uma festa requintada que ocorria todos os anos na mesma época, quando o Presidente premiava os empresários que davam maior retorno financeiro para a Associação. Seria o primeiro ano em que eu iria participar, pois nos demais anos, era Francesco que comparecia. Pensei que seria uma boa oportunidade para conhecer quem eram os “figurões”. Sabendo quem seriam os premiados, poderia ter uma idéia das empresas que mais faturavam e iniciar uma investigação para descobrir se seus lucros eram provenientes de atividades lícitas. Por falar em investigações, estava na hora de retornar às mesmas. Precisava fazer uma visita a Giovanna, por isso telefonei para marcar um horário. Ela se dispôs a me receber imediatamente, portanto comuniquei a secretária que iria sair, mas que deveria retornar logo. Desloquei-me até o apartamento de Giovanna. Completara alguns meses que não me comunicava com ela. Cheguei ao apartamento e solicitei ao porteiro que me anunciasse. Giovanna autorizou minha entrada. Entrei no elevador e apertei o botão que me levaria ao décimo segundo andar. O edifício era extremamente luxuoso, com um apartamento por andar. Toquei a campainha e fui atendido pela própria

Alcatéia

Giovanna. Ela atendeu com os cabelos molhados, vestindo um belo roupão. Certamente havia saído do banho ou da piscina que cada apartamento possuía no terraço. Francesco tinha bom gosto para mulheres. Tanto Giovanna, como Marta, eram mulheres de chamar a atenção dos homens. Giovanna deveria ter aproximadamente 1,80 cm de altura. Seus cabelos ruivos eram lisos e compridos. Além de possuir um lindo rosto, seu corpo possuía belos contornos. Tinha pernas encantadoras. Sua cintura era um cartão de apresentação para o que viria logo abaixo. Eu a havia visto apenas uma vez de biquíni e já foi o suficiente para ter uma idéia completa de sua beleza. Neste dia em especial, ela me atendeu com um sorriso diferente. Beijou meu rosto de forma terna e sensual, pedindo para que eu sentasse em uma elegante poltrona. Ela sentou-se em um sofá logo à minha frente. Ao cruzar as pernas, percebi que seu roupão não era dos mais longos. Ela iniciou a conversa:

- O que o traz aqui, Bruno?

- Apenas uma visita informal. Estava com saudades de meu irmão e resolvi vir até este apartamento. Aqui tenho boas recordações...

- Você não consegue se esquecer dele, não é? Também achei difícil perder Francesco. Não sei se encontrará muitas recordações aqui no apartamento. Dei a maior parte dos pertences dele a uma instituição de caridade. Não queria ficar tendo lembranças...

- Compreendo... Compreendo... Você poderia mostrar o que deixou de especial?

- Claro! Acompanhe-me que lhe mostrarei algumas coisas. - disse ela puxando-me pelas mãos.

Giovanna mostrou-me alguns retratos provenientes de viagens que fizeram ao exterior. Apresentou inclusive

André Prado

alguns objetos pessoais de valor sentimental. Caminhamos por todo o apartamento e acabamos por permanecer em uma sala onde havia apenas uma lareira, um enorme tapete macio e uma pequena mesa de mármore no centro. Giovanna perguntou-me se aceitaria uma bebida. Informei que iria aceitar apenas uma taça de vinho, pois deveria retornar para o trabalho. Ela solicitou que eu aguardasse. Deslocou-se e retornou em seguida com duas taças e uma garrafa de Valpolicella. Pediu para que eu abrisse a garrafa. Brindamos e degustamos o delicioso vinho. Era o momento ideal para eu começar a especular. Perguntei:

- Diga-me Giovanna... Você e Francesco viviam bem?

- Claro que sim! Por que a pergunta?

- Desculpe-me a intromissão... É que cheguei a presenciar e saber de algumas cenas de ciúmes entre vocês.

- Caro Bruno... Ciúme é o tempero do amor.

- Sei disso... É que quando este sentimento ultrapassa os limites, pode causar danos sérios a um relacionamento.

- Sim... Mas em nossa vida conjugal, isto jamais ocorreu. Meu ciúme era apenas uma demonstração de carinho. Sei que muitas vezes eu mesma exagerava nessa demonstração. Mas na verdade, fazia isto porque Francesco de certa forma gostava disto.

- Gostava?

- Sim... Ele comentava com todo mundo sobre meu ciúme. Dizia que não podia vacilar, pois eu já estava sempre no seu calção. Acho que ele se sentia mais amado assim.

- Você confiava plenamente nele?

- Claro que confiava! - disse ela com toda convicção. - Francesco era um homem dedicado e atencioso. Eu amei demais aquele homem.

- Meu irmão era um bom homem?

Alcatéia

- Com certeza, Bruno... Com certeza... Mas poderíamos trocar de assunto?

- Podemos sim... Eu entendo os motivos pelos quais você não queira ficar se magoando com recordações passadas.

- Obrigada... Quero esquecer Francesco e começar vida nova! Almejo ser novamente feliz, afinal a vida continua. - disse-me com os olhos tristonhos.

- Certamente, Giovanna. Tenho certeza de que Francesco também desejaria que fosse assim. Ele não iria querer que você se tornasse uma pessoa amarga e infeliz.

Diante de tal fato, cheguei à conclusão de que a morte de Francesco jamais seria um crime passional. Olhei dentro dos olhos dela, durante nossa conversa. Em nenhum segundo sequer, Giovanna demonstrou fingimento ou aparentou me enganar. Era categórica ao falar sobre Francesco. De minha parte, decidi que jamais contaria sobre o caso de Francesco com Marta. Talvez meu irmão gostasse de viver uma aventura perigosa, sendo que o ciúme demonstrado por Giovanna, deveria tê-lo instigado mais ainda a ter aquele caso. Não sei o que passara pela cabeça dele, mas muitos homens gostam desse tipo de coisa. Em minha mente, eu me perguntava se seria possível um homem amar duas mulheres. Bem... Até o momento, eu nunca havia vivido situação parecida para ter idéia de como seria isto. Na verdade, preferia não viver. Acho que eu era um jovem conservador demais.

Continuei a conversar com Giovanna durante horas. Ela me contou de todos os seus planos para o futuro. Disse que estava querendo abrir um pequeno negócio em um Shopping da cidade. Disse também que desejava viver um grande romance com alguém. Perdemos as contas e

André Prado

tomamos várias garrafas de vinho. Estávamos alegres e descontraídos. Percebi que ela já estava um pouco alterada com a bebida. Disse a ela que eu tinha que partir. Ela solicitou que eu não fosse embora. Insisti, mas ela me segurou pelas mãos. Falou que estava sozinha e que há muito tempo não recebia visitas. Disse inclusive que aquele era o dia de folga da empregada e não queria ficar só. Pedi para que eu fosse até a cozinha e lhe preparasse um suco de caju. Assim o fiz, afinal, imaginei que não devia ser nada fácil conviver com a solidão. Ao retornar da cozinha, tive uma surpresa inesperada. Confesso que senti minhas faces enrubescendo ao ver aquela cena. Giovanna estava em pé sobre a mesa de mármore, permitindo que seu roupão deslizesse lentamente de seu corpo até cair no chão. Fiquei estagnado, totalmente sem reação. Será que foi somente o efeito do vinho que a teria deixado naquele estado? Notei que ela fez um sinal com a mão, pedindo para que eu me aproximasse. Eu continuava parado, observando suas curvas. Reparei que sua genitália estava totalmente depilada, demonstrando explicitamente suas partes mais íntimas. Meu coração disparou, eu não esperava aquela cena. Eu já estava há algum tempo sem ter relações sexuais devido à minha briga com Paola. Giovanna dizia que estava muito carente e começou a dançar sensualmente sobre a mesa. Eu continuava imóvel com o copo de suco na mão. Milhares de coisas passaram rapidamente em minha mente. Giovanna desceu da mesa e veio em minha direção. Tirou o copo de minha mão e começou a me despir. Tirou a gravata, a camisa e começou a morder delicadamente meu peito. Depois começou a baixar-se, lambendo-me com seus lábios sensuais. Abriu o zíper de minhas calças e puxou meu membro para fora.

Alcatéia

Eu estava extremamente confuso. Estava louco de desejo e ao mesmo tempo desejando evitar aquela situação. Entretanto, meu corpo começou a responder aos estímulos provocados por Giovanna. Meu membro estava plenamente enrijecido. Giovanna já o acariciava com seus lábios. Era uma coisa de louco, não sabia o que fazer. Cheguei a pensar em Francesco e até em Paola. Nesse momento, dei conta de que Giovanna havia desabotoado completamente minhas calças e as mesmas já estavam envolvendo meus pés. Giovanna continuava a acariciar meu membro sem parar. Senti que ela estava realmente com sede para fazer sexo. Minha razão continuava a brigar contra a natureza humana. Estava realmente no limiar, completamente dividido. Pensei em empurrá-la e sair correndo, mas não conseguia. Certamente não adiantaria eu lutar contra meu corpo. Aquela dúvida toda acabou por me excitar de vez. Peguei Giovanna abruptamente pelos braços e levantei-a. Meu instinto animal aflorou pela pele. Ela pareceu gostar da situação. Comecei a morder seu pescoço de forma animalasca. Embora não a ferisse, deixava-lhe algumas marcas vermelhas. Ela não evitava e pedia mais. Acredito que queria ser introduzida bruscamente. Terminei de tirar totalmente minhas calças ainda presas aos meus pés. Com uma das mãos, puxei Giovanna pelos cabelos e a coloquei de quatro com a face encostada na mesa de mármore. Mantinha minha mão presa aos seus cabelos, pressionando sua face contra a mesa. Fiz com que meu membro entrasse velozmente em sua genitália. Giovanna começou a dar berros de prazer no exato momento em que comecei os movimentos de vai-e-vem. Seus gritos ecoavam por todo apartamento, a cada vez que meu corpo colidia fortemente ao seu. Eu parecia estar sentindo prazer e raiva ao mesmo

André Prado

tempo, pelo fato de ter-me entregue a ela. Não éramos duas pessoas, éramos dois selvagens tendo relação sexual. Assemelhava-nos a dois animais fazendo sexo de forma compulsiva. A genitália de Giovanna ficou tão lubrificada, que meu membro ficou completamente umedecido. Eu continuava em movimentos cada vez mais rápidos. Dava para ouvir em alto e bom tom o impacto de nossos corpos quando se encontravam. Em apenas alguns minutos de delírio, iríamos atingir o prazer total. A genitália de Giovanna parecia sofrer contrações rítmicas a cada vez que ela gozava. Seu gozo parecia infinito. Não dava para agüentar mais. Ao ouvir o grito dela atingindo o orgasmo, senti meu membro descarregando todo meu sêmen dentro de sua genitália. Continuei agarrado a ela durante alguns segundos. Depois larguei seus cabelos e deite-me ofegante no tapete. Ela deitou-se ao meu lado com o corpo todo suado. Não dissemos uma palavra sequer. Quando minhas batidas cardíacas voltaram ao normal, peguei minhas roupas e me vesti rapidamente. Giovanna continuou deitada completamente nua. Ao ver que estava de saída, com um simples olhar de satisfação, agradeceu-me pelo feito. Acho que ela precisava daquilo para esquecer Francesco e começar a viver novamente. Era como se o ocorrido tivesse aberto as portas para continuar uma nova vida. Parecia sentir-se liberta depois de tudo. Tanto eu como ela parecíamos compreender o ocorrido sem nada dizer. Sabíamos que aquela seria nossa primeira e única relação íntima durante nossas vidas. Saí de seu apartamento tão atordoado, que não sabia se deveria ir para casa ou para a empresa. Novamente, várias coisas começaram a passar pela minha mente. Lembrei-me da lição que havia aplicado em meu primo Giacomo. Também fiquei com sentimento



Alcatéia

de culpa em relação a Paola. Sentia-me como se tivesse cometido um dos maiores atos de traição, mesmo tendo ciência de que não estávamos mantendo um relacionamento naquele momento. Acho que tudo aquilo ocorreu porque eu ainda sentia apenas uma grande paixão por Paola. Caso a paixão já tivesse se transformado em amor verdadeiro, certamente nada daquilo aconteceria. Acho também que eu estava extremamente carente, assim como Giovanna. Decidi ir direto para casa, pois minhas roupas estavam completamente amassadas.



André Prado



Alcatéia

Capítulo XV

A Festa

Duas semanas se passaram e Paola parou de ligar. Enfim, chegou a noite de sábado, dia da grande festa na sede da Associação! Selecionei um de meus melhores ternos. Eu estava praticamente sozinho em casa, pois felizmente meus pais já estavam na fazenda. Apenas alguns empregados estavam em seus aposentos. No mais, somente os cachorros e eu naquela enorme mansão. Os capangas que vestiam preto também voltaram a me vigiar. Já estava sentindo saudade deles. Agora, um ficava no carro e outro com uma motocicleta Kawazaki, uma das melhores motocicletas produzidas no mundo. Atingia uma velocidade bastante significativa! Bem... Eu por minha vez não vacilava. Estava sempre armado, somente em locais públicos ou rodeado de pessoas conhecidas. Mudava sempre meu percurso para chegar aos diversos lugares a que costumava ir. Algumas vezes, chamava a polícia para tocá-los de frente de casa. Mas não adiantava nada, pois rapidamente eram liberados e estavam novamente montando acampamento na frente de casa. A alegação era sempre a mesma: “Estes homens têm a ficha limpa”. Nada podia incriminá-los e, através do

André Prado

direito de ir e vir, permaneciam onde bem entendiam.

Terminei de me arrumar e fiquei aguardando Ernesto. Pedi para que ele passasse em casa para irmos juntos à festa. Por voltas das 21:30h, ouvi uma buzina. Abri parte da janela no andar superior de casa, verificando se era realmente Ernesto. Ao identificá-lo à distância, fechei a janela e depois fui em sua direção. Entrei em seu carro e, assim que começamos a nos deslocar, reparei que os capangas saíram para nos seguir. Não comentei nada com Ernesto, pois não queria deixá-lo assustado. Exceto no momento em que partimos, não fiquei mais olhando para trás, assim, provavelmente evitaria que meu amigo desconfiasse de algo. Chegamos à festa por volta das 22:00h. Era uma festa cheia de luxo e requintes. Ao chegar, reparei que havia muitas pessoas. Primeiramente, haveria uma homenagem aos empresários que deram maior lucro para a Associação. Na seqüência, haveria um coquetel para todos os que ali estavam. Havia um grande palco, local onde os empresários seriam homenageados.

A cerimônia iniciou-se. O mestre de cerimônias convidou algumas pessoas para compor a mesa. Foram anunciados alguns dos Diretores, o Presidente e a Secretária Executiva. Assim foi feito. Paola estava deslumbrante como sempre. Para minha surpresa, o Presidente da Associação era o mais novo de todos. Ernesto disse que seu nome era Vincenzo Ferrara. Informou que ele era um jovem inteligentíssimo e competente. Havia sido eleito recentemente para uma gestão de quatro anos. Sua empresa era uma das que mais gerava lucro para a Associação. Os empresários o elegeram, por acreditar que a organização cresceria excepcionalmente. Achei muito interessante tudo aquilo. Fiquei um pouco desconfiado

Alcatéia

pelo fato de empresários mais velhos terem elegido uma pessoa muito jovem para assumir o poder. Geralmente, estes empresários mais idosos se diziam cautelosos e evitavam eleger gente nova. Achavam que os empresários mais jovens não dispunham da experiência necessária. De minha parte, sempre achei isto uma tolice enorme. Caso um jovem disponha de boas idéias, espírito inovador, sensatez e liderança, acho que oportunidades devem ser concedidas. Precisamos de renovação em todos os setores da sociedade, principalmente no meio político! Temos que mesclar sangue novo com sangue velho, unir a experiência com a inovação. Mas para isto, os jovens que assumirem o poder não devem se deixar influenciar pelo sistema e brilho propiciado pelo poder. Devem enfatizar e focar coisas boas e honestas.

Bem...A cerimônia começou a ter andamento. Ao serem citados pelo mestre de cerimônia, os empresários subiam alguns degraus, recebiam um troféu do Presidente e os cumprimentos de todos os membros que compunham a mesa. Anotei discretamente a Razão Social de todas as empresas homenageadas e seus respectivos empresários premiados. Entre estes, como eu esperava, foram condecorados o Padre e o General. O momento mais interessante foi quando Vincenzo, o próprio Presidente, foi anunciado para receber a homenagem referente à sua atuação como empresário. Meu coração chegou a disparar quando ouvi a razão social de sua empresa. A denominação de sua empresa era Edo Factoring. Certamente, eu acabara de descobrir mais um canalha. Mas com certeza, ainda haveria muito a descobrir. Seria muito interessante investigar todas as empresas que estavam sendo homenageadas naquela noite. Assim, poderia ter uma idéia

André Prado

concreta da procedência de cada uma delas. A cerimônia terminou e fomos encaminhados para uma enorme sala onde seria servido o coquetel. Existiam garçons por toda a parte. Ernesto e eu pegamos taças de champanhe e ficamos a conversar discretamente em um canto. Não tão distante, observei que Vincenzo não se distanciava de Paola. Coincidentemente, neste instante Paola percebeu que eu estava presente. A partir daí, observava-me incessantemente. Trocávamos olhares e percebi que ela queria me dizer algo. Paola tentou se distanciar do Presidente, mas ele a segurou pelos braços. Observei que ele a olhava com certo interesse. Aliás, tive a impressão de que ele a olhava com desejo ardente. De repente, passou-me pela mente que Paola e Vincenzo poderiam estar tendo um caso. Isto justificaria o fato dela não querer se expor junto a mim. Bem... Não dava para saber o que estava acontecendo realmente. Observei todos naquela festa, inclusive quais eram os grupos que compunham cada roda de conversas. Pedi licença a Ernesto para ir ao banheiro. Ao me deslocar, um garçom colocou discretamente, um pequeno bilhete em meu bolso. Ao chegar ao banheiro, notei que era um bilhete de Paola, onde estava escrito o seguinte: "Encontre-me em dez minutos, na sala de seminários. Por favor, não chame a atenção de qualquer pessoa". Fui ao banheiro e depois de um tempo adentrei um comprido corredor. Existiam muitas portas, mas felizmente todas tinham uma plaqueta identificadora. Cheguei à sala de seminários. Ao entrar, comecei a procurar os interruptores. A escuridão era total. Senti um perfume no ar. Paola deveria estar perto de mim. De repente as luzes se acenderam. Tomei um susto enorme. Ela disse:

- Você não deixou ninguém saber para onde veio?

Alcatéia

- Por que tem tanto receio de ser vista comigo?

- Já conversamos sobre isto...

- Creio que sim... Mas seus argumentos não me convenceram. Será que é pelo fato de você ter algum relacionamento com o Presidente da Associação?

- Relacionamento? Não entendi o que você quis dizer com isto!

- Sim... Tenho certeza de que você entendeu! Mas vou repetir a pergunta de outra forma... Está tendo um caso com Vincenzo?

- Você está me ofendendo, Bruno!

- Observei os olhares dele direcionados para você. Além disto, já que você tomou a iniciativa de achar que eu estava tendo um caso com minha secretária, reservo-me o mesmo direito agora!

- Vamos parar com esta conversa ridícula! - disse ela - Quero saber por que você está me evitando. Tenho telefonado à sua procura e tenho percebido que você está fugindo de mim!

- Já disse! Tudo isto é porque seus argumentos não me convenceram!

- Bruno... Vamos deixar de bobagens... Estou apaixonada por você!

- Está? Então vamos assumir este relacionamento. Vamos retornar à sala do coquetel de mãos dadas. Vamos mostrar para todo mundo que estamos juntos.

- Não posso... - disse ela em tom de desânimo.

- Por que não pode? Seu papai está vigiando a filhinha?

- Deixe de cinismo, Bruno!

- Será que sou eu quem é o cínico neste contexto?

- Escute-me, por favor! Vamos manter nosso romance

André Prado

às escondidas. É apenas uma questão de tempo. Eu prometo!

- Não sei se isto é adequado, Paola... Por que não quer ser vista comigo?

- Não posso lhe dizer agora. Mas é apenas uma questão de tempo.

- Vou pensar... - disse dando-lhe as costas.

Antes de sair, Paola puxou-me pelos braços e deu-me um suave beijou na boca. Isto me deixou mais confuso ainda. Saí e retornei à sala onde ocorria a recepção. Conversei mais um pouco com Ernesto. Pouco tempo depois, pedi para ele me levar embora. Atacado pela insônia, quase não dormi aquela noite. Paola parecia ter-se tornado uma assombração em minha vida, daquelas bem difíceis de esquecer. Eu estava ficando muito atormentado com tudo aquilo.

Alcatéia

Capítulo XVI

A Rota

Dia 27 de setembro. Acordei de uma noite mal dormida por volta das 7:00h. Tomei um banho demorado e fui para o escritório. Era o dia de realizar um novo acesso. Como das outras vezes, no horário estipulado conectei meu computador através da rede mundial. Por volta das 9:10h já estava vendo as primeiras mensagens. A senha foi solicitada. Provavelmente, a senha seria: “BERGSON”. Após digitar fiquei aguardando a validação. Para minha surpresa, apareceu a seguinte mensagem: “Senha Negada! Tente novamente. Somente haverá mais uma oportunidade! Caso digite a senha errada, os dados desta fase serão destruídos e também não será possível prosseguir em fases posteriores”. Meu coração disparou. Fiquei perplexo, completamente assustado. Comecei a relembrar as aulas de filosofia da Faculdade. Talvez fosse interpretação de alguns autores, considerar Bergson um filósofo existencialista. Tudo era muito complexo, mas comecei a lembrar-me dos comentários de um amigo que estudava filosofia. Tudo estava um pouco nebuloso em minha mente, mas caso eu não estivesse enganado, ele havia comentado

André Prado

que Bergson foi citado como um filósofo integrante do “Racionalismo”. Talvez fosse isto. Para meu desespero total, apareceu uma contagem regressiva me alertando que se não digitasse a senha correta em 10 segundos, o programa seria interrompido e os dados totalmente apagados. Pensei rapidamente e ainda temeroso, no local indicado para a senha, arrisquei: “HUSSERL”. Também foi considerado um filósofo muito interessante! Foi bastante estudado pelos filósofos seguidores da mesma linha de pensamento. Propunha uma ciência que ficou conhecida como “Fenomenologia”. Segundo ele, esta ciência deveria servir de fundamento à filosofia. Isto realmente era interessante, pois todos dizem que foi da filosofia que todas as outras ciências surgiram. Sua teoria descrevia coisas como a intuição originária. Preceituava que somente conseguimos representar intuitivamente uma quantidade limitada de objetos. Chegou a publicar algumas obras que enfatizavam a lógica.

Enquanto estava pensando, o computador havia iniciado outra busca para verificação da última senha digitada. Minhas mãos estavam trêmulas de tanto nervosismo. Quando o computador validou a senha como correta, não pude me conter e dei até um grito de alegria! Bem... Mas nem tudo estava definido ainda. Teria que ganhar pelo menos duas partidas. Iniciei a partida. Agora, no canto superior esquerdo do computador, estava sendo demonstrada a mensagem: “Nível Intermediário - Fase III”. Certamente, tudo seria mais difícil do que nas partidas anteriores. Céus! Uma distração fez com que eu perdesse a primeira partida. Acho que foi a insônia noturna que acabou contribuindo para que isto ocorresse. Não era momento de vacilar. Prestei extrema atenção e ganhei a

Alcatéia

segunda partida com pouca vantagem. Estava cansado de pensar, mas teria que disputar e ganhar a terceira partida para descobrir quais seriam as informações preciosas que seriam reveladas. Joguei atenciosamente. Fiz uma jogada errada e quase perco o jogo. Mas graças ao Bom Deus, ganhei a terceira partida. Que sufoco!

Aguardei alguns instantes enquanto o computador processava algumas informações. Fiquei abismado. Um mapa mundial apareceu na tela do computador. Pontos em diversos países e continentes começaram a aparecer na tela, sendo interligadas com alguns traços. O título acima demonstrava: “Rota do Tráfico”. A indicação contendo nomes de traficantes, aeroportos clandestinos e localizações começaram a aparecer na tela. Eram muitos, muitos mesmo! A conexão era monstruosa em sua grandiosidade. Parecia não ter fim. Liguei imediatamente a impressora e acionei o comando para que fossem emitidas cópias de tudo que estava sendo demonstrado. Breve, o computador finalizou a operação. Desta vez não me congratulou pelo ganho da partida. Abaixo, forneceu o endereço eletrônico e o próximo dia para o acesso. Certamente, depois daquela partida, seria bom eu começar a treinar e a jogar mais xadrez. Caso contrário, jamais desvendaria por completo todo o esquema. Juntei o material impresso e mais o que havia guardado no cofre. Coloquei tudo em minha pasta e fui para casa. No cofre de casa, certamente este material estaria mais seguro. Eu estava entrando em paranóia. Não confiava em mais ninguém. Mas pensando bem, tinha que ser assim. Por enquanto, minha vida dependia de meu silêncio.

Já em casa, observei alguns endereços nos jornais de detetives particulares. Visitei vários endereços e acabei por

André Prado

contratar um senhor que se identificou como Carlos Alexandrino. Talvez este fosse um pseudônimo utilizado por ele. Apresentou vários casos solucionados, mantendo sempre em sigilo o nome de seus clientes. Mostrou-me também toda a tecnologia que dispunha para executar seus serviços de investigações. Certamente não eram poucos os recursos que o homem possuía para suas especulações profissionais. Ele não tinha família e sempre tinha o hábito de trabalhar sozinho. Achava que desta forma evitaria problemas com o vazamento de informações sigilosas. Conversamos durante horas com ele, mas não revelei a imensidão de coisas que eu já havia descoberto. Designei como missão inicial ao detetive, algumas investigações sobre Paola, bem como o levantamento da localização de endereços de alguns provedores de acesso à rede mundial. Eu precisava saber o que ocorria em algumas dessas localidades conectadas à rede mundial de computadores. Afinal, era necessário checar o que estava ocorrendo nesses locais, para saber da veracidade dos fatos que estavam sendo revelados à minha pessoa. E quem sabe possivelmente, descobrir alguma pessoa que poderia estar-se ocultando através dos acessos de computador. Combinamos o valor do serviço e um local discreto para um encontro futuro. Na saída observei para ver se não estava sendo seguido por algum dos capangas. Felizmente, não havia nenhum deles por perto. Não estavam acostumados com minha presença em casa naquele horário, por isso, saí tranquilo quando fui à procura de um detetive. Eles costumavam ficar vigilantes nos meus horários habituais, ou seja, principalmente no final da tarde. Neste horário chegavam e permaneciam até amanhecer, ocasião em que eu saía para trabalhar. Geralmente me

Alcatéia

acompanhavam até a empresa, depois pareciam evaporar-se. Provavelmente saíam para descansar em algum lugar nas proximidades.

Retornei para casa e resolvi não sair mais naquele dia. À noite, liguei para a fazenda para saber como estava o pessoal. Fiquei feliz em saber que todos estavam se adaptando. Entretanto, recebi uma triste notícia de Tia Bettina. Ela informou que meu primo Jarno deveria estar passando por algum problema. Comentou que recebeu algumas ligações telefônicas dele durante as madrugadas e ele parecia estar sempre embriagado. Pediu para eu telefonar e dar-lhe alguns conselhos, tendo em vista que Jarno gostava muito de mim. Comecei a tranquilizá-la. Pedi para que ficasse sossegada. Informei que eu viajaria para Porto Alegre com o intuito de tentar descobrir o que estava acontecendo. Solicitei que me transmitisse o endereço atual de Jarno. Assim sucedeu e Tia Bettina manifestou sua completa gratidão. Achei estranho o comportamento de meu primo. Sempre aparentou ser um jovem tão ajuizado e equilibrado. Bem... De toda forma, fiz uma reserva para o vôo da tarde do dia seguinte.

Pela manhã fui ao escritório transmitir algumas instruções de rotina à secretária. Aproveitei para ir até o depósito da distribuidora. Havia um gerente que eu dizia ser o braço esquerdo da família, afinal, era canhoto. Há muitos anos ele trabalhava na distribuidora e era uma pessoa de inteira confiança. Coordenava as atividades do depósito com pulso firme. Eram cerca de noventa funcionários sob seu controle. Obviamente, dispunha de alguns supervisores para auxiliar em suas tarefas. As cargas contendo bebidas chegavam e eram despachadas para diversos pontos do Brasil. Uma parte da produção era

André Prado

exportada. Outra parte restante era vendida através de nossa empresa para suprir o mercado interno. Também revendíamos vinhos importados para atender o desejo de alguns clientes mais antigos. Como nosso lema sempre foi de que o cliente sempre tem razão, assim fazíamos para agradar a todos. Gostava de ir ao depósito conversar com os funcionários. Achava muito interessante ouvir seus anseios, esclarecer dúvidas e estar sempre aberto ao diálogo. Anunciei que estava planejando um aumento na produção e também a troca dos prêmios mensais destinados apenas aos melhores funcionários, por um percentual de participação nos lucros destinado a todos, sem exceção. Esperava que a legislação não criasse entraves para eu implantar este último detalhe. Informei que estava querendo aumentar nossa capacidade produtiva, e, para isto, entre outros, era necessário aumentarmos a produtividade. Todos ficaram satisfeitos. Retornei ao escritório e fui almoçar com a nova secretária. Aos poucos, ela estava se adaptando ao trabalho. Melissa era dedicada e demonstrava sempre atenção aos detalhes. Ao chegar ao restaurante, solicitei o cardápio. Escolhemos o prato da casa; aparentava ser muito apetitoso. Enquanto aguardávamos a comida, comentei com Melissa os planos que tinha para a empresa e todos os funcionários. Ela gostou das idéias e chegou a dar algumas sugestões interessantes. Anotei para estudá-las com carinho. Após o garçom servir-nos, tive a sensação de estar sendo observado. Olhei ao redor e percebi que Paola acabara de chegar para almoçar com sua secretária. Imediatamente ela olhou para Melissa. Pensei comigo mesmo que certamente ela imaginaria que estava tento um novo caso. Por que será que muitas pessoas sempre imaginam o aspecto malicioso das

Alcatéia

coisas? Bem... Fazer o quê? Prossegui meu almoço tranqüilamente. Paola fez questão de sentar-se o mais próximo possível. Notei que ela não tirava os olhos de mim. Por minha vez, fiquei a observá-la a maior parte do tempo. Após a sobremesa, solicitei a conta. Esta veio acompanhada de um bilhete de Paola. Estava escrito: "Encontre-me sábado às 09:00h em minha sala na sede da Associação. Por favor, não deixe de vir!". Paguei a conta e fui embora. Como ainda era quarta-feira, haveria tempo para pensar se iria ou não ao encontro. Na verdade eu continuava apaixonadíssimo por Paola. Ela conseguia balançar todas as minhas estruturas. O simples jeito que ela me olhava, já era o suficiente para me deixar eufórico. Eu somente não conseguia entender por que ela não queria tornar público nosso romance.

Na parte da tarde, peguei o vôo para Porto Alegre. Devido a uma escala inesperada, cheguei à noite. Solicitei um táxi e fui para o apartamento em busca de meu primo. Ao chegar, expliquei ao porteiro que era parente de Jarno e queria lhe fazer uma surpresa com minha chegada inesperada. Enfatizei para que não me anunciasse de forma alguma. O humilde homem assim o fez. Cheguei ao andar desejado e percebi que havia um som alto vindo do apartamento. Pelos gritos que ouvi ainda no hall de acesso, tive a impressão de que deveria estar havendo uma orgia. A porta estava semi-aberta. Fui entrando com uma mala com poucas roupas que levei, pois minha intenção era partir ainda no outro dia se possível. Ao entrar no recinto, em vez de fazer uma surpresa, acabei tendo outra maior ainda. A porta que abria permitia entrar diretamente na sala de estar. Havia uma pequena mesa de vidro no centro da sala, repleta de carreiras de cocaína. Jarno estava caído ao

André Prado

lado, completamente desacordado. Notei que seu nariz estava sangrando. Fiquei apavorado e tive um ataque explosivo. Desliguei o som e comecei a tocar todos do apartamento. Alguns não entendiam nada, se é que estavam raciocinando. Alguns não queriam sair, por isso, comecei a gritar mais alto. Um deles puxou-me pelo paletó e provavelmente pretendia me agredir. Mas ao ver que estava armado, mudou de opinião rapidamente e foi embora. Após saírem todos, fechei a porta e desloquei-me até o banheiro. Enchi a banheira com água fria. Retornei até a sala e despi Jarno, deixando-o apenas de cuecas. Peguei-o no colo e coloquei-o na banheira de maneira segura, para que não se afogasse. Peguei uma lista telefônica e entrei em contato com um hospital tentando encontrar um médico que atendesse a domicílio. Uma atendente pediu para que transmitisse o que estava acontecendo. Informei que era possivelmente um caso de intoxicação proveniente do excesso de bebidas. Finalmente, ela passou o telefone de um médico. Não estava a fim de expor meu primo a maiores constrangimentos, se é que isto já não lhe ocorrera outras vezes em que eu não estive presente. Não sabia se ele tinha usado uma overdose de tóxicos. Portanto, eu teria que aguardar um médico para saber do diagnóstico. Liguei para o médico e enquanto aguardava, comecei a recolher as garrafas de bebidas e a limpar a cocaína sobre a mesa. Joguei tudo fora. Fui até o banheiro e observei que meu primo continuava desacordado. Finalmente o médico chegou. relatei-lhe o que havia realmente acontecido. Tiramos Jarno do banheiro e o levamos para uma cama no quarto. O médico queria removê-lo para o hospital. Eu solicitei para somente fazer isto em caso de extrema necessidade. Finalmente meu primo começou a dar sinais

Alcatéia

de vida, mas dormiu logo na seqüência. Provavelmente, além de inalar cocaína, havia bebido bastante. O médico aplicou a medicação necessária. Disse para deixá-lo repousar e qualquer possível sinal de piora, entrar em contato imediatamente com ele. Bem... Só restava esperar. Fui para a sala e liguei a televisão. Observei meu primo algumas vezes durante a noite.

Finalmente amanheceu. Abri todas as janelas do apartamento, inclusive a janela do quarto onde Jarno dormia. Percebi que começou a despertar, por isso, sentei-me numa poltrona em frente da cama de solteiro dele. Fiquei aguardando o lento despertar. Quando acordou completamente, tomou um susto enorme:

- Primo! O que está fazendo aqui? – indagou assustado.

- Estou tentando salvá-lo da ruína! Você já ouviu falar em pessoa certa no momento certo? Não sei o que seria de você se eu não tivesse chegado aqui. Agora imagine por um só segundo, se fosse seu pai e sua mãe que o tivessem encontrado neste estado deprimente. Qual seria a reação daqueles que o criaram com todo amor e carinho? O que eles iriam pensar ao encontrar um filho neste estado decadente? O que estará acontecendo com você? Não está escolhendo certo as suas amizades?

- Sem essa, primo! Vai querer dar lição de moral?

- De forma alguma... Deus deu livre arbítrio para escolhermos vários caminhos para nossas vidas, inclusive o caminho que leva à destruição. Admira-me um jovem tão inteligente como você, ter partido nesta barca furada. Será que a droga já detonou todos os seus neurônios?

- Que é isto? Era apenas uma festinha entre amigos!

- Amigos? Chama aqueles indivíduos que aqui estavam de amigos? Você estava desmaiado em um canto e eles nem

André Prado

deram a mínima importância! Acho que você perdeu o bom senso de vez.

- Primo, não se aborreça! Como eu poderia ter uma idéia de como é o efeito das drogas sem experimentá-las?

- Experimentar é uma coisa completamente diferente de tornar-se um dependente químico!

- Quem disse que sou dependente?

- Basta olhar para você. Cheirou tanto esse ácido maldito que chegou até a ter suas narinas corroídas. Você perdeu totalmente o controle, chegando até a perder a lucidez.

- Confesso que exagerei um pouco ontem...

- Impossível que tenha usado drogas somente ontem. Você tem que se livrar deste vício desgraçado. Ou será que irá consumir drogas até sua vida ter um fim? Você sabe por acaso a composição química desta porcaria que você inala de forma alucinada?

- Sei...

- Pois é! Agora me diga, por que faz isto?

- É porque me sinto melhor! Fico mais desinibido e conquisto as pessoas com maior facilidade.

- Doce ilusão meu querido primo! Você não está conquistando ninguém. Está rodeado de pessoas que não se encontraram e também não sabem para onde ir. Digame... Como se sente depois que o efeito da droga passa?

- Deprimido...

- Pois é! Acha legal que alguma coisa eleve você a um padrão de euforia tão alto e depois que o efeito passa lhe deixe em tão baixo astral? Usuários de drogas tentam fugir da realidade. Mas quando voltam a si, o que resta senão a própria realidade? Sim... Uma realidade repleta de frustração acompanhada de uma grande depressão.

- Pare com este papo careta! - gritou ele.

Alcatéia

- Careta porque faz sentido, não é? Este é o mesmo linguajar utilizado por aqueles que querem levá-lo para ao fundo do poço. Será que a vida não dá para ser vivida sem essas porcarias das drogas? O que dependentes químicos produzem de útil para sociedade? Quantas pessoas eles têm realmente ajudado? Com certeza ninguém! Aliás, são eles que precisam de ajuda!

- O que é isto, primo! Tem muita gente boa neste meio!

- Sim... Existe uma infinidade de pessoas perdidas tentando se encontrar nesta vida. O que você tem que entender é que qualquer coisa em excesso é extremamente prejudicial. Caso você não tenha controle sobre algo e deseje sempre uma dose a mais, é porque já perdeu o domínio sobre si mesmo! E para que afinal? Apenas para se exibir? Desde quando inalar drogas até cair no chão passou a ser bonito? Além do mais, nós estamos cansados de saber que o uso de drogas contribui grandemente para o aumento da violência?

- Sim...

- Então por que continua usando?

- Não sei...

- Você me desaponta! Um estudante universitário que sempre teve tudo que sonhou! Mesmo tendo conhecimento de que algo faz mal para sua saúde, ainda assim continua a consumir? Primo... Acorde para a realidade! Enxergue o mundo do jeito que ele é. Você acha que os verdadeiros traficantes, aqueles que vivem livremente em coberturas ou mansões luxuosas, aqueles que colocam testas de ferros nas favelas para fazer o trabalho sujo e levar a fama que lhes deveria ser atribuída... Você acha que eles são consumidores de drogas ou desejam isto para sua família ou filhos?

André Prado

- Acho que não...

- Então! Mas para as outras pessoas e nossas crianças eles desejam, não é? Lógico! Eles vivem deste comércio ilícito. Observe a porta das escolas que sempre tem alguém vendendo drogas. O interessante é que atualmente, estão mais à procura de jovens de classe média ou alta, pois estes têm mais dinheiro para comprar o bagulho. E todos podemos notar como tem aumentado o nível da violência entre os jovens pertencentes a estas classes. Quando estão sob o efeito das drogas, são valentes, arrogantes e destemidos. Quando o efeito passa, sofrem com o pânico e ficam com mania de perseguição. Você acha que isto é vida? Como fica a saúde mental desses dependentes? E sabe quem sofre mais com tudo isto? É a família! Atualmente, ninguém está isento de ter um dependente químico dentro de casa. O interessante é que não é por falta de orientação. De toda forma, alguns jovens alienados continuam comprando drogas para acabar com a própria vida. Sei que não vou mudar o mundo, primo. Sei que sempre existirão consumidores destas coisas... Mas meu coração deseja que você não faça parte deste rol. Digo isto porque sempre o amei. Caso não me importasse com você, não estaria nem aqui.

- Primo... - emocionado agarrou-me pelos braços - Preciso de ajuda! Você tem razão... Esta porcaria está me levando à loucura. E estes que se dizem meus amigos, realmente não me acrescentam coisa alguma.

- Graças a Deus! - falei levantando as mãos pra cima - Até que enfim um pouco de lucidez! Pode ter certeza, primo, que o admiro muito mais desta forma do que sob o efeito de drogas. Agora você acaba de dar um sinal de sensatez. Será preciso muita coragem e força para sair

Alcatéia

desta. Terá que lutar com verdadeiros monstros e fantasmas. Terá que fazer sua inteligência dominar suas vontades. Somente assim você se libertará disto! Terá que ser muito forte.

- Engraçado, primo... Após esta conversa, estou começando a refletir que existem muitos usuários de drogas, que a consomem para bater altos papos e demonstrar como são inteligentes... Curioso, quem é realmente inteligente não entra nessa!

- Você está repleto de razão! Cada pessoa tem um organismo, e o efeito da droga ocorre de diversas formas. Alguns não se viciam... Outros não têm a mesma sorte. Não os condeno, pois precisam de ajuda. Temos que estender a mão para ajudá-los a sair desta situação.

- Você vai contar alguma coisa para mamãe?

- Não... Este fato ficará entre nós! Eu sabia que uma boa conversa poderia resolver isto. Em muitos outros casos a conversa já não resolve mais. Mas você sempre teve boa índole e sempre foi uma pessoa muito coerente. Irei procurar uma clínica de recuperação para dependentes químicos. Concorda?

- Sim. - disse ele com os olhos cheios de lágrimas.

Admirei a coragem e determinação de meu primo. Muitas pessoas envolvidas com este tipo de coisas acreditam que não precisam de ajuda. Contatei algumas clínicas e fomos fazer visitas. Optamos por uma que aparentava oferecer os melhores recursos. Ele perderia um semestre na Faculdade, mas caso continuasse sendo um dependente químico, perderia muito mais do que isto. Deixei-o em boas mãos e disse que manteria contato. Logo que sáísse de lá, arranjaria uma forma de transferir seus estudos para São Paulo. Assim evitaria que aqueles que se



André Prado

diziam “amigos”, o levassem para as ruínas novamente. Fazer o quê? Afinal existem pessoas que não podem ver alguém pular no buraco que já querem pular atrás, levando junto uma legião de alienados. É como diz o velho ditado: “Cada cabeça, uma sentença!”. Não devemos ficar divagando a respeito de questões como estas, apenas devemos estender as mãos àqueles que necessitam de nossa ajuda.

Alcatéia

Capítulo XVII

O Reencontro

Enfim chegou o sábado. Havia decidido ir ao encontro marcado por Paola. Pressionei o comando do controle remoto para abrir o portão da garagem e deparei-me com os dois capangas. Nem nos finais de semana eu tinha sossego. Bem... Certamente eles me seguiriam até a empresa. Como acordei agitado naquele sábado, resolvi “tirar um sarro” da cara daqueles capangas. Aqueci minha moto, ainda na garagem, e saí para a rua. Antes de partir definitivamente, fiz um gesto insinuando: “venham me pegar!”. Os capangas primeiro ficaram me olhando, sem compreender nada, depois que entenderam o recado, partiram com tudo atrás de mim. No que se refere ao capanga que dirigia o carro, eu não tinha preocupação nenhuma. No primeiro semáforo ou engarrafamento, eu o deixaria para trás. Mas quanto ao que pilotava a moto, queria saber se realmente ele era bom sobre duas rodas. Deixei aproximar-se um pouco mais. Depois comecei a acelerar para valer. Ingressamos em uma imensa avenida. A moto que ele pilotava tinha um bom motor e era muito veloz. A máquina que eu estava pilotando, também não

André Prado

ficava atrás. Abri certa vantagem sobre ele. As motocicletas podiam até se equiparar quanto à potência do motor, mas um bom piloto sempre faz a diferença. Pressionei o freio dianteiro e inclinei a moto para uma curva. Meu joelho quase tocou o chão. Até que o capanga não era ruim. Fez a curva sem maiores complicações. Acelerei em uma seqüência de retas e curvas até ingressar em uma avenida. O movimento não era muito intenso pelo fato de ser sábado. Havia apenas alguns veículos por perto. Acelerei tudo novamente. O medidor de rotações de minha moto atingia o vermelho em quase todas as marchas. Atravessamos dois semáforos no amarelo e percebi que não estávamos sós. Não sei de onde surgiram alguns carros de polícia. Bem... O jeito era acabar com a brincadeira antes de aparecerem mais reforços policiais. Ingressei em uma transversal. Pelo espelho retrovisor, observei a moto e o veículo em perseguição. Na frente havia um semáforo cuja sinalização passava do amarelo para o vermelho. Os carros começavam a parar formando uma espécie de corredor. Notei que logo à frente dois veículos estavam parados muito próximos. Era a oportunidade que eu precisava para testar a coragem e a habilidade de meu oponente. Caso eu tentasse passar normalmente sem nenhuma inclinação, a carenagem de minha moto seria destruída entre os carros e eu poderia até levar um tombo. O jeito seria empinar a moto e passar no meio daquele pequeno vão. Assim o fiz... Acelerei para elevar a rotação do motor e a roda dianteira levantou-se assim que soltei a embreagem. Ufa! Foi a conta de passar naquele vão e o semáforo indicou a cor vermelha. Adentrei uma avenida transversal e acelerei tudo. Mas antes acenei fazendo um gesto irônico para o capanga que não teve a mesma perícia de fazer a manobra que eu fiz para passar

Alcatéia

entre os carros. Aliás, percebi que ele ficou possesso gesticulando com as mãos, pois além de ter que frear bruscamente, ainda quase bateu nos veículos. As viaturas da polícia ficaram presas no engarrafamento. Provavelmente eles pediriam reforços via rádio, informando o nome da avenida em que eu prossegui. Mais esperto que eles, tomei outro sentido para evitar encontrar surpresas pelo caminho.

Depois da aventura, cheguei na empresa. Deixei a moto na garagem do edifício. Entrei no elevador e percebi que não havia nenhum ascensorista trabalhando no sábado. O jeito foi apertar o botão que me levaria ao andar onde Paola certamente estava me aguardando. Cheguei ao andar desejado e fui em direção da sala dela. Não havia ninguém naquele andar. Nos finais de semana, aquilo se assemelhava a um deserto. Acho que somente estavam trabalhando os seguranças patrimoniais, que também executavam a função de porteiros. Raramente faziam uma ronda. Ao chegar, percebi que a porta da sala de Paola estava aberta. Atravessei a dependência de acesso e fui entrando. Ao entrar, notei que ela estava sentada lendo alguns documentos. Sentei-me em uma confortável cadeira e deixei que ela iniciasse a conversa. Enquanto isso, minha adrenalina teria tempo para baixar depois da arte que eu havia aprontado nas ruas. Paola indagou:

- Oi... Tudo bem?
- Tudo...
- Você parece estar preocupado ou é impressão minha?
- Talvez...
- Nossa... Que resposta evasiva!
- Por favor, não faça rodeios e vá direto ao assunto!
- Calma... Não é tão fácil conversar com você

André Prado

ultimamente. Eu chego a planejar tudo o que quero lhe dizer anteriormente, mas quando chego perto de você...

- Por favor, Paola... Sem cinismo!

- Cinismo? Por que insiste em duvidar de meus verdadeiros sentimentos? - falou ela em tom elevado.

- Pelo simples fato de que você me dá motivos para pensar assim! - respondi de imediato.

- Bruno, por favor, entenda... Gosto muito de você! Estou completamente apaixonada! Tem sido uma tortura ficar sem sua companhia. Escute-me... Tenho uma proposta que gostaria que ouvisse...

- Proposta?

- Sim... Gostaria de propor a continuidade de nosso romance.

- E que condições? Escondendo nosso amor de todas as pessoas?

- Temporariamente... Peço-lhe apenas que tenha paciência para aguardar mais alguns meses...

- Por que alguns meses?

- Não posso revelar os motivos neste momento, Bruno. Mas prometo que assim que eu resolver alguns problemas, você será a primeira pessoa a saber de todos os acontecimentos.

Percebi que havia sinceridade nas intenções de Paola, mas decidi não responder nada prontamente. Dirigi-me para a sala ao lado, onde havia uma comprida mesa para reuniões. Aproximei-me da janela e fiquei olhando o movimento do trânsito na avenida abaixo. Não havia como eu ficar resistindo a algo que parecia ser mais forte do que minha própria vontade. Discretamente, Paola aproximou-se de mim. Virei-me e notei que ela estava belíssima usando um vestido vermelho. Ela percebeu que

Alcatéia

eu estava muito pensativo. Abraçou-me ternamente e depois me beijou suavemente. Seu olhar demonstrava sinceridade em suas intenções. Eu ainda estava confuso, mas permanecia completamente frágil diante dela. Eu me assemelhava a uma criança indefesa. Ela começou a acariciar-me com suavidade. Nisso comecei a sentir um calor subir das pernas até a cabeça. Beijou-me vagorosamente, deixando-me enlouquecido. Comecei a corresponder aos estímulos provocados. Estávamos nos beijando em pé. Fui arrastando-a lentamente, conduzindo-a até que consegui encostá-la na comprida mesa de madeira nobre destinada a reuniões. Levei minhas mãos bem ao meio de suas pernas. Acho que ela tentou transmitir algo com o olhar, talvez insinuando que aquele não era o local mais apropriado para ocorrer o que estava preste a acontecer. Realmente poderia chegar alguém, mas eu duvidava que isto pudesse acontecer durante o sábado. Quem sabe ela não quisesse que algo acontecesse ali apenas pelo fato de ser seu local de trabalho. Mas eu não dei chance para ela dizer nada, unindo firmemente meus lábios naquela boca gostosa. Ela estava usando um salto alto, acompanhando a mesma cor do vestido. Como não havia mais como recuar, Paola sentou-se na mesa. Levantei seu vestido olhando-a com muito desejo. Sensualmente ela olhou-me e entregou-se de vez para deixar eu praticar todas as minhas intenções. Fazendo charme, ainda tentou afastar-se de mim ao deslizar de costas na mesa encerada. Puxei-a novamente para frente, aproveitando para erguer seu vestido até a altura da cintura. Observei que inclusive sua calcinha era vermelha, o que me deixou mais excitado ainda. Essa cor de roupa íntima quase sempre desperta algumas fantasias masculinas. Soltei meu cinto e deixei

André Prado

minhas calças caírem ao chão. Paola parecia não estar acreditando que aquilo aconteceria naquele lugar. Abri suas pernas e entrei no vão destas. Coloquei meu membro para fora e puxei a calcinha dela para o lado. Ela estava com um semblante de excitada e indecisa ao mesmo tempo. Talvez tivesse retornado a dúvida dela se deveria deixar tudo aquilo acontecer ali mesmo. Antes que ela questionasse qualquer coisa, abri suas pernas mais ainda. Comecei a acariciar seu clitóris com a ponta de meu membro. Neste momento, ela fechou os olhos demonstrando uma feição de que estava sentindo prazer. A partir deste ponto, percebi que não havia mais como ela resistir. Assim, puxei-a pela cintura, fazendo com que meu membro penetrasse completamente em sua genitália. Aquela mesa de reuniões tinha a altura ideal. Paola começou a gemer baixinho. Eu comecei a aumentar a velocidade dos movimentos. Em apenas alguns segundos, percebi que sua genitália estava completamente úmida. Percebendo que não havia mesmo uma forma de impedir os acontecimentos, ela entregou-se de vez ao prazer. Depois de alguns minutos de sussurros mais altos, Paola pediu para que parasse um pouco. Eu não queria, mas observei pelo seu olhar que ela almejava fazer algo melhor. Ao afastar-me, ela saiu correndo em volta da mesa para que eu a pegasse. Entregamo-nos de vez à brincadeira. Parecia ser coisa de criança, mas já que era o desejo dela e dizem que todo adulto possui uma criança dentro de si... Reparei que ela era bem rápida. O jeito foi cortar caminho por cima da mesa. Ela disse sorrindo que isto era trapaça. Fiquei mais repleto de desejo com aquela brincadeira toda. Fui cercando-a até deixá-la sem saída. Tomei-a fortemente em meus braços. Ajoelhei-me e minha face coincidia com a altura de sua cintura.

Alcatéia

Peguei firmemente nas abas de suas calcinhas. Ela olhou sem entender a princípio minhas intenções, até o momento que rasguei abruptamente aquela peça íntima. Pensei que iria ficar possessa, mas riu ao ver a calcinha cair ao chão. Aproveitei a posição e comecei a acariciar a sua genitália com meus lábios. Era assim que eu sempre apreciei fazer. Entre duas pessoas apaixonadas, vale tudo que for consenso. Depois de alguns delírios, Paola se desvencilhou e começou a correr novamente. Desta vez, foi para a outra sala e ficou atrás da sua mesa de trabalho. Pulei por cima da mesa e segurei seu braço com uma de minhas mãos. Com a outra mão, joguei tudo que havia na mesa dela no chão. Desde telefone, até suas agendas e objetos pessoais. Encostei-a novamente na mesa e a fiz deitar-se por completo. Ajeitei-me na mesa e deitei-me por cima de Paola, fazendo com que meu membro adentrasse novamente sua deliciosa genitália. Pronto... Agora não havia mais como ela escapar de mim. Comecei a friccionar lentamente meu membro naquela vulva vigorosa. Como era gostoso sentir novamente aquela emoção. Minha vontade era continuar sentindo aquela sensação por toda eternidade. Paola olhava-me transmitindo o desejo de que não queria que eu parasse. Assim o fiz, pois eu também não queria parar. Começou lento, foi ficando cada vez mais rápido. Fomos elevando o desejo gradativamente, até atingirmos juntos o clímax total. Gozamos insaciavelmente. Mesmo após atingir o ápice do prazer, não saí de cima dela. Obviamente que não soltei todo o peso de meu corpo. Disse algumas palavras carinhosas e dei-lhe alguns beijos. Depois me levantei e desci da mesa. Neste instante, reparei que as persianas da sala de Paola estavam totalmente levantadas. Notei que no prédio da frente existiam algumas pessoas

André Prado

debruçadas nas respectivas janelas. Eu achava quase impossível que tivessem visto tudo o que aconteceu devido a grande distância. Mas se porventura alguns tivessem conseguido enxergar as cenas de amor, e estivessem esperando que eu ficasse constrangido, estavam perdendo tempo. Jamais fiz parte do clã dos reprimidos sexuais. É como diz o ditado: “Quem não fez, não sabe o que é! E para quem já fez, não é mais novidade!”. Nunca consegui tolerar o falso pudor de algumas pessoas. Sexo é uma capacidade natural existente em muitos seres vivos. Também não é por causa disto que devemos nos tornar verdadeiros depravados sexuais e nem sair transando com qualquer pessoa que aparecer na frente. Afinal, temos que ter bom senso e buscar o equilíbrio em todas as coisas. Devemos fazer amor com quem gostamos ou sentimos desejo. Jamais devemos nos reprimir. Bem, naturalmente ainda sem roupas, baixei as persianas para que Paola não ficasse constrangida. Estava tranqüilo quanto à minha pessoa, mas ela podia não ser tão liberal assim. Sei que do outro lado não deveria dar para ter uma visão definida de nossas fisionomias, mas poderia ser que alguém enxergasse algo. Paola pareceu intimidar-se um pouco ao ver aquelas pessoas, mas depois sorriu. Comentou que no prédio da frente alguns cursos de tecnologia eram ministrados aos sábados. O importante é respeitarmos a individualidade das pessoas, embora cada um tenha seu jeito de ser. Antes de sair, contei o fato ocorrido comigo enquanto estávamos separados. A meu ver, a sinceridade é o princípio de tudo. Ela olhou-me profundamente nos olhos e perguntou se existia algum sentimento significativo entre Giovanna e mim. Informei que não. O acontecido foi um gesto puramente fisiológico entre duas pessoas que estavam

Alcatéia

carentes. Acrescentei que não estava sequer interessado em Giovanna. Paola continuou olhando firmemente em meus olhos, até que não restassem dúvidas do que eu havia dito. Informou que acreditava em mim, afinal, qualquer outra pessoa teria omitido o fato. Ela disse que se eu havia ficado com sentimento de culpa, era porque minhas intenções eram verdadeiras para com ela, não sentindo nada realmente por Giovanna. Beijou-me ternamente e perdoou-me. Mas para não fugir à regra, fez-me prometer que daquele momento em diante, atos de traição jamais voltassem a ocorrer, principalmente, se estivéssemos temporariamente brigados. Eu prometi que assim ocorreria. Fiquei encantado com a capacidade de perdoar de Paola. Não são todos os seres humanos que possuem o dom. É como dizem: “Quem ama verdadeiramente, sempre perdoa”. Neste momento, aumentou ainda mais a admiração por Paola.



André Prado



Alcatéia

Capítulo XVIII

A Confirmação

Após dois meses, o detetive contratado agendou um encontro em um restaurante afastado do centro da cidade. Quando cheguei, já estava me esperando. Realmente era um senhor bem distinto. Seu sotaque era um pouco diferente do paulistano. Certamente havia sido criado no interior do estado. Vestia um terno marrom, muito bonito por sinal. Falava em um tom adequado de voz, sem jamais chamar a atenção para si. Realmente era muito discreto. O restaurante chamava a atenção pelo seu grande tamanho. Naquela ocasião, estava quase vazio. O local para sentarmos fora escolhido pelo próprio detetive, de forma estratégica num dos cantos do restaurante. Não havia ninguém ao redor e também não era passagem de acesso aos banheiros ou cozinha. Pedimos o cardápio e solicitamos o almoço. Somente após o garçom servir-nos e se afastar, é que iniciamos nossa conversa sobre o assunto mais pertinente. Como eu estava bastante inquieto, perguntei em tom baixo:

- Alguma novidade?

- Várias! Investiguei todos aqueles locais que você me pediu.

André Prado

- E o que descobriu?

- Descobri que os locais são usados para de distribuição de drogas. Um dos lugares investigados chegou a me dar calafrios. De longe observei alguns homens transferindo drogas para os armazéns. Depois observei que alguns caminhões chegavam e suas rodas eram desmontadas próximas ao armazém. Algum tempo depois, as rodas eram novamente colocadas. Isto aconteceu com uma seqüência de caminhões em quase todas as madrugadas em que realizei as investigações. Certamente transportam drogas dentro das câmaras nos pneus dos caminhões.

- Interessante isto! E o que mais descobriu?

- Em outro local investigado, tive um pouco mais de trabalho. O lugar inicialmente aparentava estar acima de qualquer suspeita. Era uma casa comum, habitada por uma família comum. Após duas semanas sem nenhum êxito, resolvi “grampear” o telefone da casa. Gravei até uma fita. Caso queira ouvir está à sua disposição. Somente não deverá ouvi-la aqui no restaurante, pois pode chamar a atenção de alguém.

- De forma alguma... Passe-me a fita discretamente que a ouvirei em casa. Mas por favor, continue! – falei pegando a fita.

- Descobri que o chefe da família fazia negócios com os colombianos e bolivianos. Achei muito interessante o linguajar utilizado por eles, pois usavam um palavreado estranho no meio da conversa. Certamente, eram códigos usados para especificar o nome de drogas. O pagamento é feito com dinheiro “lavado” por uma empresa cuja Razão Social ainda não descobri, mas já estou recolhendo algumas informações relativas ao fato.

- E o que mais descobriu?

Alcatéia

- Isto é tudo que descobri até o momento sobre os locais. Quanto aos provedores de acesso à Internet, não descobri nada sobre os endereços eletrônicos que me passou. Mas entrei em contato com um jovem, que é filho de um conhecido. O garoto entende muito de computadores. Dizem que ele é um “hacker”, ou seja, um desses piratas do mundo cibernético. Ele descobriu que estes endereços eletrônicos estão “mascarados”, ou seja, em outras palavras, eles encobrem os verdadeiros endereços eletrônicos, realizando o que eles chamam de redirecionamento. Por incrível que pareça, alguns provedores que fazem isto de operação são de acesso gratuito. Qualquer pessoa pode se cadastrar com um apelido e depois criar este tipo de “máscara” para ocultar o endereço real no universo virtual. O mais interessante é que neste caso específico, o provedor está localizado na Inglaterra.

- Inteligente quem fez isto! - comentei.

- Bastante! E não tenho como ir além disto no que se refere a este assunto. Logicamente, a pessoa que criou o redirecionamento usou um nome falso acompanhado de senha. Tentar entrar em contato com o provedor inglês, certamente não resultará em nada. Somente através de ordem judicial é que um provedor pode ser obrigado a fornecer os dados cadastrais de alguém. Além do mais, estes dados ainda poderão ser falsos. Mas caso acredite que possa conseguir êxito, possivelmente você terá que se informar a respeito dos procedimentos legais com um advogado que possua conhecimentos sobre Direito Internacional. Não tenho a mínima noção de como tramitam estes processos, mas acredito que não é interessante recorrer a estes meios morosos. Por enquanto, o jovem pirata que lhe mencionei está tentando descobrir a senha através de um programa

André Prado

especial. Até o momento não obteve êxito, pois tem receio de ser localizado, não podendo permanecer conectado ao espaço virtual durante muito tempo. Mas mesmo que consiga, cabe ressaltar que não deve alimentar suas esperanças, pois todos os dados podem ser fictícios e raramente poderão nos levar a algum lugar.

- Está ótimo! E Paola? O que descobriu sobre ela?

- A bela garota? - falou ele com um sorriso maroto.

- Isto mesmo... A bela garota... - respondi pausadamente.

- Descobri que ela trabalha muito, aliás, no mesmo local onde você possui uma empresa de...

- Sim, trabalhamos no mesmo edifício. Desculpe-me por interrompê-lo. Por favor, prossiga!

- Descobri que ela mora em um hotel. Trata-se de um "Flat", que dispõe de todos os serviços.

- Percebeu se ela tem alguma companhia? Amigos ou qualquer coisa similar?

- Existe uma pessoa que sempre vai ao hotel...

- Quem é? - interrompi novamente.

- Trata-se de uma mulher que depois descobri ser a secretária dela.

- Ainda bem! - falei aliviado.

- Sabia que ficaria preocupado!

- Sabia?

- Sim...

- Por quê?

- Pelo simples fato de que vocês estão vivendo um romance! - falou ele observando minha reação e continuou a conversa logo em seguida - Não fique constrangido, pois investigar faz parte de meu serviço. Reparei que vocês se encontram discretamente em diferentes motéis, geralmente

Alcatéia

um pouco antes do horário de almoço. Comumente vocês freqüentam motéis que possuem duas garagens. Ela chega sempre alguns minutos após você. E notei que você sai sempre cerca de 10 minutos após a partida dela.

- Reparou se por eventualidade, nós estamos sendo seguidos por alguém?

- Sempre observo se estou sendo seguido e não percebi nenhuma presença suspeita próxima das dependências do motel. Por enquanto, você pode ficar sossegado!

- O senhor é bom mesmo no que faz. Manifesto minhas sinceras congratulações pelos serviços prestados.

- Obrigado! Tento ser sempre o mais profissional possível! Mas tem apenas um último detalhe...

- Qual? - perguntei curioso.

- Ela envia regularmente algumas cartas. Subornei um servidor dos correios, para descobrir os endereços das cartas. Descobri que todas têm o mesmo destino...

- Que destino?

- Itália! - falou empurrando-me um pequeno pedaço de papel constando o endereço anotado.

- Muito interessante... - falei pegando o pedaço de papel e aproveitando para passar um envelope contendo dinheiro - Aqui está seu pagamento! Qualquer custo adicional é só me comunicar!

- Espere... Lembrei-me de uma coisa sobre Paola...

- Pois então diga! - respondi preocupado com a feição que o detetive fez.

- Fique tranquilo... Paola aparenta ser uma boa moça... Mas após "grampear" o telefone dela, percebi que freqüentemente ela recebe ligações de um tal Vincenzo... Acho que é esse mesmo o nome... - falou olhando em suas anotações.

André Prado

- Correto... E o que ele diz para ela nas ligações telefônicas?

- Geralmente tenta marcar encontros com ela para almoços, jantares, passeios, festas ou coisas parecidas...

- E ela aceita?

- Até o momento ela não aceitou nenhum convite. Paola alega sempre estar muito cansada ou que tem um outro compromisso agendado. Mas o rapaz é insistente e sempre continua ligando.

- Obrigado mais uma vez pelas informações!

- Você deseja que eu investigue algo mais?

- Por enquanto não... Caso precise de seus serviços novamente, entrarei em contato.

- Então fico devendo-lhe apenas o nome da empresa que faz a lavagem de dinheiro. Descobrir isto é uma questão de honra para mim. - falou ele com certa empolgação.

- Tome cuidado, detetive! Já deve ter percebido o grau de periculosidade que existe neste caso.

- Com certeza, Bruno... Mas minha profissão me instiga a correr riscos. Enquanto eu não descobrir todos os detalhes, não conseguirei dormir sossegado. Aqui está um relatório de tudo o que foi investigado até agora. - falou estendendo a mão com um relatório.

Peguei o relatório, puxei a carteira e paguei a conta. Resolvi dar um dinheiro extra ao detetive a título de gratificação pelo bom trabalho executado. Com certeza ele era um bom homem. Investigar era algo inerente à sua vida. Provavelmente, ele não conseguiria viver sem exercer aquela profissão. Observei que os olhos dele brilhavam e um sorriso aparecia-lhe sempre ao rosto nos momentos em que relatava suas descobertas. Foi muito bom contratá-

Alcatéia

lo, pois desta forma, pude constatar que os dados fornecidos através do computador, eram totalmente verídicos. Saí do restaurante, montei na moto e fui para a empresa. Como ainda era horário do almoço, nenhum capanga me seguiu. Provavelmente, deviam estar dormindo, já que passavam a noite toda em vigilância na frente de casa. Certamente só os veria mais tarde, no horário em que eu saísse da empresa.



André Prado



Alcatéia

Capítulo XIX

Nova Iorque

Enfim o final de ano se aproximou. Eu estava extremamente exausto e tenso com todos os acontecimentos. Paola e eu havíamos combinado de sair de férias juntos. Reservei duas passagens para Nova Iorque, com o máximo de sigilo. Retornaríamos após o ano novo. Para nós seria ótimo, pois poderíamos ficar juntos todo o tempo. Em outro país, não haveria porque ficar escondendo nosso romance. Encontramo-nos às 9:00h no aeroporto. Eu estava um pouco preocupado e olhava atento para ver se não estava sendo seguido. Minha tática foi ir de carro até a empresa, levando minhas bagagens no porta-malas. Os capangas, como de costume, me seguiram até a frente da empresa. Porém, eu já havia combinado com um taxista, para que me aguardasse no subsolo do edifício, local onde se localizava a garagem reservada para os empresários e funcionários da Associação. Ao chegar, adentrei o estacionamento e transferi minhas bagagens para o porta-malas do táxi. Ao sair não vi mais os capangas nas imediações. Certamente só voltariam mais tarde, horário em que eu estava habituado a ir para casa. Bem, para minha

André Prado

tranqüilidade, até o momento em que embarcamos não observei nada de suspeito no aeroporto. Ingressamos no avião e nos sentamos. Ouvimos o aviso para apertarmos os cintos. Assim o fizemos. Após a decolagem, a comissária de bordo perguntou o que desejaríamos comer ou beber. Alimentamo-nos e começamos a conversar:

- Nem acredito que estamos sós! - disse ela entusiasmada.

- Eu também não! - confirmei.

- Você parece estar um pouco mais tranqüilo agora. Parecia estar tenso antes do embarque.

- Realmente, Paola... Mas estou melhor. Acho que estava temeroso devido ao vôo...

- Não acredito que tenha receio de viajar de avião. Deveria ter mais medo de viajar de moto, pois é muito mais perigoso.

- Com certeza... Mas quando estou pilotando uma moto, não sei o que acontece. Transformo-me em outra pessoa... Perco o medo de tudo.

- Isto é perigoso!

- Sim... Mas graças ao bom Deus, até hoje somente levei alguns tombos insignificantes. Alguns motociclistas dizem que estes tombos são necessários, pois são considerados como uma espécie de batismo.

- Coisa de louco, não é? - disse ela sorrindo.

- Sim... Mas ninguém é completamente lúcido neste mundo, não acha?

- Com certeza, Bruno... Com certeza...

- Eu mesmo já cansei de observar alguns psicopatas paranóicos soltos por este mundo. Alguns devem ter até carteirinha de manicômio, embora não apareçam nem para dormir. - falei satirizando.

Alcatéia

- Cuidado... Você pode ser um destes! - disse ela em tom de brincadeira para descontraír.

- Acho que já sou um destes! - falei sorrindo - E conforme o tempo passa estou ficando mais louco ainda!

- Mais louco?

- Sim... Louco de paixão por você!

- Será?

- Pode escrever que eu assino embaixo.

- Quer que eu grite para que todas as pessoas do avião saibam o quanto sou apaixonado por você? - falei começando a levantar-me.

- Você é louco? Sente-se agora mesmo!- disse ela segurando-me pelo braço.

- Mas vou ter que falar isto pelo menos para alguém - gesticulei chamando a comissária de bordo.

Paola ficou um pouco apreensiva com meu ato, até o momento em que a comissária chegou. Perguntei:

- Por favor, comissária... Você dispõe de remédios no avião?

- Sim senhor, disponho de alguns... Deseja remédio para que fim?- respondeu educadamente a moça.

- Preciso de um remédio para o coração...

- Coração? Está se sentindo mal, senhor?

- Sim, comissária... Desde que conheci esta moça que está sentada ao meu lado, passei a sofrer do coração... Trata-se de amor à primeira vista. Eu já fiz de tudo que podia e já não sei mais como tratar esta doença. Será que tem cura?

Rimos todos juntos, inclusive alguns passageiros sentados ao lado prestando atenção em nossa conversa. Depois da explosão de risos, Paola, ainda sorrindo, deu-me um leve beliscão. Acho que foi um jeito carinhoso de

André Prado

dizer que aprovou o feito. Reparei que ela estava um pouco cansada, quando encostou suavemente sua cabeça em meu ombro. Breve ela pegou no sono. Encostei minha cabeça levemente sobre a dela. Prossegui o resto da viagem meditando sobre todos os fatos ocorridos após a morte de Francesco. Próximo a Nova Iorque, acordei Paola. A comissária já havia anunciado para apertarmos os cintos. Olhei pela janela do avião e comecei a observar a bela cidade de Nova Iorque. Era impressionantemente linda aquela vista aérea. O avião pousou para desembarcarmos. O hotel onde eu tinha reservado hospedagem havia enviado um motorista para nos buscar. Notei que ele estava segurando uma placa com nossos nomes. Ficaríamos na região central de Manhattan. Fomos de limusine, uma confortável cortesia do hotel. Paola possuía inglês fluente, bem melhor que eu para comunicar-se. Afinal, estava acostumada a negociar com empresários de diversos locais do mundo. Era graduada em Administração de Empresas com ênfase em Comércio Exterior.

Assim que chegamos ao Chelsea Hotel, dirigimo-nos à recepção. O hotel esbanjava luxo e requinte. Queria fazer uma surpresa para Paola, pois havia reservado um apartamento na cobertura. Era caríssimo, mas para que serve o dinheiro a não ser para gastá-lo? Eu não assumia riscos na vida empresarial por qualquer trocado. Com certeza eu tinha direito a férias repletas de conforto e repouso. Dois rapazes já haviam subido com nossas bagagens e o ascensorista nos aguardava com a porta do elevador aberta. Eu estava vestido com um sobretudo azul-marinho. Paola usava um suéter cinza. Dentro das dependências do hotel, havia um condicionador de temperatura que mantinha o local aquecido. Esta época em Nova Iorque costumava ser

Alcatéia

muito fria. Enfim, chegamos à cobertura... Enquanto Paola a percorria maravilhada com o ambiente, eu aproveitei para dar gorjetas aos rapazes que levaram as bagagens. Es-tava com fome. Liguei para o serviço de quarto do hotel e solicitei um farto jantar para as 21:00h. Os cômodos da cobertura eram enormes. Tudo era muito elegante e aconchegante. O piso parecia uma verdadeira obra de arte. Estava tão lustrado que dava para ver reflexo de nossa imagem quando caminhávamos pelo local. O quarto era confortabilíssimo, havendo uma enorme cama no centro. Notei que o colchão e o travesseiro eram extremamente macios, revestidos com seda. Dentro do quarto havia uma suíte. Era quase indescritível a elegância da mesma, sendo o acabamento inteiramente em mármore. Para entrar na enorme banheira, tínhamos que subir alguns degraus. Caso quiséssemos, poderíamos inclusive ligar a sauna durante o banho. Não resistimos e tomamos um relaxante banho. Ficamos cerca de uma hora usufruindo daquela água aquecida e falando sobre coisas boas. Na seqüência, coloquei o roupão e fui atender a porta. Era um rapaz do serviço de quarto que trouxe o jantar. Preparou a mesa e adequou as luzes da sala ao lado, de forma que não ficasse muito escuro. Acendeu três velas de um castiçal no centro da mesa. Romântico, não? Jantar à luz de velas. Ao lado da mesa havia uma enorme janela com um vidro bem transparente. Dela olhávamos aqueles gigantesco edifícios com muitas luzes acesas. Tudo estava lindo. Eu me apaixonei por aquela visão panorâmica. Certamente jamais esqueceria aquelas imagens. Paola sentou-se de um lado da mesa. Por conseguinte, sentei-me do outro. Ficamos um pouco distantes, mas isto lembrava alguns filmes a que tínhamos assistido em nossas vidas.

André Prado

Ao concluir o jantar, acendi a lareira em uma grande sala. Deitamos em um tapete macio que deveria ter cerca de dez centímetros de espessura. Tomamos algumas taças de vinho branco e ficamos completamente eufóricos e excitados. Começamos a nos acariciar, com os pés voltados para a lareira. Eu estava com uma vontade louca de fazer amor do jeito mais tradicional. Assim, ajoelhei-me entre as pernas de Paola. Logo depois comecei a me debruçar lentamente sobre ela. Meu membro penetrou sua genitália suavemente, iniciando movimentos uniformes de modo vagaroso e delicado. A temperatura de nossos corpos começou a se elevar. Estávamos pegando fogo. Pelo vão de minhas costas, eu comecei a sentir algumas gotas de suor deslizarem até minhas nádegas. Paola mantinha seus olhos fechados em alguns intervalos. Parecia ter iniciado uma viagem astral. Sua feição demonstrava um gozo infinito. Começamos a beijar-nos insaciavelmente. Mesmo beijando-me, Paola continuava gemendo e seu corpo aparentava tremer de prazer. Eu não queria atingir o clímax rapidamente. Desejava aproveitar ao máximo daquela sensação. Paola idem. Murmurava palavras de amor aos ouvidos dela, somente para deixá-la mais enlouquecida ainda. Ela sentia meu membro friccionando sua genitália profundamente. Meus cotovelos em torno de Paola serviam-me de apoio para permanecer sobre ela. Estávamos aproveitando o leve balançar de nossos corpos, aproveitando cada estímulo que nossos corpos nos proporcionavam. Em alguns momentos, apoiava-me com um só cotovelo para poder alisar seus belos seios com a outra mão. Paola arrepiava-se toda. Notei que a superfície de seus seios ficava mais rígida quando eu fazia este tipo de carícia. Nossos órgãos genitais estavam extremamente

Alcatéia

lubrificados. A genitália de Paola parecia que iria pegar fogo. Eu já não agüentava mais permanecer sem ter o gozo final. Iniciei movimentos mais rápidos. Paola agarrou firmemente minhas nádegas, enquanto as mesmas subiam e desciam contra seu corpo, pressionando-as para baixo, fazendo o impacto de meu corpo sobre o dela ser maior ainda. Ela aparentava desejar que, além de meu membro, eu também entrasse inteiramente dentro dela. Comecei a atingir o êxtase total. Ao sentir que eu estava gozando, Paola, que já havia gozado diversas vezes, começou a atingir o orgasmo múltiplo. Era a coisa mais linda vê-la gozando, parecia que seu corpo iria levitar com tantas vibrações. O orgasmo feminino tem a vantagem de parecer ser infinito. Após todo o delírio, permanecemos abraçados e conversamos durante alguns minutos. Depois silenciámos por um instante e ficamos a nos observar de modo apaixonado. Depois fomos para a cama e dormimos envoltos em um gostoso cansaço. Antes de dormir, percebi que meus sentimentos estavam mudando em relação a Paola. Já não era mais apenas uma paixão avassaladora. Eu estava sentindo o amor verdadeiro fluindo por minhas veias. Agora, não era somente a beleza dela que me atraía, e sim, sua pessoa, companhia, virtudes mais bonitas, enfim, todo um contexto que criava um desejo incessante de estar sempre perto dela. Eu não queria mais me afastar de forma alguma. Acredito, inclusive, que se ela me fizesse uma proposta para continuarmos escondendo aquele romance para o resto da vida, eu seria capaz até de aceitar. Eu almejava estar ao lado dela pelo resto de minha vida e já era capaz de fazer qualquer sacrifício para que isto ocorresse. Era um desejo maior que minha própria racionalidade.

André Prado

Durante uma semana, não saímos das dependências hotel. Sabíamos que as pessoas em Nova Iorque gostam de promover muitas festas nesta época do ano, mas queríamos aproveitar nosso amor avassalador. Em uma ocasião, deixamos de solicitar o jantar nos aposentos, para saborear a refeição no restaurante que ficava no primeiro andar. Aquele local oferecia muitas atrações para seus hóspedes. Chegamos a assistir “Hamlet”, de Shakespeare no anfiteatro do hotel. Havia um barzinho apaixonante com uma pista de dança bastante discreta. Bebemos um pouco e dançamos pela noite adentro. Para o fim da madrugada, um pianista e saxofonista atendiam pedidos de músicas de poucas pessoas que ainda permaneciam acordadas. Tudo era realmente magnífico, esplêndido e maravilhoso. Para satisfazer as fantasias de Paola, tirávamos nossas roupas toda vez que entrávamos no apartamento. Ainda bem que o aquecedor mantinha o local em temperatura agradabilíssima. Não preciso nem dizer que fazíamos amor quase que incessantemente. Eu achava interessante como um simples toque de Paola era capaz de me estimular. Tivemos relações em todos os cômodos existentes. Paola gostava de brincar. Gostava que eu corresse pelado atrás dela por todo o apartamento. Minha missão era capturá-la e fazer amor. Na parte externa do apartamento, havia uma piscina térmica. Ao entrar, Paola abraçava-me e trançava suas pernas por trás das minhas, encaixando nossos sexos apropriadamente. Ficávamos namorando um bom tempo dentro d’água. Eu caminhava lentamente pela piscina com ela abraçada a mim. Sussurrava em seus ouvidos que nunca uma mulher conseguiu me proporcionar tanto prazer. Apesar do frio fora da piscina, um dia ela fez com que eu corresse nu

Alcatéia

atrás dela na parte externa. Ao pegá-la no colo, pulei rapidamente dentro d'água. Caso não fizesse isto, acho que nossos corpos congelariam ao relento. Ela somente ria, o que a tornava mais bonita ainda.

Já na segunda semana, fomos passear por Nova Iorque. Muitas lojas já estavam enfeitadas para o Natal, ficando abertas até determinadas horas da noite. Andamos por quase toda a Quinta Avenida. Paola emocionou-se ao ver através da vidraça de uma loja, que havia neve caindo nas ruas. Ainda bem que estávamos bem agasalhados. Nova Iorque oferece restaurantes com comida típica de quase todas as cozinhas do mundo. Jantamos em um elegantíssimo restaurante italiano. Caso não estivesse enganado o local era conhecido como “Il Brunello”. Ficava entre a Quinta Avenida e a Avenida das Américas, também conhecida por Sexta Avenida. Depois, fomos sorridentes repousar no hotel.

No outro dia resolvemos passear novamente. Por volta das 12:30h, fomos ao restaurante “Berger’s”. Após a refeição, ficamos aguardando uma peça de teatro que iria iniciar por volta das 15:30h. Como ainda tínhamos tempo de sobra, resolvemos visitar a famosa praça “Times Square”. Após visitarmos a praça, retornamos para assistirmos à peça teatral, muito encantadora por sinal. Eu não compreendia algumas partes, solicitando para Paola me auxiliar na tradução. A apresentação foi demorada, por isso, resolvemos jantar antes de voltarmos ao hotel, em um requintado restaurante localizado entre a Broadway e a Oitava Avenida. Bastante freqüentado, era conhecido como “La Primavera”. A comida estava simplesmente sensacional. Após o jantar, retornamos lentamente ao hotel pisoteando a neve que havia no chão.

André Prado

No dia seguinte visitamos o Central Park. Transformamo-nos em duas crianças novamente. Corríamos entre as árvores sem parar. Havia nevado muito naqueles dias, e o parque estava quase todo encoberto pelos brancos flocos de gelo. Paola começou a formar bolas de neve, pressionando-as entre as luvas. Eu já estava imaginando o que aconteceria. Não deu outra, foi somente eu me distrair um pouco e ela jogou um monte em minhas costas. Bem... Uma guerra amistosa foi inevitável. Corríamos e nos protegíamos atrás de algumas árvores ressecadas pelo frio. Eu consegui acertar-lhe uma boa quantidade de bolas de neve e ela apenas algumas. Depois da brincadeira, ao sair do parque, fomos visitar a conhecida rua dos brasileiros, também conhecida como Rua 46 ou “Little Brazil”. Sentimo-nos em casa. Não precisávamos nem falar inglês.

Nos demais dias fomos a vários lugares interessantes. Entre outros visitamos: Museu de Arte Moderna, Catedral St. Patrick’s, Centro de Convenções Jacob Javits, Jardim da Praça Madison, Biblioteca Pública, Little Italy, Chinatown e Wall Street. Nova Iorque é um lugar incrivelmente exuberante. Não é à toa que a apelidaram de “Big Apple”. Realmente é uma grande maçã sedutora, ou seja, a tentação em forma de cidade paradisíaca. Provavelmente um lugar tão bom quanto o Jardim do Éden, local onde ocorreu o pecado original cometido por Adão e Eva. A vida noturna em Nova Iorque é extremamente bela e envolvente, principalmente naquela época onde todas as árvores estavam enfeitadas com pequenas luzes de natal. A cidade estava completamente enfeitada para seus moradores e turistas. Os edifícios eram todos muito bem conservados, a arquitetura e a aparência eram de impressionar.

O tempo passou muito rápido, como era de se esperar.

Alcatéia

Estávamos na véspera de Natal. Paola e eu, decidimos passar o Natal no apartamento do hotel. Tratei de solicitar alimentos necessários para uma boa ceia. Percebi que Paola estava um pouco triste e perguntei:

- Por que está triste?

- Desculpe-me, Bruno... É que esta época lembra-me meu pai.

- Por que não entra em contato com ele?

- Porque ele não está mais entre nós.

- Perdoe-me... Eu não sabia.... Quer falar sobre isto?

- Não falo muito sobre minha família...

- Mas falar será bom! Desabafe comigo!

- Tudo bem... Nasci na Itália. Em decorrência de um parto complicado, minha mãe veio a falecer. Meu pai era um humilde mordomo, trabalhava na casa de um temido mafioso conhecido como Dom Gianmarco Montessori. Apesar de corrupto, era bom patrão para meu pai e os demais funcionários. Dom Gianmarco casou-se e logo depois sua esposa engravidou. Assim que o bebê nasceu, ela enviou a criança, sem a autorização do pai, para ser criada por amigos de confiança no Brasil. Eram tempos difíceis e ela não queria que o filho fosse criado naquele ambiente hostil. Dom Gianmarco ficou possuído com muito ódio quando soube que seu filho não estava sob sua guarda. Interrogou sua esposa incessantemente para tentar descobrir a localização da criança. Como não foi declarado o paradeiro do bebê, em um momento de fúria, ela foi expulsa da casa. Desta forma, ela reuniu rapidamente algumas mudas de roupas e entrou no carro, pedindo para o motorista conduzi-la até a casa de seus pais. Assim que o carro passou pelos dos portões da mansão, alguns homens armados pararam um automóvel e fuzilaram o veículo. Certamente

André Prado

achavam que Dom Gianmarco estava sendo conduzido a algum local, mas na verdade, era sua esposa quem foi atingida. Posso afirmar que foi um enorme engano, pois todos sabem que a máfia poupa mulheres e crianças da morte. Na ocasião, eu era apenas uma criança. Estava brincando no jardim no momento em que tudo ocorreu. Já tinha idade para compreender tudo o que acontecera. Observei Dom Gianmarco atravessar os jardins aos gritos. Chegou próximo ao veículo e logo percebeu que o motorista estava morto. Aos prantos, abriu a porta do carro e tomou sua esposa nos braços. Observou que ela ainda estava consciente. Gritou pedindo ajuda aos empregados, mas sabia que seria impossível salvá-la do inevitável. Com lágrimas no rosto, eu ouvi Dom Gianmarco perguntar para sua esposa se ela poderia perdoá-lo. Como ela não conseguia mais falar devido aos ferimentos, apenas balançou a cabeça afirmativamente. Ela concedeu-lhe o perdão e em seguida seus olhos se fecharam para sempre. Ao ver que ela pertencia à eternidade, Dom Gianmarco, desesperadamente, emitiu um grito tão alto que até hoje ouço ecoar em minha mente. Meu pai surgiu correndo pelo jardim e pegou-me no colo. Logo notou que eu havia presenciado toda aquela cena, pois eu estava em completo estado de choque. Permaneci assim por vários dias. Os homens de Dom Gianmarco trataram de providenciar uma emboscada como vingança pelo acontecido. Dentro de poucos dias, mataram inclusive o mandante que cometeu o equívoco, por sinal, um de seus maiores rivais na ocasião. Mas mesmo após a morte do forte oponente, o filho mais velho deste tornou-se o chefe da família. Irado com a perda do pai, intensificaram-se as brigas mais ainda. Meu pai ficou muito preocupado com minha convivência naquele

Alcatéia

lugar. Tinha medo que matassem sua única filha. Como era um homem simples e não dispunha de muitas reservas, pediu a Dom Gianmarco que me enviasse para outro local. E assim sucedeu... Fui criada em um pensionato de freiras no Brasil. Dom Gianmarco pagava todas as despesas, enviando inclusive dinheiro para que eu fosse visitar meu pai no Natal. Mas, infelizmente, devido a um câncer nos pulmões, faz dois anos que meu pai não está mais entre nós.

Paola terminou de narrar todos os acontecimentos com a voz trêmula. Eu estava tão emocionado quanto ela. Abraçamo-nos e choramos juntos. Realmente eram fatos muito tristes. Desta forma, Paola estava sozinha no mundo. Acho que eu era a pessoa mais próxima de que ela dispunha. Nesse momento, comecei a entender porque ela enviava cartas para a Itália. Certamente comunicava-se com o próprio Dom Gianmarco, afinal ele ajudou a criá-la. Ela devia sentir gratidão pela ajuda. Provavelmente, o mafioso também devia ter certo carinho por ela. Eu achava estranho apenas o fato dela ainda se comunicar através de carta manuscrita, visto estarmos vivendo em plena Era Digital. A não ser que fosse alguma correspondência sigilosa e ela sentisse maior segurança em enviá-la através do correio. Acredito que ainda não estão “grampeando” cartas, embora nada seja impossível.

Comecei a reanimá-la com algumas palavras de otimismo. Disse que a partir daquele instante, eu estaria, mais do que nunca, sempre ao lado dela. Acrescentei que mesmo se futuramente ela não me desejasse mais como namorado, eu ainda seria sempre um grande amigo seu. Fraternalmente, enxuguei-lhe as lágrimas. Continuei conversando calmamente. Depois comecei a fazer algumas

André Prado

palhaçadas. Aos poucos, ela voltou a sorrir. Ainda faltavam poucos minutos para a meia-noite. Pedi a ela que sentasse em qualquer cadeira em torno da mesa, que eu mesmo iria servi-la. Tentei imitar um garçom bastante engraçado. Como eu era bem desajeitado para carregar bandejas, não foi difícil. Ela começou a rir ainda mais, deixando-me satisfeito por ter conseguido levantar seu astral. Quando o relógio registrou meia-noite em ponto, estourei um champanhe. Completei duas taças. Após um brinde e um gole, comemoramos nosso Natal com um beijo. Ao terminar de beijá-la, fui ao quarto e retornei com uma caixa aveludada nas mãos. Paola ficou me observando. Ao me aproximar mais, ela antecipou:

- O que é isto?

- É um presente para você... Abra! - falei entregando-lhe a caixa em suas mãos.

- Quanta gentileza... - falou abrindo delicadamente a caixa.

Quando terminou de abri-la, ficou completamente encantada. Tratava-se de um colar de pedras preciosas que eu havia comprado no Brasil para dar-lhe de presente. Tive que trazê-lo bem escondido em minha bagagem. Paola prosseguiu dizendo:

- Eu nem sei o que falar... Nunca recebi um presente destes em toda a minha vida!

- Não precisa dizer nada. Há mais felicidade em dar do que em receber. Estou-lhe dando de coração, sem esperar nada em troca.

- Também tenho uma surpresa para você! Lógico que meu presente não chegará aos pés deste que acabou de me dar, mas é com todo carinho e amor que o darei.

Ela foi até o quarto e também retornou com uma pe-

Alcatéia

quena caixa nas mãos. Entregou-me e pediu para que eu abrisse. Ao fazê-lo reparei que era um belo relógio. Prosseguiu:

- Isto é para você jamais perder a hora dos nossos encontros. Mas, como eu disse, não repare... Não tem nem comparação com o presente que me deu.

- Eu não dou importância ao valor, Paola... O que é relevante em tudo isto é seu amor e sua boa intenção em agradecer-me! - falei emocionado.

- Acho que vai ser-lhe útil, pois até hoje não o vi usar nenhum relógio.

- Pois é... Falta de costume. Mas este eu não tirarei do pulso, pois a pessoa que me deu é muito especial para mim.

- Obrigada, Bruno! Você me faz sentir ótima! - falou e beijou-me.

- Você também, Paola... Você também...

Retornamos à mesa. Comemos um pouco e tomamos mais um champanhe. Abraçamo-nos e fomos para a cama. Fiquei fazendo-lhe carinho até que dormisse. Demorei um pouco mais para dormir. Na verdade, o Natal sempre foi algo bom para mim. Mas a ocasião sempre me serviu de reflexão para pensar nas crianças pobres que não tinham o que comer e nem ganhavam algum brinquedo. Tentava imaginar como elas se sentiam ao olhar aqueles brinquedos nas vitrines das lojas ou nas propagandas de televisão. Não existe nada pior do que não conseguir realizar os sonhos de uma criança. É algo complexo e muito frustrante, principalmente para quem cria estas crianças. Quem será que fez do nascimento e ressurreição de Cristo algo tão comercial? O que deveria ser uma lembrança de Sua passagem entre nós, agora estava sendo simbolizado

André Prado

apenas por presentes e ovos de Páscoa. Ainda bem que, dentro de minhas reais possibilidades, sempre dei auxílio para as crianças carentes. Sei que também existem muitos empresários que doam algumas coisas no final de cada ano. Mas por que não fazer isto durante o ano inteiro? Sempre doei roupas, cestas básicas e até material escolar para crianças de um abrigo de menores no decorrer dos anos. Inclusive contribuía com parte de recursos financeiros para pesquisas destinadas ao combate do câncer e da AIDS. Bem... Sabemos que algumas pessoas até podem fazer mais pelos excluídos, mas cabe a cada um fazer o que manda sua própria consciência. Existem muitos empresários poderosos, que distribuem algumas cestas básicas somente no Natal e depois correm para participar de uma missa repleta de glamour. Acreditam piamente que já fizeram demais. Eu acredito que até podem fazer bonito para algumas pessoas da sociedade, mas aos olhos de Deus, não é possível esconder nada. Quem puder contribuir mais, deve fazê-lo de coração aberto, evitando qualquer tipo de publicidade pessoal e sem olhar para trás com arrependimento. Com certeza Deus recompensará em dobro os que assim fizerem.

Despertamos tarde no dia seguinte. Tomamos um demorado banho e descemos para o café da manhã. Caso demorássemos mais um pouco, pegaríamos o almoço. Poderíamos esperar o almoço, mas queríamos visitar o mais conhecido símbolo de Nova Iorque, a famosa Estátua da Liberdade. Ao perguntar na recepção como deveríamos fazer para chegar ao monumento, conseguimos outra cortesia. Uma limusine iria levar-nos até o local. Entramos no enorme automóvel e o motorista partiu em direção à Estátua. Os vidros da limusine eram escurecidos. Nós

Alcatéia

conseguíamos enxergar o que estava do lado de fora, mas quem estava do lado de fora não conseguia ver nada do lado de dentro. Percebi isto antes de sair, assim que a limusine chegou para nos pegar. Eu estava me sentindo um verdadeiro magnata. Parecia uma criança com brinquedo novo. Naquele carro nada modesto, havia geladeira, bebidas, telefone e espaço de sobra para os passageiros. Descobri os botões que controlavam os vidros. Além dos vidros laterais, havia um vidro entre nós e o motorista. Ao fechar este vidro, ele não conseguia nem mesmo nos ouvir. Fiz um teste fechando o vidro e chamando-o logo em seguida. Comprovadamente ele não ouviu nada. Como este vidro também era escurecido, ele não conseguia observar-nos pelo espelho retrovisor. Assim, não ficou difícil para Paola imaginar o que eu iria fazer. Sim... A princípio ela hesitou um pouco. Disse que tinha receio que o motorista tivesse um controle para abrir aquele vidro que o separava de nós. Informei que mesmo que ele tivesse algum controle, jamais tomaria a liberdade de baixar o vidro sem que nós nos comunicássemos através de um pequeno interfone. Enquanto debatia sobre a questão, eu aproveitava para morder delicadamente seu pescoço. Ela começou a não resistir. Pedi a ela para permanecer sentada como estava no banco. Abri seu suéter e depois levantei seu vestido longo até a altura de sua cintura. Tirei sua meia-calça lentamente. Depois retirei sua calcinha e guardei-a em meu bolso. Baixei minhas calças e abri as pernas de Paola. Puxei-a para frente, deixando suas pernas dobradas e inclinadas para cima. Permaneci de joelhos e fiz com que meu membro começasse a penetrar sua vulva lentamente. O carro balançava pouquíssimo devido ao excelente tipo de suspensão. Paola gemia

André Prado

baixinho a cada movimento meu. Não sei se ela estava com receio do motorista ouvir. Eu agia naturalmente, mas confesso, acho excitante manter relações sexuais com a impressão de ser surpreendido a qualquer instante. Desta vez não demorou muito para atingirmos o clímax total. A sensação era a de estar flutuando nas nuvens. Fazer amor dentro de uma limusine, passeando por uma das cidades mais lindas do planeta é algo maravilhoso. Procuramos nos ajeitar rapidamente, pois estávamos chegando à Estátua da Liberdade. Assim que descemos do carro, pudemos visualizar uma das maravilhas do mundo. Era um monumento muito bonito, bem melhor do que ver pela televisão. Com certeza um dos mais belos cartões postais de Nova Iorque. Quem desejar ir a Nova Iorque e não tiver tempo para conhecer o monumento, é melhor não ir. Após uma demorada visita contemplando toda a paisagem, solicitamos ao motorista para levar-nos de volta ao hotel.

Mais alguns dias se passaram e já era véspera de Ano Novo. Paola e eu tínhamos descoberto uma nova diversão próxima ao hotel. Era uma pista de gelo. No começo foi difícil ficar em pé, mas depois nos acostumamos. Embora estivéssemos bem agasalhados, o vento parecia querer congelar nossos rostos. Beijávamo-nos para aquecer. Após anoitecer, retornamos ao hotel. Chegando lá, percebemos que havia sido reservada uma grande área para a passagem de ano, destinada exclusivamente aos hóspedes. Estávamos bastante alegres naquele dia, por isso, dançamos incessantemente até a meia-noite. Após a contagem regressiva, selamos com um beijo nosso romance naquele novo ano que acabara de começar. Eu disse a Paola que gostaria de passar muitos anos perto dela. Ela disse que também tinha o mesmo ideal, acrescentando que a vida é muito curta, portanto, tínhamos sempre que buscar a



Alcatéia

felicidade em todas as coisas e em todos os momentos.

Acordamos tarde no outro dia. Ficamos somente a descansar e organizar nossas bagagens para a volta ao Brasil. Os dias haviam passado muito rápidos, certamente porque tudo foi muito bom. Comentei com Paola como foi bom estar ao lado dela sem precisar esconder nosso romance. Ela concordou e disse que breve, estaríamos a viver desta forma em qualquer lugar. No dia seguinte, paguei a conta do hotel e embarcamos rumo ao nosso país tropical. Certamente, aqueles momentos seriam inesquecíveis durante toda a nossa vida.



André Prado



Alcatéia

Capítulo XX

O Adeus

Os capangas continuavam montando acampamento em frente de casa. Ao acordar pela manhã, abri a janela e lhes dei um sorriso provocante. Por incrível que pareça, eles não retornaram meu cínico cumprimento com nenhum gesto hostil. Deviam estar possessos pelo fato de eu ter conseguido enganá-los, mas não demonstravam nada aparentemente. Ficava imaginando se não invadiriam a casa em plena luz do dia. Embora eu achasse muito pouco provável esta hipótese, não deixava de ser uma possibilidade. Certamente deveriam estar ansiosos para colocar as mãos em mim em outro lugar. Entretanto, eu não facilitaria de forma alguma. O fato de estar sempre em locais públicos e jamais descuidar, era o suficiente para que não se aproximassem muito de mim. Em casa eu nunca ficava sozinho. Havia duas empregadas e um empregado. Dormiam sempre em seus aposentos, pois raramente iam visitar seus parentes. Mas quando saíam para vê-los em algum final de semana, sempre permanecia pelo menos um para cuidar da casa. As empregadas cuidavam da limpeza interna e preparavam a alimentação. O empregado

André Prado

cuidava dos cachorros, ia ao supermercado quando necessário, podava plantas, cortava a grama e cuidava da manutenção em geral. Durante a noite, eu pedia para soltar os cães mais bravos. Mesmo achando que dificilmente os capangas iriam entrar em casa durante a noite, dormia sempre com minha arma carregada ao lado. Havia freqüentado a escola de tiros indicada pelo General nas horas vagas. Expliquei ao instrutor do curso, que meu horário deveria ser flexível devido aos meus afazeres na empresa. Assim, exceto nos dias em que estava muito ocupado, freqüentava as aulas durante a semana por um período aproximado de uma hora em média. Até que eu não estava ruim de pontaria e adquiria cada vez mais técnica com o passar do treinamento.

Bem, como era dia 3 de janeiro, eu deveria fazer um novo acesso. Resolvi acessar o endereço eletrônico de casa mesmo. Conectei meu “notebook” à linha telefônica. Digitei o endereço e aguardei a página da Internet ser carregada por completo. Após poucos segundos, apareceu o local indicado para que eu digitasse a senha. Digitei “HEIDEGGER” e fiquei a aguardar. Rezei para não tomar um susto como ocorrera no último acesso. Enquanto o computador fazia a verificação da senha, lembrei-me que Heidegger foi muito influenciado por Husserl. Foi professor de filosofia em duas Universidades. Para ele, as pessoas devem primeiramente encontrar-se e somente assim poderão descobrir o verdadeiro sentido da existência. Desta forma, acreditava que os seres humanos deveriam ter consciência de seu valor no mundo. Dizia que o indivíduo deveria sempre residir em sua própria essência, mas que por limitações da própria vida, acabava descobrindo que era impossível atingir a realização plena.

Alcatéia

Pregava que aqueles que não compreendiam a existência, logo chegavam ao nada e, por conseqüência, ficavam angustiados. Eu concordava plenamente com os pensamentos de Heidegger. Os seres humanos são eternos insatisfeitos que vivem com pequenos períodos de satisfação quando atingem algum êxito no decorrer da vida. Muitos lutam bravamente para atingir suas metas. Ao atingi-las, ficam apenas temporariamente satisfeitos. Nem bem se acostumaram com a nova conquista e já estão insatisfeitos tentando atingir um outro objetivo. Esta atitude humana fez-me lembrar a frase de um ilustríssimo ator americano, o tão conhecido Mattew Modine, que disse: “Continue tentando sem desistir. Não é necessariamente no sucesso que se encontra o prazer, mas na luta para alcançar os objetivos.”. Mas pensando bem, é bom as coisas serem assim. Isto motiva-nos a inovar sempre e buscar constantemente novos desafios. Certamente Heidegger estava muito correto ao dizer que aqueles que continuam alienados e não compreendem o verdadeiro sentido da existência, nunca passarão de verdadeiros angustiados.

Para meu alívio temporário, o computador confirmou positivamente a senha. Logo apareceu a imagem tridimensional do tabuleiro e suas peças. Desta vez, surgiu no canto superior esquerdo do computador, a seguinte mensagem: “Nível Intermediário-Avançado - Fase IV”. Não seria nada fácil ganhar estas partidas. Ainda bem que não estava jogando com limitação de tempo. Iniciamos a primeira partida. Em um lance de sorte, faturei a primeira queda. Joguei a segunda partida de modo mais tranqüilo. Em uma jogada perspicaz realizada pelo computador ou adversário, descuidei e acabei perdendo a segunda queda. O jeito era concentrar-me bastante e partir para a terceira

André Prado

queda. Confesso que a partida ficou bastante complexa. Tive que pensar muito em certas jogadas. Tudo o que eu sabia, é que precisava vencer a qualquer custo. O suor escorria-me pelo rosto abaixo. Armei um cerco à distância, utilizando rainha, torre e bispo. Eu já tinha perdido um bispo, uma torre, dois cavalos e uma boa quantidade de peões. Estava em apuros. Tinha que jogar tudo o que sabia e se não desse certo essa jogada, seria certo o meu fim. Graças ao bom Deus eu consegui vencer. Que sufoco! Imaginei como seria a próxima partida, já que o nível de dificuldade aumentava enormemente a cada queda. O computador começou a fazer uma busca de informações, mostrando uma ampulheta no vídeo como simbologia, informando que eu deveria aguardar o processamento. Enquanto esperava, aproveitei para enxugar meu rosto com uma toalha. Estava encharcado com tanto suor. Embora fosse incomum à época, não estava fazendo calor naquele dia. De repente, fiquei boquiaberto ao olhar para o computador. Começou a ser mostrada uma lista contendo os nomes de grandes chefões da máfia mundial. Entre outros, notei que havia mega empresários, políticos, personalidades em geral e nomes de que nunca ouvira falar. Não eram somente do Brasil. Para cada mafioso apontado, aparecia na frente de seu nome, o país de origem. Alguns nomes me chamaram a atenção, pois eram pessoas renomadas no mundo. Percebi que as informações fornecidas pelo computador no princípio, eram apenas a ponta do “iceberg”. O que será mais que havia a revelar? Será que ainda haveria algo mais podre que tudo o que já havia sido informado? Assim como todas as informações anteriores, estes dados certamente também deveriam ser verdadeiros. Bem... Após descobrir os locais da rota do

Alcatéia

tráfico, nada melhor que descobrir quem eram os grandes chefões. Imprimi os nomes de todos os mafiosos revelados e depois guardei tudo no cofre de casa. Anotei o novo endereço eletrônico e dia de acesso. O restante do dia passou vagarosamente. Antes de dormir, liguei para a fazenda a fim de diminuir as saudades que estava sentindo. Conversei com todos que lá estavam.

No outro dia, fui para a empresa como era meu hábito. Ao chegar, Melissa passou-me o ocorrido durante minha ausência. Após transmitir-lhe algumas diretrizes, eu adentrei minha sala. Senti um cheiro esquisito no ar, bem desagradável por sinal. Observei que havia uma mancha vermelha no chão, próxima ao local onde ficavam guardados produtos de limpeza. O armário possuía duas portas corrediças. Em quase todas as salas do edifício havia um armário como este. Isto evitava que as faxineiras tivessem que se deslocar com muitos apetrechos entre os andares. Tentei puxar a porta para o lado, mas reparei que estava difícil de abrir. Coloquei força nas duas mãos e empurrei firmemente para o lado. Meu coração quase saltou pela boca, quando o corpo de um homem começou a cair. De relance rápido deu para eu observar que era o detetive. Tamanho foi o susto, que imediatamente dei um pulo para trás. O corpo caiu de lado e virou-se logo em seguida, permanecendo com a barriga para cima. O detetive estava com os olhos abertos. Havia um punhal encravado em seu peito, fixando um recado manchado parcialmente de sangue. O recado não era muito discreto, tendo quase o tamanho de uma folha de papel ofício. Dizia em grandes letras escritas à mão o seguinte: “Cuidado! Estou muito perto de você! Mais próximo do que imagina!”. Meu Deus! Pensei colocando as mãos na cabeça. Senti meu corpo gelar

André Prado

e a adrenalina ir para o sangue. Ouvi a secretária levantar-se. Provavelmente escutou devido a todo o barulho ocasionado pela queda do detetive. Certamente ela adentraria minha sala para saber o que estava acontecendo. Mais do que rápido eu puxei o papel contendo a ameaça, amassei e coloquei em meu bolso. Sei que poderia me comprometer com este ato, mas como o percentual de casos de homicídios solucionados no país sempre foi baixíssimo, resolvi arriscar e esconder aquele recado. Melissa ainda bateu três vezes, delicadamente na porta, solicitando permissão para entrar. Permiti que entrasse, mas fui em sua direção para ampará-la. Ao ver o corpo, ela emitiu um estridente grito. Fiquei confuso, sem saber o que fazer no momento. O corpo do bom homem estava surrado. Provavelmente fora espancado até informar quem o havia contratado. Talvez ele pensasse que revelando este fato, alguém o deixaria com vida. Mesmo vendo que a secretária estava agoniada, pedi para que ela avisasse a polícia. Comecei a pensar em uma versão para contar aos policiais. Eu havia escondido o bilhete de propósito, justamente para ninguém saber que eu contratei o pobre homem. Não era momento de colocar a polícia neste caso, pois isto somente iria me atrapalhar. Além disto, eu ainda tinha partidas de xadrez a disputar para descobrir algo mais. Antes que a polícia chegasse, fui até o banheiro e rasguei o bilhete inteiro. Ainda bem que o sangue do bilhete já havia secado, não manchando minhas roupas. Joguei a prova na privada e dei uma demorada descarga, logo em seguida. Lavei minhas mãos e rosto. Voltei para sala e a polícia estava chegando. O corredor de acesso começou a ficar tumultuado. O Delegado entrou. Para minha infelicidade ou felicidade era o mesmo que havia

Alcatéia

tratado do caso de Francesco. Também o mesmo para quem eu reclamava dos capangas que me perseguiram constantemente. Nesse momento, tive uma idéia que poderia ajudar a aliviar o interrogatório. Depois a polícia técnica entrou no recinto para iniciar seus procedimentos de investigação. Logo em seguida recolheram o corpo. Nesta ocasião, o Delegado pediu para que todos saíssem de minha sala e sentou-se de frente para mim, perguntando:

- O senhor pode me explicar o que está acontecendo?

- Não sei e não faço a mínima idéia! Aliás pensei que dizer o que está acontecendo fosse serviço seu, Delegado!

- Você está querendo insinuar que defuntos começam a aparecer dentro da sala de sua empresa e você nem desconfia de nada?

- Pois é, eu não sei de nada! Sei tanto quanto suas investigações conseguiram revelar sobre a morte de meu irmão, ou seja, nada!

- Este assunto não vem ao caso agora!

- Como não vem ao caso? Eu tenho que ter todas as respostas e o senhor que deveria dá-las não tem nenhuma?

- Modere esse tom de voz meu rapaz! Acho que está se exaltando!

- Aguardei muitas respostas sobre o caso de meu irmão e tudo que consegui foi o arquivamento do caso. Peço-lhe constantemente proteção com relação a aqueles capangas e o senhor nem me atende mais. Por que não vai investigá-los? Será que não foram eles que fizeram uma barbaridade destas?

- Bem, deste jeito não chegaremos a lugar nenhum!

- Lugar nenhum deve ser o ponto aonde o senhor sempre chega, não é doutor?

André Prado

- Meu rapaz, se persistir em seguir este caminho irei prendê-lo por desacato à autoridade!

- Isso senhor, delegado! Prenda este inocente enquanto os verdadeiros criminosos continuam soltos! Aposto que o senhor sabe fazer isto muito bem! Quer colocar as algemas agora? - falei estendendo os dois braços em sua direção - Avise-me se quiser, pois será mais fácil processá-lo por abuso do poder!

- Deste jeito não vai dar! Quero que o senhor me acompanhe até a Delegacia - falou o delegado com muita frieza.

- Pois não! Irei com prazer! Mas antes vou contatar meu Advogado.

- Sinta-se à vontade! É um direito que a Lei lhe concede!

Após eu concluir a ligação telefônica, fomos direto para a Delegacia. O Delegado continuou me ameaçando, dizendo que iria me prender. Eu rebatia dizendo que era muito fácil forjar um culpado, enquanto o verdadeiro assassino estava livre em algum lugar. Ele não conseguia argumentar à altura e por várias vezes, perdeu as estribeiras. Meu ânimo começou a esquentar e eu despejava meus protestos, alegando que o poder de investigação da polícia era ineficiente e ineficaz. Meu Advogado atuava como intermediário da briga, pedindo calma para ambos. O Delegado voltou a insistir que iria prender-me. O Advogado disse ao delegado que ele não tinha nenhuma prova concreta contra mim, e que se me prendesse, entraria com o pedido de "habeas-corpus" alegando abuso do poder. O Delegado ficou mais nervoso ainda. Na verdade, ele sabia que não tinha nenhuma evidência para me manter preso. Certamente, estava fazendo pressão porque suspeitava que

Alcatéia

eu sabia de algo e não desejava falar. Assim, tentava me pressionar de várias formas. Após tentativas frustrantes, o Delegado acabou me liberando. Fui para casa exausto com aquela discussão toda. Ao chegar, os capangas já estavam lá. Somente para aporrinhar, liguei para o Delegado e perguntei se não iria interrogá-los. Por incrível que pareça, breve encostou uma viatura e recolheu os dois capangas. Eu estava completamente aborrecido com a morte do detetive. Como será que o colocaram dentro de minha sala? Imaginei que talvez tivessem aproveitado a semana de recesso entre o Natal e o Ano Novo para colocá-lo no armário. Caso não fosse neste período, poderiam tê-lo colocado em um fim de semana. De toda forma, quem o colocou sabia a ocasião em que o edifício permanecia vazio e com baixa vigilância. O assassinato do detetive foi publicado nos principais jornais, mas ninguém apareceu à sua procura. Tratei de providenciar um funeral descente para o amável homem, pois provavelmente ele não tinha nenhum parente. O corpo ficou um bom tempo no Instituto Médico Legal e queriam enterrá-lo como indigente. Eu desejava dar meu adeus e manifestar minha eterna gratidão, mas tinha que ser discreto. Não podia demonstrar nenhuma ligação com o detetive. Pedi ajuda ao empregado de casa. Ele disse para eu ficar tranquilo que cuidaria de tudo. Dei-lhe o dinheiro necessário para promover o funeral. Sob minhas ordens, pagou um amigo de confiança da família para reconhecer o corpo no Instituto Médico Legal e reconhecê-lo como um amigo distante. Esta mesma pessoa estava incumbida de comparecer ao enterro com algumas pessoas. Informei que nada deveria chamar a atenção, inclusive solicitei para o próprio empregado não comparecer ao funeral.

André Prado

Certamente alguns curiosos poderiam comparecer ao velório. Orientei para que instrísse ao seu amigo e pessoas, que se porventura o Delegado aparecesse no local, informassem que eram apenas amigos distantes do falecido. Após o enterro, pedi para meu empregado ligar para seu amigo para saber se houve algum imprevisto. Ninguém, com exceção das pessoas combinadas, compareceu ao local. Ainda bem que o detetive não andava com nenhuma carteirinha no bolso que o identificasse como tal. Era um homem sábio até nisto, que Deus o tenha. Fiquei deveras deprimido com sua morte. Pensei na eventual possibilidade de não tê-lo contratado, mas nada é por acaso neste mundo. Muitas vezes encontramos pessoas em nossas vidas, que jamais imagináramos que devêssemos conhecer. Certamente existe um motivo para que isto ocorra. O motivo? Não faço a mínima idéia! Só posso afirmar que quando os destinos das pessoas se cruzam, não tem jeito de evitar. Certamente acrescentaremos algo para a pessoa e vice-versa. Infelizmente, cruzei com o detetive nos seus últimos dias aqui na Terra. Talvez tivesse sido desígnio de Deus para prosseguir em outro plano. Bem... Deus escreve certo por linhas tortas. Apesar de não compreender muito a finalidade da morte, ela é nossa única certeza. E a nós frágeis e limitados humanos, resta apenas aceitá-la. Afinal até mesmo os que não a aceitam, não têm como evitá-la.

Paola ligou-me para saber do ocorrido. Informei parte dos fatos acontecidos, sem maiores detalhes. Aleguei que o homem encontrado morto em minha sala era totalmente desconhecido. Ela pareceu desconfiar de algo, mas não questionou muito. Fui dormir. Que semana estressante! Caso pudesse, eu apagaria os últimos acontecimentos de



Alcatéia

minha vida e de minha mente, de preferência desde a ocasião da morte de meu irmão. Talvez eu estivesse chegando muito próximo de algo, mas infelizmente o criminoso já sabia que eu estava prestes a descobrir tudo. Teria que triplicar minhas atenções daquele momento em diante.





André Prado



Alcatéia

Capítulo XXI

O Impacto

Meus dias continuaram sob forte tensão. Fui chamado diversas vezes para comparecer à Delegacia. O Delegado tentava extrair informações a qualquer custo. Eu não vacilava e me mantinha firme, repetindo apenas o que já havia declarado. Um laudo foi divulgado pela Polícia Técnica, deixando-me mais tranqüilo. O detetive havia sido morto no final de dezembro, ocasião em que eu ainda estava em Nova Iorque. Eu tinha até um álibi caso fosse necessário, pois na ocasião do crime, estava vivendo um romance com minha amada em plena América do Norte. Entretanto, não queria envolver Paola naquela situação, a não ser que fosse extremamente necessário, pois declarando sobre a viagem, teriam que ser descartadas todas as suspeitas sobre mim. No fundo, o Delegado sabia que era ilógico eu ser o autor da morte daquele pobre homem. Certamente alguém colocou o cadáver dentro de minha sala para tentar me incriminar ou criar problemas para mim. Afinal, duas pessoas foram encontradas mortas no mesmo local. De toda forma, aleguei que nenhuma pessoa sã consciência mataria alguém e esconderia o

André Prado

cadáver dentro de seu próprio local de trabalho. Mas o Delegado, com toda razão, insistia em me pressionar porque desconfiava que eu sabia de algo.

Bem... Como aumentara meu risco de vida, estava na hora de garantir que se por acaso eu morresse, aquelas informações pudessem ser reveladas a alguém. Em casa, tirei todas as informações que havia guardado no cofre. Preparei um relatório detalhando um pouco mais as informações obtidas através das partidas de xadrez, criando duas versões para o documento, uma em português e outra em inglês. Utilizei um “scanner” para reproduzir cópias das informações reveladas. Trabalhei com luvas o tempo todo, pois não queria que minhas digitais pudessem aparecer junto à tinta da impressora ou cola do envelope. Embora ainda tivesse partidas a disputar, aquele era o momento exato para eu disparar aquelas informações para os locais que investigariam e poderiam tomar alguma providência. No remetente e endereço, utilizei os dados do detetive. Certamente, através de uma investigação mais séria, acabariam descobrindo que o endereço pertencia a um detetive, fazendo muito sentido o fato dele ter descoberto algo. Inclusive imaginariam que pela proporção da descoberta, o pobre homem acabou morrendo. Porém, não teriam como saber nada além do informado nos documentos através de questionamentos, afinal, morto não fala. Como a data da correspondência seria posterior à sua morte, imaginariam que ele confiou em alguma pessoa para enviar aquelas informações caso algo de ruim lhe acontecesse. Entre outros, eu iria disparar cópias daquelas informações para a Polícia Federal, CIA, FBI, Interpol e Scotland Yard. Para não atrapalhar as investigações, depois de alguns meses,

Alcatéia

também enviaria cópia para as principais emissoras de televisão do mundo. Com a Internet, não foi difícil conseguir todos os endereços que eu necessitava. Sabia que ainda tinha partidas a disputar e novas informações deveriam ser reveladas. Mas quando isto ocorresse, enviaria o material anexo. Isto é, se ganhasse as partidas no nível de dificuldade que aparecia. Fiquei em casa até preparar todo o material. Comandei a empresa por telefone.

Esquematizei minha vida para os próximos meses. Contratei um eficiente gerente para ocupar temporariamente meu lugar na empresa. Com meu “notebook”, teria como acompanhar o desempenho da empresa de qualquer parte do planeta. Eu teria que sumir de circulação por alguns tempos. Afinal, depois do recado que encontrei com o detetive, o criminoso certamente imaginaria que eu seria o autor da denúncia.

Mesmo com toda aquela tensão, eu não conseguia mais ficar longe de Paola. Não passava sequer um instante sem pensar nela. Descobri que o sentimento que havia entre nós era algo muito forte. Não era mais apenas paixão. Eu havia descoberto o amor verdadeiro. Daqueles que dizem existir um em um milhão. Sabia que a vida a dois nem sempre seria um mar de rosas. Mas estava disposto a tentar, pois a companhia dela sempre foi muito agradável.

Após alguns dias, eu necessitava ir até a empresa para deixar tudo em ordem. Mas antes, deixei todo o material com meu empregado de confiança. Disse que se algo de ruim me acontecesse, deveria colocar imediatamente aquelas correspondências no correio. Caso contrário, solicitei que aguardasse minhas ordens para postar os documentos.

Abri a garagem com o controle remoto e fui até a

André Prado

empresa. Para variar, fui seguido pelos capangas até o local. Cheguei e comecei a transmitir informações ao novo gerente. Após duas horas de conversa, fui até uma outra empresa que integrava a Associação. Era uma empresa de jóias, o mesmo local onde eu havia comprado o colar que dei de presente para Paola. Mas desta vez, comprei duas belas alianças de noivado. Retornei para a sala e não saí nem para almoçar.

Na parte da tarde, conectei meu equipamento à Internet. Senti que o intervalo entre este acesso e o anterior foi o menor de todos. Achei excelente, pois precisava ganhar tempo. As coisas iriam ficar feias e era muito sensato eu sumir até tudo se esfriar. De repente, apareceu na tela do computador o local indicado para eu entrar com a senha. Digitei: "SARTRE". O computador começou a fazer a verificação para ver se a senha era correta. Enquanto o computador analisava a senha para possível validação, comecei a lembrar de algumas obras de Sartre que cheguei a ler. Eis o nome de um gênio da humanidade. Sei que não são todas as pessoas que gostam das obras dele. Mas isto faz parte da vida, afinal, como menciona o ditado... "É impossível agradar a gregos e troianos". No meu ponto de vista, Sartre foi o melhor filósofo existencialista. Foi-lhe atribuído em vida, o mérito de "Papa do Existencialismo". Foi lendo Sartre que despertei meu verdadeiro senso crítico. Inclusive descobri a sensação de estar vivo e de existir, sabendo realmente que há uma finalidade para eu estar neste mundo. Sartre foi influenciado pelos filósofos Husserl e Heidegger. Também se dedicou a estudos sobre o filósofo Kierkegaard. Como os muitos outros filósofos existencialistas, Sartre também foi professor de Filosofia. Um fato que sempre achei

Alcatéia

interessantíssimo sobre a vida de Sartre, foi o fato de recusar-se a receber o Prêmio Nobel de literatura. Li em uma biografia, que fez isto porque não suportaria ouvir alguns comentários dizendo: “Agora ele já é um dos nossos!”. Pessoa de opinião, pois não é qualquer um que recusaria um Prêmio Nobel. Sartre cresceu sob o autoritarismo de seu pai, que era Oficial da Marinha. Seu Avô também possuía severos hábitos religiosos. Aprendi que Sartre defendia a não existência da natureza humana, mas que pessoas eram capazes de construir seus próprios projetos existenciais durante suas vidas, obviamente que dentro de suas reais possibilidades e capacidades.

O computador validou positivamente a senha. Esta era a senha que eu tinha mais certeza de que estaria correta. Apareceu no canto superior esquerdo do computador a seguinte mensagem: “Último Nível - Avançado - Fase V”. Não sabem a alegria que fiquei quando olhei para esta mensagem. Finalmente tudo estava chegando ao fim. Mas de repente, senti um enorme frio na espinha. Apareceu na tela do computador uma mensagem de saudação descrita em inglês. Traduzindo significava: “Bem vindo ao Chessmaster”. Na minha opinião, e com certeza de muitos jogadores de xadrez, o “Chessmaster” é o melhor programa de xadrez do mundo. Caso eu estivesse jogando contra o próprio computador, seria praticamente impossível ganhar jogando em nível avançado. Os melhores jogadores do mundo já haviam perdido jogando contra o computador, utilizando o programa “Chessmaster”. Comecei a ficar pensativo e preocupado. Para meu desespero maior, surgiu no canto da tela a mensagem que traduzi imediatamente: “Jogo com tempo limitado”. Meu Deus! O que eu iria fazer? Comecei a ficar muito mais aflito. Sacrifiquei tanto para

André Prado

chegar até aquele ponto. Não queria perder as informações justamente na última fase. Após alguns minutos, tive uma idéia que poderia dar certo. Saí correndo e fui até a sala de Ernesto. Para minha felicidade, encontrei-o. Perguntei se ele poderia me emprestar um “notebook” por algumas horas, pois o meu estava em casa. Ele se prontificou imediatamente. Depois, comecei a procurar rapidamente nas prateleiras de sua loja, a última versão do “Chessmaster”. Para minha satisfação, encontrei-a rapidamente. Paguei o programa e voltei imediatamente para minha sala. Conectei o “notebook” ao lado do computador da empresa. Olhei as instruções do “software” e instalei a versão do programa. Eu sabia que o “Chessmaster” dispunha de opções para ajudar usuários no aprendizado do jogo de xadrez, bem como a opção na qual o computador jogava contra o próprio computador em qualquer nível. Esta, na qual o computador enfrentava a si próprio, era muito eficiente. Configurei a opção de computador versus computador em nível avançado no “notebook”. Minha idéia era olhar as jogadas que o “Chessmaster” realizava no “notebook” e repeti-las no computador da empresa, equipamento cujo acesso estava sendo realizado. Caso eu estivesse jogando contra um ser humano, dificilmente essa pessoa iria ganhar a partida, pois eu estaria copiando as jogadas eficientes do “Chessmaster”. Mas se estivesse realmente jogando com o computador, teria uma pequena vantagem, pois a opção de iniciar a primeira queda fora concedida a mim. Certamente a segunda partida seria iniciada pelo computador. Esta queda provavelmente eu perderia. Entretanto, a terceira queda voltaria a ser iniciada por mim, retornando a vantagem de obter êxito. Em suma, sabia que

Alcatéia

quando colocamos o computador jogando contra o computador, quem ganha é o lado do tabuleiro que inicia a partida. Como eu estaria apenas copiando as jogadas observadas no “notebook”, seria como se computador estivesse jogando contra computador. E se fosse contra uma pessoa, ela teria que ser um gênio do tabuleiro para ganhar o jogo. Bem, o tempo estava passando rápido. Eu tinha que iniciar, pois o jogo já estava configurado no “notebook”. Dei o comando para iniciar a partida no “notebook”. Após ele efetuar a primeira movimentação, imitei a mesma jogada no computador ao lado. Assim fui fazendo sucessivamente. Como eu esperava, ganhei a primeira queda. Não tive a mesma felicidade na segunda partida, como era de se esperar. Iniciei a terceira partida e continuei copiando as jogadas realizadas no “notebook” transferindo-as para o computador da empresa. Para minha alegria e completa satisfação, ganhei a terceira partida. Queria gritar de tanta felicidade, mas não poderia fazer isto, pois chamaria a atenção de alguém. Estava encharcado de suor. Mesmo copiando cada jogada realizada pelo “notebook” para o computador ligado ao lado, a tensão nervosa foi algo inevitável. Jogando desta forma, percebi que nas fases anteriores eu não estava jogando contra o computador. Agora dava para perceber claramente as reais diferenças entre jogar contra um ser humano e o próprio computador. Quando estamos jogando contra o computador, todas as possibilidades são matematicamente analisadas pelo seu processador. Quando jogamos contra um ser humano, falhas ou distrações ocorrem em algumas ocasiões. Nesta situação, ganha a partida o jogador que errar menos e for o melhor estrategista. De toda forma, independentemente de eu haver jogado as fases anteriores contra computador

André Prado

ou um ser humano, fora com certeza um excelente adversário. Enquanto o computador processava algumas informações, surgiu na tela uma mensagem piscando no vídeo. Era a congratulação pelo êxito que obtive ao vencer as quedas. Breve, apareceu na tela a informação de que um arquivo estava sendo gerado. Eu estava muito curioso. Após o computador gerar o arquivo, imediatamente desconectei a Internet e fui procurá-lo no diretório específico no computador. Ao encontrar o arquivo, percebi que estava compactado. Utilizei um programa que fazia a descompactação automática, bastando clicar duplamente sobre o arquivo desejado. Ao terminar o procedimento, observei que se tratava de um documento texto. Então, acionei um editor de textos compatível. Assim que consegui encontrar o arquivo, comecei a estremecer. No início do documento aparecia descrito o título: Dossiê Puccini. Comecei a ler o documento e percebi que continha vários dados sobre minha pessoa. Entre outros, estava sendo informado que eu nascera em uma data diferente da especificada em meu registro de nascimento. Outro detalhe estranho era sobre minha nacionalidade, pois o documento informava que eu havia nascido na Itália. Para minha grande surpresa, o relatório dizia que eu tinha sido adotado e registrado por Giuseppe Puccini no Brasil. E para minha maior e total perplexidade, surgiu a informação que meu pai verdadeiro chamava-se Dom Gianmarco. Estava muito confuso, mas notei que existia inclusive um histórico completo contendo informações sobre minha pessoa. Havia até dados sobre minha mãe biológica e endereços de alguns parentes que moravam na Itália. Vi informações sobre os motivos pelos quais ela escolheu a família Puccini para eu ser adotado, citando os fortes laços

Alcatéia

de amizade existente entre a sua família na Itália e a família Puccini. Fiquei totalmente estático por alguns minutos. Não tinha reação alguma e meu cérebro quase entrou em colapso. Queria raciocinar, mas não conseguia fazer isto corretamente. Tudo era muito novo para mim. Foi o maior impacto que já recebera em toda a minha vida. Comecei a chorar sem parar.

Depois de um tempo, consegui estabilizar minhas emoções. Diante desses últimos fatos, ficou totalmente transparente quem havia fornecido todas aquelas informações. Não havia dúvida alguma de que fora Paola. Ela tinha ligação com Dom Gianmarco, e certamente, sabia de muitas coisas sobre a vida dele. O relatório apresentava uma lógica inquestionável. Percebi que tudo fazia muito sentido. Comecei a lembrar algumas coisas. Realmente desde jovem, percebi que não tinha tantas similaridades físicas com as pessoas de minha família. Não era algo totalmente destoante, pois havia algumas características parecidas. Mas estas similaridades deviam existir apenas pelo fato de que todos nós tínhamos sangue italiano. Interiormente, eu imaginava que havia algo de estranho. Mas na verdade, tinha medo de perguntar e saber a verdade. De toda forma, havia sido criado com muito amor pela família Puccini. Minha personalidade e modo de agir foram resultantes da influência recebida através dos anos vividos com minha família adotiva. Bem, na minha concepção, pai é quem cria. O pai biológico foi somente uma pessoa que contribuiu para me gerar fisicamente. Mesmo assim, eu não conseguia esconder meu descontentamento por ser filho de um grande mafioso. Meu Deus... Comecei a ficar emocionado novamente e voltei a chorar sobre a mesa. De repente, assustei-me com

André Prado

alguém que abriu a porta bruscamente. Para minha surpresa, era Paola. Percebendo meu estado, ela correu para perto da cadeira em que eu estava e abraçou-me ternamente. Enxuguei minhas lágrimas e controlei minhas emoções. Para não restar nenhuma dúvida, perguntei:

- Foi você, não é? Foi você que me passou as informações o tempo todo através do computador?

- Sim... Fui eu... - disse ela pausadamente.

- Paola, você já deve imaginar que eu vou denunciar tudo sobre o esquema criminoso.

- Sempre tive certeza de que faria isto, Bruno.

- Já estou correndo risco de vida...Aquele homem que apareceu morto em meu armário foi um detetive que contratei. Alguém já sabe que andei escarafunchando algumas coisas.

- Você deve fugir imediatamente, Bruno.

- Mas também temo por você, Paola. Os criminosos certamente ligarão os fatos e descobrirão que foi você que me passou todas as informações.

- Eu sei disto, por isso ao sair de minha sala, deixei meu pedido de demissão sobre a mesa. Estou indo embora, pois minha missão terminou. Vou reservar duas passagens para a Itália. Gostaria que viesse comigo.

- Esta viagem não poderia esperar por alguns dias?

- Por que esperar?

- Não era para eu falar sobre isto neste momento, mas face às circunstâncias, quero lhe fazer um pedido... - falei em tom de suspense.

- Que pedido? - perguntou ela ansiosa.

- Quer se casar comigo? Sei que pode parecer antiquado isto, mas sempre tive o sonho de casar e receber as bênçãos divinas. Pensei muito sobre nós. Descobri que a amo

Alcatéia

intensamente. Não quero ficar longe de você. Você precisa de um tempo para pensar no assunto?

- Tempo? Para quê?

- Bem, algumas mulheres precisam de um tempo para analisar melhor a situação, portanto, eu lhe concedo cinco segundos para responder.

- Quem ama realmente não precisa de tempo algum para responder isto. Tenho total ciência de meus sinceros sentimentos por você, por isso, é claro que aceito seu pedido de casamento! - disse ela com um sorriso encantador.

- Você acaba de me tornar o homem mais feliz do mundo! - falei muito emocionado.

Beijamo-nos para selar os novos caminhos que iríamos trilhar. Nós não poderíamos demorar muito naquele local, por isso, tratei de deixar as últimas orientações para a secretária. Disse que viajaria e não informei o local para onde iríamos. Falei apenas que assim que tivesse condições, entraria em contato com ela. Telefonei para um ponto de táxi e fiquei aguardando com Paola. Passamos no hotel para rapidamente pegar algumas roupas dela e fomos para o aeroporto. De lá, telefonei para o empregado em casa e disse que teria que fazer uma viagem de negócios urgente. Pedi para que ele me levasse algumas roupas ao aeroporto e todos os envelopes que eu tinha deixado sob sua responsabilidade. Ainda bem que ele era esperto, não precisei ficar entrando em detalhes sobre o conteúdo dos envelopes. Resolvi não prolongar muito a conversa por telefone, pois o telefone de casa poderia estar grampeado. Quando ele chegou ao aeroporto, passei-lhe instruções para dizer a qualquer pessoa que me procurasse, que sabia somente que eu havia viajado a negócios. Como não havia

André Prado

feito uma reserva antecipada, tivemos que aguardar ansiosos o momento do embarque para o Rio Grande do Sul. Fiquei aliviado quando o avião decolou. Durante o vôo, Paola me informou uma série de fatos. Disse que não expôs nosso romance ao público, pois isto aumentaria grandemente os riscos para nós. Ela informou que Francesco foi assassinado pelo fato de os criminosos acharem que ele era filho verdadeiro de Dom Gianmarco. Disse que a exposição de nosso envolvimento nas dependências da Associação, certamente despertaria a desconfiança dos malfeitores. Os mafiosos sabiam que ela tinha conhecimento de algumas operações ilegais realizadas através da Associação, mas consideravam-na de inteira confiança. Mas, com certeza, após serem denunciadas todas as informações que ela me havia passado através de computador, os mafiosos teriam certeza de que ela não era mais de confiança. Isto porque alguns dados conhecidos somente por ela e Vincenzo também foram acrescentados junto às informações fornecidas após as partidas de xadrez. Paola contou que não esperava envolver-se comigo, foi realmente o acaso que nos uniu. Quando ela se graduou na universidade, Dom Gianmarco pediu-lhe para procurar emprego e se infiltrar na Associação. Dom Gianmarco sabia que alguns empresários da Associação, estavam envolvidos com o tráfico mundial. Além disto, ele tinha ciência de que a empresa de meu pai adotivo fazia parte da Associação e, com o passar do tempo, eu assumiria os negócios. Desta forma, eu estaria mais próximo dos olhos de Paola, que por sua vez transmitia a ele todas as informações desejadas sobre as operações ilegais e sobre minha pessoa. Para Paola não foi difícil conseguir emprego na Associação, pois além de

Alcatéia

possuir um excelente currículo, ainda tinha uma aparência notável. Ela recebeu ordens de Dom Gianmarco para proteger-me a qualquer custo, dando-me gradativamente todas aquelas informações. Ele sabia que eu havia recebido uma criação honesta e também tinha certeza de que eu denunciaria toda a corrupção. Perguntei por que Dom Gianmarco não mandou que ela mesma denunciasse todo o esquema, ao invés de correr o risco de ter as informações interceptadas quando as passava para mim através de computador. Paola argumentou que Dom Gianmarco queria que seu único filho soubesse de seu total arrependimento quanto à sua vida criminosa, com os dados em mãos e a confirmação através dela, eu saberia que foi ele quem passou os dados denunciando a conexão mundial que a máfia utilizava para cometer os mais variados tipos de crimes. Desta forma, ele achava que certamente eu o perdoaria pelas suas ações. Paola informou que há algum tempo atrás, Dom Gianmarco vendeu quase todo o seu patrimônio. Com o dinheiro obtido, fez doações para diversas instituições de recuperação de dependentes químicos espalhadas pelo mundo. Ficou apenas com uma casa para viver o resto de sua vida na Sicília e alguns poucos recursos para se manter até a morte chegar. Paola disse que Dom Gianmarco estava debilitado com as doenças provenientes da própria idade. Ela voltou a reforçar que ele era realmente um homem arrependido, informando que quando ainda dispunha de muito dinheiro, contratou os melhores especialistas para realizar o levantamento das informações que seriam reveladas a mim. Entre estes, estavam os melhores detetives do mundo, tendo inclusive ex-agentes da agência Central de Inteligência Americana. Dom Gianmarco também utilizou parte de seus próprios

André Prado

homens de confiança, para obter êxito na investigação do crime organizado. Sabia que eles já estavam infiltrados no mundo do crime e ainda lhe deviam grande lealdade. Como Dom Gianmarco sabia que os dados a serem revelados à minha pessoa eram de alta periculosidade, recomendou que estes deveriam estar extremamente protegidos. Assim sendo, Paola usou o jogo de xadrez, porque sabia através de Francesco que eu gostava muito deste jogo. Ela tinha certeza de que eu daria um jeito de vencer os desafios e ganhar as partidas que revelariam todas aquelas informações. Aproveitei para comentar que ela exagerou quando me colocou frente a frente contra o computador utilizando o programa “Chessmaster”. Mas Paola disse que mesmo que eu perdesse, teria que dar um jeito para que aquelas informações chegassem ao meu conhecimento. Entretanto, isto iria ser moroso, pois precisaria planejar outra forma segura para que eu tivesse acesso aos dados. Perguntei se não teve receio de transmitir os dados através do computador. Informou que o programa que transferia os dados foi desenvolvido por um “hacker”, sendo que este utilizou uma poderosa linguagem da Internet conhecida como “Java”. Comentou também que este “hacker” utilizou-se de um sistema de criptografia das informações durante o trânsito das informações sigilosas para meu computador. Alegou que o programa apresentava alta confiabilidade e segurança, sendo remota a probabilidade de alguém ver as informações durante o tráfego na Internet. Perguntei-lhe se sabia quem era o assassino de Francesco. Disse que ainda não tinha conhecimento do autor do crime, mas que havia contratado alguns investigadores para descobrir quem era o criminoso. Afirmou que o feitor do crime poderia ser qualquer pessoa envolvida com a máfia. Entre

Alcatéia

eles, citou que poderia ser o Padre, o General, Vincenzo ou qualquer outro envolvido com a organização. Curiosamente, informou-me que os mafiosos atuam como uma alcatéia, ou seja, similarmente às verdadeiras comunidades de lobos. Informou-me que vivem em bandos, mas sempre possuem um líder. Comentou que sempre atacam quando se sentem ameaçados ou o domínio de seu território corre algum risco. É o que eles chamam de lei da sobrevivência. Para minha maior perplexidade, Paola também revelou que aqueles homens que me seguiam foram contratados por Dom Gianmarco para minha proteção, logo após a morte de Francesco. Ambos eram profissionais de elite recentemente aposentados da Interpol. Informou que eram capazes de acertar uma mosca à distância, ainda mais qualquer pessoa que se aproximasse de mim para fazer algum mal. Eram exímios atiradores. Informou que quando chegássemos ao Rio Grande do Sul, daria ordem para irem até a sede fazenda, pois haviam recebido mais que suficiente para manter-me seguro até quando tudo se acalmasse.

Assim que chegamos a Porto Alegre, Paola telefonou para o celular dos capangas, transmitindo nossa localização. Depois disso, contratei um táxi para levar-nos até a fazenda. Era um bom trecho de viagem. Estávamos exaustos e chegamos muito tarde. Tio Nicolla abriu as portas todo espalhafatoso como sempre. Para variar, ele acordou todos que dormiam no casarão. Naquele dia não deixei transparecer nada do que já havia acontecido. Cumprimentamos todos e fomos para o quarto descansar.



André Prado



Alcatéia

Capítulo XXII

O Casamento

Acordamos por volta das 11:00h. Anunciamos nossa futura união para todos. Papai e mamãe ficaram emocionados. Tio Nicolla, todo sorridente, levou-me para a cidade mais próxima para marcar a data do casamento. Informei que eu e Paola queríamos que a celebração fosse feita na capela da fazenda. Bem, se qualquer coisa simples já era motivo para ele fazer a maior festança, imagine o casamento de um parente. Prosseguimos rumo à cidade de Caxias do Sul. Primeiramente fomos à catedral solicitar um padre para fazer a cerimônia na fazenda. Tio Nicolla o conhecia e falou que a cerimônia deveria ser algo inesquecível. Depois fomos ao Cartório de Registro Civil. Consolidaria meus laços com Paola, no mesmo dia do casamento religioso. A data foi a mais próxima possível que consegui agendar. Aproveitei que estava na cidade, para começar a comprar os preparativos da festa. Procurei por uma loja que vendesse roupas de casamento. Solicitei que alguém da loja fosse até a fazenda para que Paola escolhesse o vestido desejado. Era impressionante como Tio Nicolla conhecia pessoas num vilarejo da cidade.

André Prado

Enquanto ele percorria vagarosamente a cidade com sua inconfundível caminhonete Toyota, pessoas acenavam para ele. Por sua vez, Tio Nicolla levantava o braço esquerdo para fora e cumprimentava as pessoas, cada um pelo nome. Quanto aos “comes e bebes”, não havia muito com o que eu me preocupar. Tio Nicolla avisou que mandaria abater três garrotes. Achei um pouco exagerado, mas disse ele que seus amigos comiam bastante. Concordei com uma festa popular na parte da tarde, pois queria agradar meu tio e seus amigos. Infelizmente, devido às circunstâncias, não convidaria meus amigos que moravam em São Paulo. Como vinho também não faltaria em hipótese alguma, precisava encomendar os adornos, alguns tipos de enfeites e o bolo. Fomos até uma floricultura mais próxima do centro da cidade e solicitei que enviassem as flores mais bonitas e os melhores arranjos para a ocasião. Por último, encomendamos em um “buffet”, o bolo de casamento, doces, e alguns salgados que seriam servidos ainda na parte da manhã.

Antes de retornar, Tio Nicolla parou em um boteco para tomar uma cachaça que ele dizia ser da boa. Não sossegou enquanto eu não tomasse um trago. Para não despontá-lo, peguei o copo e engoli firme. A cachaça desceu queimando dentro de mim, parecia que eu estava pegando fogo. Tio Nicolla começou a rir de mim. Engasgado, também comecei a rir sem parar. Conclusão... Tomamos mais de quinze doses cada um. Bem, pelo menos eu achava que era isto, pois não conseguia nem mais contar. Como Tio Nicolla era mais cauteloso no volante e acostumado com bebidas fortes, foi dirigindo. Eu fui deitado sobre uma lona dobrada que havia na traseira da caminhonete. Já era noite e estava um calor imenso. Acho que não era tanto pelo clima que

Alcatéia

eu me sentia aquecido daquela forma, e sim pela quantidade de cachaça que havia tomado. Enquanto a caminhonete se deslocava, eu ficava a observar as belas estrelas que compõem o universo. Fiquei imaginando que existem muitas pessoas que passam a vida toda em função do dinheiro e poder, esquecendo-se de contemplar a maravilhosa natureza que Deus nos deu. Muitos permanecem cegos pela ganância. Não é porque uma pessoa é rica ou poderosa que ela é feliz. A felicidade pode ser encontrada nas coisas mais simples. Muitos seres humanos passam pela vida e morrem infelizes, justamente por não procurar a felicidade no lugar certo. A vida é muito curta. Temos que vivê-la com intensidade e simplicidade. O caminho para a verdadeira felicidade está muito mais próximo do que as pessoas imaginam. Inicia-se dentro de cada indivíduo. Em primeiro lugar, a pessoa deve fazer uma busca interior, ou seja, uma introspecção. Depois de encontrar-se e descobrir a finalidade para a qual veio ao mundo, deve exercer seus dons para construir um mundo melhor para si e para os outros.

Enfim chegamos à fazenda. Eu estava um pouco melhor do porre. Tio Nicolla aparentava estar completamente sóbrio; acho que o organismo dele já estava acostumado com o efeito da cachaça. Ajudou-me a descer da traseira da caminhonete. Paola observou a cena e começou a rir. No mínimo desconfiou rapidamente o que havia acontecido. O que achei mais bonito aquela noite, é que ela sequer fez um olhar ou gesto de reprovação. Cansei de ter namoradas que não podiam ver-me tomar uns goles. As feras já ficavam com cara de quem comeu e não gostou. Mulher era Paola, o resto era conversa. Entrei e ela acompanhou-me até a cozinha. Tia Bettina havia preparado um caldo verde com

André Prado

salsa e lingüiça calabresa. Jantei e fui direto para a banheira. Ali me deitei na mesma e quase dormi. Paola ficou preocupada com a demora e adentrou o banheiro. Pegou o sabonete e uma bucha. Começou carinhosamente a esfregar-me. Depois ia me ajudar a sair de lá. Nesse momento, aproveitei e puxei-a para dentro. Dei-lhe um beijo, sentindo sua fragrância estonteante. Ficamos a rir por alguns minutos. Como aquele dia fora feliz para mim! Estava preparando-me para casar com a mulher de minha vida. Depois de alguns minutos, Paola convenceu-me a ir para a cama. Enrolei-me em uma toalha, fui para o quarto. Ela ficou a passar as mãos nos meus cabelos até que eu adormecesse.

No outro dia, estava-me espreguiçando próximo à janela aberta. Observei que o carro dos capangas já estava estacionado do lado de fora. Perguntei a Paola sobre a chegada deles. Ela informou-me que chegaram logo após eu adormecer. Tio Nicolla tentou convencê-los a entrar e dormir em um dos quartos. Mas preferiram dormir nas redes do lado na varanda do casarão. Acredito que eles preferiram assim para montar guarda durante a noite. Provavelmente iriam ficar se revezando na vigília. Fomos para a cozinha e tomamos um delicioso e completo café da manhã. Depois Paola resolveu me apresentar os dois capangas. Eles falavam muito pouco a língua portuguesa, assim Paola conversou com eles em idioma italiano. A linguagem era bem diferente da falada pelos ítalo-brasileiros, que misturavam italiano com português, criando algo que eu me acostumei a chamar de italianês. Conhecendo-os melhor, até que os achei simpáticos. Bem, confesso que os achei muito mais simpáticos após saber que eles desejavam me proteger ao invés de me matar.

Alcatéia

Agora eles passaram de capangas para guarda-costas. Entretanto, eu já estava acostumado com a denominação anterior. Paola avisou que podiam ficar um pouco mais tranquilos, pois ninguém saiba que estávamos na fazenda. Pediu que entrassem e tomassem um banho. Mostrou as dependências do casarão e arranhou-lhes um quarto para deixarem suas bagagens e repousarem durante o dia, caso quisessem. Mas percebemos já a princípio, eles não estavam dispostos a deixar de dormir nas redes. Paola indicou a cozinha para que procurassem algo para se alimentarem. Pediu que fossem discretos e não mostrassem suas armas para as pessoas da casa. Ela já havia informado a todos que eram dois amigos dela. Aproveitei que estava mostrando algumas coisas a eles e pedi licença para falar com papai. Chamei-o para caminharmos pela fazenda. Ele aceitou. Descemos as escadas e saímos. Já à distância, onde ninguém pudesse nos ouvir, iniciei o diálogo:

- Pai... Estou um pouco constrangido, mas tenho que lhe perguntar algo!

- Pois não, filho... Pode perguntar! - disse ele curioso

- Esta é uma dúvida que tive desde pequeno, mas nunca tive a coragem de perguntar.

- Pois então pergunte! O que o está deixando aflito?

- Bem... Vou direto ao assunto. Sempre percebi algumas diferenças físicas entre vocês e mim, mas também sempre tive medo de perguntar e saber toda a verdade sobre minha origem. Acontece que eu preciso saber da verdade. Sei que pode parecer estranho perguntar isto agora, mas eu gostaria de receber uma resposta sincera. Eu sou seu filho adotivo?

- Por que está perguntando isto agora? - indagou assustado.

André Prado

- Porque eu preciso saber a respeito de minha origem.

- Mas isto mudará alguma coisa em sua vida?

- Não... De forma alguma! Desejo apenas saber de coisas que, no momento, são relevantes para mim.

- Bem meu filho... - falou o velho homem com os olhos cheios de lágrimas - Já que acha que é importante para você, eu direi... Mas saiba que isto jamais mudará o meu sentimento e o de sua mãe por você.

- Bem, pai... Pelo decorrer da conversa, percebi que sou seu filho adotivo... - antecipei a resposta dele.

- Sim... Você é meu filho adotivo. Entretanto, criei você como se fosse o mais legítimo dos filhos. Pensei em algumas ocasiões, em lhe revelar toda a verdade. Porém, tive receio de como você reagiria a tudo isto. Você sempre foi uma pessoa muito alegre! Tive medo de vê-lo triste por causa de algo indiferente para mim. Saiba que no coração de seu pai e de sua mãe, sempre existiu amor de sobra para você. Confesso que eu sempre senti um amor maior por você, do que sentia por Francesco que era sangue do meu sangue.

- Eu sei, pai... Eu sei... - falei emocionado - Eu também amo muito você e mamãe. Eu sempre achei que pais são aqueles que criam, não os que geram. Devo inteiramente a vocês a pessoa bem formada que sou hoje. Pode saber que sou muito feliz por ter sido criado por uma família idônea como a nossa.

- Abrace-me filho! - disse ele abrindo os braços e chorando.

Abracei-o e estava tão emocionado quanto eu. Beije seu rosto e o tranqüilizei. Falei que não havia como meu sentimento diminuir por causa da omissão de um fato que também era indiferente para mim. Meu amor por eles

Alcatéia

somente aumentava à medida que a vida passava. Como ainda estava curioso, tive que sanar algumas dúvidas. Respirei fundo e perguntei:

- Apenas por curiosidade, pai... Poderia dizer quem é meu pai biológico?

- Bem, filho... Este é um dos motivos que sempre me impediu de dizer-lhe a verdade quando você era mais novo.

- Mas agora pode dizer, pai... Acho que já estou preparado para ouvir tudo.

- Está mesmo? Tem certeza?

- Sim... Pode falar com tranquilidade.

- Está bem... Vou contar-lhe da melhor forma. Sua mãe biológica aos vinte anos, casou-se com um homem aparentemente muito bom, mas que manipulava negócios escusos. Do amor deles, nasceu você. Como ela tinha muito medo de criá-lo em um ambiente perigoso, pediu para seus avós biológicos contatarem meus pais aqui no Brasil. Eles sabiam que nossa família sempre foi muito honesta. Ela conseguiu embarcar você seguramente em um navio. Após dias de viagens, eu fui pegá-lo no porto. Eu era jovem e estava recém casado com sua mãe. Quando o peguei no colo, você sorriu para mim. Foi a partir daquele momento, que começou meu amor por você. Sua mãe e eu conversamos com meus pais. Sugerimos que você fosse criado por nós. Eles concordaram, afinal, também estariam por perto. Sabiam inclusive, que pelo andar natural da vida, ficariam velhos e deveriam morrer antes que nós. Por isso, acharam viável que você fosse criado por sua mãe e por mim. A princípio, tínhamos receio de que sua mãe biológica um dia tentasse levá-lo de volta. Mas soubemos que ela havia sido assassinada por engano. Quando você veio a nós, havia um bilhete pedindo para jamais revelarmos

André Prado

informações sobre seu paradeiro, pois seu pai biológico iria fazer de tudo para revê-lo. Ela não queria de forma alguma que você fosse criado entre os mafiosos. Assim, naquela ocasião, rompemos qualquer contato com a Itália. Bem, isto é tudo que sei filho...

Obrigado, pai! Isto era tudo que eu precisava saber.

Dei-lhe um abraço bem forte e depois retornamos abraçados até o casarão. Os outros dias que se sucederam foram bem tranquilos. Na fazenda a paz era imensurável. Paola já havia escolhido o vestido de noiva. Nós costumávamos passear todas as tardes pelos arredores. Eu sempre pedia para um empregado selar dois cavalos mansos para que pudéssemos cavalgar e apreciar toda aquela bela natureza que Deus criou. O canto dos pássaros, todo aquele verde em volta, trazia-nos enorme paz interior. Era uma terapia inigualável. Muitas vezes, parávamos debaixo de grandes árvores que existiam no alto dos morros. A sombra era extremamente acolhedora. Primeiro eu me sentava. Depois de me acomodar ao pé da árvore, eu abria um pouco as pernas para Paola sentar-se no vão. Eu a abraçava ternamente. Ficávamos horas namorando. O vento nos tocava de forma envolvente. Em alguns dias, permanecíamos em silêncio para contemplarmos melhor a natureza. Em outros dias, ficávamos a conversar sobre nossas vidas e a fazer planos futuros. Em certas ocasiões, era impossível ficar sem fazer amor. Tirávamos nossas roupas e deitávamos sobre as mesmas. Fazíamos amor ouvindo o lindo entoar dos pássaros. Certa vez eu retirei a sela de um dos cavalos. Deixei apenas aquela manta que permanece entre a sela e o cavalo. Completamente nua, ajudei Paola a montar o cavalo. Já sem roupas, trouxe o

Alcatéia

cavalo para perto de uma raiz de árvore mais elevada. Assim, pude montá-lo mais facilmente. Completamente nus, pedi para Paola curvar seu peito para frente e encostar seus seios sobre o cavalo. Eu continuei na posição habitual para cavalgar, apenas posicionando-me um pouco mais para trás. Aproximei-me e juntei minhas pernas às de Paola, fazendo com que meu membro entrasse completamente em sua genitália. Segurei as rédeas e dei o comando para o cavalo cavalgar lentamente. O próprio movimento proveniente dos passos do animal, propiciava estímulos em nossos órgãos genitais por alguns momentos. Depois puxei as rédeas para o cavalo parar. Peguei suavemente a cintura de Paola com minhas mãos. Assim, eu puxava o corpo dela contra o meu. Cada vez que puxava, meu membro entrava profundamente em sua genitália. A cada movimento deste, Paola emitia um gemido que me deixava mais excitado. Os movimentos que inicialmente eram lentos, começaram a se intensificar. Almejávamos apreciar aquela sensação ao máximo. Eu tentei resistir o quanto pude, mas já não agüentava mais permanecer sem gozar. Já estávamos há um bom tempo fazendo amor naquela posição. Realmente eu não conseguia mais agüentar ficar sem atingir o clímax. Meu membro estava completamente enrijecido e estimulado. Paola já havia gozado diversas vezes e estava apenas esperando eu chegar ao ápice do prazer masculino para ela atingir o orgasmo final. Fazia isto sempre, tinha prazer várias vezes durante a relação e ainda atingia um orgasmo mais forte no final. Era como se o prazer total dela, estivesse atrelado ao momento em que eu atingisse o êxtase pleno. O interessante é que eu não precisava nem avisar o momento que iria atingir minha excitação total. A sensibilidade de Paola fazia com que ela

André Prado

percebesse o momento exato. De repente, aumentei ainda mais a intensidade dos movimentos. Depois, soltei um gemido de prazer. Sentimos nossos corpos estremecerem. Cheguei a sentir o volume do sêmen percorrer meu membro, descarregando dentro da genitália de Paola. Parecia que eu não iria mais parar de gozar. Paola por sua vez, ficou enlouquecida de tanto prazer. Sua genitália parecia que iria pegar fogo, ficando mais quente ainda ao receber todo aquele esperma. Aquela sensação prolongou nosso êxtase total, deixando-nos nas nuvens.

Todas as vezes que fazíamos amor em meio à natureza, costumávamos banhar-nos antes de retornar ao casarão. Íamos até a cachoeira já conhecida. O fato de sempre passear pelas tardes, fez com que não nos perdêssemos mais nas dependências da fazenda. Acho que acabamos por descobrir lugares que nem Tio Nicolla conhecia, mesmo vivendo há muitos anos naquele maravilhoso lugar.

Mais alguns dias se passaram e enfim chegou a tão esperada data do casamento. Paola e eu estávamos ansiosos demais. A capela da fazenda não era muito grande, mas couberam todos os familiares do lado de dentro. Alguns amigos do Tio Nicolla tiveram que acompanhar a cerimônia do lado de fora, pois não havia outra forma. A cerimônia foi magnífica. Meu coração permaneceu acelerado o tempo todo. Paola estava lindíssima vestida de noiva. Confesso que sempre fiquei encantado quando os padres discorrem aquele trecho nos casamentos: “Na alegria e na tristeza, na saúde e na doença... Até que a morte os separe”. Isto é o que sempre desejei. Existem vários casais que ouvem isto no dia do casamento, mas por causa de egoísmo acabam se separando futuramente. Hoje em dia, as pessoas só pensam em seu bem-estar individual. Esquecem que a união

Alcatéia

conjugal transforma o casal em uma só carne. Nas ocasiões mais difíceis, alguma das partes deve abdicar de seus interesses próprios para satisfazer o parceiro. O casamento não é só “venha a nós o vosso reino”. Muitas vezes temos que ceder para proporcionar maior alegria ao parceiro. E a alegria do parceiro também deve ser a alegria do cônjuge. Entretanto, deve haver um equilíbrio em toda relação. Caso somente uma das partes seja a que sempre abdica, a outra pessoa irá sentir-se prejudicada e provavelmente buscará a felicidade em outro relacionamento. Bem, era o momento de parar de ficar pensativo para colocar a aliança no dedo de Paola. Após o feito, ela também colocou a aliança em meu dedo. Na seqüência, ouvimos os votos de felicidades e bênçãos finais concedidas pelo Padre. Fiquei completamente emocionado quando ele disse: “Agora podem se beijar!”. Assim, tocamos nossos lábios para selar definitivamente aquela abençoada união. Após isto, recebemos os cumprimentos dos padrinhos, madrinhas, amigos e parentes. Ao sair da capela, caiu sobre nossas cabeças a tradicional chuva de arroz. Apesar de terem filmado toda a cerimônia, aquelas imagens ficariam mais fortemente guardadas em nossas memórias para o resto de nossas vidas.

Ao sair da capela, fomos em direção ao imenso galpão da fazenda. Muitas fotografias foram tiradas e os convidados servidos como manda o figurino. Na parte da tarde, instrumentos afinados permitiam que a música corresse solta pelos cantos e contagiasse completamente o ambiente. A alegria era tanta que todos estavam exagerando no vinho. Mas tudo bem, pois era dia de festa. O cheiro do churrasco estava ótimo. As pessoas que dançavam abriram uma grande roda e começaram a bater

André Prado

palmas. Breve, arrastaram-nos para o centro da roda. A música estava animadora. Paola e eu pulávamos levantando alternadamente uma das pernas. O sorriso e a felicidade estavam estampados em nossas faces. Cansados de tanto dançar, saímos da roda e pedimos para os outros continuarem dançando. Através do encaixe dos braços, as pessoas iam trocando seus pares até retornar ao par correto. Era uma dança encantadora. A festa estendeu-se madrugada adentro. Até os capangas estavam engraçados. Acho que beberam além da conta e tentavam comunicar-se com algumas mulheres da festa. Papai e Tio Nicolla tomaram vinho até quase desmaiar. Foram arrastados por Titia e Mamãe para dentro do casarão. Todos estavam muito contentes. As lágrimas escorreram de nossas faces em várias ocasiões da festa. Cansados e felizes, Paola e eu recolhemo-nos aos nossos aposentos. Tomamos um banho e fizemos amor para consagrar nossa união.

No dia seguinte, tomamos um delicioso café da manhã. Giácomo iria levar-nos até o aeroporto. Estava carregando seu carro com as bagagens, enquanto nos despedimos de todos. Chamei os capangas e pedi para que retornassem a São Paulo com os envelopes contendo todas as informações sobre o esquema criminoso. As informações deveriam ser expedidas de São Paulo para tudo ter mais lógica. Como sempre consta o carimbo do correio informando o local de onde partiu a correspondência, eu sabia que São Paulo era o local mais indicado. Como eu havia colocado como remetente o detetive, eles iriam supor que o detetive havia passado em vida aquelas informações a uma pessoa de confiança e que esta também residia em São Paulo. Informei aos capangas que eles deveriam retornar a São Paulo imediatamente. Com a ajuda de Paola, orientei-os para

Alcatéia

postarem as correspondências, mas para não deixarem nenhuma marca com suas digitais. Mesmo sabendo que no Brasil o sistema de identificação de pessoas por digitais não é muito eficiente, não era bom facilitar. Como aquelas informações iriam para órgãos no exterior, sabia que lá existe um eficiente sistema de comparação de digitais. Como os capangas eram estrangeiros, caso eles deixassem alguma digital impressa, alguma dessas instituições internacionais poderia acabar identificando-os. Informei que após a postagem, deveriam ficar em minha casa até que retornássemos. Pedi para papai telefonar avisando os empregados de que os capangas seriam nossos hóspedes. Não havia necessidade alguma de eles nos acompanharem até a Itália. Além de tirar minha liberdade e a de Paola, ninguém, exceto uma ou outra pessoa de minha inteira confiança, estava sabendo que iríamos viajar para o exterior.

Já no aeroporto, despedimo-nos de Giácomo e sua esposa. Ingressamos no avião e para nossa alegria, o voo não atrasou. Enfim, estávamos partindo para uma lua-de-mel inesquecível.



André Prado



Alcatéia

Capítulo XXIII

A Itália

Escolhemos a seguinte ordem para nosso roteiro de viagem: Turim, Gênova, Milão, Pádua, Veneza, Bolonha, Florença, Roma, Nápoles e Palermo, na Sicília. Alguém pode pensar que nossa lua-de-mel já havia acontecido anteriormente, mas devemos considerar que hoje os costumes são outros.

Chegando a Turim, aproveitamos para conhecer bonitos parques e jardins botânicos localizados próximos às margens do Rio Pó. Depois entramos em um bondinho e fomos ao topo de uma colina para apreciarmos o belo panorama da cidade. Entre outros lugares, visitamos algumas escolas militares, o observatório, uma academia de ciências e o museu.

Para ficar mais romântico nosso passeio pela Itália, decidimos percorrer de trem a maior parte possível do percurso planejado. Os trens dispunham de confortáveis camarotes e a paisagem era deslumbrante. Isto sem mencionar que a comida a bordo era magnífica.

De Turim, partimos para Gênova. Ficamos encantados com a famosa estátua erguida na Praça Acquaverde de

André Prado

Cristóvão Colombo, afinal era a cidade natal do conhecido navegante. Michele Canzio, foi a autora daquele conceituado monumento. Pelo fato de ter o porto mais movimentado da Itália, Gênova possui muitos marinheiros transitando por lá. É realizada uma festa anual conhecida como Madonna della Guardia, nomeada Padroeira dos marinheiros. A cidade possui alto nível de instrução e o padrão de vida é um dos mais elevados da Itália. Visitamos várias praças públicas e alguns parques.

Após alguns dias, fomos para Milão, principal centro financeiro da Itália. Visitamos as ruínas de igrejas pré-medievais, tão importantes como as de Roma e Ravena. Infelizmente, poucas construções da idade média sobreviveram. Tivemos oportunidade de conhecer uma obra-prima da escultura medieval Milanesa. Tratava-se do túmulo de S. Pedro Mártir, na capela de Portinari, autoria de Giovanni di Balduccio de Pisa. Também fomos ao Pallazzo della Ragione e à Loggia degli Osii, próximos à Piazza Mercanti, centro administrativo e comercial da Milão medieval. Outra obra impressionante realizada no fim da idade média, foi uma Catedral iniciada por volta do ano de 1.386 e concluída somente cinco séculos após. Seu interior possui uma grande quantidade de estátuas. Também visitamos o refeitório de uma abadia, onde pudemos ver a famosa obra de Leonardo da Vinci intitulada “Última Ceia”. Também fomos ao Castelo Sforzesco, que se tornou museu e galeria de arte. Não podíamos deixar de conhecer o Palazzo di Brera que atualmente abriga uma galeria de pintura, considerada uma das mais importantes da Europa. Depois fomos ao Teatro de Alla Scala, uma notável obra do século XVIII. Agora, quem acredita que Milão dispõe apenas de obras de arquitetura antiga, teria uma grande surpresa

Alcatéia

ao conhecer as instalações das Empresas Pirelli e Olivetti, símbolos da arquitetura moderna Milanesa.

Depois partimos para Pádua. A famosa cidade situada às margens do Rio Bacchiglione, a 35 Km de Veneza, onde nasceu o conceituado historiador romano, Tito Lívio. As ruas são estreitas e tortuosas, ladeadas por arcadas e com muitas pontes altas romanas que cruzam os vários braços do rio. Possui muitos palácios e igrejas medievais. Conhecemos as obras de Giotto, mestre da pintura, que com seu estilo realista revolucionou a pintura na Itália. Conhecemos também algumas obras de Donatello, escultor nascido em Florença. Galileu lecionou na famosa Universidade de Pádua durante 18 anos de vida.

E como não podia faltar em nosso roteiro... Chegamos à deslumbrante Veneza. Situada sobre aproximadamente 120 ilhas do mar Adriático, a cidade possui ruas, praças e muitos canais. A beleza da arquitetura, bem como das inestimáveis obras de arte, contribuem para que seja um grande centro turístico. Alugamos uma gôndola para fazer um passeio romântico pelo principal canal da cidade. Visualizamos vários palácios de mármore e pedra, construídos entre os séculos XII e XIX. Logo após, visitamos a Basílica de São Marcos, um dos melhores exemplos de arquitetura bizantina. Do outro lado da praça, vimos vários edifícios em estilo renascentista. Fomos conhecer a Academia de Belas Artes de Veneza. Entre outras, pudemos observar as obras famosas de Tintoretto, Ticiano e Paolo Veronese. Meu sonho era assistir a uma apresentação de Pavarotti no Fenice, o maior teatro de Veneza. Infelizmente, não havia nenhum evento agendado na ocasião.

De Veneza, partimos para Bolonha, situada entre os rios

André Prado

Savona e Reno. O centro da cidade ainda mantém características da época medieval. Entre os séculos XII e XIII, muitas torres foram construídas. Infelizmente restaram poucas torres como Garisenda e Asinelli. Depois fomos até a Catedral de S. Petronio, um dos maiores templos da cristandade. Conhecemos outros templos religiosos importantes, como a igreja de S. Domingos e S. Francisco, ambas em estilo gótico. Aproveitamos para visitar uma das mais antigas Universidades da Europa, famosa por seus cursos jurídicos. Também não poderíamos deixar de visitar a Pinacoteca Nacional, com sua vasta coleção de pintores Bolonheses e algumas obras de Tintoretto, Veronese, Rafael e Ticiano.

Mais alguns dias de passamos e fomos para Florença, um verdadeiro sonho de cidade. Conhecida como grande centro cultural da Itália, o local foi o centro do Renascimento. Alguns dos maiores pintores, escultores e escritores da história viveram e trabalharam na cidade. Leonardo da Vinci, Fra Angélico, Giotto e Miguelangelo produziram magníficas pinturas e esculturas em Florença. Giovanni Boccaccio e Petrarca foram grandes escritores que se destacaram na cidade. Outro famoso escritor que lá viveu foi Dante, o escritor da Divina Comédia. Davi, uma das mais conhecidas obras de Miguelangelo, foi eleita pelo povo florentino o verdadeiro símbolo do espírito artístico da cidade. Conhecemos uma ampla praça pública, chamada de Piazza della Signoria. Visitamos o Museu Nacional de Bargello, que exhibe inúmeras obras-primas da escultura Renascentista. Aproveitamos para comprar algumas recordações no Mercato Nuovo, área comercial no centro da cidade.

Depois de conhecermos Florença, partimos para Roma,

Alcatéia

um dos maiores centros culturais do mundo. Conhecida como capital administrativa e espiritual da Igreja Católica, fica a apenas 24 Km do Mar Tirreno. Nos montes Paladino e Capitolino existem muralhas de defesas que foram erguidas antes de Cristo. A primeira muralha de defesa é conhecida como Muralha Serviana. A enorme muralha foi utilizada para defesa durante toda a Idade Média. Também tivemos a oportunidade de conhecer obras da arquitetura eclesiástica da Roma Medieval. Entre outras, destacam-se as Igrejas de S. Paulo e S. João. Na Renascença, Martinho V restaurou templos e palácios. Para a realização do feito, teve a colaboração de vários artistas como: Miguelangelo com sua obra Piettà; Rafael com decorações e tapeçarias; Alberti com obra na famosa Basílica de São Pedro, Fra Angélico com pintura de duas capelas do Vaticano, Caravaggio com obra na capela de Cerasi e outros. Fomos informados que o início da transformação da Roma Medieval em uma cidade moderna teve início no século XVI. Na ocasião, Sisto V teve assessoria do arquiteto Domenico Fontana, criando novas praças e ruas, construindo palácios, obeliscos e restaurando o Aqueduto de Aqua Felice. Também construiu a Biblioteca do Vaticano e terminou a cúpula da Basílica de S. Pedro.

De Roma, partimos para Nápoles. A cidade fica situada na parte norte da baía de Nápoles. Também é um grande centro comercial e industrial da Itália. Entre as relíquias arquitetônicas da cidade, conhecemos o Castelo Nuovo, o Castelo Capuano, Catedral de S. Januário e igrejas de S. Lourenço Maior e S. Paulo Maior. Conhecemos algumas esculturas Renascentistas de Nápoles, na igreja de S. Domingo Maior. Visitamos inclusive, o Palazzo Gravina, atual sede da Faculdade de Arquitetura. Depois fomos ao

André Prado

Palazzo Filomarno, atual Instituto Italiano de Estudos Históricos. Por fim, fomos ao Museu Nacional conhecer obras de artes Grega e Romana.

Os dias passavam muito rápidos. A Itália sempre foi linda demais e, nesta ocasião, estava tendo a oportunidade de conhecê-la com mais detalhes. Queríamos que o passeio jamais terminasse. Como planejamos, utilizamos o trem na maior parte da viagem. Uma das coisas mais românticas que fizemos, foi fazer amor enquanto o trem percorria o seu destino. Quando chegávamos às cidades, alugávamos um carro. Em algumas ocasiões, contratamos um guia turístico para nos levar aos melhores pontos da localidade. Bem... Tínhamos que prosseguir viagem. Resolvemos ir de navio até a Sicília, pois Paola queria muito chegar a Palermo. Foi ela quem insistiu para incluir Palermo em nosso roteiro de viagem. Eu desconfiava de suas intenções quanto a isto, pois provavelmente, ela iria querer visitar Dom Gianmarco no local. A viagem de navio estava exuberante. O céu permanecia sempre azul durante o dia, sem nenhuma nuvem por perto. Alguns pássaros acompanhavam a embarcação. Nós quase não saíamos da parte superior do navio, pois a paisagem era muito linda. O vento tocava nossos corpos e envolvia-nos em um clima muito romântico. Sempre fiquei impressionado com a quantidade de água que existe em nosso planeta; o mar mediterrâneo parecia imensurável. Gostava de olhar na linha do horizonte, até onde a vista alcança. Como Deus foi criativo ao criar nosso planeta. Acho impressionante viver em um planeta sustentado sobre o nada. Durante a noite, deitávamos em cadeiras na parte superior do navio e começávamos a contemplar o universo. Sempre gostei muito de observar as estrelas. Isto sempre me fez refletir sobre a sabedoria do Criador. Além do mais,

Alcatéia

este ato propiciava o mesmo efeito de uma terapia. Em uma noite fria, ficamos conversando até madrugada adentro. Quando percebemos, estávamos sozinhos na parte superior da embarcação. Como não havia muitas luzes acesas, discretamente fizemos amor. A embarcação era para fins turísticos e não percorria o percurso em grande velocidade. Mesmo assim, achei que chegamos ao ancoradouro. Nossa vontade era ficar um ano inteiro naquele navio, que se assemelhava a uma cidade em certas ocasiões.

Desembarcamos e alugamos uma condução. Em Palermo, como no resto da Itália, conhecemos vários Museus, Igrejas e Palácios. Descobrimos que o local também é um intenso centro comercial e industrial. Modernos subúrbios circundam a parte mais antiga da cidade. Após conhecermos os principais pontos da cidade, como eu desconfiava, Paola disse:

- Bruno... Preciso visitar Dom Gianmarco. Gostaria que viesse comigo.

- Eu agradeço o convite, Paola. Mas prefiro procurar uma condução e aguardá-la em um hotel.

- Por quê?

- Porque não quero conhecer Dom Gianmarco.

- Não compreendo...

- Não quero conhecer um homem que mandou matar outras pessoas, fornecendo drogas para a juventude e destruindo com isto muitos lares e famílias.

- Mas Bruno... Ele se arrependeu de tudo isto.

- Eu sei... Mas acho que não me sentiria bem na presença dele.

- Bruno... Se não quer fazer isto por ele, então faça por mim! Devo muita gratidão a Dom Gianmarco. Reflita melhor! Não custa nada!

André Prado

- Não sei... - respondi pensativo.

- Ouça, ele pode não ter sido um pai exemplar, mas sempre o amou. Você sabe como funciona a máfia. Fácil de entrar e difícil de sair. Acredite no que eu digo, Dom Gianmarco arrependeu-se de tudo que fez de errado, prova disto foi o esquema criminoso que revelou para você fazer justiça através daquelas informações.

- Não sei, Paola... Estou confuso!

- Bruno... Você pode não ter sentimentos por Dom Gianmarco. Entretanto, ele o ama realmente. Jamais contrataria pessoas para protegê-lo se não o amasse.

- Entretanto, Paola, eu somente tive que ser protegido por causa dos atos que ele cometeu durante a vida.

- Certamente, Bruno... Mas nesta vida, nem sempre podemos escolher pelo que passar. A vida escolheu isto para seu destino, independente de você querer ou não. Ninguém escolhe a família que vai nascer!

- Tem razão... Mas acho que Deus foi bom demais ao mudar o meu destino. Ser criado pela família Puccini, foi a melhor coisa que poderia me acontecer nesta vida.

- Sim, Bruno... Também fazia parte de seu destino estar entre uma boa família.

- Com certeza.

- Bem... Vamos até a casa de Dom Gianmarco? É um favor que lhe peço!

- Você já achou meu ponto fraco, não é? Já sabe que eu não consigo dizer não a você durante muito tempo.

Ela sorriu e deu-me um beijo demonstrando todo seu contentamento. Ao chegarmos à casa de Dom Gianmarco, reparei que era uma casa de boa dimensão, mas estava longe de ser uma mansão. Realmente ele deve ter abandonado a luxúria. Alguns velhos homens ainda o

Alcatéia

mantinham protegido. Os homens mais novos, circulavam fortemente armados. Quando um dos homens mais velhos viu Paola, ficou muito emocionado. Abriu os braços e começou a tagarelar. Abraçou-a e pediu que entrássemos. Assim fizemos. A mobília era verdadeira antiguidade, bem conservada. A casa era confortável. Passando perto de uma estante, observei algumas fotos contidas em porta-retratos. Paola antecipou-se e começou a comentar sobre as fotos. Este é Dom Gianmarco, abraçado à sua mãe. Fiquei impressionado com a beleza dela. Queria dizer algo, mas fiquei um pouco emocionado ao ver aquela imagem na foto. Depois reparei que existiam algumas fotos recentes minhas. Peguei uma delas e olhei para Paola. Sem que eu perguntasse nada, ela confirmou que foi ela quem a havia enviado. Observei que um dos empregados aproximou-se de Paola. Em italiano, falou algo baixo demais para eu escutar. Paola virou-se em minha direção e disse que Dom Gianmarco estava muito doente em seu leito, mas queria receber-nos naquele momento. O empregado fez um gesto para acompanhá-lo rumo a um quarto. Quando chegamos, Paola ficou emocionada ao ver o homem naquele estado moribundo. Ela ajoelhou-se ao lado da cama e beijou suas mãos. Ele levantou lentamente a outra mão e tocou nos cabelos dela. Depois olhou para mim. Observei que uma lágrima rolou de seu rosto. Ele tentou falar algo, mas Paola pediu para que não se esforçasse. Com a mão que anteriormente tocava os cabelos dela, fez um gesto para que eu me aproximasse do outro lado da cama. Como Paola, ajoelhei-me. Aquelas cenas haviam tocado meu coração. Com dificuldade imensa, falou uma palavra em tom baixo, quase inaudível. Consegui entender o que disse. Desejava receber o meu perdão. Apenas gesticulei com a cabeça

André Prado

afirmativamente. Não conseguia falar nada, uma palavra sequer. Era como se estivesse com a garganta bloqueada. Estava emocionado demais com aquela situação. Com minhas duas mãos, segurei firme em sua mão. Depois encostei meu rosto em seu peito e comecei a chorar. Paola chorava muito, lágrimas infindáveis desciam-lhe pela face. Dom Gianmarco chorava e soluçava simultaneamente. Acho que aquela seria uma das cenas mais emotivas de toda a minha vida. Inicialmente, não entendi por que me emocionei de tal forma. Depois comecei a compreender que no meu íntimo, eu já havia perdoado aquele homem de seus atos passados. Perdoei-o porque eu sentia seu pleno arrependimento. Ergui minha cabeça e notei que um empregado pediu para que nos controlássemos. O excesso de emoção poderia prejudicar Dom Gianmarco, que no entanto fez um sinal para que o empregado se afastasse. Eu continuava segurando as mãos dele. Ele voltou a olhar ternamente para mim, abrindo um terno sorriso encantador. Depois fechou os olhos segurando minha mão. Meu Deus... Eu parecia não acreditar, mas o homem faleceu diante de nós. É como se ele estivesse apenas aguardando meu perdão para partir. Alguns empregados começaram a adentrar o quarto. A choradeira foi geral. Dom Gianmarco deve ter sido muito bom para aquelas pessoas. A vida é mesmo uma faca de dois gumes. Quase sempre temos duas escolhas, ou seja, dois caminhos. Dizem que um é certo e o outro errado. Mas isto pode ser uma questão de ótica. O caminho que para uns é certo, para outros é errado. Independente de tudo isto, sendo bom ou ruim o caminho escolhido, sempre existirá um gume da faca simbolicamente a nos cortar. Sim... Existe sofrimento tanto para quem escolhe o caminho do bem, como para aqueles que

Alcatéia

escolhem o caminho do mal. Talvez isto seja uma provação para demonstrarmos nossa fé. Indiferente à dor que um caminho possa propiciar, eu pretendo sempre escolher o caminho do bem. Na minha concepção, o sofrimento pode ser grande, mas a recompensa será maior ainda. Bem, já não havia muito que fazer naquele lugar, mas Paola insistiu para que ficássemos para o funeral. Um dos empregados levou-nos a um dos quartos da residência. Nossas bagagens já haviam sido colocadas lá. O sepultamento foi no mesmo dia, algumas horas mais tarde. Já estava tudo preparado, afinal, os empregados sabiam que o estado de saúde de Dom Gianmarco se agravava muito nos últimos dias. O cemitério era belo, havia muito verde e muita paz. Quase todos estavam vestidos de ternos e usavam óculos escuros. Os empregados estavam muito comovidos. Apareceram também alguns amigos de Dom Gianmarco. Alguns inimigos devem ter enviado espiões para conferir se ele havia realmente morrido. Como eu não conhecia quase ninguém, não dava para saber quem eram os estranhos que apareceram. Após o término da cerimônia realizada por um padre, retornamos para a casa.

No dia seguinte, tratamos de começar a providenciar nosso retorno ao Brasil. Após tomarmos café, um dos empregados apareceu com um testamento nas mãos. O documento determinava que a casa e uma quantia razoável de dinheiro, para Dom Gianmarco viver o restante de seus dias, estavam em meu nome. Aquilo me emocionou novamente. Peguei aquele testamento em minhas mãos e pedi para reunir todos os empregados. Quando chegaram, com a ajuda de Paola, escrevi de próprio punho em italiano que eu estava repassando a casa e o dinheiro para eles. Depois expliquei o que havia feito, solicitando para que

André Prado

os mesmos registrassem o documento quando desejassem. Pedi aos homens que faziam a segurança de Dom Gianmarco, que não fossem trabalhar para outros mafiosos. Que o arrependimento de Dom Gianmarco servisse de exemplo para todos. Reiterei para abandonarem a vida de crimes e comecem a procurar algo honesto para fazer. Como eram muito fiéis aos princípios de Dom Gianmarco, acredito que talvez acatariam meu pedido. Bem, pelo menos balançaram a cabeça afirmativamente. Interessante é que me olhavam com admiração e me tratavam com um respeito impressionante. Parece que toda lealdade que eles tinham por Dom Gianmarco havia sido transferida para minha pessoa. Sabiam que eu era filho daquele que fora um dia um dos maiores chefões da máfia. Certamente, Dom Gianmarco já havia informado a todos eles que eu jamais daria continuidade a um império criminoso. E até imagino que o homem fez isto com muito orgulho de mim. Todos os empregados olhavam-me com muita gratidão pelo meu último feito. Entre eles, decidiram que não venderiam a casa. Quase todos não possuíam mais família. A vida deles sempre foi aquela, servir o grande chefe, que aliás, foi um pai para todos eles. Aquela casa não era nenhuma mansão, mas possuía um tamanho razoável para acomodá-los pelo tempo que eles achassem conveniente.

Apenas alguns dias após, retornamos para o Brasil. Antes de me despedir, pedi-lhes apenas algumas fotos que estavam nos porta-retratos. Emocionado, um dos empregados tratou rapidamente de embalar cuidadosamente. Ao entregar, disse que independente do favor que eu precisasse e o local onde estivesse, poderia contar com ele e os outros para ajudar-me. Eu agradei a lealdade de todos e parti. Saímos em um carro conduzido



Alcatéia

por um dos empregados. Em um último relance, observei que todos eles acenavam emocionados.

Ingressamos em um avião até Roma. De lá, seguimos rumo ao Brasil. A Itália realmente é maravilhosa, mas o Brasil sempre foi nossa casa. Além da beleza natural de nosso país, também era o local onde viviam meus entes queridos. Havíamos permanecido 30 dias na Itália e as saudades que sentíamos de meus parentes eram imensas.



André Prado



Alcatéia

Capítulo XXIV

A Novidade

Assim que chegamos ao Brasil, convenci Paola de que deveríamos morar em casa. Não havia porque morar em outro lugar. Breve, as coisas deveriam ficar mais tranquilas e poderíamos viver sossegados.

Através dos noticiários de vários canais de televisão, ficamos sabendo que a polícia iniciara busca ostensiva aos mafiosos. Prender somente consumidores de drogas nunca surtiu resultado algum. Desta vez estavam prendendo os traficantes, combatendo a causa ao invés do efeito. Muitos policiais foram exonerados do cargo por terem ligação com o crime organizado. Achei interessante que a imprensa já estava ciente de quase todas as informações, mas eu ainda não havia emitido cópias para nenhuma rede de comunicação. Era momento de aproveitar a oportunidade e assim fazer. Após fazer isto, aumentou ainda mais a pressão da mídia sobre os órgãos responsáveis.

Alguns dias depois, como era esperado, o alvoroço parecia incontrolável. Mais chefes do crime organizado foram presos. A foto do detetive apareceu diversas vezes nos noticiários televisivos. Ele estava sendo considerado

André Prado

um mártir. Anunciavam que ele era o homem que teve coragem de investigar e denunciar a máfia, pagando com a própria vida. Eu tinha certeza de que independente de onde o detetive se encontrasse no além, ficaria feliz face aos acontecimentos. Ele era um homem idôneo e de boa moral. Certamente merecia esta homenagem. O melhor de tudo, é que isto estava acontecendo no mundo todo. Sabia disto, porque dispunha de canais de televisão por assinatura. Pude acompanhar nos principais noticiários da América do Norte e Europa, a perseguição aos chefões do crime.

Durante dois meses aproximadamente, controlei a empresa por telefone e correio eletrônico. Paola e eu não saíamos de casa em hipótese alguma. Junto conosco, permaneciam os empregados e os capangas. Novamente tentei tratá-los como guarda-costas ou seguranças, mas não adiantava pois tinha acostumado a chamá-los de capangas. Eles também não saíam de casa de forma alguma. Tudo do que eles precisavam, eu pedia ao meu empregado para comprar. Ambos estavam hospedados em um quarto da casa. Todos os dias almoçavam e jantavam juntos. Somente comiam massas. Eram brincalhões, desengonçados e engraçados. Mesmo vivendo em país de clima tropical, eles não abandonaram suas vestimentas típicas da Europa. Algumas vezes, não vestiam o casaco. Quando isto ocorria, ficavam de camisas brancas e calças pretas sustentadas por suspensórios. Um deles costumava amarrar um grande guardanapo no pescoço para se alimentar. O outro ficava debochando da atitude do companheiro, dizendo que aquilo parecia um babador de criança. Entretanto, um dia durante o almoço, aquele que estava sem guardanapo deixou cair espaguete e molho vermelho na camisa branca.

Alcatéia

O outro não resistiu e foi a hora de revidar as gozações. Passou três dias lembrando o feito ao companheiro que não usava guardanapo ao se alimentar. Paola e eu, ríamos sem parar das palhaçadas deles. Paola estava muito feliz, mas um pouco frágil quanto à saúde. Eu precisava levá-la ao médico, mas ela sempre pedia para eu aguardar alguns dias. Algumas vezes, ela ficava pálida demais. Fiquei preocupado e procurava cuidar de sua saúde com algumas ervas medicinais que não tinham contra-indicações. Eu lhe dava uma porção de beijinhos e ficava mimando-a pela casa. Mais alguns dias se passaram e ela chamou-me para uma conversa, dizendo:

- Bruno... Como vai seu coração?

- Por enquanto está bem! Por quê?

- Tenho uma notícia que mudará nossas vidas.

- Mais surpresas? Acho que não irei resistir. O que mais tem a me falar? Você tem mais alguma informação sobre os criminosos? Descobriu quem matou Francesco? - Falei apressado e ansioso.

- Calma, Bruno... Não é nada disto...

- O que é então? Fale rápido! Caso contrário acho que vou ter um colapso nervoso!

- Calma, já disse. Calma... - falou com um ar mais sereno

-Tudo bem! Vou tentar! Você tem que compreender que depois de todas as surpresas que tive, ficar calmo não é nada fácil!

- Bem...Tenho uma notícia à qual não sei como vai reagir.

- falou ela olhando fixamente nos meus olhos.

- Prossiga, por favor! Está querendo me matar de curiosidade?

- Está bem, está bem! Chega de suspense... Vou dizer de uma vez por todas! A novidade é que estou carregando

André Prado

uma nova vida dentro de mim! - disse ela alisando a barriga.

- O quê? - perguntei ainda surpreso.

- Isto mesmo! Estou carregando um filho nosso dentro de mim.

- Meu Deus! - falei totalmente fora de sintonia.

- Não gostou? - Falou ela rindo da minha cara de espanto.

- Não! Não gostei! - tentei falar sério - Eu simplesmente amei! - abrindo-lhe um enorme sorriso e abraçando-a.

- Bruno! Você quase me matou de susto! Pensei que realmente não havia gostado!

- Imagina, amor! Acha que não gostaria de ter um fruto do nosso amor? Eu estou repleto de felicidade!

Beijei-a e comecei a festejar. Pulei pela casa toda fazendo a maior anarquia. Logo todos chegaram até a sala para saber o que estava acontecendo. Comecei a contar para eles. Breve, todos entraram na folia e começaram a nos cumprimentar. Paola gostou da cena e também entrou na farra. Abri um champanhe para comemorar. Um dos capangas deu-me um de seus charutos. Bem, não sou fumante, mas para comemorar aquele fato valia tudo. Como nunca fumei, comecei a engasgar com aquele negócio. Calmamente, o capanga tentava me ensinar a colocar a fumaça para dentro dos pulmões sem engasgar. Depois de muita tentativa, percebeu que eu não nasci para ser fumante, graças ao bom Deus. Liguei para a fazenda e dei a notícia. Pelo telefone deu para perceber que eles começaram outra festa por lá. Papai e mamãe ficaram muito emocionados e felizes com a notícia. Ao desligar o telefone, reparei que Paola sorria sem parar. Estava tão feliz quanto eu. Não precisa nem dizer que eu tomei todas as bebidas possíveis naquela noite. Depois de tanta



Alcatéia

comemoração Paola acompanhou-me até o quarto, pois eu estava completamente embriagado. Ela ficou rindo durante um tempo de meu estado hilário. Depois concedeu bastante atenção e carinho. Tirou minhas roupas e pediu que eu entrasse na banheira já preparada para o banho. Como eu não deixava para depois, puxei-a para dentro. Ficamos sorrindo e brincando como duas crianças inocentes. Na seqüência, fomos para a cama e dormimos abraçados.



André Prado



Alcatéia

Capítulo XXV

O Desfecho

Mais alguns meses se passaram e tudo estava retornando à normalidade. Muitos criminosos já haviam sido detidos atrás das grades em presídios de segurança máxima. Alguns poucos que participavam do esquema criminoso ainda estavam foragidos. Entre estes, havia um que me preocupava. Até o momento, Vincenzo não havia sido localizado. Eu já sabia que Vincenzo era o líder da alcatéia. Entre os malfeitores aprisionados, estava o Padre e sua corja. Antes que isto também acontecesse ao General, ele se suicidou com um tiro na cabeça. A empresa de Vincenzo servia para a lavagem de dinheiro obtido com as drogas e operações ilegais. Ele era um dos líderes da monstruosa organização no Brasil. Vincenzo era um traficante e contrabandista internacional. Era destemido e respeitado pelos demais criminosos. Ele não poderia ser desprezado, afinal, eu fiquei sabendo que ele era o filho do grande mafioso que Dom Gianmarco mandou matar quando teve sua esposa assassinada. Certamente, Vincenzo já sabia que cometeu um equívoco ao matar Francesco, acreditando ser ele o filho de Dom Gianmarco. Este fato

André Prado

lembrou-me das sábias palavras de um dos maiores pacifistas do mundo, Mahatma Ghandi, que dizia: “Olho por olho e o mundo acabará cego”. Bem, mas para a máfia “olho por olho” é a regra. Depois que alguém começa a matança, as vinganças tornam-se infindáveis. Dizem que antigamente era mais sangrento ainda. Atualmente, já ouvi falar que a máfia não é mais a mesma. Dizem que os mafiosos são discretos e moderados. Imaginem caso não fossem!

Jarno já estava em São Paulo e começou a trabalhar na empresa. Telefonei para ele e lhe atribuí novas responsabilidades. Tendo o que fazer, não teria tempo de ficar com a mente desocupada. É como diz o ditado: “Mente desocupada, oficina do diabo!”. Com novas responsabilidades, Jarno iria sentir-se útil. Certamente não me desapontaria. Quanto à empresa, notei que os negócios não caíram financeiramente. Portanto, mantive o gerente no cargo e designei Jarno para ser seu novo assessor. Muito contente, já nos primeiros dias, fiquei sabendo que meu primo começou a levar tudo muito a sério no trabalho. Também decidiu não parar de estudar. Deu continuidade a seus estudos em uma Faculdade noturna.

Bem, eu já não agüentava mais ficar em casa. Embora algumas empresas não quisessem abandonar o edifício da Associação devido à excelente localização, eu estava transferindo a empresa para outro local. Alguns empresários queriam me eleger o novo Presidente da Associação e prosseguir com suas atividades normalmente. Eu, por minha vez, não queria nenhuma lembrança daquele lugar. Chegou o dia da mudança. Eu tinha que ir até a empresa retirar alguns documentos financeiros no cofre. Depois da morte de Francesco, somente papai e eu

Alcatéia

conhecíamos o segredo do cofre, que permanecia fixo na parede. Paola ficou bastante preocupada com minha ida até a empresa. Queria ir junto, mas a convenci a permanecer em casa. Sua barriga já estava saliente. Tranqüilizei-a dizendo que nada de mal iria me acontecer. Paola convenceu-me a ir à empresa somente na parte da tarde. Assim, depois do almoço, montei na moto e fui para a empresa. Quando cheguei, estavam todos embalando os documentos. Jarno, Melissa e o competente gerente, estavam organizando todas as coisas para a mudança. Comecei a ajudá-los, afinal, pois tudo deveria estar pronto quando a empresa contratada para o transporte chegasse, exceto a mobília que seria encaixotada pela própria transportadora. Primeiramente, peguei os documentos no cofre e os coloquei em uma pasta azul. Depois comecei a ajudar a embalar pequenos acessórios do escritório. Por volta das 20:00h já havíamos embalado e despachado tudo. Os três seguiram rumo ao novo local da empresa. Queriam começar a arrumar tudo ainda no mesmo dia. Pedi desculpas por não poder ir, afinal, minha mulher estava grávida e eu queria lhe fazer companhia. Peguei a pasta azul e coloquei-a por dentro da camisa. Saindo do estacionamento, observei que os dois capangas estavam do outro lado da rua. Fiz um contorno com a moto e fui na direção em que eles se encontravam. Perguntei o que eles estavam fazendo ali. Disseram que Paola ficou preocupada comigo e pediu para que ficassem de vigília na frente do edifício da Associação. Disse que eles não deviam tê-la deixado só, pois nenhum dos empregados poderia protegê-la adequadamente. Liguei a moto e coloquei o motor em alta rotação. Retornei à posição desejada para sair, fazendo um contorno de 180 graus. O pneu traseiro chegou a

André Prado

marcar o asfalto e levantar fumaça. Imediatamente, os capangas entraram no carro e partiram atrás de mim. Cheguei em casa e para meu total desespero, algo estava realmente estranho. As portas da frente estavam escancaradas. Puxei minha arma e entrei lentamente, de costas para a parede. Na retaguarda, os capangas também entraram armados. Fui direto ao nosso quarto; não havia ninguém. Depois comecei a procurar pelos empregados. Os cães estavam alvoroçados no canil. Comecei a procurar nos outros cômodos. Eis que encontro os três empregados, amarrados e amordaçados. Comecei a libertá-los para ouvir o que aconteceu. Todos estavam surrados, pois tentaram impedir que levassem Paola. O empregado começou a contar o acontecido. Disse que um homem acompanhado de outros cinco homens bem armados invadiu a residência ao cair da noite. Ponderou que provavelmente eles já estavam à espreita, aguardando apenas uma oportunidade em que eu e os seguranças saíssemos. Disse que os bandidos iriam matar todos os empregados, mas Paola entrou na frente e não deixou que isto acontecesse. Perguntei se por acaso ele ouviu o nome “Vincenzo”. Respondeu que sim, justamente na ocasião em que Paola gritou para não atirar nos empregados. Meu Deus! A coisa estava ficando realmente feia. Sentei no sofá e comecei a raciocinar. Vincenzo não deveria estar longe. Pensei em chamar a polícia, mas pensando bem, acreditava que não adiantaria nada. Talvez depois de saber a localização dos criminosos, poderia ser interessante telefonar para a Delegacia. De repente, tive uma idéia. Lembrei-me de que o detetive havia investigado alguns lugares onde ocorria o tráfico. Entre estes locais, ele chegou a relatar a existência de alguns armazéns. Fui até o cofre em meu quarto e

Alcatéia

procurei uma cópia do relatório do detetive para conferir. Ao encontrá-lo, aproveitei para guardar a pasta azul com os documentos que eu havia trazido da empresa. Disse aos empregados para não tomarem nenhuma atitude até eu voltar. Solicitei apenas para eles soltarem os cães e trancarem as portas para maior segurança. Entrei no carro dos capangas e pedi para seguirem até o endereço que eu havia retirado do relatório. A noite estava tenebrosa, uma escuridão total. Não havia lua e nem estrelas à vista. Nuvens negras cobriam a cidade de São Paulo. Chegamos aos armazéns. Separamo-nos para fazer uma busca mais eficiente. Combinamos um ponto de encontro e um sinal de identificação. Estava tudo muito escuro. Cheguei a entrar dentro de alguns armazéns, mas não encontrei nada. Provavelmente, a polícia fez uma devassa naquele local. Afinal, aquele endereço também constava nas informações reveladas para a mídia e instituições de investigação. Depois de muito vasculhar, retornei para o ponto de encontro marcado. Os dois já estavam a me esperar. Todos nós ficamos desanimados com o insucesso de nossa busca. Comecei a pensar em outras possibilidades. Vincenzo não podia estar longe. Os policiais nos aeroportos já dispunham de sua foto. Sua imagem havia sido divulgada em quase todos os jornais e emissoras de televisão. Eu sabia que ele era esperto e articulador, pois invadiu minha casa no momento mais oportuno para ele. Outro lugar que Vincenzo poderia estar era um tanto remoto, mas não deixava de ser uma possibilidade. Solicitei aos homens para que seguissemos em direção à Associação. Eu tinha que esgotar todas as alternativas. Alguns minutos depois, estávamos no local. Do outro lado da avenida, observei andar por andar de baixo para cima. Reparei que havia

André Prado

algumas luzes acesas no último andar, justamente o local utilizado pela Diretoria e Presidência da Associação. Vincenzo poderia estar lá, mesmo após ser destituído do cargo de Presidente. Inclusive, ele poderia ter cópias das chaves. Solicitei para os capangas descerem do carro. Depois fomos em direção aos seguranças patrimoniais. Eles permaneceram sentados mesmo após eu acenar para eles. Chegando mais perto, percebi o motivo pelo qual eles não responderam aos meus cumprimentos, ou seja, estavam mortos. Alguém havia arrumado seus corpos nas cadeiras, de forma que à distância tudo aparentasse normalidade. Reparei que o sistema de circuito interno havia sido totalmente desativado, por isso, não dava para eu ver o movimento em nenhum andar através dos monitores de televisão. Bem, depois de ver aqueles vigias mortos, não havia mais dúvidas de que Vincenzo estava no prédio. Acho apenas que ele cometeu um erro estratégico, não deixando um de seus capangas na guarita para avisar caso alguém tentasse entrar no edifício. Mas não era saudável eu vacilar, afinal, ele poderia ter deixado alguém de vigília em algum lugar entre o térreo e os demais andares. De toda forma, estava no momento de agir. Como não havia como ficarmos estáticos mediante aquela situação, adentramos o térreo e fomos andando silenciosamente. Não havia ninguém à vista, mas poderia ser uma emboscada. Como o último andar era o vigésimo quinto, ingressamos no elevador e fomos até o vigésimo andar. A partir deste andar, resolvemos seguir cautelosamente pelas escadas. Estava tudo escuro, por isso, utilizávamos o corrimão para nos conduzir. Pouca luminosidade entrava pelas janelas, cujas persianas não estavam abaixadas. Fomos verificando tudo para não haver surpresas. No vigésimo terceiro parei para elaborar um

Alcatéia

plano de ação. Em voz baixa, combinei de retornar e pressionar o botão do elevador para que o mesmo chegasse vazio ao vigésimo quinto andar. Certamente, os seguranças de Vincenzo averiguariam quem estaria chegando ao local. Com certeza, permaneceriam armados esperando a porta do elevador abrir. Desta forma, os capangas dele ficariam de costas para a escadaria. Ao abrir a porta do elevador, eles veriam que não teria ninguém dentro. Nesse momento, os capangas que estavam comigo já estariam posicionados na escadaria do vigésimo quinto andar, surpreendendo os homens de Vincenzo. Alguns minutos após eu pressionar o botão do elevador social para ir até o vigésimo quinto andar, acionaria o elevador de serviços com o mesmo destino. Porém, desta vez eu estaria dentro deste. Avisei aos capangas que se por acaso não conseguissem dominar todos os homens de Vincenzo, deviam atraí-los através da escada aos andares inferiores. Esperávamos que Vincenzo tivesse no máximo cinco seguranças. Com mais do que cinco, o problema seria muito maior.

Coloquei o plano em ação. Os capangas subiram mais alguns degraus, permanecendo entre o vigésimo quarto e o vigésimo quinto andar. Desci silenciosamente até o vigésimo andar. Pressionei o botão que levaria o elevador social ao vigésimo quinto andar. O elevador não propagava muito barulho, mas chegando ao vigésimo quinto andar, seria praticamente impossível alguém não ouvir. Aguardei alguns instantes e conforme combinado, adentrei o elevador de serviço. Quando o elevador passou pelo penúltimo andar, ouvi passos de pessoas correndo. Ouvi inclusive disparos de armas, mesmo usando silenciadores. Certamente, o elevador passou bem próximo dos

André Prado

atiradores. Ao chegar ao vigésimo quinto andar, reparei que três dos homens de Vincenzo, estavam mortos perto do elevador social. Com certeza os capangas que estavam comigo mataram-nos. Caso tenham sido cinco homens a serem surpreendidos pelas costas, exceto Vincenzo, ainda existiriam dois vivos. Acho que meus capangas tentaram rendê-los, mas eles reagiram. Assim, seguiram o plano de atraí-los escadaria abaixo. Pelos barulhos de portas batendo e vidros quebrando que eu escutava, provavelmente deviriam estar no vigésimo terceiro andar.

Bem, eu tinha que fazer minha parte. Após a porta do elevador de serviços abrir-se, segui lentamente pelo corredor até a sala da Presidência. Havia uma enorme porta de madeira para eu abrir. Permaneci com a arma engatilhada na mão direita. Com a esquerda, girei lentamente a maçaneta. Depois empurrei rapidamente a porta e utilizei a parede mais próxima como apoio para garantir minha retaguarda. Notei que Paola estava amarrada em uma cadeira. Vincenzo estava logo atrás dela, segurando um punhal contra seu peito. Em voz alta, ele disse:

- Solte sua arma ou ela morre!

- Calma! Não faça nada! - falei sem abaixar a arma e olhando ao redor.

- Lague a arma agora! Não vou repetir!

- Tudo bem, Vincenzo. Não a machuque! - falei abaixando a arma lentamente.

- Agora chute a arma para mim. - disse ele sem desviar seu olhar de minha pessoa.

- Certo! - respondi e chutei a arma para que a mesma fosse em sua direção.

Vincenzo pegou minha arma e depois a apontou para

Alcatéia

mim. Seguiu desta forma até alcançar a porta. Travou completamente a robusta porta de madeira. Depois retornou para perto de Paola. Colocou a arma na cintura e continuou com o punhal apontado para Paola. Era um punhal similar ao cravado no coração do detetive. Paola havia sido espancada. Sua face apresentava alguns hematomas e escorria sangue pelo canto dos lábios. No momento, ela estava desacordada. Falei para Vincenzo:

- Deixe-a ir! Sou eu quem você deseja matar! Estou aqui! Pronto para cumprir meu destino!

- Sim! Eu quero você! Mas esta vagabunda irá fazer-lhe companhia debaixo da terra. Não é assim que desejam permanecer? Juntos até a morte? - falou com ódio estampado nas faces.

- Vincenzo... Escute bem... Não temos culpa de nada! Não somos responsáveis pelos atos que Dom Gianmarco cometeu durante a vida.

- Isto não interessa! O que interessa é que ele matou meu pai.

- Dom Gianmarco matou seu pai porque este havia matado sua esposa.

- Cale a boca! Não quero ouvir isto! - gritou perturbado.

- Tudo bem! Mas você não acha que está na hora de acabar com esta guerra? Já morreram muitos inocentes, inclusive meu irmão Francesco - disse eu olhando para a face de Vincenzo.

- Sim! Eu mandei matar seu irmão. Já o seu amiguinho detetive, eu tive o prazer de fazê-lo com minhas próprias mãos. - falou ele cinicamente, olhando para a porta. Provavelmente estava aguardando algum de seus homens retornar.

- Pois é, Vincenzo... Você já se vingou! Liberte Paola,

André Prado

por favor. Você sabe que até a máfia tem um código de ética. Mulheres e crianças devem ser poupadas.

- Talvez este caso seja a exceção da regra, afinal, esta mulher me traiu duplamente. Além de apaixonar-se por você, ainda transmitiu informações de minha organização para quem não devia. Agora... Estou sendo caçado pelo mundo inteiro. Estou encurralado! Não tenho mais saída!

- Por favor, suplico-lhe que a liberte. Paola carrega outra vida em seu ventre.

- Cale-se! Eu sempre odiei crianças! Ainda mais esta que está na barriga dela!

- Mas ninguém aqui tem culpa de nada, principalmente esta criança.

- Fique quieto! Caso continue falando, eu vou arrancar esta criança do útero dessa vagabunda com minhas próprias mãos.

Assim que Vincenzo concluiu estas palavras, arrebentou uma das alças do vestido de Paola com uma das mãos. Depois começou a passar o punhal lentamente, cortando superficialmente uns dez centímetros bem próximos ao seio dela. Fiquei totalmente perturbado. Ele fez isto tudo, olhando com a maior frieza para mim. Pensei em pular sobre ele, mas a distância era grande. Certamente, ele teria tempo de reagir, cravando o punhal em Paola. Discretamente, observei que estava próximo à mesa de Vincenzo. Paola começou a retornar a si. Vincenzo ficou muito incomodado com isto. Para meu total desespero, percebi que ele não iria aguardar ninguém retornar à sala. Levantou o punhal e disse olhando para ela:

- Vagabunda! Chegou o momento de você morrer!

- Não! - gritei em tom alto.

Nem bem o ecoar do meu grito acabou e joguei

Alcatéia

rapidamente um objeto que estava na mesa em direção à sua cabeça. Instintivamente, como qualquer pessoa, Vincenzo colocou as mãos na frente para defender-se do objeto arremessado. Neste mesmo instante, eu corri e agarrei-o pela cintura. Ao ver a cena, Paola começou a gritar. Notei que o punhal caiu no carpete. A arma permaneceu na cintura dele. Iniciamos uma luta corporal brutal. Investi muitos socos, cotoveladas e pontapés, mas Vincenzo se defendia bem. Enquanto brigávamos, comecei a ouvir alguém tentando arrombar a porta. Era tudo o que faltava. Caso fosse algum capanga de Vincenzo obtendo êxito em abrir a porta, as possibilidades de continuar vivos seriam mínimas para Paola e para mim. Eu lutava desesperadamente. Utilizei uma seqüência de golpes marciais, mas Vincenzo conseguiu se libertar. Puxou a arma de sua cintura e atirou em uma de minhas pernas. Realmente Vincenzo era uma pessoa cruel. Demonstrava querer sempre torturar antes de matar. Neste mesmo instante, a porta abriu-se abruptamente. Para minha alegria, era um dos capangas. Rapidamente, atirou-se na direção de Vincenzo. Entretanto, um tiro foi disparado atingindo o braço do capanga. Mas mesmo com o braço perfurado, com o impacto do corpo do capanga, Vincenzo caiu no chão, enquanto o capanga caía sobre ele. Desta vez, a arma que Vincenzo segurava caiu ao chão. Enquanto os dois travavam um grande combate, comecei a rastejar para tentar pegar a arma do outro lado. Vincenzo levava vantagem na luta, pois estava intacto. Além disto, desfrutava de boa saúde e um corpo forte. Ao perceber que eu me aproximava, Vincenzo começou a esticar uma das mãos para pegar a arma. Isto não poderia ocorrer, pois mataria a todos nós. Percebendo que ele alcançaria a arma,

André Prado

desesperado o capanga olhou para mim. Sabíamos que isto não poderia ocorrer. Em um ato impressionante, observei uma das cenas mais fortes de minha vida. Brutalmente, o capanga mordeu o pescoço de Vincenzo. Foi algo animalesco, sendo que o capanga prosseguiu arrancando pedaços de carne de Vincenzo até atingir a jugular. Paola desmaiou e eu quase vomitei ao ver aqueles acontecimentos. O homem se assemelhava a um chacal, uma espécie de cão feroz e selvagem que se alimenta habitualmente de carne putrefeita. Logo, o capanga parou de morder, mas o corpo de Vincenzo ainda se debatia contra o chão. Mais alguns instantes e parou de vez. Era o fim para Vincenzo. Dei um lenço para o capanga limpar sua boca suja de sangue. Eu parecia não acreditar no que tinha visto. Perguntei se todos os outros estavam mortos. Ele disse que, com exceção de seu amigo ferido no vigésimo quarto andar, todos os outros estavam mortos.

Comecei a pensar em uma forma rápida para sairmos daquele local. Estávamos todos feridos. Perguntei se o capanga conseguiria trazer o amigo até o vigésimo quinto andar. Ele respondeu que sim e foi realizar a tarefa. Peguei o celular que havia sobre a mesa e telefonei para Eduardo. Expliquei que precisava de seus serviços urgentemente naquele exato momento. Pedi que fosse até a companhia de táxi aéreo onde trabalhava e viesse com um helicóptero com instrumentos próprios para vôo noturno, buscar quatro passageiros no edifício da Associação. Ele pediu que aguardasse apenas um pouco, que ele viria o mais rápido possível.

Fui até Paola e comecei a reanimá-la. Devagar, começou a recobrar a consciência. Tirei as amarras e busquei um copo com água. Ela bebeu e começou a chorar de emoção.

Alcatéia

Acho que assim como eu, Paola também acreditara que naquele lugar sucederia o fim de nossas vidas. Abracei-a ternamente e depois comecei a tranquilizá-la. Perguntei:

- Tudo bem com você?

- Acho que sim... E você? Sua perna está sangrando muito! Está sentindo muita dor?

- Ainda não está doendo muito! Acho que a adrenalina ainda está no sangue! Mas fique tranqüila que breve darei um jeito nisto. A única dor que não passaria jamais, seria perdê-la juntamente com esta criança que você carrega na barriga - completei emocionado.

- Com certeza. Eu também tive muito medo de perdê-lo!

- Sim, mas tudo terminou bem, graças a Deus. Logo estaremos saindo daqui.

- E estes corpos? Irá deixá-los aqui?

- Sim, darei um jeito de eliminar qualquer vestígio de que estivemos aqui. A polícia irá agradecer de encontrar estes criminosos mortos, só não sei em que estado eles ficarão.

Neste momento, os capangas chegaram na sala. Pouco tempo depois, ouvi o barulho da aeronave pousando no heliporto do edifício. Subimos debilitados pela escada, seguindo em direção a Eduardo. Ele ficou pasmo ao observar nosso estado. O capanga que estava em melhores condições físicas, ajudou-nos a subir. Depois, a meu pedido, ele retornou e ateou fogo no carpete dos três últimos andares. Informei-lhe ele que havia álcool nas dispensas das salas de todos os andares. Logicamente que a perícia técnica encontraria projéteis das armas, mas, certamente, não restaria nenhuma digital para ser investigada. Isto era o suficiente para não descobrir que estivemos no local.

André Prado

Antes que o fogo se espalhasse muito, o capanga voltou e entrou no helicóptero. Eduardo também nos havia ajudado a entrar no helicóptero. Lembrei que o carro havia ficado próximo ao edifício da Associação. Perguntei a Eduardo se conhecia alguém que pudesse remover o automóvel. Utilizando o equipamento de comunicação existente no helicóptero, ele contactou seu mecânico. Informou que o carro de um amigo havia apresentado problemas e que o veículo deveria ser guinchado urgentemente até a oficina. Depois transmitiu a localização do carro. Ainda bem que havíamos estacionado o carro do outro lado da Avenida Paulista para observar se havia luzes acesas no Edifício. Assim, o carro não ficaria entre os carros do Corpo de Bombeiros, que provavelmente não demoraria a chegar. Eu duvidava muito que a polícia suspeitasse de algo, mas achei cauteloso retirar o carro daquele lugar antes da chegada das viaturas. Eduardo tranquilizou-nos. Falou que o veículo seria removido rapidamente, pois, durante uma madrugada, ele já havia utilizado os serviços de seu mecânico e foi atendido eficientemente. Pedi para Eduardo levar-nos a uma cidade com um bom hospital particular, mas que esta estivesse distante pelo menos uns 100 Km de São Paulo. Quando uma pessoa chega a um hospital ferido por disparos de armas de fogo, geralmente querem saber o que ocorreu e podem até solicitar que seja registrada uma ocorrência policial. Não estando em São Paulo, dificilmente alguém poderia ligar o acontecido aos fatos ocorridos na Associação, sem mencionar que a polícia as investigações iriam demorar devido ao estrago ocasionado pelo incêndio. Apesar de ser contra, caso fosse preciso, até compraria o silêncio do Hospital se fosse necessário. Infelizmente, sempre existe alguém à venda

Alcatéia

neste país. Jamais gostei de fazer isto, mas neste caso seria preciso para preservar-nos, afinal, éramos inocentes. Os criminosos que haviam morrido não fariam falta para a sociedade, muito pelo contrário.

Eduardo ainda estava tentando entender o que havia acontecido. Como era muito meu amigo e confiava nele, comecei a contar resumidamente o que aconteceu. Breve, chegamos a um hospital particular. Eduardo pousou e esperou que fôssemos levados nas macas. Lembro-me quando alguém perguntou o que havia acontecido. Informei que havíamos sido vítimas de um assalto. Acompanhamos pela televisão dos quartos do hospital, o lento desenrolar do acontecido. O edifício ficou irreconhecível na parte superior devido ao incêndio. Os capangas e eu passamos por cirurgias. Tivemos que permanecer alguns dias naquele local. Assim que melhoramos, telefonei para meu empregado ir buscar-nos. Assim ele fez, levando todos para casa.

Depois de alguns meses, assistindo ao noticiário, fiquei sabendo que Vincenzo somente foi reconhecido através da arcada dentária. Os outros corpos ficaram em pior estado e não foram identificados. Alguns projéteis foram encontrados junto aos escombros, mas a polícia acreditava ter havido uma troca de tiro entre os homens que foram encontrados mortos no local.

Um dia durante o jantar, disse aos capangas que estavam dispensados, ou seja, eles poderiam ir quando desejassem. Comentei que sentiria saudades deles, pois tinha me apegado e me acostumado com suas presenças. Eles disseram a mesma coisa. Ofereci mais dinheiro para eles, mas ambos se recusaram a pegar. Disseram que foram bem pagos por Dom Gianmarco. Além do mais,



André Prado

informaram que o serviço terminara antes do tempo estimado. Refletindo sobre o fato, fiquei mais uma vez impressionado com a lealdade das pessoas que trabalhavam para Dom Gianmarco. Aqueles homens defenderam-me a qualquer custo, eram capazes de dar suas vidas para me salvar. Dias depois, levei-os ao aeroporto. Partiram destino à Itália. Demonstrei toda minha gratidão e disse que minha casa também era a casa deles. As portas lhes estariam abertas sempre que quisessem me visitar.

Alcatéia

Capítulo XXVI

O Nascimento

Paola e eu preferimos não saber qual o sexo do bebê. O ultra-som havia sido feito durante a gestação, mas pedimos ao médico para não revelar o sexo da criança. Tudo o que sabíamos era que a criança se encontrava no mais perfeito estado de saúde. Alguns meses depois, eu estava dormindo quando Paola acordou-me durante a madrugada. Ela informou que a bolsa havia arrebentado, ou seja, o bebê iria nascer. Quem já esteve em situação igual, sabe como é marinheiro de primeira viagem. Fiquei louco pulando de um lado para o outro e não conseguia encontrar a chave do carro de tão nervoso. Ela tranqüilizou-me dizendo que não é porque a bolsa havia rompido, que o bebê iria nascer naquele instante. Somente após ouvir isto eu fiquei mais calmo, conseguindo até encontrar a chave do carro. Comecei a juntar um monte de roupas para ela e o bebê. Saímos e fomos ao hospital, faltava pouco para amanhecer. Cheguei ao hospital e as enfermeiras começaram a preparação para o parto. O médico já havia sido avisado. Eu andava de um lado para o outro. Por causa da posição do bebê, provavelmente a criança deveria nascer

André Prado

através de operação cesariana. A enfermeira avisou-me que a cirurgia já havia sido marcada e ocorreria por volta das 11:00h. Até o momento, Paola não estava tendo contrações. O dia já havia amanhecido, mas o tempo não passava. Desta forma, resolvi ir até alguma loja especializada comprar mais alguns apetrechos para o bebê. Como não sabia o sexo da criança, comprávamos todas as coisas com cor neutra, ou seja, adquiríamos roupas e acessórios da cor verde, amarelo, branco e assim por diante. Nós já havíamos comprado todos os móveis e o enxoval praticamente completo. Muitas coisas nós ganhamos de meus parentes e amigos. Mas para aliviar a tensão, era melhor me distrair com mais compras. Assim o fiz. Depois passei na floricultura e retornei ao hospital por volta da 10:20h. Permaneci impaciente sentado na sala de espera. Pensei em acender um charuto deixado por um dos capangas. Mesmo não tendo jeito para aquilo, havia prometido aos capangas que iria fumar um charuto inteiro no dia do nascimento, mas teria que deixar para mais tarde, pois fumar é proibido em hospitais. De repente, passou uma enfermeira por mim. Perguntei a ela se tudo estava sendo preparado para o parto. Ela pediu para eu acompanhá-la até uma outra sala. Reparei que ela abriu uma porta-balcão e seguiu em direção ao berçário. Acho que estava confundindo-me com outro pai, mas fiquei aguardando que retornasse. Logo ela voltou segurando um lindo bebê no colo, enrolado em uma manta. Mostrou uma pulseira no braço do bebê, perguntando se o nome de minha esposa era Paola Gioggia. Eu confesso que quase desmaiei de tanta emoção. A enfermeira ainda perguntou se eu desejava pegar a criança no colo. Ela falou isto com uma naturalidade tremenda, talvez não percebendo que nem eu conseguia ficar de pé.

Alcatéia

Informou-me que o parto havia sido antecipado. Eu continuava sem saber o que fazer. Não sei se só olhava para a criança ou tentava pegá-la no colo. Estava muito emocionado. As batidas de meu coração estavam aceleradas. Dizem que todos os bebês recém-nascidos são feios. Aquele era lindo, afinal era meu filho. Acho que agi da mesma forma que os outros pais agem ao ver pela primeira vez um filho nascer. Enfim, a enfermeira percebeu meu estado trêmulo e emocionado, decidindo retornar com a criança ao berçário. Assim, segui em direção ao quarto onde Paola se achava. Fui ansioso ao encontro dela. Ao abrir a porta, deu-me um maravilhoso sorriso e disse:

- Já conheceu o novo príncipe?
- Sim... E quase desmaiei de tanta emoção!
- Qual o nome que daremos a ele?
- Que tal Luidgi?
- Parece ótimo!
- Gostou? Não vai sugerir outro nome?
- Não... Eu escolherei o nome do próximo bebê. Tudo bem?
- Tudo bem!
- E você como está? Está sentindo-se bem?
- Muito bem, graças a Deus!
- Está precisando de alguma coisa?
- Por enquanto não.
- Comprei mais umas coisinhas para o bebê. Aproveitei para trazer-lhe uma lembrança.
- O que é?
- Um buquê de flores.
- Que marido apaixonado!
- Você merece muito mais! Caso eu pudesse, colocaria o mundo aos seus pés.

André Prado

- Exagerado!

- Não acredita?

- Acredito... Mas o mundo não me interessa sem você. Tendo você comigo, eu tenho o mundo todo para mim.

- Obrigado! Palavras de apreço sempre fortalecem um relacionamento. Saiba que o amo muito! E a cada dia que passa aumenta mais e mais este amor que eu sinto por você.

- Você continua muito gentil, é o homem que pedi a Deus.

- Eu também não poderia encontrar alguém melhor. - falei para ela.

- Quantos dias você ficará aqui até receber alta médica?

- Provavelmente já estarei sendo liberada amanhã à tarde.

- Já?

- Sim, são vantagens propiciadas pela medicina moderna. Por que perguntou isto? Já está sentindo minha falta em casa?

- Tenho certeza de que sentirei saudades, amor! Mas pode ficar tranqüila que cuidarei para que tudo esteja arrumado para quando você voltar.

- Obrigada!

- Gostaria fazer-lhe uma pergunta...

- Pergunte! O que é?

- Gostaria de pegar uma garrafa de um bom whisky e festejar. Importaria se esta noite eu saísse com alguns amigos para comemorar o nascimento de nosso filho?

- De forma alguma! Eu confio em você! Só não vá beber muito e dirigir depois.

- Pode ficar tranqüila... Um dos rapazes irá me pegar e deixar em casa quando voltarmos. Também pedirei para

Alcatéia

uma empregada vir passar a noite aqui para fazer-lhe companhia.

- Está bem! Assim fico mais tranqüila.

- Assim que você acordar, virei vê-la. Depois ficarei aqui até que receba a liberação do médico. Quer que eu traga alguma coisa para você comer? Que tal uma lasanha ou um espaguete ao sugo?

- Sai de mim, tentação! A partir de hoje estou de dieta.

- Não sei para que regime, você está ótima!

- São seus olhos, amor! Ganhei uns quilinhos a mais com a gravidez.

- Não exagere! Durante o pré-natal o médico disse que você estava dentro do peso normal para uma grávida.

- Sim... Mas não vejo a hora de voltar à antiga forma.

- Não precisa ficar em forma rapidamente...

- Por quê diz isto?

- Porque não resistirei à tentação e acabarei por ajudá-la a gerar outra criança.

- Feita com amor, por que não? Terei quantos filhos você desejar e pudermos sustentar.

- Sim... Resta apenas saber se a situação do mundo irá melhorar. Quero ter filhos para que sejam felizes. Desejo uma vida maravilhosa para eles!

- Tem razão, amor!

- Dê-me um beijo! - falei inclinando-me para dar-lhe um beijo, depois prossegui dizendo - Que isto prolongue nossa união.

- Que dure para sempre! - falou ela e beijou-me novamente.

- Todo amor é eterno se sempre for cultivado!

Logo a enfermeira trouxe nosso filho ao quarto. Sentado em uma poltrona, fiquei mais seguro para pegá-

André Prado

lo no colo. Estava dormindo ternamente, um sono extremamente suave. Depois de muito contemplá-lo, coloquei-o ao lado de Paola. Ficamos conversando sobre nossos planos futuros até anoitecer. Decidimos inclusive adotar uma menina para formar um casal de filhos. Afinal, tínhamos condições financeiras para isto. Também dispúnhamos de algo muito melhor que condições financeiras, ou seja, tínhamos amor e carinho de sobra para criá-los. Peguei o celular e telefonei a mamãe para avisar que tinha dado tudo certo com a chegada de nosso primeiro filho. Certamente, outra festa ocorreria na fazenda. Mais tarde, fui para casa. Tomei um bom banho e aguardei Eduardo. Não demorou muito e ouvi a buzina de seu carro. Não precisa dizer que a comemoração foi inesquecível. Fomos para a um barzinho aconchegante. Tomei muitas bebidas com os amigos. Eduardo bebeu moderadamente. Disse que quando ele tivesse um filho, eu teria que retribuir o feito.

No outro dia acordei sem ressaca. Quando a bebida é boa não há o que reclamar. Peguei o carro e fui direto ao hospital. Fiquei com Paola até o momento da liberação. Depois, fomos felizes para nosso lar e assim iríamos tentar viver até o fim de nossos dias.

Alcatéia

Capítulo XXVII

Epílogo

Ainda sou muito jovem e ainda tenho muito a aprender. Mesmo com muita experiência para adquirir, tenho uma idéia de como a vida deve ser vivida. Não sei se para as demais pessoas esta ótica está certa ou errada. O que importa, é que acredito e defendo minhas convicções. Depois que alguns anos se passaram, Paola e eu continuamos nos relacionando muito bem. Descobrimos, como a maior parte dos casais, que a vida conjugal nem sempre é um mar de rosas. De toda forma, a vida nunca foi e nem será um mar de rosas para qualquer pessoa. Atualmente, vivendo juntos, compartilhamos as felicidades e tristezas de nosso dia-a-dia. Procuramos não olhar para o passado e nem ficar extremamente preocupados com o futuro. Afinal, a vida ocorre no presente, exato momento em que devemos buscar a felicidade. Dentro de nossas imperfeições, procuramos viver da melhor forma possível. Algumas pessoas acham que os valores da família antiga devem ser restaurados. Porém, muitas mulheres reclamam que antigamente eram muito submissas aos homens. Atualmente, com argumentos de direitos iguais, afirmam

André Prado

que conquistaram o seu lugar no mundo. Sempre concordei com isto e acredito que deva ser assim mesmo. São louváveis o desempenho e posição que as mulheres estão ocupando na política, na sociedade e no mercado de trabalho. Pode-se afirmar, com certeza, que as mulheres encontram-se em plenas condições de competir em igualdade com os homens em várias atividades. Entretanto, esta competição entre homens e mulheres não deve se estender a ponto de gerar uma rivalidade que interfira dentro dos lares. Milhares de pessoas estão separando-se por não se suportarem mais. O egoísmo é muito grande entre as pessoas. Cada um somente quer pensar em si e na única e exclusiva satisfação de seus próprios desejos. Isto tem degradado grandemente o ambiente familiar. As pessoas devem procurar buscar cada vez mais o entendimento e a conciliação de seus objetivos. Caminhos alternativos devem ser obtidos. Em algumas ocasiões, uma das partes irá ter que abdicar de seus desejos para satisfazer a outra. Em outras situações, a parte que foi beneficiada anteriormente terá que ceder e proceder da mesma forma. Assim deve ser, buscando sempre o equilíbrio e o bom senso. De toda forma, as pessoas devem saber que amar não é sempre corresponder às expectativas da outra pessoa. Caso mágoas existam, estas devem ser esquecidas. A vida acontece agora, neste momento. Remoer situações passadas, não traz benefícios e nem resultados para qualquer pessoa. Os erros cometidos apenas servem de experiência para que não venhamos a cometê-los novamente, mas cada pessoa deve aprender isto por si própria. Não devemos utilizar fatos anteriores para ofender ou magoar as pessoas. É como diz o ditado: “Não devemos chorar pelo leite derramado!”, ou aquele outro: “Águas passadas não movem moinhos!”. Temos que ser

Alcatéia

práticos e objetivos. Devemos lembrar que: “O verdadeiro amor é aquele que se dá sem exigir nada de volta. É como dar um presente sem esperar outro em troca. Assim deve ser o amor!”.

Quanto aos filhos, devemos criá-los com muito carinho e amor. Eu tenho ódio mortal de adultos que maltratam crianças. Já observei em noticiários, pais que jogam seus filhos contra paredes, queimam seus corpos com cigarros acesos, espancam, estupram e cometem muitas outras atrocidades. Às vezes eu me pergunto: Com tantos métodos para evitar a concepção, por que uma pessoa bruta destas coloca crianças no mundo? Para descarregar suas frustrações? Isto me aborrece grandemente. Acredito que a legislação deve punir exemplarmente estes atos cruéis, bem como, qualquer crime hediondo. Algumas pessoas não devem colocar crianças no mundo, já que não as amam e tampouco têm condições para sustentá-las e dar-lhes uma boa educação. Sei que alguns idiotas criam filhos somente para que sejam sustentados por estes na velhice. Pura tolice! Para estes, é bem melhor procurarem postos de saúde que distribuem gratuitamente métodos para evitar a concepção. Toda criança que cresce e percebe que não pode ter pelo menos uma condição digna vida, acaba se transformando em um adulto mal amado e revoltado. Ainda quando adolescentes, muitos percebem que não podem estudar em boas escolas, assim, observam o mundo e questionam: “Por que alguns possuem muitas coisas e eu não?”. Revoltados, acabam recorrendo às drogas ou entrando em depressões crônicas. Depois percebem como é difícil arrumar um bom emprego, onde muitas vezes, são discriminados pela própria aparência e pobreza. Muitos se desesperam e começam a roubar para conseguir o que

André Prado

lhes falta. Outros arrumam empregos comumente oferecidos para quem é pobre, ou seja, ingressam na criminalidade e vão trabalhar para o narcotráfico. Mas alguém pode dizer: “Isto não justifica”! Lembra-se de como você se sentiu quando ainda criança ao desejar algo e não ter? Lembra-se? Pois é, estes jovens carentes sentem-se assim quase diariamente. Muitos já são criados sem amor algum, o que agrava mais ainda a situação. Já aqueles que são criados com muito amor, possuem uma probabilidade maior de não se envolverem com a criminalidade. Não obstante, hoje sabemos que estes problemas não estão acontecendo somente com a classe pobre ou miserável. Sabemos que se existe alguém vendendo drogas, é porque também existe um público consumidor para este mercado. E são os jovens de classe média e alta que estão cada vez mais consumindo drogas. E por que isto ocorre sendo que estes jovens têm muitas coisas que os mais pobres não possuem? Simples... É porque também está faltando amor para eles. Seus pais estão extremamente preocupados em busca pelo materialismo. Nunca param para dar carinho ou atenção aos seus filhos. Estão interessados apenas em adquirir bens materiais para mostrar para outras pessoas como estão progredindo na vida. Trabalham freneticamente, e, nas raras oportunidades que podem ficar com seus filhos, acabam enviando-lhes para colônias de férias ou para outro lugar qualquer. Existem jovens e crianças que não conseguem sequer ver seus pais durante a semana, sendo mais educados por empregados do que por estes. Depois de tudo isto, só pode vir uma conseqüência drástica. O mais interessante é que alguns idiotas ainda se perguntam: “Não sei porque meu filho ingressou no mundo das drogas! Sempre dei tudo para

Alcatéia

ele! Sempre dei carro, sapato e muitos presentes!”. Não deu tudo, não! Faltou o principal! Faltou amor! Dar apenas o que é material não é o suficiente. Nossos filhos devem perceber o quanto nós os amamos e o quanto nos preocupamos com eles. Entre várias coisas, devemos saber como estão se saindo na vida escolar, quem são seus amigos, o que eles gostam de fazer, os locais que costumam freqüentar, quais são seus desejos, aflições e outros. Ficar somente sentado atrás de uma mesa de escritório, achando que apenas presentes darão felicidade a alguém, é uma grande utopia. Estes pais são egoístas e estão somente buscando realização pessoal. Agora, se por eventualidade alguns pais venham a fornecer todas as condições para seus filhos, inclusive o amor que é o mais importante, e mesmo assim seus filhos decidirem adentrar o mundo das drogas e da violência, podemos dizer que estes serão uma exceção à regra. Mas devemos observar se foi realmente isto o que ocorreu. Temos que analisar os fatos e refletir para saber se demos o máximo que pudemos. Devemos inclusive verificar se em alguma parte da vida, os maiores anseios de nossos filhos não foram captados por nós. Apenas para concluir, devemos sempre nos lembrar que as crianças de hoje, serão o futuro do mundo. O futuro pertence a elas. Caso estejamos criando somente pessoas problemáticas e mal amadas, o que poderemos esperar do mundo de amanhã? As prisões já estão repletas de pessoas que foram mal amadas, discriminadas e rejeitadas. Não devemos fazer isto com nossos filhos também!

As pessoas devem procurar da melhor forma que puderem, buscando qualidade no trabalho e principalmente dentro do lar. Devem trabalhar o suficiente para garantir o sustento de seus lares. Não adianta passar

André Prado

várias horas no trabalho e não recorrer ao seio familiar. Devemos ser eficientes ao desenvolver nossas atividades, fazendo com que sobre tempo para a convivência familiar. Caso isto ocorra, perceberemos que nos tornaremos até mais produtivos no trabalho. Além do mais, reitero que não é porque alguma pessoa possui muito dinheiro, que é feliz. Aliás, muitos milionários atualmente vivem com medo, deixando de aproveitar a vida em liberdade, temerosos por causa dos seqüestros e assaltos. Mais uma vez volto a reforçar que a riqueza e o poder não são sinônimos de felicidade. Aliás, nunca foram. Sei que infelizmente existe o ditado popular: “O dinheiro não traz felicidade, manda vir a jato!”. Isto não é verdade, sendo artifícios criados por materialistas que são verdadeiros frustrados. Existem vários exemplos sobre a afirmação de que riqueza e poder não geram felicidade. Uma vez fiquei sabendo sobre um fato ocorrido com Alexandre Magno. A história registrou que após várias batalhas, ele subiu em uma enorme montanha e começou a olhar e pensar na extensão de seus domínios. Ao invés de feliz, com suas riquezas e com suas conquistas através do poder, ficou completamente entristecido. Pois acreditava que já não havia mais nada de seu interesse a conquistar. Isto também acontece com muitas pessoas ricas na atualidade, sim, daquelas que vendem a mãe se for preciso para ganhar algo em troca. Muitos querem somente aparecer, mas no fundo sabem que vivem rodeados somente por amigos interesseiros. Na verdade, estas pessoas possuem um grande vazio dentro de si. Por isso eu sempre digo, não há porque se matar por riqueza ou poder. Preocupe-se apenas em viver bem com sua própria família e consigo mesmo. Com todos estes problemas vivenciados pela sociedade, doenças novas

Alcatéia

estão surgindo. Entre elas uma que está crescendo grandemente, a síndrome do pânico. Isto se deve principalmente ao aumento da violência. Rádios, jornais, televisão, revistas e pessoas divulgam diariamente a violência. Assim sendo, não se mate por causa de um sistema capitalista selvagem, ou logo estará sofrendo de estresse excessivo, também conhecido como o mal do século. Neste mundo, existem pessoas que vivem apenas de aparências, ou seja, dão vários golpes e viram grandes estelionatários apenas para apresentar um pseudo “status” social. São devedores em diversos locais e ainda fazem de tudo para não perderem a pompa. Eu me pergunto: A que custo algumas pessoas fazem isto? Será que é certo obter algo trazendo prejuízos ao semelhante? Com certeza não! Nós devemos fazer coisas boas ao nosso próximo. Não devemos dar nossas vidas a troco de dinheiro sujo. Afinal, “tudo o que vem fácil na vida, também vai embora fácil demais!”. Nós devemos apenas almejar o que é justo, ou seja, a parte que realmente merecemos. No mundo atual, devemos buscar ter saúde mental acima de tudo, procurando viver mais momentos de lazer e sempre perto das pessoas que amamos. É assim que deve caminhar a humanidade!

Ainda comentando sobre a felicidade, sei que não é algo fácil de atingir. Lembre-se sempre de que existem pessoas presas que ficariam felizes se estivessem livres, entretanto, existem pessoas livres que não são felizes porque se sentem presas. Esta prisão pode ser propiciada pelas mais diversas causas, inclusive o materialismo. Isto é o cúmulo, pois a felicidade pode ser encontrada dentro de nós e nas coisas mais simples. Nós podemos sentir prazer tomando uma simples xícara de café, tendo uma simples conversa com os amigos, manifestando ou recebendo um simples

André Prado

gesto de apreço, recebendo um amistoso sorriso de uma criança e assim por diante. Enfim, quem procura a felicidade nas coisas simples acaba realizando-se como ser humano. Procurar a felicidade em coisas irreais e materiais é procurar chifre na cabeça de cavalo.

Nesta vida, temos que compreender que não existe ganho sem perda e nem perda sem ganho. Sempre quando ganhamos algo, acabamos por perder alguma coisa. E mesmo quando perdemos, ganhamos algo importante, principalmente experiência. Nada neste mundo é perdido. Lembre-se de que vencer na vida é uma condição de estado de espírito. Lute sempre para atingir seus objetivos. Devemos ser constantemente otimistas. Nem sempre venceremos, mas jamais devemos nos entregar sem lutar. Perder uma batalha pode acontecer, mas jamais devemos desistir da guerra. Afinal, sempre será mais valiosa a experiência por não ter vencido do que o sentimento de derrota por não ter lutado. Caso alguém insista em colocar pedras em seu caminho, tranquilize-se que você vencerá os obstáculos. Basta apenas manter o foco no lugar onde quer chegar. Não se importe se por acaso alguém torça ou providencie para que algo aconteça de errado em sua vida, pois no final os perseguidos triunfarão. Acredite sempre no lado positivo das coisas. Deseje paz e prosperidade aos que não lhe querem bem, pois um dia farão parte daqueles que o aplaudirão pela sua vitória. Irão saber que pessoas observaram seus esforços e lhe demonstraram apreço. Saberão que você venceu, mesmo diante de todos os obstáculos colocados para atrapalhar seu caminho. E no final de tudo, estas pessoas que lhe atrapalharam e perseguiram ficarão inconsoladas por não terem procurado sua amizade enquanto você permanecia

Alcatéia

com os braços estendidos para recebê-las.

Muitos fatos vividos nesta aventura, fizeram-me perceber algo. Hoje acredito que a questão do existencialismo não é apenas para descobrir se estamos vivos, mas sim, descobrir o verdadeiro motivo pelo qual estamos aqui, procurando saber sobre nossa missão e como podemos cumpri-la da melhor forma, acrescentando algo de bom aos nossos semelhantes. Não somos apenas parte de uma peça que compõe uma engrenagem que o sistema tenta alienar. Temos que despertar nosso verdadeiro senso crítico, questionando o motivo pelo qual as coisas acontecem. Devemos fazer todas as coisas, com a convicção de que estamos fazendo tudo da melhor forma, ou seja, da forma mais coerente e sensata. Não devemos nos vender de forma alguma ao sistema e tampouco esperar obter algum lucro com isto. Devemos estar sempre quebrando paradigmas, jamais adotando convenções ou padrões pré-estabelecidos, apenas porque muitas pessoas assim o fazem. Não devemos aceitar sempre as regras propostas pelo simples fato de que estas foram estipuladas por uma sociedade mesquinha, antiquada e decadente. Não faça parte do sistema! Fuja e seja sempre diferente! Rompa com todas as barreiras e dê seus gritos de liberdade. Mostre que está vivo e também possui vontades e idéias próprias.

Apenas para concluir, encerro aqui os acontecimentos vividos por minha amada e por mim, deixando para a apreciação daqueles que apreciaram meus relatos, um texto escrito pelo jovem-poeta:



André Prado



Alcatéia

Tributo a Charles Chaplin

O impossível é fruto da imperfeição. Porém, o impossível inexistente para aqueles que são sábios. Nada é impossível! Nada! O impossível é como o amanhã que dizem não poderemos saber como será. Isso não é verdade! O amanhã pode ser construído hoje, por cada um de nós. Aquilo que plantarmos hoje, colheremos amanhã. Devemos pensar sempre positivamente sobre o amanhã. Caso não façamos isto de forma adequada, certamente o futuro será negativo.

Ao construir o presente, devemos usar nossa total imaginação. A imaginação é uma coisa extremamente poderosa. Com ela podemos quebrar todas as barreiras nunca antes ultrapassadas. Podemos inclusive cavalgar por entre as nuvens, flutuando sobre um lindo oceano azul. Podemos beijar uma pessoa amada, mesmo que ela não nos observe em face de tantas outras pessoas. Podemos ter o que mais desejamos e nunca tivemos. Enfim... Com a imaginação podemos tornar possível o impossível. E se em algum momento você achar que tudo parece muito fantasioso, use novamente sua imaginação, para

André Prado

transformar seus desejos na mais bela das realidades. Tenha fé sempre e tudo dará certo!

Nunca se esqueça de sonhar... Dos sonhos não podem nos impedir os homens. Vamos primeiramente sonhar, depois vamos realizar nossos sonhos construindo um mundo melhor. Vamos combater a impunidade, a promiscuidade, a barbaridade, a leviandade, a imoralidade e toda forma de maldade. Podemos ser o que queremos, tudo aquilo que desejamos, podendo evitar até mesmo o inevitável! Vamos falar “NÃO” ao que é ruim e dizer “SIM” ao que é bom! Afinal, todos nós sabemos o que é bom ou ruim para a humanidade. Vamos abraçar, beijar, amar sempre! Vamos respeitar as crenças sem precisar matar nenhum ser humano! Vamos abolir a maldade, o racismo e a intolerância! Vamos remover todo ódio e egoísmo de nossos corações! Vamos vencer nossas limitações! Vamos praticar a bondade todos os dias! Vamos impedir que nos tornem maquinizados, robotizados ou manipulados! Vamos impedir que a modernização destrua nossas matas, nossos pássaros, nossos oceanos e até mesmo nossas vidas! Certos cientistas precisam compreender que eles não são Deus. Até hoje não conheço nenhuma criatura que tenha sido maior que o Criador. As pessoas devem lembrar das palavras de CHAPLIN, citado no conhecido texto, “O Último Discurso”; no qual se destaca o seguinte trecho: “Vós não sois máquinas! Homem é o que sois!”. Devemos ser e sempre agir como verdadeiros seres humanos. Não devemos jamais ser frios e calculistas. Devemos dar um fim a todo tipo de crueldade. Não devemos pagar mal com o próprio mal, apenas devemos exterminar o mal ao não praticá-lo. Se pagarmos maldade sempre com maldade, com o que devemos esperar ser recompensados um dia?

Alcatéia

Lembre-se de que tudo que aqui se faz de mal, aqui mesmo se paga! Ninguém ficará impune de seus atos cruéis e maldosos. Caso alguém deseje ser seu inimigo, ore em prol deste. Afinal, nem todas as pessoas possuem riqueza de espírito. Jamais cultive a inveja em seu coração, pois esta somente consumirá sua alma, trazendo a frustração como consolo final. Deseje paz e prosperidade àqueles que não lhe querem bem. Deixe-os seguir seus caminhos em tranqüilamente. Seja sempre leal aos seus amigos, parentes e princípios. Jamais se torne um traidor. Traidores acabam por ter um triste fim. Não cultive a fofoca e jamais produza julgamentos precipitados. Pratique sempre o bem e creia infinitamente em Deus. Lembre-se de que para Este, nada é impossível. Vamos orar a Deus, pedir para que Ele nos ajude a derrubar obstáculos e atingir todas as fronteiras desejadas. Vamos suplicar por um mundo melhor para vivermos! Sim, um mundo onde os homens se amem e pratiquem voluntariamente a bondade! Um mundo lindo e saudável para criarmos nossos filhos! Um mundo onde a natureza jamais seja destruída! Um mundo onde nossas águas não sejam mais poluídas! Um mundo onde o céu esteja sempre a brilhar! Um mundo chamado Planeta Terra, onde já vivemos e desejamos construir uma vida melhor! Um mundo onde possamos sempre oferecer o mais lindo futuro às pessoas que amamos!

Charles! Está me ouvindo? Onde quer que se encontre, abra os olhos... Charles! Onde está, amigo? Este mundo não foi feito para nós! Os homens persistem em percorrer as trevas! Eles não querem ver a luz!

Charles! Abra os olhos! Veja se encontra Deus para nós! Dê-me sua mão meu companheiro! Vamos embora para um lugar onde sempre exista um horizonte a brilhar, onde



André Prado

sempre haja um sol a nos acompanhar, onde águas límpidas e serenas cairão eternamente de uma bela cachoeira! Vamos para um lugar onde os pássaros ainda permanecem a entoar os mais belos cantos. Sim... Vamos para um lugar onde sempre exista a beleza para nos encantar.

Charles! Abra os olhos, amigo! Vamos embora companheiro! Pois os mundanos não são dignos de nós!



Sobre o autor

André Prado nasceu no ano de 1970, em Londrina-PR. Entre outros é professor, poeta e escritor. Reside na cidade de Lorena-SP, desempenhando suas atividades principais em instituições do ensino superior. Foi aluno especial de mestrado/doutorado do curso de Computação Aplicada no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Tem Habilitação Plena em Processamento de Dados, bacharelado em Administração de Empresas e pós-graduação em Engenharia da Qualidade. Atualmente é mestrando em Engenharia da Energia na Universidade Federal de Itajubá (Unifei). É idealista e gosta de transmitir conhecimentos para pessoas dispostas a aprender. Acredita que nada adianta às pessoas possuírem conhecimento, se este não for transmitido com o intuito de ajudar o semelhante. Procura sempre ser dinâmico e realizar inúmeros projetos diferentes, perceptível pela sua formação eclética. Entre outros, ocupou o cargo de Diretor Cultural da Associação dos Funcionários de sua Instituição. Tomou gosto pela literatura desde adolescente. Após perder um tio atingido por uma bala perdida e o pai em



André Prado

um hospital por morosidade no atendimento médico, o autor começou a reunir forças para escrever Alcatéia. Atualmente suas prosas e poesias recebem mensalmente milhares de acessos em portais da Internet espalhados pelas principais capitais do país, tais como: Expressões & Letras, Oficina do Pensamento, A Arte da Palavra, Usina de Letras, Vânia Diniz, Blocos On-line, Fada Bela, Notivaga, Palavreiros, Clips-Poemas e outros. Constantemente tem seus poemas divulgados no Poemix do site Mixbrasil, disponível exclusivamente para usuários de um dos maiores provedores do país. Possui poesias premiadas em diversos concursos nacionais e internacionais, resultando na publicação de várias antologias poéticas. Informações atualizadas no site: www.webprado.cjb.net



